

MONS. AUGUSTO SAUDREAU  
PRELADO DE S. S. O PAPA

## O Ideal da Alma Fervorosa

TRADUÇÃO AUTORIZADA

EDIÇÃO III



1951  
EDITORA VOZES LTDA., PERÓPOLIS, R. J.  
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

Publicado em:

<http://www.leiturascatolicas.com/>

N I H I L O B S T A T  
PETROPOLI, DIE XXIX FEBRUARII  
MCMXXXVI. FR. FRIDERICUS VIER,  
O. F. M. CENSOR.

I M P R I M A T U R  
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.  
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO  
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-  
TROPOLIS. FREI LAURO OSTERMANN  
O. F. M. PETROPOLIS, 31-5-1931.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

#### PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO FRANCESA

Quem fizer um estudo aprofundado dos autores de espiritualidade notará uma diferença sensível entre os ensinamentos dos antigos e os da maioria dos autores modernos. Uns e outros estabelecem que a perfeição só pode ser adquirida pelo auxílio da graça e que exige grandes esforços. E' a doutrina católica adotada por todos. Os modernos, porém, fazem sobressair a parte da vontade na aquisição da perfeição; não fazem mais que expor as lutas que a alma deve travar contra os seus defeitos e as virtudes que deve praticar; mas não se aplicam em mostrar os auxílios poderosíssimos que são concedidos às almas plenamente fiéis, e os frutos preciosos que obtêm. Os autores antigos, pelo contrário, salientam principalmente a parte da graça, os efeitos admiráveis que opera nas almas generosas, as luzes que concede, o desprendimento que produz, a intimidade com Deus, doce, familiar e cheia de amor que torna possível, e pintam com cores vivas a felicidade da vida perfeita.

Assim é que Clemente de Alexandria, declarando ter recebido sua doutrina dos apóstolos, fala longamente do gnóstico, isto é, do homem sábio da ciência sobrenatural e plenamente esclarecido por Deus; faz sobressair o seu desprendimento absoluto, o seu completo abandono, a paz profunda de que goza, as suas grandes virtudes, a sua perfeita semelhança com Deus.

Dionísio, o místico, cuja doutrina sempre foi tão apreciada pelos santos e pelos doutores, e que tanto insistiu sobre as três fases da vida espiritual: purgação, iluminação, união, refere-se, com frequência, à ciência inexprimível, mas muito elevada, que Deus dá às almas muito fiéis e à união toda de amor que se estabelece entre ele e essas almas. São Máximo, Talássio, Hesíquio, falam também com entusiasmo da inefável união da alma com Deus e dos frutos de virtude que produz.

Cassiano, que, no entanto, sob a influência da heresia meo-pelagiana, tende a exagerar a parte da vontade e a diminuir a da graça, depois de ter afirmado a ligação íntima que existe entre a perfeição da oração e a perfeição

desviavam as almas do caminho que Deus lhes traçara, causando-lhes um prejuízo incomensurável.

Felizmente, a tendência é de voltar cada vez mais à verdadeira noção dos estados contemplativos e unitivos, que os santos tanto exaltaram, apresentando-os como o desfecho normal da vida espiritual.

Atualmente, já o dissemos, todos reconhecem a existência dessas graças eminentes de fé e de amor concedidas diretamente pelo Espírito Santo sem o auxílio do raciocínio. Àqueles que, reconhecendo-as, se recusam a ver nelas graças místicas, ou alegarem que só muito mais tarde saberão se, de fato, são graças místicas, nós diremos: Por favor, não espereis anos ou séculos para aperfeiçoar, ou antes, voltar à doutrina dos grandes mestres. Revelai às almas a bondade de nosso Deus; mostrai-lhes as facilidades que lhes reserva se forem verdadeiramente generosas; não as deixeis crer que hão de remar sempre avançando lentamente. O que era verdade no tempo de S. Teresa, não o é menos nos nossos dias. "E' de um rigor exagerado dizer que não nos devemos conceder satisfação alguma, se não nos falarem ao mesmo tempo das doçuras que acompanham essa renúncia e das vantagens que nos proporcionam mesmo nesta vida". E, no entanto, é preciso insistir na renúncia completa, sem a qual não há satisfação possível. Devemos, pois, trabalhar para nos vencermos em tudo, e aceitar o princípio de não dar à natureza senão aquilo que Deus quer que lhe demos e recusar-lhe tudo quanto procura unicamente por satisfação própria: divertimentos, viagens, passeios, leituras, fumo, prazeres dos sentidos, só nos permitindo essas doçuras, quando um motivo razoável as justificar<sup>8</sup>. Para chegar a essa renúncia, devemos praticar a mortificação sob todas as formas. Tal é a doutrina dos grandes místicos de todos os tempos e de todos os países.

Aqueles que pregam essa doutrina integral e animam as almas, mostrando-lhes que Deus virá ajudá-las com suas graças infusas, verificam, para grande consolo seu, efeitos maravilhosos. As almas que visarem mais alto e tiverem maior confiança, olhando mais para Deus que para si mesmas, serão mais corajosas; e não demorarão em receber maiores graças, nem tão pouco — o venerável Libermann já o observava nos seus seminaristas (Carta 196) — em provar as primícias das graças místicas. Depois de terem sido favorecidas por esse recolhimento tão precioso que as mantém, sem esforço nenhum de sua parte, sensivelmente unidas

8) Ver sobre esse ponto o artigo Imperfection, do padre Et. Hugueny, no Dict. de Théologie cath., t. VII, col. 1286-98. E' muito sugestivo.

a Deus durante dias, mesmo no meio de seus trabalhos, tornam-se ainda mais generosas. Quando souberem, mais tarde, que as dificuldades que experimentam na meditação lhes são de grande utilidade para purificá-las e levá-las a um gênero de oração mais simples e mais proveitoso, não se deixarão abater e serão muito mais constantes. Então, como observam muito bem S. Teresa e S. João da Cruz, "sem ruído de palavras, o Senhor as instrui" (Caminho da perfeição, XXV; Cântico spir. str. 39). Fazem de Deus uma idéia muito mais elevada enquanto lhes é dado um conhecimento muito mais vivo de suas próprias misérias; percebem muito melhor as belezas, a extensão das virtudes, o valor dos sofrimentos, a utilidade dos sacrifícios. E Deus cada vez mais age sobre a sua vontade, comunicando-lhe amor e força. Assim chega à vida unitiva, em que as virtudes são praticadas com mais facilidade e com mais perfeição. Prestam então a Deus uma glória muito maior, e o seu poder para fazer o bem, conhecido ou desconhecido delas mesmas, é, ouso dizê-lo, centuplicado. Sei de um bom número de sacerdotes zelosos e cheios de experiência, que verificam com imenso consolo esses efeitos da pura doutrina dos santos<sup>9</sup>.

E' com o fim de obter esses frutos de graças, e ver multiplicarem-se as almas muito unidas a Deus, que um grande número de autores contemporâneos trabalha para prestigiar os estudos místicos, enquanto por preces ardentes imploram uma divulgação cada vez maior da doutrina tradicional.

Já se verificou também no clero que numerosos padres, a quem não foi apresentado esse ideal, nem permitidos esses auxílios, abstiveram-se de visar muito alto. Não fazem bastantes esforços para vencer-se e santificar-se, enquanto cedem muito à natureza. Embora sejam bons e virtuosos, mantêm-se longe da perfeição, que não é para eles, segundo pensam. E se vierem a dirigir outras almas, também chamadas à perfeição, não saberão apresentar-lhes um ideal elevado, nem as exortar à renúncia total. Se Nosso Senhor determinou que a elite deve arrastar a massa, isto se aplica mais ainda na ordem sobrenatural que na ordem natural e os escolhidos por Deus, os privilegiados, sacerdotes, religiosos, religiosas, que deveriam todos ser apóstolos poderosos, ao menos pela oração e pelo sacrifício, fazem, pela extensão do reino de Deus, muito menos do que deveriam fazer. De 1.700 milhões de habitantes que existem sobre a terra, apenas 300 milhões são católicos, e quantos entre estes não são fiéis! Se o nú-

9) Em geral os pregadores de retiros que seguem esta doutrina são mais apreciados pelas almas fervorosas, e lhes fazem certamente um bem muito maior.

mero dos perfeitos, das almas perfeitamente interiores em quem é verdadeiramente Jesus que vive, fosse o que deveria ser, quanto cresceria o número dos bons cristãos!

Não haverá alguma sombra nesse belo quadro dos frutos produzidos pelos estudos místicos? E não poderá o entusiasmo por esses estudos prejudicar certas almas? Tal perigo já foi assinalado. "Estará bem provado, escreveu na "Rêvue ascétique et mystique" (Abril, 1921, p. 187), o R. P. de Guibert, na orientação atual das almas para a vida mística, se possa negligenciar ou considerar como secundários os perigos do entusiasmo passageiro, do snobismo, da vaidade e da preguiça espiritual, que levam as almas a abandonar os penosos deveres de ascese e atirar-se, ao acaso, na mística? O autor tem razão; esse perigo existe, e foram abusos desse gênero que contribuíram, no século XVII, para aquilo que o padre Brémond denomina muito bem "o retiro dos místicos". Esse perigo existirá sempre, pois haverá sempre pessoas apaixonadas por um belo ideal e que, não querendo empregar os meios indispensáveis, e praticando mal as virtudes do recolhimento, da humildade, da mortificação, serão pouco esclarecidas e tomarão por estado místico aquilo que o não é. E' porque aqueles que ensinam essa doutrina, e os diretores em geral, devem insistir muito sobre essas virtudes fundamentais, e sobre a guerra sem piedade a fazer contra a natureza. Seria, porém, loucura renunciar, por isso, à doutrina; nem as quedas mortais de tantos aviadores, nem as catástrofes de estrada de ferro, nem os acidentes de automóvel, farão jamais com que renunciemos a esses meios de locomoção para voltarmos às diligências dos séculos passados, ou aos carros dos reis merovíngios. Quem adotar plenamente os ensinamentos dos santos, encontrará também os remédios para essas ilusões.

Sejamos, pois, desta escola e sigamos o caminho que tão bem nos souberam traçar. Isto será de todo proveitoso para a Igreja e para nós e servirá certamente para maior glória de Deus.

## PRIMEIRA PARTE

### DO FIM A ATINGIR: A PERFEIÇÃO

Publicado em:

<http://www.leiturascatolicas.com/>

## CAPÍTULO I

### Das almas virtuosas e das almas perfeitas

#### 1. *Diferença entre almas perfeitas e almas virtuosas*

Será o número das almas perfeitas o que deveria ser? será esse número aquele que o Senhor teria o direito de esperar? Infelizmente muito falta para isso, e nunca o lamentaremos bastante. É certo que se encontram, em nossos dias, muitas almas virtuosas e sólidamente piedosas. Por este mundo afora, e, com maior razão, no clero, nas ordens religiosas dos dois sexos, são numerosos os servidores de Cristo, em quem se nota um forte apego ao dever, um sincero amor à oração e aos exercícios piedosos, um grande zelo e uma verdadeira dedicação. Esses bons servidores do Senhor lhe defendem bem os interesses, esclarecem, sustentam, edificam os outros cristãos; entre esses e os vulgares, que se contentam em evitar os pecados graves e em cumprir os deveres essenciais do cristianismo, a diferença é imensa.

Mas como é grande também a diferença entre essas almas virtuosas, porém imperfeitas, e os amigos perfeitos de Deus! A alma perfeita vive constantemente em presença de seu Deus e não obedece mais, na direção de sua vida, a considerações humanas. Os motivos de fé lhe são tão habituais que inspiram, por assim dizer, todos os seus atos; o amor

de Deus, que se tornou o grande, o único móvel de sua vida, leva-a a praticar muitas boas obras, atos santos, orações, trabalhos e sacrifícios. Enquanto a alma piedosa, que oscila entre o amor de Deus e o amor de si mesma, produz muito menos atos de virtude e se, em sua vida, muitos atos são honestos e corretos, não obedecem no entanto a uma orientação sobrenatural.

Além disso, a disposição básica, em que se acha habitualmente a alma perfeita, tem uma influência muito grande, mas que ela própria nem sempre percebe, sobre todo o conjunto de seus atos. A disposição ordinária da vontade varia muito segundo as pessoas. Na pessoa embebida do amor divino, a disposição fundamental é uma vontade firme de não viver senão para Deus e de não conceder à natureza senão aquilo que Deus quer que lhe dê, aquilo que lhe é necessário para bem cumprir com seus deveres. E essa resolução não é o fruto de um entusiasmo passageiro e de uma imaginação viva; manifesta-se e firma-se por inúmeros atos de renúncia e de mortificação, penetrando até ao âmago da vontade. Assim é que persiste sempre, mesmo quando não expressamente formulada, e os atos mínimos da vida, feitos com essa disposição, que é a do amor perfeito, adquirem por esse meio um grande valor aos olhos de Deus.

A alma sólidamente virtuosa, mas não perfeita, praticou em sua vida muitos atos que lhe custaram: lutas contra os próprios defeitos, prática fiel do regulamento que adotou, ou da regra que abraçou, cumprimento exato de seus deveres de estado, muitas vezes bem penosos. Esses esforços, esses atos de renúncia, desenvolveram-lhe a piedade e fortaleceram-lhe a virtude. Mas ela não tomou a peito encher sua vida de sacrifícios; não timbrou com ardor e perseverança em refrear a atividade de sua imaginação, em reprimir os impulsos de seu coração,

como sejam desejos humanos, preocupações temporais, alegrias ou tristezas puramente naturais; também não conseguiu ainda dominar perfeitamente a sua natureza; cede-lhe muitas vezes, e de pleno consentimento, às exigências e repugnâncias; procura a própria satisfação, foge cuidadosamente do que a incomoda, preocupa-se com a estima e os favores das criaturas, teme-lhes as censuras e as críticas, agirá, portanto, em muitas circunstâncias, e quase sem o notar, por amor de si mesma e não por amor de Deus. Sua disposição fundamental é muito menos elevada que a da alma perfeita: é a resolução de agradar a Deus e de trabalhar para ele, sem, porém, renunciar muito a si mesma e essa disposição habitual dá aos atos ordinários da vida um valor muito menor. Essa alma é como uma serva fiel, dócil, apegada a seu senhor, porém mais zelosa dos próprios interesses do que os do seu amo.

A alma perfeita é mais que uma ancila; é, para Jesus, uma esposa, e para as almas, uma mãe. A mãe de família, bondosa e dedicada, não vive senão para o marido e os filhos; pensa neles sem cessar, trabalha para eles, por eles se cansa, se sacrifica, não conta as penas e as fadigas, nunca se queixa dos trabalhos, não mede o que dá, nem o que sofre. Acha muito natural trabalhar e sofrer porque ama, e pouco lhe importa o que disserem a seu respeito, contanto que aqueles que ama sejam felizes. Assim a alma unida a Deus pelo puro e perfeito amor não vive senão para ele, tem constantemente em vista seus interesses, está sempre pronta a imolar-se pela sua glória, dá tudo de si mesma, pensando sempre que nunca faz bastante pelo Bem-Amado.

Esses atos de amor, que tanto merecimento têm, a alma unida a Deus os multiplica sem esforço no decorrer do dia. Bem diversos das almas piedosas, mas não unidas, que se aborrecem quando estão sós, que procuram as distrações, as conversações, as no-

vidades, as leituras fúteis, as almas unidas têm um grande amor pela solidão, onde encontram seu Deus, e nunca têm tempo suficiente para conversar com ele intimamente.

O amor da alma unida cresce constantemente pela multiplicidade dos atos que produz, pois o amor aumenta com o exercício, e esses progressos são tanto maiores quanto mais perfeito for esse amor. Com efeito, à medida que o amor dilata a alma, as disposições da Providência produzem um amor sempre maior, as orações, os exercícios piedosos, os sacramentos, as provações são como faíscas elétricas que põem fogo nas minas: se a pólvora for de qualidade inferior e pouco abundante, a explosão será fraca; se for um montão de melinite, a explosão será formidável. Assim as contradições, as humilhações, as doenças<sup>1</sup>, os lutos, são incidentes providenciais destinados a provocar na alma fiel atos de amor, mas cujo valor varia muito. A alma boa e piedosa sentirá, e algumas vezes mui vivamente, tudo que lhe contraria a vontade, ou lhe fere o amor próprio, e, pensando longamente em tudo isso, refletindo em tudo quanto lhe causa tristeza, saberá raciocinar e aplicar-se a ver, na provação, a vontade de Deus; considerará as vantagens do sofrimento e assim praticará, umas vezes rapidamente, outras com dificuldade e lentamente, atos de resignação sincera.

1) "Pauci ex infirmitate meliorantur": são poucos os que a enfermidade torna melhores, diz a Imitação (I, 23). A enfermidade é geralmente a pedra de toque da verdadeira e sólida virtude: o doente, tirado de seus hábitos, contrariado em seus gostos, privado dos passa-tempos e das satisfações naturais pelas quais podia esquecer sua tristeza, é como que constrangido a revelar o íntimo de seu coração. Se ele for perfeitamente desprendido de si mesmo, notar-se-á o domínio que tem sobre sua natureza; se ainda não morreu a si mesmo, mostrará bem depressa, pela tristeza, pela falta de paciência e pelas inúmeras exigências, que sua natureza não está vencida, que sua virtude é pouco profunda, que o seu amor por Deus ainda é fraco e pequeno.

A alma unida não tem necessidade de tantas considerações; antes mesmo de raciocinar, já sente em si mesma, na parte superior, uma alegria de amor, ou, ao menos uma satisfação de amor, uma aquiescência de amor, produzida, não pelos seus esforços, mas pelo Espírito Santo, que a governa. A natureza sofre, mas a alma se alegra. Oh! como esse amor simples, abandonado, mas espontâneo, pleno e alegre, tem valor aos olhos de Deus!

Toda oração produz também efeito de graça em relação aos sentimentos de fé, de confiança e de amor daquele que reza. Os perfeitos, com fé tão viva, confiança tão grande, amor tão puro, retiram, de seus exercícios de piedade, frutos muito mais abundantes que os imperfeitos. A diferença é maior ainda na recepção dos sacramentos. A penitência e a Eucaristia, cujos efeitos variam segundo as disposições de cada um, derramam nas almas unidas uma quantidade de graça imensamente superior àquela que recebem os cristãos bons e piedosos, mas que não se deram inteiramente a Deus. A alma perfeita se impressiona muito mais com as grandezas de Deus e com as suas perfeições do que a alma piedosa; toma-se de admiração por um Deus tão amante e amável e as luzes que recebe sobre as amabilidades divinas dão ao seu amor muito maior elevação e muito maior mérito. Torna-se também mais confiante e mais familiar: Jesus é, para ela, não um rei ou um senhor, mas um amigo muito carinhoso; sua oração não é uma série de considerações próprias a levá-la às boas resoluções. É o encontro suave com o Bem-Amado, fonte, para ela, de grande felicidade. Sabe que Jesus, que a ama muito mais que ela a ele, goza também mais do que ela por vê-la ao seu lado. E enquanto a alma piedosa, ordinariamente fiel à sua meditação, a deixará por um motivo insignificante, a alma perfeita, pelo contrário, não deixará sua oração senão quando essa lhe for

*mus omnes*: “Pecamos todos em muitas coisas”, diz o apóstolo S. Tiago (3, 2). Não, não há temeridade em visar à perfeição. A perfeição da terra não é a perfeição do céu; ela exclui as faltas de pura fragilidade, sentidas e reparadas, apenas cometidas, e cuja repetição procuramos evitar. Os religiosos devem tender à perfeição, cujo compromisso assumiram ao pronunciar os votos que visam, justamente, facilitar-lhes essa aquisição. Os sacerdotes do Senhor, chamados a reproduzir Jesus, — o sumo sacerdote, — os pastores das almas, todos deveriam possuí-la. E se devem, podem. O empreendimento é, portanto, menos difícil do que muitos o imaginam. “Aquele que uma vez entrou no caminho da perfeição e não o abandona, diz S. Afonso, pode estar certo de que com tempo o conseguirá” (Obras compl., vol. X, cap. VI). Na verdade, se não há tantas almas perfeitas quanto seria para desejar, quem, entretanto, não as encontrou na vida? E mesmo em certos meios, onde a formação à vida espiritual é bem dirigida, são bastante numerosas as almas unidas a Deus e muito desprendidas de si mesmas. Desapegaram-se de toda afeição desregada, como recomenda S. Inácio; já não têm, diz S. Francisco de Sales, o amor das futilidades; renunciaram a tudo quanto impede o coração de entregar-se inteiramente a Deus, a condição e a essência da perfeição, segundo S. Tomás, em uma palavra, tendo-se despojado de toda vontade própria, essas almas mantêm-se na disposição habitual de não querer mais senão o que Deus quer.

Tais almas nem sempre são apreciadas como merecem e a causa é, muitas vezes, uma inveja inconsciente: “Vós me fazeis saber, escrevia S. Vicente de Paulo, que a virtude de N. e N. é um pouco pesada aos outros, e eu o creio, em relação àqueles que têm menos conformidade à regra e menos vigilância para o seu próprio adiantamento e o de seus

irmãos. O zelo e a pontualidade fazem sofrer aqueles que não possuem tais virtudes, porque o fervor lhes condena a fraqueza... Achem o que censurar no merecimento dos outros porque não têm a coragem de os imitar" (Vida, por Abelly, l. III, cap. XXIV). Acontece também que essas almas corajosas dêem ocasião a juízos menos favoráveis. Por vezes conservam algum defeito exterior, em que a vontade não toma parte. Outras vezes, embora senhoras de si mesmas e dominando as paixões, resta-lhes a suportar certos assaltos violentos, porque os demônios se irritam contra elas; essas lutas, que lhes são, como para todos, melos de progressos e de grandes vitórias, ocasionam também ligeiras fraquezas, que as mantêm no conhecimento de suas misérias; esses desfalecimentos, que diminuem à medida que se tornam mais amantes e mais fortes, são-lhes, porém, quais nuvens na virtude. Por causa dessas imperfeições, não lhes devemos desconhecer a pureza, a firmeza, a generosidade do amor. Mas quantas outras, que teriam podido elevar-se até aí, permaneceram num estado inferior. Algumas, embora piedosas, misturam um grande amor de si mesmas ao amor de Deus. Outras, mais adiantadas que as almas de uma piedade comum, mais mortificadas, mais desprendidas e que nas provações se mostram fortes e resignadas, aproximam-se das almas perfeitas sem ter, todavia, com o Senhor essas relações constantes, íntimas, cheias de familiaridade e de abandono, que tanto agradam ao Coração de Deus.

Umas e outras, as últimas principalmente, trabalharam, entretanto, na obra de sua santificação, aplicaram-se em combater os seus defeitos, contaram fielmente suas vitórias e derrotas, leram muitos livros espirituais em que encontraram proveitosos conselhos. Seus esforços não foram inúteis e progrediram na virtude. Por que, então, não vivem de um modo habitual, na prática do puro e perfeito amor?

Pensamos que muitos desses servos de Deus, a quem não falta boa vontade nem coragem, permaneceram nos degraus inferiores porque não visaram bastante alto: desejaram a virtude, não aspiraram à perfeição, ou, se tiveram esse desejo, não foi nem forte nem constante. Em geral essas pessoas virtuosas evitam, de caso pensado, ler os trabalhos que acham elevados demais para elas. S. Teresa, S. João da Cruz, o Tratado do Amor de S. Francisco de Sales, e outros semelhantes, tão animadores, tão cheios de proveitosas lições, lhes parecem demasiado místicos. A maior parte dos livros espirituais com os quais se alimentam, são aqueles que traçam bem as regras da via purgativa e iluminativa, mas que deixam de falar da via unitiva e perfeita. Por falta de uma formação conveniente, as almas não tomam o caminho que conduz mais diretamente e mais seguramente à união com Deus, como a renúncia universal, o recolhimento contínuo, a intimidade cheia de ternura com Jesus. Não se aplicam bastante a viver de confiança e de amor; refletem demais e pensam em si de preferência a Deus. Em se tratando das almas mais generosas, quando estão preparadas para receber graças mais elevadas e que Deus as chama a entrar num caminho mais simples e ao mesmo tempo mais proveitoso, não compreendem que é preciso repousar afetuosamente em Deus e prestar-se à ação que o Espírito Santo deseja exercer sobre elas, devendo, portanto, moderar a demasiada atividade de suas faculdades naturais, refrear a sua imaginação e evitar o abuso das reflexões e das considerações.

Por outro lado, muito numerosos são os padres, os educadores, as educadoras de almas que não apresentam àquelas que formam à vida de piedade um ideal bastante elevado. Por vezes, mesmo, encontram-se alguns que, desconfiando demais da imaginação de seus discípulos, preocupam-se antes de tu-

do em cortar-lhes as asas. S. Paulo dizia: "Não apagueis o Espírito Santo" (1 Tes 5, 9); mas esses supostos sábios, que têm um temor excessivo de tudo quanto é místico e taxam de imprudência a mortificação, transgridem absolutamente esse conselho divino e tendem a apagar o Espírito Santo nos corações.

Ah! se eles soubessem o bem que fariam às almas inspirando-lhes a generosidade, persuadindo-as de que Deus, que as ama com um amor imenso, as chama ao desprendimento perfeito, a uma doce e constante intimidade! Esses diretores desejam, entretanto, que seus discípulos progridam no amor de Deus. Ora, a medida desse amor, disse S. Bernardo, é não ter medida. Por que então retê-los em vez de impedi-los? Alimentemo-nos, pois, nós mesmos de santas ambições e saibamos inspirá-las aos outros. O amor perfeito nos é possível, nos é proposto e, se pusermos toda a nossa boa vontade em obtê-lo, certo é que nos será concedido. Aqueles que arremessam a almas para os cimos do amor, proporcionam a Jesus o mais agradável dos prazeres. Uma santa religiosa que, tendo recebido de Deus grandes luzes, havia impellido e dirigido S. Afonso na fundação do Instituto dos Redentoristas, Soror Maria Celeste, transmitiu-lhe um dia — o santo achava-se então em luta contra horríveis temores de danação — uma mensagem muito consoladora. Ela viu o trono de glória que lhe estava preparado no céu e ouviu Jesus dizer-lhe: "Anuncia-lhe de minha parte que tenho por agradáveis os trabalhos que ele empreende para converter os pecadores, e, principalmente, os incômodos que se dá para levar os justos à perfeição do amor divino, pois é por esses especialmente (pelos perfeitos), que eu sou glorificado, e é por eles que concedo ao mundo minhas grandes misericórdias" (Vida, pelo P. Berthe, l. I, cap. IX).

## CAPÍTULO II

### De quanto as almas perfeitas glorificam a Deus

#### 1. As almas perfeitas manifestam as perfeições divinas.

"Aquele que faz esforços constantes para adquirir a perfeição pode ser considerado perfeito: *Jugis conatus ad perfectionem perfectio reputatur*". Estas palavras de S. Bernardo (Epist. 254) surpreendem a princípio; são justas, entretanto, pois a experiência mostra que só aqueles que já têm um grande, um perfeito amor, continuam a trabalhar para aumentá-lo sem jamais desanimar. Os outros, depois de um período de esforços e de lutas, sentem diminuir o desejo da perfeição e acham demais penosa a renúncia constante; deixam em breve de combater com a mesma energia do princípio, contentando-se com as virtudes já adquiridas. Mantêm-se, porém não progridem mais.

Importa, portanto, alimentar em nossas almas santas aspirações, e mesmo torná-las mais ardentes, pois, como muito bem disse S. Francisco de Sales: "A medida que o desejo do amor vai crescendo, o amor também vai aumentando. Quem deseja ardentemente o amor, amará em breve com ardor (Tratado do amor de Deus, XII, 2). A comparação que estabelecemos entre as almas perfeitamente amantes e as almas simplesmente virtuosas é de

onde vai, nem de onde vem". Suprime, portanto, os meios intermediários, ou seja a oração mística ordinária, a mais comum de todas. No século XVIII, Scaramelli, que é, como Rodríguez, um dos representantes mais autorizados da escola moderna, fala longamente, no Diretório Ascético, da meditação, para a qual dá diversos métodos. Tratando da contemplação no seu Diretório Místico, apresenta-a como um estado inteiramente extraordinário, afirmando ser temerário e muito contrário à humildade desejá-lo. E tal é a doutrina que nos foi inculcada a todos nós que recebemos a nossa formação sacerdotal no século passado, pois esta era então, por toda a parte, claramente anti-mística. Quando esses mesmos autores, desfavoráveis à mística, falam das virtudes, mostram os esforços a empregar para obtê-las, mas nunca falam dos grandes efeitos das graças místicas e do amor infuso. E' pela repetição dos atos que a alma deve, segundo eles, elevar-se à prática perfeita das virtudes. "Aquele que adquiriu uma arte qualquer, diz Rodríguez, sabe pô-la em prática com presteza e facilidade admiráveis" e cita o exemplo dum excelente tocador de alaúde. Dá-se o mesmo, acrescenta ele, com aqueles que adquiriram a prática das virtudes; sabem praticá-las sem dificuldade" (Da humildade, cap. XVI). Lemos todo esse tratado sobre a humildade, e veremos como Rodríguez dá, aliás com muita razão, os motivos que temos para nos julgarmos e nos mantermos humildes; sem todavia acrescentar como Santa Teresa: "Coragem, Deus saberá recompensar os vossos esforços, dando-vos ele mesmo a humildade e isto de um modo que as vossas pobres reflexões nunca poderiam conseguir" (Vida, cap. XV).

Dá-se o mesmo com Scaramelli. Falando sobre o terceiro grau da paciência (cap. VI) que consiste em suportar a tribulação com alegria, este autor diz: "Se nos exercitarmos corajosamente nos dois primeiros graus, se considerarmos muitas vezes as razões que já examinamos acima e que nos mostram a adversidade como desejável, conseguiremos também a graça de Deus para atingir o terceiro grau". S. Teresa, como vimos, ensina que as virtudes assim praticadas são um dom de Deus, dom todo sobrenatural, isto é, acima dos meios humanos; enquanto Scaramelli quer que sejam fruto dos nossos esforços. Ele quer que alcancemos esse ponto, e a santa, ao contrário, pensa que nada conseguiremos enquanto o sopro divino não impelir a nossa barca. Os diretores de experiência são da opinião de S. Teresa: e notam que só aqueles que receberam as graças tão preciosas da fé e do amor místico, do recolhimento infuso, da constante união com Deus, obtêm essas virtudes perfeitas. Não queremos, é certo, desconhecer os grandes serviços prestados às almas

piadosas por esses autores célebres e por tantos outros dos últimos séculos que pensam da mesma maneira<sup>6</sup>, mas quem poderá contestar que a doutrina dos santos Doutores místicos seja mais exata, mais completa, mais consoladora, mais animadora, mais fecunda?

A utilidade dos estudos místicos está em tornarem mais claro e mais vivamente desejado o ideal que deve atingir toda alma piedosa. Está em fazerem contar com essas graças poderosas, em ensinar-lhes a se prepararem para recebê-las, e em saber discerni-las quando são concebidas, e em poder aproveitá-las bem. Ao contrário, a doutrina de tantos autores modernos, que apresentam essas graças como graças de luxo, fora do caminho normal, faz desaparecer todas essas vantagens. Assim todos sabem que durante muito tempo e até ao fim do século XIX, os grandes mestres da mística, por exemplo, S. Teresa e sobretudo S. João da Cruz, foram pouco estudados; era desaconselhada essa leitura às almas piedosas; era-lhes dito que os livros desses santos autores não convinham senão às almas favorecidas por êxtases ou revelações, e que as outras encontrariam ali grande perigo de ilusão<sup>7</sup>.

Essa desconfiança em relação aos autores místicos causou grandes prejuízos, pois muitas almas que teriam, graças à leitura desses livros preciosos, levantando o voo para a vida perfeita, permaneceram nas esferas inferiores. Quem não quiser reconhecer que os estados contemplativos descritos por esses grandes santos — excluídos os êxtases e arrebatamentos — são relativamente frequentes, mas ensinar que são estados extraordinários, próprios a elevar a alma ao nível dos anjos, impedirá de novo que esses livros sejam lidos e estudados como devem ser, e que muitos conselhos desses santos sejam aproveitados por aqueles a quem conviriam perfeitamente, prejudicando assim a muita alma fervorosa. Não nos devemos esquecer das queixas amargas de S. Teresa, de S. João da Cruz, de S. Joana de Chantal contra os diretores que, ignorando as regras da vida mística,

6) Entretanto mesmo nesses últimos séculos em que a mística esteve esquecida, autores de grande valor descreveram muito bem, sem empregar as mesmas expressões, as graças superiores que iluminam a alma, a abrasam, a unem a Deus e a transformam nele, e ensinaram claramente que as graças são concedidas a quem quer que se disponha a recebê-las. Entre outros, o padre Clorivière, o padre Grou, o venerável Libermann, etc. Muitas vezes as palavras variavam, mas o ensino era o mesmo baseado na experiência.

7) Ver o que diz Scaramelli, no Diretório Místico, Tratt. I, cap. I, n.º 10.

ordem a inspirar um vivo desejo de perfeição, mas convém insistir e mostrar mais claramente as vantagens da perfeição, a fim de excitar as almas a prosseguir-la com coragem e perseverança.

A alma perfeita rende uma grande glória a Deus, que se compraz imensamente nela. Essa alma é para o Coração de Jesus doce consoladora; é para Jesus uma auxiliar fiel, que trabalha poderosamente com ele para o bem da Igreja, para a salvação e santificação das almas. Goza, aqui na terra, de uma paz profunda, encontra no seu amor a única felicidade possível. No purgatório sofrerá pouco e achará alegria em expiar e sofrer, e no céu a sua sorte será magnífica, pois compartilha numa larga medida da sabedoria, do amor, da felicidade de seu Deus. "Deus nos escolheu antes da criação do mundo, a fim de que fôssemos santos... e servissemos ao louvor de glória de sua graça" (Ef 1, 4-6). São Paulo tem tanta certeza de que devemos, pela nossa santidade, contribuir para realçar a glória divina, que repete três vezes em poucas linhas: *in laudem gloriae*. Glorificar a Deus pelas nossas virtudes, eis o fim da nossa vida, eis a razão de tantas graças com que Deus nos cumulou, eis o que Deus espera de nós em troca de seus inúmeros benefícios.

Um ato sobrenatural é, com efeito, o que há de mais belo no mundo, é a obra prima de Deus. Uma criatura humana ou angélica, quando faz um ato de virtude sobrenatural, é, não digo somente um milhão de vezes, mas incomparavelmente mais belo do que tudo quanto há de mais belo no mundo material, do que os lagos, os rios e o oceano, do que os vales e as montanhas, do que os astros e todo o esplendor do firmamento, que no entanto cantam a glória de Deus e lhe proclamam a onipotência: *Caeli enarrant gloriam Dei*. O espírito é, com efeito, incomparavelmente superior à matéria. A matéria não é bela senão porque reflete de certo modo o

espírito; é o ideal que se nos apresenta sob a forma sensível quando contemplamos com delícia os espetáculos da natureza; é a ordem, o poder, a graça, que lemos nesse livro do mundo físico. Quanto mais belo, porém, será o ideal, não mais simplesmente refletido num espelho imperfeito, mas visto em si mesmo, no mundo espiritual!

Demais, essas obras espirituais, tão belas em si mesmas, são ainda mais belas por serem livres. O mar, as montanhas, os céus, não são livres de ser o que não são; a alma virtuosa é bela porque quer ser bela; essa beleza, por ser o fruto da sua liberdade, é ainda mais admirável. O Senhor fez maravilhas tirando do nada este grande universo, mas o mundo material não lhe podia opor resistência alguma. Deus opera maravilha muito maior, fazendo a criatura inteligente praticar um ato de virtude, quando tem liberdade de não o praticar.

Esse ato pertence à criatura que o praticou livremente; entretanto vem de Deus, e lhe proclama bem alto o poder, a bondade, a sabedoria. E proclama, e manifesta-os tanto melhor, quanto esse ato sobrenatural é praticado, o mais das vezes, contra as tendências da natureza. Há também geralmente maior mérito no exercício da virtude, do que malícia no pecado. O pecado nada custa e o pecador não faz senão ceder às suas inclinações. Assim como o barqueiro que, para descer um rio, não precisa remar nem fazer esforços para levar a sua barca, assim também o pecador não precisa senão seguir a corrente de sua natureza corrompida para entregar-se ao vício. É muito diferente o que se dá com a alma que quer permanecer fiel ao seu Deus. Que luta deverá travar contra si mesma, que violência deverá empregar, principalmente se quiser chegar à perfeição do amor! Deus, que a sustenta nessa luta, retira muito maior glória de uma alma sólidamente virtuosa, do que a que o pecador lhe pode fazer perder.

Os atos de virtude sobrenatural, por serem efeito da graça, manifestam o poder e a sabedoria de Deus, assim como a obra salienta a habilidade, o talento, as boas intenções do operário que a fez. Além do mais, são uma participação nessas perfeições divinas que produzem. Em todo ato sobrenatural há força, santidade, sabedoria divinas. Ora, haverá algo de mais belo que o divino? Uma alma fiel é, pois, um espetáculo maravilhoso aos olhos dos anjos e dos eleitos. Eles vêem brilhar nessa alma todas as virtudes que já praticou, todos os atos sobrenaturais que cumpriu; vêem qual a parte da alma nessas obras santas e qual a parte de Deus. A Deus pertence a glória; é Deus que aparece admirável em seus santos: *Mirabilis Deus in sanctis suis*. Glória também a Jesus que, por suas humilhações e por seus sofrimentos, mereceu a todas essas almas as graças que as santificaram; cada alma salva é um troféu para o Salvador, cada alma santa é uma vitória do seu amor.

Toda alma em estado de graça dá alguma glória a Deus. Mas quanto o glorifica aquela que não se limita aos desejos humanos, e cuja vida se passa na prática do puro amor! Deus se compraz nessa alma fiel, de quem diz, guardadas as devidas proporções, o que disse de seu divino Filho: *Hic est Filius meus dilectus in quo mihi bene complacui*. "Este é o meu Filho dileto, no qual ponho todas as minhas complacências". Só o divino é digno das divinas complacências e por toda parte em que se acha, atrai e encanta a Deus. Ora, na alma perfeita que não cede mais voluntariamente às inclinações da natureza, os mínimos atos são valorizados pela união completa de sua vontade à vontade de Deus e reproduzem, com fidelidade mais exata, as perfeições divinas. E, porque os dons do Espírito Santo se exercem plenamente nessa alma, a parte de Deus, nas virtudes que pratica, é muito maior. Pode-se dizer

que está toda impregnada do divino. Que glória então não proporcionará ao Deus que a criou, a Cristo que a remiu!

## 2. Os perfeitos são os prediletos do Senhor.

Oh! quanto essa alma agrada a Deus! Esse Deus tão bom, que ama as mais indignas e as mais ingratas de suas criaturas; que, para elas, como para todas, enviou o seu Filho à terra e quis que Jesus passasse por horríveis tormentos; que, aos pecadores mais culpados, deseja conceder o perdão e abrir o céu, esse Deus tem pela alma plenamente fiel um amor muito mais terno e carinhoso. E Jesus que, em sua alma santa, tem os mesmos sentimentos que seu Pai celeste, alimenta também pela alma generosa uma afeição ardente; ama, é verdade, todos os seus irmãos, por todos derramou o seu sangue e pelos mais miseráveis estaria pronto a passar de novo por todos os ultrajes e por todas as dores de sua paixão. Mas os pecadores lhe ferem o Coração e mesmo as almas piedosas, que tanto receberam dele, lhe causam grandes decepções pelas infidelidades, fraquezas, negligências. Só as almas ardentes e cheias de amor o consolam e o compensam da ingratidão dos homens, e essas consolações são tanto maiores quanto mais forte, mais constante, mais puro for o amor.

Elas são muito mais caras ao seu Coração, pois, sendo ele justo e santo, mais ama aqueles que mais o amam. *Ego diligentes me diligo*. Quem será, pois, indiferente à idéia de poder dar a Jesus doces consolações e de se tornar um seu amigo querido? Aos seus amigos dedicados, Jesus concede, já neste mundo, uma honra e um insigne favor: associa-os à sua obra redentora, fá-los seus auxiliares prediletos. Como ele, e com ele, esses se tornam salvadores de almas, porque Jesus se serve sempre de seus ami-

gos para realizar suas obras. E' ele, entretanto, quem age, escondendo a sua ação para manifestar a dos amigos e ocupando-se suavemente em presença dos que lhe são caros. Não disse ele: "Aquele que crê em mim, fará as obras que eu faço e as fará maiores ainda"? (Jo 14, 12). Com efeito, Jesus, quando subiu ao céu, tinha apenas algumas centenas de amigos fiéis. Ele quis legar a seus apóstolos a glória de operar conversões mais numerosas, fundar igrejas, conquistar o mundo. E ainda no decorrer dos séculos serviu-se sempre das almas generosas como instrumento de suas graças.

Assim, toda alma perfeita opera na Igreja um bem imenso, é poderosíssima pelas suas obras, profusamente abençoadas por Deus, e, se passar a vida na contemplação, suas orações atrairão imensas graças sobre os pecadores, para fazê-los voltar ao dever; sobre os bons, para torná-los melhores, e sobre os operários evangélicos, para lhes fecundar o apostolado. Essas almas fervorosas fazem muitas vezes mais para o bem das paróquias e das comunidades, do que aquelas que trabalham diretamente e que, aos olhos dos homens, obtêm maior glória. De fato, quanto mais sobrenatural for uma obra, tanto maior será a parte do Senhor e menor a da natureza. Nos empreendimentos humanos, no comércio, na indústria, nas artes, os dons naturais, que Deus distribui aos homens, garantem-lhes o êxito; mas nas obras divinas de conversão, de santificação, é a graça que opera, e a graça não se obtém pela inteligência, pela eloquência ou pela habilidade, e sim pela santidade da vida. Deus as concede aos filhos segundo o valor de suas orações e o mérito de suas virtudes. Aquele que nada recusa a seu Deus, que não viva senão para ele, a quem sacrificou todos os gostos, todas as vontades, obtém em troca, para si mesmo, e para seus irmãos, auxílios poderosíssimos, luzes muito vivas, como jamais poderão obter as pessoas virtuosas,

porém muito amigas de si mesmas. "Uma alma justa, disse Jesus a S. Margarida Maria — por justa entendia sem dúvida, como entende sempre a escritura sagrada, os perfeitos — obtém o perdão para mil criminosos". Não vemos claramente neste mundo a grande superioridade dos perfeitos na ordem do apostolado; os efeitos produzidos por eles permanecem, em grande parte, ocultos, operam-se muitas vezes de longe sem o conhecimento dos próprios interessados, mas não deixam de ser consideráveis e serão conhecidos por todos na eternidade. Oh! como esse maravilhoso poder para o bem é uma razão instantânea para que trabalhemos a fim de obter a perfeição!

## CAPÍTULO III

### Das vantagens da perfeição

#### 1. Paz de que gozam neste mundo as almas perfeitas.

E' preciso muito trabalhar e sofrer para atingir a perfeição. "Não é trabalho de um dia, diz a Imitação, nem brinquedo de criança, renunciar-se perfeitamente, mas quem deixa tudo, encontra tudo; quem renuncia a toda concupiscência, encontra o verdadeiro repouso" (L. III, c. XXXII).

Na verdade, já neste mundo, quem teve a coragem de lutar corajosamente contra suas inclinações naturais e de morrer a si mesmo, já encontra a sua paga. E' muito mais feliz que as almas menos generosas que querem servir a Deus, poupando a natureza. Não está, mais que os outros, isento das dores e tribulações da vida. Aos amigos de Jesus cabe larga parte na sua cruz divina, mas porque são muito desprendidos e humildes e tornaram-se pouco sensíveis às contrariedades, aos reveses, às humilhações. Todas essas tristezas e outras ainda, como as aflições, os lutos, podem torturar-lhes a natureza, mas sua vontade, que está como que perdida na vontade de Deus, não é contrariada; ao contrário, como os sofrimentos são permitidos por Deus e glorificam a Deus, a vontade se sente feliz em suportá-los.

A alma amante, que conserva apegos naturais,

desejos puramente humanos, sofre, não somente em sua natureza, mas também em sua vontade, que é muitas vezes contrariada, melindrada, irritada, e precisará fazer esforços para resignar-se. A resignação a acalmará, sem, porém, lhe causar alegria alguma.

As almas imperfeitas não gozam, pois, dessa paz, que possuem as almas desprendidas, paz profunda, inalterável. "Eu vos deixo a minha paz. Eu vos dou a minha paz" disse Jesus aos seus apóstolos em seu belo discurso de despedida (Jo 14, 27). E' preciosa a paz de Jesus, aquele que Isaías já havia chamado o príncipe da paz. Essa paz de que Jesus gozava e da qual faz participar os seus amigos, ultrapassa todo sentimento, diz-nos S. Paulo. Reside no centro da alma, e, assim como o fundo do oceano não é perturbado pelas tempestades que lhe agitam a superfície e o cume da montanha continua a receber as luzes vivificadoras dos astros enquanto reina em baixo a neblina, as chuvas e os temporais, assim também a alma que não tem outra vontade senão a de seu Deus, cujo amor é intenso e cuja confiança é invencível, permanece calma, abandonada, embora sinta na parte inferior dificuldades, assalto das tentações, tristezas de toda sorte. As angústias mesmo que lhe causam o seu zelo pela glória de Deus e pelo bem perturbam a paz interior, pois sabem que essas apreensões são permitidas por Deus e revêtem em sua glória.

E' mais do que a paz, é a alegria, é a felicidade perfeita que encontra a alma plenamente fiel, alegria que Jesus desejava a seus apóstolos: "Eu vos disse essas coisas (permanecei no meu amor, observai os meus mandamentos), a fim de que a vossa alegria seja perfeita" (Jo 15, 11). Essa alegria, Jesus a prometia a seus apóstolos, se eles quisessem rezar bem: "Pedi e receberéis, a fim de que a vossa alegria seja perfeita" (Jo 16, 24). Essa alegria, ele

de Deus, que se tornou o grande, o único móvel de sua vida, leva-a a praticar muitas boas obras, atos santos, orações, trabalhos e sacrifícios. Enquanto a alma piedosa, que oscila entre o amor de Deus e o amor de si mesma, produz muito menos atos de virtude e se, em sua vida, muitos atos são honestos e corretos, não obedecem no entanto a uma orientação sobrenatural.

Além disso, a disposição básica, em que se acha habitualmente a alma perfeita, tem uma influência muito grande, mas que ela própria nem sempre percebe, sobre todo o conjunto de seus atos. A disposição ordinária da vontade varia muito segundo as pessoas. Na pessoa embebida do amor divino, a disposição fundamental é uma vontade firme de não viver senão para Deus e de não conceder à natureza senão aquilo que Deus quer que lhe dê, aquilo que lhe é necessário para bem cumprir com seus deveres. E essa resolução não é o fruto de um entusiasmo passageiro e de uma imaginação viva; manifesta-se e firma-se por inúmeros atos de renúncia e de mortificação, penetrando até ao âmago da vontade. Assim é que persiste sempre, mesmo quando não expressamente formulada, e os atos mínimos da vida, feitos com essa disposição, que é a do amor perfeito, adquirem por esse meio um grande valor aos olhos de Deus.

A alma sólidamente virtuosa, mas não perfeita, praticou em sua vida muitos atos que lhe custaram: lutas contra os próprios defeitos, prática fiel do regulamento que adotou, ou da regra que abraçou, cumprimento exato de seus deveres de estado, muitas vezes bem penosos. Esses esforços, esses atos de renúncia, desenvolveram-lhe a piedade e fortaleceram-lhe a virtude. Mas ela não tomou a peito encher sua vida de sacrifícios; não timbrou com ardor e perseverança em refrear a atividade de sua imaginação, em reprimir os impulsos de seu coração,

como sejam desejos humanos, preocupações temporais, alegrias ou tristezas puramente naturais; também não conseguiu ainda dominar perfeitamente a sua natureza; cede-lhe muitas vezes, e de pleno consentimento, às exigências e repugnâncias; procura a própria satisfação, foge cuidadosamente do que a incomoda, preocupa-se com a estima e os favores das criaturas, teme-lhes as censuras e as críticas, agirá, portanto, em muitas circunstâncias, e quase sem o notar, por amor de si mesma e não por amor de Deus. Sua disposição fundamental é muito menos elevada que a da alma perfeita: é a resolução de agradar a Deus e de trabalhar para ele, sem, porém, renunciar muito a si mesma e essa disposição habitual dá aos atos ordinários da vida um valor muito menor. Essa alma é como uma serva fiel, dócil, apegada a seu senhor, porém mais zelosa dos próprios interesses do que os do seu amo.

A alma perfeita é mais que uma ancila; é, para Jesus, uma esposa, e para as almas, uma mãe. A mãe de família, bondosa e dedicada, não vive senão para o marido e os filhos; pensa neles sem cessar, trabalha para eles, por eles se cansa, se sacrifica, não conta as penas e as fadigas, nunca se queixa dos trabalhos, não mede o que dá, nem o que sofre. Acha muito natural trabalhar e sofrer porque ama, e pouco lhe importa o que disserem a seu respeito, contanto que aqueles que ama sejam felizes. Assim a alma unida a Deus pelo puro e perfeito amor não vive senão para ele, tem constantemente em vista seus interesses, está sempre pronta a imolar-se pela sua glória, dá tudo de si mesma, pensando sempre que nunca faz bastante pelo Bem-Amado.

Esses atos de amor, que tanto merecimento têm, a alma unida a Deus os multiplica sem esforço no decorrer do dia. Bem diversos das almas piedosas, mas não unidas, que se aborrecem quando estão sós, que procuram as distrações, as conversações, as no-

bemos, porém, que terão a sua origem no amor, amor muito santo e incompreensivelmente intenso dos eleitos. Eles gozarão, com uma suavidade inexprimível, a alegria de haver glorificado a Deus sobre a terra pelas suas boas obras, de glorificá-lo ainda muito melhor no céu e de poder glorificá-lo durante toda a eternidade, pelo esplendor das virtudes que souberam praticar. Os perfeitos são muito mais sensíveis a esta alegria porque amam muito mais e, se já na terra têm um tão grande desejo de glorificar a Deus, esse desejo, sempre satisfeito, é muito mais ardente no céu. De bom grado consentiriam em passar por todas as torturas a fim de procurar a Deus um pouco de glória. Embora não lhes dessem senão uma glória igual, gozariam de uma felicidade maior que a dos outros eleitos menos amantes. Ora, a glória que lhes proporcionam não é igual. É uma glória incomparavelmente maior que a das almas menos merecedoras. Mais um motivo para que a sua felicidade seja incomparavelmente superior<sup>1</sup>.

No céu os eleitos sabem, sem ilusão possível, que todos os bens provêm de Deus, mas sabem também, sem a menor vanglória, todo o bem a que serviram de instrumento e a medida em que foram, segundo a palavra do apóstolo, os auxiliares de Deus. Vêem como seus trabalhos, suas exortações, seus exemplos, seus sacrifícios e suas orações aproveitaram às almas que ora compartilham de sua felici-

1) Santo Afonso Rodrigues conta (Vida, n. 149-151) que, tendo rezado por um noviço, o irmão Anglade, fortemente tentado contra sua vocação, e tendo obtido de Maria, à força de insistência, uma graça poderosa que reconfortou o irmão e lhe valeu a vitória, ressentiu, por duas ou três vezes, a alegria extrema de que gozavam os bem-aventurados pela vitória do noviço. Nosso Senhor nos ensina também que há grande alegria no céu quando um pecador se converte. Todas essas alegrias, que nascem do amor divino, são evidentemente proporcionadas a esse mesmo amor,

dade. E amam a essas almas com uma intensidade de amor que na terra nunca teriam sequer suspeitado. Quão felizes são por tê-las ajudado a santificar-se! E não foi pequena a vantagem que lhes proporcionaram. Mesmo que as tivessem levado apenas a praticar um ligeiro ato sobrenatural, essas almas lhes ficariam devendo um acréscimo de felicidade eterna. Que será, pois, se, fazendo-as progredir na virtude, as levaram a aumentar consideravelmente os seus méritos? Imaginemos, se o pudermos, a alegria que experimentarão por esse motivo as almas ardentes, cuja vida se passou inteiramente no exercício do apostolado, e de um apostolado todo de abnegação e de pura caridade, e compreendamos o quanto essa alegria é incomparavelmente maior que a das almas menos zelosas.

E esse poder benfazejo exercido durante os dias de provação, com o qual os eleitos se sentem tão felizes, não o perdem quando se acham diante de Deus. "Passarei o meu céu a fazer o bem sobre a terra", dizia a meiga e heróica Teresa do Menino Jesus. A Sagrada Escritura indica com efeito que no céu os amigos de Deus compartilharão do seu poder. No Livro da Sabedoria está dito (3, 8) que os justos que Deus tiver provado na terra e achado dignos de si, aqueles que tiverem sido purificados como o ouro no crisol, julgarão as nações". A mesma promessa é feita no Apocalipse: "Aquele que for vencedor e guardar os meus preceitos até ao fim, eu lhe darei poder sobre as nações" (2, 26). Aos apóstolos, porque deixaram tudo para seguir a Jesus, o Senhor declara que serão seus sucessores quando vier a julgar as tribos de Israel. Deduz-se de todos esses textos que aqueles que tiverem praticado o verdadeiro desprendimento, cuja alma tiver sido purificada por provações corajosamente suportadas, os soldados de Cristo, valentes e constantes, que tiverem lutado até ao fim e conseguido uma completa

vitória, serão associados ao poder do Salvador e exercerão eles mesmos grande poder sobre os povos da terra. E como o exercerão, senão auxiliando os fiéis e subjugando os maus? A esses amigos íntimos o Senhor concedeu outrora, quando passavam pela provação, a maior prova de amor, fazendo-os compartilhar das obras que mais agradam ao seu Coração, obras de misericórdia e de beneficência. Retirárá então essa doce alegria quando vierem a compartilhar de seus triunfos e de sua glória?

E não será somente sobre os irmãos da terra que poderão derramar benefícios. Os teólogos, após Dionísio, o Místico, nos dizem que os anjos das altas hierarquias derramam, sobre os coros menos elevados, luzes e alegrias. Não exercerão também os eleitos sua influência benéfica e beatifica sobre os companheiros de felicidade colocados mais baixo na hierarquia celeste?

Enquanto espalham seus dons sobre os eleitos que se acham nas fileiras inferiores, encontrando na prática desse benefício indescritíveis alegrias, recebem — tanto mais quanto mais elevados estão — dons eminentemente preciosos por parte dos eleitos que se acham nas fileiras superiores. No céu todos os amigos de Deus compartilham de seus sentimentos; estimam, admiram de modo particular, mas principalmente amam, os que foram mais fiéis, que melhor serviram e mais amaram ao divino Mestre. A alma perfeita é, pois, mais querida dos santos do que aquela que viveu na imperfeição, e esse amor, que não é nem inativo e improdutivo, porém fecundo, dá-lhe alegrias proporcionadas à sua intensidade. É muito querida de Maria, sendo, mais do que as almas menos santas, o objeto das ternuras dessa mãe tão carinhosa; é também mais querida de Jesus, e goza muito mais de suas divinas intimidades e tantas carícias.

Em compensação — e isto é para a alma perfeita mais um motivo de felicidade — ela causa uma alegria muito maior a esses santos amigos de Deus que, amando-a na proporção de seus méritos, regozijam-se altamente com suas perfeições de santidade e seu júbilo. Assim é que causa também a Maria, sua boa mãe, uma alegria muito mais doce do que se tivesse tido menores méritos. Assim também — ó felicidade indizível! — Jesus, que a amou tanto e tanto sofreu para lhe merecer graças, sente, em sua alma humana, indizível prazer pelo que fez, pelo que sofreu por ela, prazer tanto mais suave quanto maior foi o seu proveito, quanto mais ela a vê santa e feliz.

Resta falar sobre a suprema felicidade do céu: ver a Deus, amar a Deus, possuir a Deus. Essa felicidade, que é a felicidade essencial, inerente ao paraíso, é incomparavelmente maior para os perfeitos do que para as almas de piedade comum. Cada ato que tiveram praticado lhes terá aumentado, e cada qual segundo o seu valor, sua capacidade de visão e de amor. Deus é visto face a face tal qual ele é, e não mais em suas obras tão diferentes dele, e que são apenas vestígios e sombras. Não é visto tão pouco através as idéias incutidas por ele nas criaturas, por mais alta que seja a concepção que essas possam dar de Deus. Decerto, durante a sua provação, os anjos superiores tinham de Deus uma concepção muito elevada, mas, como diz S. Paulo, ante a realidade, as noções são puros enigmas. Deus, o Sér infinito, é, portanto, visto em si mesmo: a alma vê a sua ciência incompreensível, a sua inteligência sem limites, que de um só golpe de vista abraça todos os seres presentes, passados, futuros, e mesmo simplesmente possíveis; a sua sabedoria infalível que tudo previu, e tudo ordenou num único ato eterno; o seu poder criador, ao qual nada é impossível, a sua bondade inefável, o seu amor, esse amor que

explica todas as suas obras, amor que seria a mais encantadora de todas as suas perfeições, se em Deus uma perfeição pudesse ser mais bela que as outras. Ora, todas essas perfeições, tão bem unidas, e fundidas juntas, que não fazem senão uma só, são vistas de modos diversos pelos eleitos, segundo o poder de visão de cada um; e a alma perfeita penetra muito mais profundamente que a alma imperfeita nesse abismo infinito de belezas, e encontra alegrias muito superiores no espetáculo de tamanhas maravilhas.

A vista de um Deus tão perfeito, tão inefavelmente encantador, acendeu no coração do eleito um amor proporcionado: à medida que admira, ama, e por um maravilhoso retrocesso, à medida que ama, deseja contemplar, e essa contemplação corresponde ao seu amor, como esse amor corresponde à sua contemplação. Demais, a força do seu amor aumentou em cada ato sobrenatural que praticou e segundo o valor desses atos, como aumentou igualmente sua capacidade de visão. O fogo de amor que, no céu, abrasa a alma perfeita, é, em relação ao da alma imperfeita, como um braseiro imenso, ou como o fogo que invade uma floresta em relação ao do humilde fogareiro. E todas as alegrias causadas por esse amor são proporcionadas a esse mesmo amor: a alegria de ver esse Deus tão perfeito e de vê-lo tão sábio, tão poderoso, tão santo; a alegria principalmente de o ver tão feliz; a alegria de ver as três Pessoas divinas gozarem infinitamente de seu amor mútuo, de sua doação recíproca, de sua união inefável. O amor tende à unção. Os eleitos desejam sempre, de acordo com o seu amor, possuir a Deus. E esse desejo, sempre ardente, é sempre satisfeito, pois Deus se dá, — e é esta a fonte das maiores alegrias celestes — e cada um dos eleitos o recebe, segundo a capacidade e a grandeza do seu amor.

As almas que receberam grandes graças, que são chamadas à perfeição e não a atingem porque não querem viver de uma vida toda de sacrifícios, humildade e caridade, jamais compreenderão, aqui na terra, tudo quanto suas infidelidades, suas resistências às inspirações celestes lhes fazem perder para a eternidade. E esses bens, de que poderiam gozar em maior abundância, mas que, devido à sua moleza, não poderão obter senão em medida muito inferior, é o conhecimento inefável, é o amor, é a posse de seu Deus!

## CAPÍTULO V

### De Jesus vivendo em nós

#### 1. União íntima entre Jesus e a alma fiel.

Quem lê as epístolas de S. Paulo, nota logo as fórmulas de saudação que ele emprega com tanta frequência. A epístola aos colossenses é dirigida "a todos os santos e àqueles que são seus fiéis irmãos em Jesus Cristo"; a epístola aos coríntios, "aos fiéis santificados em Jesus Cristo"; aos filipenses, "àqueles que são santos no Cristo Jesus"; e aos efésios, "aos fiéis em Jesus Cristo".

S. Paulo foi o primeiro a empregar essa maneira de falar e emprega-a constantemente: "Fomos batizados em Jesus Cristo, diz alhures, fomos sepultados com ele pelo batismo, sepultados em sua morte... fomos incorporados a ele pela semelhança com a sua ressurreição (Rom 6, 3, 4, 5). Doravante não haverá mais condenação para aqueles que estão no Cristo Jesus (8, 1). Chama Áquila Priscila, Urbano, seus cooperadores em Jesus Cristo (16, 3, 9); Andrônico e Júnio estiveram em Cristo antes de mim (7). Saudai aqueles da casa de Narciso, que estão no Senhor (3). Eu não era conhecido de vista nas Igrejas da Judéia que estavam no Cristo" (Gál 1, 22). "E' pela graça de Deus que estais no Cristo Jesus" (Ef 2, 10). Seria longo citar todas as passagens em que o santo apóstolo se refere aos fiéis como que ligados ao Cristo, mais do que isso,

como que vivendo nele, incorporados a ele, não fazendo senão um com ele. Eis aqui algumas passagens que exprimem mais claramente ainda todo o seu pensamento: "Ignorais que os vossos corpos são os membros de Jesus Cristo? (1 Cor 6, 15). Assim como o corpo é um, embora tendo muitos membros, e como todos os membros, apesar do seu número, não formam senão um só corpo, assim é o do Cristo (13, 12). Cristo é nossa cabeça. Por ele o corpo forma um todo harmônico e sólido, cujas partes, ligadas e unidas entre si, prestam-se um auxílio mútuo, cada membro agindo segundo sua medida de atividade; assim o corpo, crescendo, torna-se o edifício cristão fundado sobre a caridade (Ef 4, 16). E' da cabeça, diz ele alhures, com o auxílio das articulações que lhe reúnem as diversas partes, que o corpo inteiro recebe a vida e cresce pelo incremento que Deus lhe dá" (Col 2, 19). Antes de S. Paulo, o Salvador mesmo havia empregado uma comparação que demonstra claramente a união íntima que existe entre ele e as almas: "Eu sou a vide e vós sois os ramos... aquele que permanece em mim e eu nele produz muitos frutos, pois sem mim, separados de mim, vós nada podeis fazer" (Jo 15, 5).

#### 2. Jesus, fonte e instrumento de graça.

Essa união íntima que existe entre Jesus e as almas é, pois, o princípio da vida sobrenatural em nós. Essa vida sobrenatural está em Jesus, como em seu princípio, em sua fonte inesgotável; dele se derrama em nossas almas e nós todos participamos de sua plenitude: *De plenitudine ejus omnes nos accepimus* (Jo 1, 16). "Cristo, nos diz S. João Crisóstomo, não tem rival para dar; é ele mesmo a fonte, a raiz de todos os bens; é a vida, a luz, a verdade; não guarda suas riquezas em seu seio, mas as espalha sobre todos; e depois de tê-las prodigalizado,

permanece tão completo e tão rico como antes; fonte que brota sempre e sempre se derrama, conserva sempre a mesma plenitude. A parte que possuo de um bem, eu a recebi de outrem, parte infima talvez do todo, simples gota retirada de um abismo insondável, de um oceano sem limites. Esta imagem é, porém, imperfeita, pois, retirai uma gota do oceano, tereis diminuído o oceano, embora a perda seja imperceptível. Não se pode dizer o mesmo da fonte em questão; podéis sacar à vontade, jamais a diminuireis" (In Joan. Hom., 14). De que modo é Jesus para nós o princípio de todas as graças? Antes de tudo ele mereceu a graça e a mereceu superabundante, sem limites.

O Verbo de Deus fez-se homem a fim de poder expiar os pecados dos homens, e como todos os atos que praticou em sua natureza humana e todos os sofrimentos que padeceu pertencem à sua Pessoa divina, esses têm um merecimento infinito e são mais que suficientes para pagar as dívidas da humanidade inteira.

E foi, de fato, para a humanidade que esses merecimentos foram adquiridos. Pela vontade de Deus e pela vontade do Cristo, todos os atos da vida do Cristo, em si mesmos tão meritórios, foram em verdade praticados por nós, oferecidos por nós. A nós pertencem, portanto, essas reservas inesgotáveis de graças que Jesus mereceu. Assim a graça nos vem positivamente de Jesus. Mas de que maneira?

Quem pensa que a humanidade do Cristo não concorre senão moralmente para produzir a graça, dirá: Jesus Cristo se incorpora aos homens, toma-os consigo, recobre-os de sua dignidade, fá-los como que um prolongamento de si mesmo, enquanto diz a seu Pai: fazei por eles o que fazeis por mim, ponde neles o que pusestes em mim, essa graça santificante que é uma participação à vossa divindade, que torna a criatura semelhante ao seu criador, ca-

paz de atos sobrenaturais e, portanto, mais divinos que humanos; que a herança à qual me dá direito o título de Filho de Deus lhes seja também dada, para que assim se tornem meus co-herdeiros.

Mas, segundo os textos da Sagrada Escritura, é preciso ir mais longe e dizer que o Cristo concorre fisicamente em nós à produção da graça. Naturalmente é Deus mesmo quem derrama a graça na alma; serve-se, porém, da Humanidade de Cristo como de um instrumento que lhe é unido. O instrumento, diz S. Tomás (3 p., q. 62, a. 5), pode muito bem ser distinto daquele que o emprega, assim o açoite é distinto daquele que bate; mas a mão é um instrumento intimamente ligado ao agente. Assim Deus derrama a graça, é a causa produtora, mas a humanidade de Cristo é seu instrumento conjunto, e os sacramentos são seus instrumentos distintos. Esta é a doutrina de S. Tomás e da maior parte dos teólogos.

Há, por conseguinte, ação de Jesus em nossas almas para neles derramar graças, tanto as graças atuais, concedidas aos próprios pecadores, como a graça santificante, com as virtudes e os dons. Ora, toda a ação supõe presença e contacto; há, pois, uma verdadeira união entre Cristo e os homens, união de ordem tão elevada e tão íntima que a linguagem humana não a pode explicar: permanece um mistério enquanto vivemos nas trevas da fé; sabemos que os laços que nos unem ao Cristo são laços íntimos, mas não lhes percebemos senão imperfeitamente a natureza.

### 3. *O amor que Jesus nos tem fá-lo desejar unir-se a nós.*

Por outro lado devemos compreender bem que essa união é o efeito do amor inefável do Verbo eterno para com os homens, seus irmãos, e por aí a dou-

trina do Corpo místico se prende estreitamente à doutrina do Sagrado Coração.

O amor tende à união; é uma força unitiva, *vis unitiva*: "O amor, diz S. Francisco de Sales, outra coisa não é senão a união do amante ao objeto do seu amor". Foi o amor que levou o Verbo encarnado a estreitar num forte abraço todas as almas que veio salvar, guardá-las intimamente unidas à sua Pessoa divina e a lhes comunicar sua vida e todos os seus bens. Essa união, ele a realiza em primeiro lugar pelo batismo. "O cristão, diz S. Leão, depois do batismo não é o mesmo que antes: está preso pelo Cristo; prendeu-se ele mesmo a Cristo; tanto que a carne do batizado se torna a carne do crucificado. *Susceptus a Christo, Christumque suscipiens, non idem est post lavacrum qui ante baptismum fuerat, sed caro regenerati fit caro crucifixi* (Sermo XIV de Passione).

Essa união operada no batismo não bastou ao Coração de Jesus; quis nos provar melhor ainda o seu ardente desejo de uma união íntima quando instituiu o sacramento da Eucaristia. Ali, nos diz S. Crisóstomo, ele misturou-se a nós, pôs o seu corpo no nosso, a fim de que não fizéssemos senão um, assim como a cabeça e o corpo não fazem senão um: aqueles que amam com um amor ardente tendem a unir-se desse modo (Breviário, sábado na oitava de Corpus Christi).

Não podemos negar esse desejo de união, pois o encontramos em nós. É certamente agradável a um coração fiel permanecer junto ao tabernáculo; mais agradável ainda contemplar com seus olhos a hóstia santa exposta às suas adorações e, para aproximar-se de seu Deus, a alma fervorosa se arranca às suas ocupações, impõe-se sacrifícios. Entretanto essa alegria de sentir-se a dois passos de seu Salvador não lhe basta; aspira a recebê-lo no mais íntimo de si mesma, tem sede da comunhão, e o ban-

quete eucarístico lhe causa as alegrias mais vivas e mais profundas.

Já que o desejo de união é o efeito natural do amor, como não se encontraria no Coração de Jesus, que nos ama incomparavelmente mais do que nós a ele? Por conseguinte é impossível conceber o quanto nosso Senhor aspira a unir-se às criaturas humanas. Como ele pode tudo quanto quer, realiza sempre de um certo modo essa união. Mas, respeitoso da liberdade de suas criaturas, une-se-lhes por laços mais ou menos estreitos, conforme se prestam, ou não, ao seu convite. A todos que estão sobre a terra, àqueles mesmos que nunca a aceitaram, ele oferece a união completa, e esses convites afetuosos do Coração de Jesus, junto aos direitos que já adquiriu sobre as almas, pelo muito que padeceu por elas, cria já um laço entre ele e essas almas culpadas. É porque Nosso Senhor disse à bem-aventurada Varani: "Eu sou a cabeça de um corpo do qual todos os cristãos são os membros e do qual muitos me foram, me são, ou me serão arrancados pelo pecado mortal".

Nosso Senhor chama também à união perfeita aqueles que se converterão um dia e que, embora não lhe estejam unidos, nem mesmo pela fé, são, entretanto, o objeto de suas solitudes e de suas amorosas esperanças. Aqueles que se encontram no pecado, mas que têm fé, estão presos a ele por mais um laço, e esse laço lhes vale, mais que aos descrentes, socorros, luzes, graças atuais, embora permaneçam ainda imperfeitos, pois a seiva divina da graça santificante não passa do ceppo aos ramos partidos. A união verdadeiramente vivificante é a que existe entre as almas fiéis e Cristo; essas almas recebem os influxos divinos, e o Salvador derrama sobre elas as ondas da vida divina, cuja plenitude possui. Entretanto, encontram-se ainda nas almas imperfeitas numerosos obstáculos que impedem Je-

sus de agir nelas conforme desejaria. Ditosas, mil vezes ditosas as almas perfeitas, sobre as quais Jesus pode, segundo os desejos de seu Coração, difundir seus dons, e às quais se pode dar a si mesmo, misturando-se à sua vida, comunicando-lhes suas idéias, seus sentimentos, seus desejos, suas virtudes, manifestando-lhes por inspirações diversas o que delas espera, levando-as a realizá-lo, ajudando-as e agindo nelas e por elas. Assim, pelos seus íntimos, Jesus continua a grande obra que veio fazer na terra. E' o que levava S. Paulo a dizer: "O que falta aos sofrimentos de Cristo, em minha própria carne, eu o completo por seu corpo que é a Igreja" (Col 1, 24). Não lhe disse Jesus, nas portas de Damasco, que era ele mesmo o perseguido na pessoa dos seus fléis? (At 9, 5). E o sangue dos mártires que lhes enrubesceu as vestes, não foi também chamado o sangue do Cordeiro? (Apoc 7, 14).

E, no entanto, essa união tão preciosa não é ainda a união perfeita, pois a única que merece este nome é a que existe entre Jesus Cristo e os eleitos. Aquela que o Senhor estabelece aqui na terra pela comunhão é tão estreita quanto possível, mas é passageira e permanece obscura, por se ocultar o Verbo sob o véu das espécies sacramentais, mas, no céu, a comunhão, que será certamente tão íntima quanto a da terra, será perpétua e sem véus. As mais vivas alegrias que a comunhão sacramental proporciona neste mundo às almas mais santas, não são senão uma sombra das que proporcionará a comunhão celeste. No céu ver-se-á claramente que os eleitos são os membros de Cristo e que o Cristo está verdadeiramente todo em todos: *Omnia et in omnibus Christus* (Col 3, 11); no céu o corpo místico de Jesus se revela em sua perfeita unidade e em todo o seu esplendor.

Essa união tão estreita que, em seu imenso amor, o Coração de Jesus forma com suas criaturas, incor-

porando-as a si, fazendo de cada uma delas como que o prolongamento de si mesmo, explica as suas palavras sobre a caridade fraterna: "O segundo mandamento: amarás o teu próximo, é semelhante ao primeiro: amarás ao Senhor teu Deus. Tudo quanto tiverdes feito ao menor de meus irmãos, a mim mesmo o teréis feito. Eu tive fome e vós me alimentaste, tive sede e me destes de beber, estava sem abrigo e me recolhestes, estava nu e me cobristes, estava doente e me visitastes".

#### 4. Como nos devemos manter unidos a Jesus.

Dessa doutrina do corpo místico de Cristo, os autores espirituais, principalmente no século XVII, tiraram aplicações práticas que são mui consoladoras e lindas. Ouvi Eudes (Reinado de Jesus, parte II): "Jesus, Filho de Deus e Filho do homem... não sendo somente nosso Deus, nosso Salvador e soberano Senhor; mas mesmo, sendo nossa cabeça e nós os seus membros e seu corpo, diz S. Paulo, osso de seus ossos, e carne de sua carne (Ef 5, 30) e, por conseguinte, estando unidos a ele pela união mais íntima que possa existir, tal a dos membros à cabeça; unidos a ele espiritualmente pela fé e pela graça que nos deu no santo batismo; unidos a ele corporalmente pela união do seu santíssimo corpo com o nosso na santa Eucaristia, segue-se daí necessariamente que, como os membros são animados do espírito da cabeça e vivem de sua vida, assim também devemos estar animados do espírito de Jesus Cristo, viver de sua vida, caminhar em suas veredas, revestir-nos de seus sentimentos e inclinações, fazer todas as nossas ações nas disposições e intenções com que ele faz as suas, em uma palavra, continuar a realizar a vida, a religião e a devoção que ele exerceu sobre a terra".

Não são estas palavras um excelente comentá-

rio aos conselhos do grande apóstolo: *Induimini Jesum Christum*, "Revesti-vos de Jesus Cristo" (Rom 13, 14). *Induite novum hominem*, "Revesti-vos do homem novo" (Ef 4, 24). *Hoc sentite in vobis quod et in Christo Jesu*, "Animai-vos dos sentimentos que animam a Jesus Cristo" (Filip 2, 5).

S. João Eudes apresenta numerosos textos para estabelecer essa doutrina: "Não ouvís aquele que é a própria verdade dizer em diversas passagens de seu Evangelho: "Eu sou a vida; e eu vim para que tivésseis a vida. Vós não quereis vir a mim a fim de ter a vida. Eu vivo e vós vivereis. Nesse dia sabereis que eu estou em meu Pai e vós em mim e eu em vós" (Jo 6; 10, 10; 5. 40; 14, 19, 20). Isto é, assim como eu estou em meu Pai, vivendo da vida de meu Pai, a qual ele me vai comunicando, assim também vós estais em mim, vivendo da minha vida, e eu estou em vós, comunicando-vos essa mesma vida, e assim eu vivo em vós e vós vivereis comigo e em mim. E o discípulo bem-amado não nos clama também que Deus nos deu uma vida eterna e que essa vida está em seu Filho, e que aquele que tem em si o Filho de Deus tem a vida; e, ao contrário, aquele que não tem o Filho de Deus em si, não tem a vida (1 Jo 5, 11, 12); e que Deus nos enviou seu Filho ao mundo, a fim de que vivamos por ele (1 Jo 4, 9); e que estamos neste mundo como Jesus aqui esteve (Heb 2, 17), isto é, que estamos em seu lugar e que devemos viver como ele mesmo viveu?

E no Apocalipse, não nos anuncia que o esposo bem-amado de nossas almas, que é Jesus, vai sempre pregando e dizendo: "Vinde, vinde a mim e que aquele que tem sede venha e tome água da vida gratuitamente" (Apoc 22, 17), isto é, que venha e beba em mim a água da vida?... (Jo 7, 37).

E que nos prega a cada instante o divino apóstolo S. Paulo, senão que estamos mortos e que a nossa vida está escondida com Cristo em Deus (Col

3, 3); que o Pai eterno nos vivificou com Jesus Cristo e em Jesus Cristo (Ef 2, 5; Col 2, 13), isto é, que não somente nos fez viver como seu Filho, porém em seu Filho, e da vida de seu Filho, e que devemos manifestar e fazer transparecer a vida de Jesus em nossos corpos (2 Cor 4, 10, 11), que Jesus Cristo é nossa vida (Col 3, 4)?... Em uma outra passagem, falando aos cristãos, diz que pede a Deus que os torne dignos de sua vocação (do seu chamado), que realize plenamente nesses cristãos todos os designios de sua bondade e da obra da fé, a fim de que o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo seja glorificado neles e eles em Jesus".

Unir-nos a Jesus, pedir-lhe que trabalhe em nós, sofra em nós, interceda por nós, e nos considere como um membro do Cristo, um instrumento que ele mesmo deve pôr em movimento, um órgão que deve animar, é uma prática que consola e fortifica!

Quando agimos, quando cumprimos com os nossos deveres de estado, sentimos vivamente a nossa impotência; quando sofremos, verificamos, com pesar, que não sabemos sofrer; quando rezamos, reconhecemos a nossa indignidade e temos consciência de que as nossas orações em nada podem glorificar a Deus. Unamo-nos, pois, a Jesus, peçamos-lhe para cumprir por nós todas essas santas obrigações e depois consolemo-nos; Jesus, a quem chamamos, vem; ele aceita de trabalhar, sofrer, e orar em nós e de dar a todas as nossas obras uma dignidade, um mérito e uma eficácia que não teriam sem ele. "E' preciso, escrevia S. Margarida Maria a uma visitandina de Moulins, que nos consumamos todas nessa fornalha ardente do Sagrado Coração do nosso adorável Mestre... e depois de termos lançado o nosso coração, todo cheio de corrupções, nas chamas divinas do puro amor, aí devemos tomar um outro, novo, que nos faça viver para o futuro de uma vida renovada... é preciso que esse divino Coração de

Jesus tome de tal modo o lugar do nosso, que só ele viva e atue em nós e por nós, que sua vontade mantenha a nossa por tal forma aniquilada, que possa agir sem resistência alguma da nossa parte; enfim, que seus afetos, pensamentos e desejos tomem o lugar dos nossos, mas principalmente o seu amor, que se amará a si mesmo em nós e por nós" (Obras, t. II, p. 468).

Todos conhecem a bela oração do padre Olier: "O' Jesus, vivendo em Maria, vinde e vivei em nós, com o vosso espírito de santidade, na plenitude do vosso poder, na perfeição de vossas veredas, na verdade de vossas virtudes, na comunhão de vossos divinos mistérios; dominai em nós todas as forças inimigas, na virtude de vosso Espírito e para a glória de vosso Pai". Assim também, que Jesus reproduza em nós suas virtudes, comunicando-nos as disposições que o animavam nos diversos mistérios de sua vida mortal, a humildade de sua encarnação, a pobreza de seu nascimento, o recolhimento de sua vida escondida, o zelo de sua vida pública, o fervor de suas orações, a generosidade de sua imolação, para que Deus veja em cada um de nós, não mais a criatura com seus membros, porém, a imagem fiel, a fotografia de seu divino Filho em quem pôs todas as suas complacências. Digo mais: que ele veja em nós o próprio Jesus cobrindo-nos, envolvendo-nos, escondendo-nos em si, Jesus animando-nos, movimentando-nos, agindo em nós e por nós.

Eis as aplicações desta bela doutrina: nós somos os membros do corpo místico do qual Jesus é a cabeça; cada membro está sujeito à sua influência divina e dele recebe graças, ao menos graças atuais; Jesus ama cada um de nós com um amor inefável e esse amor faz com que ele se mantenha unido a todos por uma união que deseja tornar cada vez mais estreita, cada vez mais perfeita. Devemos, por conseguinte, ver Jesus em nosso próximo. Devemos vê-lo

também em nós e vivermos intimamente unidos a ele, penetrando-nos de suas idéias, de seus sentimentos, unindo nossas intenções às suas intenções, nossas orações às suas orações, nossos trabalhos e nossos sofrimentos aos seus trabalhos e aos seus sofrimentos, sacrificando constantemente nossa vontade em favor da sua, e agindo em tudo com ele e como ele, e ele mesmo fará o resto. Auxiliará os nossos esforços, impregnar-nos-á de suas graças, comunicar-nos-á suas luzes, suas afeições, sua força, animar-nos-á e conduzir-nos-á pelo caminho da perfeição. Fará de nós um outro Jesus, e então poderemos dizer: "Não sou mais eu quem vive, é Jesus quem vive em mim" (Gál 2, 20).

## CAPÍTULO VI

### Da transformação da alma em Deus

#### 1. Deus quer imprimir no homem a sua imagem.

Para resumir em uma só palavra toda a ordem da vida espiritual, basta dizer: "a vida espiritual é o conjunto do trabalho da graça e dos esforços da liberdade humana, a fim de reproduzir na alma a semelhança perfeita com Deus; toda a vida espiritual, dizem os santos Doutores, tende à união e à transformação da alma em Deus".

"Façamos o homem à nossa imagem e semelhança", havia dito o Senhor no dia da criação. O pecado original veio destruir o plano divino; Deus, porém, recomeçou sua obra e a prossegue em cada um de nós. O trabalho de assimilação começa no batismo, quando Deus derrama na alma do batizando a sua graça santificante com as virtudes e os dons inerentes; a alma recebe então como que uma emanção da Divindade, que lhe penetra a substância e as faculdades, dando à primeira uma beleza divinal e às outras o poder de operar divinamente, tornando-a participante da natureza divina: *divinae consortes naturae* (2 Ped 1, 4). Mais tarde, quando a alma estiver em estado de produzir atos, Deus, por suas graças atuais, agirá ainda sobre ela, e essa ação tenderá a torná-la cada vez mais semelhante a ele pela prática das virtudes.

Deus tende, portanto, a reproduzir-se. Como o calor aquece e a luz ilumina, Deus deifica, isto é, torna semelhante a si. Cada um de seus atributos, operando sobre a alma, imprime-lhe a sua semelhança. Sua sabedoria torna as criaturas sábias; sua bondade torna-as boas; sua misericórdia torna-as compassivas e indulgentes; sua longanimidade torna-as suaves e pacientes; sua verdade torna-as humildes; enquanto sua pureza purifica-as, seu amor abraça-as. Cada ato de virtude que praticamos é a reprodução de um desses atributos, a participação a uma dessas perfeições e cada pecado que cometemos é, pelo contrário, a repulsão de um atributo divino, constringido a manter-se inativo, é o empecilho a uma obra de Deus, aniquilada. O homem, e também o anjo, embora criados livres, têm o triste poder de encadear, por um momento, a Deus.

Por um momento apenas, posto que, sobrevindo a morte, Deus retoma a sua obra; quebram-se então as barreiras opostas pela liberdade humana à operação dos atributos e o atributo divino age com um poder tanto mais terrível quanto mais comprimido fora. Os obstáculos que a alma opusera à operação divina, por suas resistências, permaneceram nela, se a penitência que expia e repara não os tiver destruído. Então, quando os atributos divinos tornam novamente à liberdade, agem como vingadores e desenvolvem contra esses obstáculos uma atividade consumidora e dolorosa.

Se os obstáculos, por parte da criatura, são faltas mortais não retratadas, se, por conseguinte, se encontram em uma alma rebelde, definitivamente desviada de Deus e apegada ao mal, os atributos divinos cumprirão eternamente sua obra de justiça e serão um fogo que consumirá o réprobo. Como a vontade do culpado, mantendo-se rebelde, sustentará eternamente esses elementos perversos, a ação vingadora encontrará sempre matéria na qual se exer-

cer e os tormentos serão sem fim. Deus, presente em toda parte, atua em toda parte, e, nas criaturas livres, criadas para lhe reproduzirem a imagem, a influência divina tende a imprimir sua pureza, sua santidade, seu amor no condenado. Essa ação divina, indo de encontro a uma vontade rebelde, fixada eternamente no ódio a tudo quanto é pureza, santidade e amor, causa terríveis torturas.

Se a vontade renunciou ao mal, voltando-se para Deus, os atributos divinos irão, pouco a pouco, consumindo os obstáculos que, maculando a alma, se opuseram, outrora, à sua ação amorosa, e destruindo tudo que lhes for contrário ou lhes vele o esplendor; esses atributos, porém, não acrescentarão nenhum outro esplendor à alma, como fazem, antes da morte, àquela que se prestou à sua ação, e na qual penetram mais profunda, e se dilatam mais amplamente. Assim é que cada ato e mesmo cada pensamento que tiver contrariado voluntariamente a vida divina, ou sido uma barreira à expansão, ao deramamento em nós da luz, da bondade, da paciência, da caridade divina, será um alimento para as chamas vingadoras. Essa obra de destruição, essa purificação das faltas, que se fará no purgatório, será tanto mais dolorosa, quanto mais graves e mais numerosas tiverem sido as resistências e tanto mais longas quanto mais tempo tiverem durado.

Felizes dos que não esperam as penas horríveis do purgatório para se desembaraçarem das manchas do pecado, e que se aplicam em tornar-se já neste mundo um espelho fiel da Divindade! Nessas almas justas, cada atributo divino produz o seu fruto, opera a sua semelhança; sua ação, amorosamente oferecida por Deus, é amorosamente aceita pela alma. Deus diz à sua criatura: Queres que a minha luz te ilumine, que a minha bondade, a minha paciência, a minha caridade se comuniquem a ti? Custar-te-á um pouco, pois será preciso que as oposições de tua

natureza pervertida sejam aniquiladas, porém te tornarás cada vez mais semelhante a mim. E a alma fiel aceita generosamente e participa das perfeições de Deus.

E essa participação pode ser de todos os instantes. Cada um de nossos atos de virtude é portanto como o transbordar da Divindade em nossas almas; e como essas são recipientes de uma capacidade imensa, e como é infinito o oceano das perfeições divinas, ao qual nos desalteramos, as almas generosas e fidelíssimas, que se abrem, não pela metade, mas completamente, tornam-se maravilhosamente ricas. A Divindade as cumula de bens; tendo em si toda a beleza, as embeleza e transfigura; sendo a onipotência, as fortifica; sendo a própria santidade, as aperfeiçoa e santifica.

Será necessário acrescentar que essa participação nos atributos divinos comporta inúmeros graus?

No começo da vida espiritual, o trabalho da alma consiste em lutar contra as inclinações viciosas, em afastar os atos pecaminosos, sendo-lhe necessário refletir e recorrer a longas considerações. E' porque se decide mais ou menos lentamente a evitar o mal e praticar o bem. De certo a virtude assim praticada é, naturalmente, obra da graça divina e da liberdade; mas, no meio dessas dificuldades do espírito, que procura esclarecer-se, e das lutas da vontade que quer sair de sua indecisão, a graça não tem plena facilidade de exercer sua ação e os atributos não se reproduzem senão imperfeitamente.

2. *Devemos afastar tudo que nos impede de nos assemelhar a Deus e nos deixar purificar.*

O primeiro dever da alma deve ser, pois, destruir tudo quanto nela se opõe à ação da graça e, pelas vitórias sobre seus defeitos, pelos sacrifícios generosos, diminuir-lhe as más tendências e fortificar-lhe

as boas disposições. As primeiras vitórias atraem sobre a alma novas graças, e mormente as luzes que lhe fortalecem e iluminam a fé. Penetra então na vida de piedade. Mais esclarecida, torna-se capaz de virtudes mais altas; tem menos dificuldades e já maiores méritos; sua semelhança com Deus se acentua cada vez mais.

Restam-lhe ainda, porém, numerosos obstáculos, que, sem fazer uma oposição radical à graça, lhe tolhem ainda a ação. Quantas condescendências consigo mesma, mais ou menos confessadas, quanta procura de satisfações pessoais, quanto amor próprio sempre vivo, quanto apego secreto em que o espírito se compraz e se perde, quantos sentimentos, puramente naturais, desejos, preocupações, dores e alegrias que nada têm de divino e que impedem a assimilação do homem a Deus! O dever da alma piedosa é afastar para bem longe de si todas essas imperfeições, esquecendo-se, tendo-se em conta de nada, renunciando-se continuamente. "Desde que nos despojamos de nós mesmos, dizia S. Vicente de Paulo, Deus nos encherá de si, pois ele não pode admitir o vazio". E S. Joana de Chantal dizia também: "Quanto mais nos despojarmos de tudo que não é Deus, tanto mais ele nos encherá de si mesmo" (Obras, t. III, p. 264). Deus enche de si aqueles que se esvaziam de si mesmos. Quão fecundo é esse princípio! Esvaziar o espírito, esvaziar o coração de tudo que não é divino ou sobrenatural, tal é o grande meio de que dispõe a alma piedosa para atrair sobre si os dons de Deus. Entretanto, mesmo os que trabalham fielmente nesse sentido, não conseguiriam purificar o espírito e o coração, se o Senhor os não ajudasse por provações muito penosas e longas, porém eminentemente salutares.

1) Vida, por Abelly, l. I, cap. XXI. Ver nas Palavras Divinas, XXX, 25, como o Senhor prometeu encher de seus dons aqueles que se esvaziarem de si mesmos.

A Sagrada Escritura insiste em dizer que a alma justa precisa desembaraçar-se de suas impurezas, como o ouro precisa passar pelo fogo para se purificar das escórias que lhe embaciam o fulgor. "O Senhor conhece o meu caminho, diz o santo homem Job a Elifaz, isto é, sabe que me experimenta como ao ouro que passa pelo fogo: *probavit me quasi aurum quod perignem transit*" (Job 32, 10). "Como a prata é posta à prova no crisol, e o ouro é purificado no forno, assim o Senhor experimenta os corações" (Prov 17, 3). "As almas dos justos estão nas mãos de Deus... Se aos olhos dos homens sofreram penas... foi que Deus os experimentou e os achou dignos de si; ele os pôs à prova como o ouro na fornalha" (Sáb 3, 1-16). "O ouro e a prata se experimentam no fogo, e os homens agradáveis a Deus, no crisol da humilhação" (Ecli 3, 5). Em Zacarias (13, 8), o Senhor, depois de declarar que castigará os culpados, falando dos que forem fiéis, diz: "Farei passar esta terceira parte pelo fogo; eu a purificarei como se purifica a prata; eu a experimentarei como se experimenta o ouro". "O Senhor, diz Malaquias (3, 3), se assentará como aquele que funde e purifica a prata; purificará os filhos de Levi e os tornará puros como o ouro e a prata e eles oferecerão então sacrifícios ao Senhor em toda a santidade". "Deveis alegrar-vos, escreve o apóstolo S. Pedro, embora vos seja necessário passar ainda algum tempo por diversas provações, a fim de que a vossa fé, assim provada, mais preciosa que o ouro que se experimenta na fornalha, vos seja um motivo de louvor, de glória e de honra quando se manifestar o Cristo Jesus" (1 Ped 1, 7). "Meus bem-amados, não vos surpreenda o fogo ardente que serve para vos provar, como se fosse uma coisa extraordinária" (Ibid. 4, 12).

As graças purificadoras são necessárias e precedem as graças transformadoras. Cada vez que o

Senhor se dispõe a conceder à alma graças mais elevadas, mais iluminativas, mais aptas a torná-la semelhante a si, ele a prepara por provações que lhe consomem os elementos impuros, e essas purificações sucessivas são tanto mais rigorosas, quanto mais a alma se adianta na santidade. Nos desígnios de Deus, sem dúvida, essas provações devem aumentar o mérito dos justos, e tornar-lhes mais poderosas as intercessões em favor de seus irmãos, mas explicam-se também, principalmente na primeira fase de sua vida, antes que tenha chegado à santidade consumada, pela necessidade que sentem esses generosos servos de Deus de se libertarem, não somente dos vestígios do pecado, mas de tudo quanto ainda têm de muito natural, de muito, ousado dizer de demasiadamente humano. Com efeito, toda precipitação, todo ardor natural é um obstáculo à expansão completa da graça, e impede a plena transformação da alma em Deus. As almas pouco ardentes na renúncia julgam-se muito provadas quando seu amor próprio é humilhado, quando sua vontade é contrariada, quando sofrem quaisquer privações ou dores físicas. São, de fato, provações, porém o mais das vezes não atingem senão a superfície da alma, e quem não passou por outras, não pode ter senão virtudes pouco profundas. As provações que purificam deveras são aquelas que penetram até ao âmago da alma.

### 3. *A alma, enquanto se purifica, diviniza-se.*

São numerosos os exemplos dessas provações salutarés na vida dos grandes amigos de Deus. Um dos personagens santos, no qual sobressai a obra purificadora da graça e os efeitos de transformação que produz, é o padre Olier. Tendo alcançado um grau heróico no amor de Deus, e havendo atingido, depois de dez anos de rigorosas penitências, um grau de pureza eminente pela prática constante de virtudes

admiráveis e por provações de toda sorte que a Providência lhe preparou, foi reduzido a um estado de invalidez completa. Suas faculdades sofreram uma espécie de paralisia, sua inteligência ficou embotada, sua vontade, entorpecida. Aprendeu por aí a não ter mais confiança alguma em seu talento, a não procurar apoio algum em suas qualidades naturais e sim a tudo esperar do influxo da graça.

Deus lhe concedeu então o favor de uma união extraordinária com Jesus Cristo, que o fez participar, tanto quanto possível, dos atributos divinos. "Nesse estado, diz ele, parece que tanto o homem exterior, como o interior não tem outra vida senão a de seu divino chefe, porquanto a alma não pode descobrir em si outro princípio que lhe inspire as ações e os sentimentos, senão a Jesus Cristo que nela vive e opera. Eu sinto-lhe a direção no emprego de minhas faculdades naturais, e mesmo até na composição do corpo que era outrora tão desregrada. Sinto agora o Espírito de meu Senhor que me dirige na minha atitude, na minha conduta, até nas minhas palavras... Quando quero escrever, sinto que esse divino Espírito quer conduzir e regular todos os movimentos de minha mão. Eu me presto e me entrego a ele, como um instrumento que não tem ação própria e pessoal... Difunde-se por todo o meu ser, como se estivesse no lugar de minha alma, como se fosse uma segunda alma a me animar e sustentar, e que se serve de todo o meu ser, como a alma dispõe dos movimentos do corpo, porém, com maior doçura e maior forma... Experimento a mesma mudança em relação às faculdades da alma e dos dons naturais. Em troca de trevas tão espessas, tenho agora muitas luzes; em troca da confusão de meu espírito, tanta clareza em meus pensamentos; em troca de aridez desoladora, efeitos tão bons; em troca dessa detestável e funesta preocupação de mim mesmo, sentimentos

de amor e de elevação para Deus. Sou obrigado a confessá-lo: é o Espírito divino que assim me penetra e me possui" (Vida, por Fallion, I parte, l. VII).

Raros são aqueles que alcançam, já nesta vida, uma união tão perfeita com Deus. As mais das vezes, a transformação apenas se faz sentir enquanto a alma permanece na prisão do corpo. Inicia-se na via purgativa, desabrocha na via iluminativa, mas só se realiza na via unitiva, quando os dons do Espírito Santo operam abundantemente na alma. Então será habitualmente esclarecida, abrasada, penetrada por esse divino Espírito, participando largamente das perfeições divinas.

São, pois, principalmente as almas unidas a Deus que podem aplicar-se a grande palavra de S. Paulo: "Refletindo como num espelho a glória do Senhor, nós somos transformados nessa mesma imagem, com esplendor sempre maior". *Gloriam Domini speculantes in eandem imaginem transformamur* (2 Cor 3, 18). Essa imagem é a semelhança do Cristo; os traços de Jesus substituem pouco a pouco os nossos. Tornando-nos porém imagem do Cristo, tornamo-nos já por isso uma imagem de Deus cada vez mais fiel. E essa transformação se opera pela ação do Espírito Santo, que, transfigurando-nos, nos leva a subir de esplendor em esplendor: *a claritate in claritatem a Domini Spiritu*.

Como ficou dito acima, quando, no momento da morte, a obra de purificação não estiver ainda completa, irá terminar-se no lugar de expiação; se já estiver adiantada, será muito menos penosa; além disso, as santas disposições que se encontram nas almas e que são uma participação às luzes e aos sentimentos de Deus, lhes abrandam as penas.

No céu a alma sente em si os efeitos beatíficos dos atributos divinos, pois tudo quanto é divino traz em si alegria e felicidade. A alma bem-aventurada, na qual as mais leves manchas são consu-

midas, os mais fracos obstáculos são aniquilados, será então transfigurada perfeitamente, e divinizada. Participando das perfeições de Deus na medida em que delas participou voluntariamente sobre a terra, quanto mais se uniu pelas suas virtudes à divindade ativa, tanto mais participará da divindade beatífica.

"Meus bem-amados, escreve o apóstolo S. João (1 Jo 3, 2), nós somos desde já filhos de Deus, e o que seremos depois não nos foi manifestado ainda; sabemos, porém, que seremos semelhantes a ele: *similes ei erimus*. "O Cristo que está todo em todos: *omnia et in omnibus Christus*, manifestar-se-á em cada um dos eleitos. *Vos cognoscetis quia ego sum in Patre et vos in me et ego in vobis* (Jo 14, 20). *Ego in patre et pater in me est* (Ibid. 10). Saberemos então e veremos que Jesus viverá em nós e operará em nós, Jesus, que viverá em seu Pai e em quem seu Pai viverá; haverá, pois, uma união maravilhosa, inefável entre Deus e seus filhos. Embora deixando a cada um sua personalidade e sua liberdade, Deus se mostrará como que penetrando e transfigurando os eleitos. Veremos que nele vivemos, nos movemos, nele estamos: *in ipso vivimus et movemur et sumus*; veremos nossa substância mantida por ele, nossos pensamentos, nossas vontades, nossas operações procedendo ao mesmo tempo dele e de nós. Em nossa pessoa, então toda purificada, toda iluminada, toda abrasada, tudo será digno de Deus; sem cessarmos de ser criaturas, seremos como que divinizados, transformados em Deus, cujo plano, anunciado desde a origem, será plenamente cumprido. *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram*: façamos o homem à nossa imagem e semelhança. *Erit Deus omnia in omnibus*. Deus será tudo em nós (1 Cor 15, 28).

SEGUNDA PARTE

DOS MEIOS DE OBTER A PERFEIÇÃO

## CAPÍTULO VII

### Da graça divina

#### 1. A predestinação divina e a cooperação humana.

“Deus quer a salvação de todos os homens: *Deus vult omnes homines salvos fieri* (1 Tim 2). *Non est voluntas ante Patrem vestrum qui in caelis est, ut pereat unus ex pusillis istis.* E’ a vontade de vosso Pai que está no céu que não se perca um só de seus filhos” (Mt 18, 14). A todos oferece graças suficientes para se salvarem. Ele não quis, *a priori*, por decisão prévia, isto é, anterior à previsão dos méritos e dos pecados, salvar uns e perder outros; nem disse tão pouco: quero antes de tudo, e a todo custo, salvar Pedro e perder Judas, e por isso vou conceder a Pedro graças a que há de corresponder, e a Judas graças a que não há de corresponder. Não, no seu amor imenso, ele quer a salvação eterna de todos, e poderá dizer a cada um dos condenados: *Quid est quod debui ultra facere et non feci?* Que deveria eu fazer por ti que não tenha feito? (Is 5, 4).<sup>1</sup>

1) Aqueles a quem perturba o mistério da predestinação, lembremos estas palavras de S. Agostinho: “Quais são os eleitos? Vós, se o quiserdes”. “Quis es iste? Vos, si vultis” (In. Evang. Joan. tr. 26, a. 2). O céu foi preparado para outros: Pois bem, sede outros e o céu terá sido preparado para vós. “Allis paratum est: et, vos alli estote et vobis paratum est. (In ps. 126, n. 4).

No entanto, se ele quer salvar todos os homens, e se, em virtude dessa vontade, se dispõe a dar, a todos aqueles que não lhe opuserem obstáculos, graças amplas e suficientes, não quer conceder a todos a mesma medida de graças. Agindo livremente, por ser o senhor de seus dons, e segundo os designios impenetráveis de sua sabedoria infinita, determina que uns receberão grandes graças e outros graças menores. Na escolha dessas graças, não o guia a previsão da maior fidelidade de uns, e da menor fidelidade de outros. Não procuremos outros motivos senão o seu bel-prazer e a sua insondável sabedoria. Além do mais, no que faz para os menos favorecidos, fá-lo guiado sempre pela bondade e pelo amor, e todos, mesmo os miseráveis que abusam de suas graças, reconhecerão um dia que foram alvo de seus benefícios.<sup>2</sup>

Sem dúvida, Deus prevê que os pecadores obstinados não se aproveitarão dos seus convites, preferindo perder-se. Ele mantém, apesar disso, o decreto que os chama à existência, e pelo qual lhes dará tais e tais auxílios, com os quais poderiam alcançar a salvação. Mantém-na, porquanto ele, Senhor e soberano, não pode depender de seus súditos, nem ser tolhido e impedido em seus designios pela má vontade alheia. Não é possível que Deus seja obrigado, antes de conceder seus benefícios, a prostrar-se diante de suas criaturas, e lhes perguntar humildemente de que graças estariam dispostas a se aproveitar. Nesse caso, diz S. João Damasceno, seria o pecador quem havia de vencer a Deus, cujo poder limitaria (Fé ort., l. IV, cap. XXI).

Tanto a medida como o gênero de graças distribuídas a cada um depende, antes de tudo, da vontade de Deus; como o rei da parábola, ele dá a

2) "Nenhuma alma se perde, dizia Nosso Senhor a uma santa carmelita de Belém, Maria de Jesus Crucificado, sem que eu lhe tenha falado mil vezes ao coração".

um cinco talentos; a outro, dois; a outro, um só. Quem recebeu mais, poderá ganhar muito mais. Deus, porém, fez o homem livre e respeita-lhe a liberdade. Ora, sendo livre, ele pode se aproveitar fielmente das graças divinas que se sucedem sem interrupção, e se multiplicam segundo os designios primeiros da Providência divina. Pode também, ao contrário, mostrar-se menos fiel, e, pela sua resistência ou negligência, opor obstáculos, maiores ou menores, à torrente das liberalidades divinas.

Inúmeros exemplos poderiam ser dados sobre os diversos modos de se aceitarem as graças de Deus. Maria e Zacarias receberam ambos uma mensagem divina por intermédio de Gabriel. Maria acreditou na palavra do arcanjo, e Zacarias, a quem entretanto foi anunciado um milagre menor, mostrou-se incrédulo a princípio. Isaac e Ismael receberam a mesma educação, não a aproveitaram, porém, do mesmo modo; deu-se o mesmo com Jacob e Esaú, com José e seus irmãos. E' verdade que as graças íntimas foram talvez, desde o princípio, mais fortes em Isaac, Jacob e José. Embora os auxílios exteriores sejam os mesmos, a diferença de mérito está em serem mais abundantes as graças interiores, mais insistentes em uns que em outros. A verdade é no entanto que graças iguais produzem efeitos muito diferentes segundo as disposições subjetivas e o grau de fidelidade ou de infidelidade de cada um. Todos os servos de que fala Jesus, na parábola das minas, receberam uma mesma quantia, cada um uma mina; um deles soube ganhar outras dez, o segundo, cinco, enquanto o terceiro nada fez render de todo o depósito que lhe fora confiado. "Se os milagres que têm sido feitos aqui, disse um dia Jesus em Cafarnaum, tivessem sido feitos em Tiro e em Sidon, de há muito que ambas teriam feito penitência na cinza e no cilício" (Mt 11, 21).

Podemos, por conseguinte, fazer frutificar plena-

mente a graça recebida, ou enfraquecê-la de modo a só produzir frutos insignificantes ou ainda torná-la completamente estéril. São Paulo regozija-se porque a graça que Deus lhe fez não foi em vão: *Gratia ejus in me vacua non fuit* (Cor 15, 10). Aliás, que triste poder o de tornar estéril a graça, de inutilizar o esforço divino! Deus, em sua infinita bondade, abaixa-se até nós; ele nos ilumina, nos fortifica, para depois nos impelir a fazer um ato de virtude, a praticar um sacrifício, a realizar, com seu auxílio, uma obra de valor sobrenatural, obra tão divina quanto humana, que o glorificará e nos aproveitará. Pois bem! podemos tornar inútil essa iluminação, essa solicitação de Deus. E, no entanto, é por mera bondade que nos oferece uma graça, a que não tínhamos direito algum, graça que nada em nossa vida teria podido atrair, mas que nos foi unicamente merecida por Jesus. Com efeito, foi preciso que o Verbo eterno descesse do céu, se humilhasse, se imolasse, para que essa graça nos fosse oferecida. O menor pensamento, o menor desejo sobrenatural do bem é fruto do sangue de Jesus.

Que responsabilidade quando essa graça, que tanto custou a Jesus, se torna inútil por nossa culpa! Que ingratidão, que loucura, se a obra, à qual a graça nos impele, obriga gravemente, e se a resistência que lhe opomos constitui um pecado mortal! E a responsabilidade é tanto maior quanto mais abundante e mais forte foi a graça. Ah! quão terribes são as maldições proferidas na Sagrada Escritura contra aqueles que abusam de grandes graças. "Ai de ti, Corozaim, ai de ti, Betsaida... No dia do juízo haverá menos rigor para Tiro e para Sidon do que para vós". Tiro e Sidon eram cidades conhecidas pela sua corrupção, e muitas vezes amaldiçoadas pelos profetas. "E tu, Cafarnaum, que te elevas até ao céu, serás abaixada até aos infernos...

Sim, eu te digo, haverá menos rigor no dia do juízo para o país de Sodoma que para ti" (Mt 11, 21).

Aqueles que recebem grandes graças mantêm-se dificilmente na mediocridade: ou se elevam bem alto na virtude ou se expõem a enterrar-se profundamente no pecado. Não houve medíocres entre os discípulos de Jesus; os que quiseram se aproveitar de suas graças, tornaram-se grandes santos, enquanto o único rebelde tornou-se um monstro de iniquidade. Um dia, a Madre Maria do Divino Coração, ainda noviça, confessava-se a um religioso. "Eu tive, disse ela, um aviso de que esse padre seria um santo ou um demônio". Infelizmente os fatos provaram que não se enganara: ele não quis ser um santo, e, passados alguns anos, afligia os católicos alemães por uma apostasia altamente proclamada, tornando-se amigo do imperador e inimigo da Igreja!

Não é somente repelindo obstinadamente a graça de Deus que esta se torna estéril e que se lhe diminui o curso, é também negligenciando-a, não querendo esforçar-se para dela se aproveitar. *Noli negligere gratiam quae est in te*, diz S. Paulo a Timóteo (1 Tim 4, 14). "Não negligencies a graça que te foi dada". Não fosse essa negligência, e haveria no mundo legiões de almas perfeitas. "Por que, pergunta S. Francisco de Sales, não progredimos no amor de Deus como S. Agostinho, S. Francisco de Assis, S. Catarina de Gênova, S. Francisca Romana? E', Teótimo, porque Deus ainda não nos concedeu essa graça. E por que não no-la concedeu? Porque não correspondemos devidamente às suas inspirações" (Amor de Deus, 11, II). E o santo Doutor faz esta comparação: Se nos derem um remédio e o recusarmos por culpa própria, o remédio ficará sem efeito. Se, em vez de o tomarmos todo, bebermos apenas um gole, não produzirá o efeito desejado, e isto ainda por nossa culpa. Assim se dá com a graça: pede-nos muito. Se não lhe dermos senão

uma parte do que nos pede, ou se, em vez de lhe darmos tudo de boa vontade, lho dermos com certa reserva, com certo receio, e, por assim dizer, de mau grado, a graça não produzirá os efeitos salutarres que Deus desejava operar por seu meio; sem se tornar inteiramente estéril, será, por nossa culpa, pouco fecunda.

“Um ato feito com fervor, escrevia S. Inácio aos jesuitas de Coimbra, nos é mais proveitoso que mil outros feitos com indolência”. A graça nos leva a rezar bem, e rezamos sem atenção, sem fervor, porque, para rezar bem, seria necessário um esforço enérgico e isso nos custa; a graça nos insta a desempenharmos perfeitamente os nossos deveres de estado, e não os praticamos senão com indolência e descuido; inspira-nos a nos dedicarmos ao próximo, a nos sacrificarmos para dar prazer e mais ainda para fazer o bem, e medimos a nossa dedicação. E’ negligenciar a graça. Quando a graça nos impele a praticar atos de virtude que não são obrigatórios, privações, mortificações, podemos não lhe prestar ouvidos sem por isso nos tornarmos rebeldes, pois Deus não ordena, pede apenas. Se nos excusarmos, pretextando motivos fúteis, é ainda negligenciar a graça. Há pessoas que encontram sempre desculpas para evitar tudo que importuna; acabam por enganar-se a si mesmas, e perdem toda e qualquer inspiração. Aqueles que as dirigem, surpreendem-se ante o pouco progresso dessas almas que são no entanto pessoas de piedade e desejosas de perfeição. E’ que negligenciam as graças que lhes são concedidas; Jesus lhes fala ao coração para pedir-lhes sacrifícios, como faz com todos os seus filhos; elas, porém, encontram sempre pretextos fúteis para se esquivar.

## 2. Quanto são culpados e insensatos aqueles que correspondem mal às graças divinas.

Aqueles, portanto, que são pouco corajosos, que não sabem fazer-se violência, tolhem os planos divinos. Pela sua conduta dizem a Deus: Não será como vós o quisestes. Chamando-me à piedade, dando-me todos esses conhecimentos que não são dados à maior parte dos cristãos, oferecendo-me tantas graças, ao ponto de poder eu receber mais em um dia que outros em um ano, vós quisestes fazer de mim um cristão perfeito, e eu não quero ser senão uma alma vulgar. Quisestes que eu fosse para vós um consolador e eu não vos darei essas consolações que tanto merece o vosso amor. Quisestes que eu fosse um reparador, e eu não repararei os pecados dos outros, nem quero, mesmo neste mundo, fazer penitência pelas minhas próprias faltas. Quisestes que eu fosse aqui na terra, mas sobretudo no céu, durante a interminável eternidade, vosso amigo íntimo, e eu não o quero ser, contentando-me em ser um dos vossos servos. Vós perdereis, pois eu não vos renderei a glória que esperáveis de mim. Eu perderei, e as almas perderão também, pois eu não farei o bem que poderia fazer, mas pouco me importa. Para corresponder aos vossos desígnios, seria necessário fazer-me violência, mortificar o meu corpo, os meus gostos, reprimir a minha imaginação, conter as minhas palavras, renunciar-me constantemente. Custa-me demais, prefiro viver suavemente e não me constranger tanto. Seria preciso, quando viessem as provações, as contradições, as humilhações, aceitar tudo por amor; pois bem, eu não tenho essa coragem. Deixar-me-ei levar pela irritação ou pelo abatimento, cedendo à minha natureza de preferência a combatê-la em obediência à graça. Embora aqueles que negligenciam as graças de Deus não pronunciem tais palavras, seus atos falam por eles, e toda a sua conduta revela semelhante linguagem.

Que loucura privar-nos dessas vantagens eternas que Deus nos oferece para darmos à natureza satisfações passageiras, ou não querer constrangê-la e impor-lhe o incômodo, ou o sofrimento de um instante!

Sim, loucura e culpa, que Deus castiga sempre, como sempre recompensa a fidelidade. E a primeira recompensa da fidelidade à graça é um acréscimo de graça, enquanto o primeiro castigo da resistência à graça é uma diminuição de graça. Falando dos pagãos que haviam abandonado o verdadeiro Deus para cair na idolatria, S. Paulo nos diz três vezes que Deus os entregou ao mal, ao mal que eles amavam: *Tradidit eos in desideria cordis eorum*: Entregou-os aos desejos de seus corações (Rom 1, 24) *Tradidit eos in passiones ignominiae*: Entregou-os às paixões indignas. *Tradidit eos in reprobum sensum*: Entregou-os ao vício condenado. Que desgraça! As paixões as mais degradantes se encontram sempre no fundo da alma humana, e basta que Deus retire em parte suas graças, e diminua a sua proteção, para a alma cair no lodo. E' porque castiga o pecado pelo próprio pecado, e recompensa a virtude por um acréscimo de virtude. Demais, não é justamente o que desejam, e o pecador e o justo? A alma fiel deseja cada vez mais conhecer a Deus, conhecer-lhe as perfeições, os benefícios, os meios de servi-lo e de amá-lo sempre mais; deseja também conhecer-se a si mesma, para humilhar-se e corrigir-se; deseja crescer em virtude e em amor. A alma infiel não aprecia esses conhecimentos que lhe indicam um caminho que ela não quer seguir, e lhe apontam defeitos que não quer perceber e dos quais não quer corrigir-se. Deus é, pois, justo, concedendo graças aos bons, e graças tanto maiores, quanto mais fiéis são. E é justo retirando essas mesmas graças aos pecadores e retirando-as na medida de sua obstinação. Sem dúvida, se a justiça é tempe-

rada pela misericórdia, não é porém aniquilada. A bondade de Deus o incita a conceder graças aos próprios pecadores; a justiça, porém, obriga-o a diminuir-las e a punir o pecado, deixando-o produzir, ao menos em parte, seus funestos efeitos.

O mau emprego das graças lhes acarreta, pois, a diminuição. Isso se dá não somente com os pecadores que rejeitam a graça para permanecerem em seus vícios, mas também, guardadas as devidas proporções, com as almas boas, porém negligentes, que correspondem imperfeitamente às inspirações divinas. Essas almas, é verdade, obedecem o mais das vezes aos chamados de Deus, e, portanto, continuam a receber numerosas graças, mas as graças de escol, que lhes estavam reservadas, não recaem mais sobre elas em tão grande abundância.

Todavia, pelas suas negligências, pelas suas faltas, elas carecem, para retomar o caminho da perfeição, de auxílios mais poderosos. Com efeito, cada falta deliberada predispõe a uma nova falta; cada concessão à natureza expõe a novas concessões. O primeiro efeito de uma culpa é diminuir o horror ao pecado ou à imperfeição voluntária, horror esse que é uma salvaguarda e um preservativo. O segundo efeito é falsear a inteligência toda, pois a falta deliberada se baseia num juízo prático errôneo: a alma procura iludir-se e legitimar a sua conduta por falsas razões. Ser-lhes-á, portanto, mais difícil julgar posteriormente com acerto, e distinguir a regra de conduta a seguir. Sua vontade apega-se ainda mais ao pecado por tê-lo aceito, nele se deleitado, procurando com pleno consentimento a satisfação da natureza. Um esforço se impõe agora se quiser renunciar ao mal. Quando um trem se lança numa direção errada, não pode mudar de rumo sem retroceder e voltar ao ponto de bifurcação que conduz ao termo; será necessário manobrar de novo e ao trem retomar o seu impulso. Ao contrário, enquanto permanecer

no bom caminho, não será preciso senão continuar a rodar, aproveitando-se da velocidade adquirida.

Uma única resistência à graça já causa uma grande perda espiritual, mas uma longa série de infidelidades e o hábito de afastar as inspirações divinas, produz efeitos ainda mais funestos. Quem não se admirou, ao ler a história das dez pragas do Egito, com a incompreensível obstinação de Faraó? "Quem é Javé, disse ele a princípio, para que eu lhe obedeça à voz? Eu não conheço o Senhor, e não deixarei partir o povo de Israel". Moisés desencadeia, então, sobre todo o Egito, terríveis flagelos: as águas do Nilo se transformam em sangue; os animais nocivos se multiplicam de uma maneira assustadora: rãs e sapos, mosquitos e moscas; o granizo inutiliza as colheitas, fazendo perecer rebanhos e pastores; os gafanhotos devoram o que o granizo poupou; úlceras e pústulas aparecem; densas trevas sobrevêm enfim. Cada vez Faraó se perturba, faz promessas; afastado, porém, o flagelo, retrata tudo quanto prometera, e só a décima praga, a morte dos primogênitos, consegue vencer-lhe a obstinação. E ainda, poucos dias depois de deixar partir o povo de Israel, muda de parecer e põe-se a persegui-lo. O seu coração devia ser duro como um rochedo, já que acontecimentos tão pavorosos não conseguiam movê-lo. Certamente esse monarca, que se mostrou tão rebelde às ordens de Deus, sufocara muitas vezes a voz de sua consciência. O arco, que o esforço do momento vergou, retoma a sua forma. Assim também existe, em cada um de nós, uma disposição inerente, dominante, que é o efeito de nossos hábitos bons ou maus, que não muda facilmente, e reaparece sempre que uma impressão passageira, uma influência feliz ou infeliz, um fato novo qualquer a modifica momentaneamente. E assim, os pecadores voltam aos seus pecados, os medíocres à sua mediocridade, as almas fervorosas à sua habitual generosidade.

Como são deploráveis as consequências do abuso das graças! Dessas resistências ao Espírito Santo provém principalmente a diferença, que aumenta todos os dias, entre os perfeitos e aqueles que não o são. A imperfeição não impressiona mais, a inteligência perde as suas luzes, a vontade se torna cada vez mais fraca para cumprir os atos de virtude ante os quais recuou. Ao mesmo tempo, as inspirações divinas se tornam menos frequentes, menos insistentes. Sem dúvida, é sempre possível reagir: por meio de orações e de corajosos esforços, pode-se reconquistar o terreno perdido. Muitos, porém, não o fazem e se assemelham ao arquiteto que, tendo recebido de seu soberano ricos materiais, para lhe construir um magnífico palácio, belas pedras, mármore de alto valor, madeiras preciosas, deixasse perder-se quase tudo e se contentasse em edificar uma modesta cabana.

No juízo particular, será revelado a essas almas, que se mantiverem longe da perfeição à qual eram convidadas, uma multidão de atos de fraqueza, de egoísmo, de sensualidade, de amor próprio, de impaciência, que cometeram, e que Deus não esqueceu.

*Hodie si vocem Domini audieritis, nolite obdurare corda vestra.* Já que tantas vezes ouvimos a voz do Senhor, não tornemos insensíveis os nossos corações, sejamos sempre dóceis, e entraremos um dia no repouso de Deus: *Introibunt in requiem meam.*

## CAPÍTULO VIII

### Da perfeita correspondência à graça

#### 1. Amor de Jesus para com a alma fiel.

Já dissemos o quanto perdem aqueles que repelem ou descuram as graças divinas; ser-nos-á mais agradável agora mostrar o quanto são felizes as almas fiéis.

Essas almas fiéis são muito queridas de Jesus, que se refere a elas com grande ternura! "Minhas ovelhas conhecem minha voz. Eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes darei a vida eterna, elas nunca perecerão, e ninguém as arrancará de minhas mãos" (Jo 10, 17). Ouvindo essa linguagem, vê-se que ovelhas fiéis consolam Jesus da ingratidão das outras. Como ele as ama, como se regozija com a sua fidelidade, feliz por torná-las felizes com ele durante toda a eternidade! Como aprecia essas almas que seu Pai lhe confiou: "O que meu Pai me confiou é maior que todas as coisas, ninguém o arrancará das mãos de meu Pai". Sim, aos olhos de Deus, as almas fiéis são, de muito, superiores a toda a criação; são para Jesus o tesouro dos tesouros. E, quanto mais fiéis são, tanto mais se tornam o objeto de suas complacências.

E no entanto o que essas almas fazem por ele, que tanto fez por elas, é bem pouco. Mesmo aos maiores santos, ao recebê-los no céu, o Senhor pode

dizer em toda a verdade: "Coragem, bom e dedicado servo, porque foste fiel em pequenas coisas, eu te estabelecerei sobre outras maiores". Ele aprecia, porém, essa fidelidade; e qualquer ato, pequeno ou grande, lhe encanta o coração; enquanto qualquer infidelidade, menor ou maior, o entristece. Não nos disse ele: "Quem for fiel nas pequeninas coisas, o será também nas grandes"? (Lc 16, 10). Com efeito, por que deseja a alma fazer perfeitamente as menores coisas? Porque ama a seu Deus e quer agradar-lhe em tudo. Está sempre atenta à voz divina que, no fundo de sua alma, lhe pede ora para aplicar-se, ora para renunciar-se, ora para tudo sacrificar no cumprimento da vontade de Deus: *Vocem meam audient*. "As minhas ovelhas ouvem a minha voz". Então, nas grandes ocasiões, por ser vivo o seu amor, esse bom servo será dócil à voz de Deus, procurando sempre agradar-lhe.

Por que será aquele outro infiel nas pequenas coisas? Porque seu amor é fraco, quer-se demais a si mesmo e menos a Deus; então faz-se surdo às inspirações da graça, e obedece às da natureza. E quando a tentação for mais forte, tímido e indolente como é, saberá por acaso conservar-se fiel?

O Coração de Jesus alegra-se tanto mais em encontrar uma alma plenamente dócil, quanto melhor sabe todo o bem que pretende lhe fazer, e se regozija em cumulá-la de riquezas inapreciáveis. Nada é impossível ao doce Salvador; do pecador mais inveterado, pode fazer um santo. S. Paulo escrevendo a Tito, seu discípulo, a quem sagrara bispo de Creta, pinta-lhe dos cretenses um triste retrato: "Cretenses, sempre mentirosos, malvados e preguiçosos" (Tt 1, 12-13).

E no entanto, a essa gente viciada, Tito deverá ensinar todas as virtudes (Ibid, cap. 2). O apóstolo sabia, e sabia por experiência própria, que nada resiste à graça e que esta opera maravilhas. Os pe-

cados passados, uma vez confessados, deplorados, reparados, em vez de serem um obstáculo a atos de virtude mais generosos, antes os favorecem. O pecador arrependido, que se humilha e faz penitência, atrai sobre si maiores graças do que uma alma que, embora tenha pecado menos, não soube, todavia, humilhar-se nem fazer generosos sacrifícios. Seja qual for o passado, onde houver maior generosidade, haverá maior amor, docilidade, e é o amor, é a docilidade que fazem superabundar a graça.

## 2. Exemplos de fidelidade.

São numerosos os exemplos de grandes pecadores que se tornaram grandes santos. Pedro foi muito culpado quando renegou o Mestre, acrescentando palavras de desprezo: "não conheço esse homem", e imprecções à sua vil mentira; essa grande falta, porém, motivou os seus mais ternos atos de amor. O papa S. Clemente, seu contemporâneo, nos conta que todas as manhãs, a partir do canto do galo, o apóstolo se punha a orar e chorava o seu pecado, a tal ponto que as lágrimas lhe traçaram um sulco nas duas faces. Santo Agostinho, S. Camilo de Lelis, S. Maria Madalena, S. Margarida de Cortona, e quantos outros elevaram-se das profundezas do vício aos cimos do amor.

E' bom considerar essas admiráveis conquistas da graça e nada é mais consolador, porque não há exemplo que nos mostre melhor até onde vai a perfeita docilidade. "Iluminados pelo Espírito do Senhor, diz S. Paulo, subimos de esplendor em esplendor" (2 Cor 3, 18). O Espírito do Senhor age, com efeito, progressivamente; dá primeiro um vislumbre da verdade e pede ligeiros atos de virtude, conquanto a fidelidade a essas primeiras inspirações habilite a alma a receber luzes mais vivas e mais fortes impulsos. A graça se torna cada vez mais exigente, ca-

da vez mais poderosa. Quem lhe é fiel penetra sempre mais avante no conhecimento das verdades divinas, e vê sua força para o bem aumentar constantemente. A alma piedosa é muito mais esclarecida e muito mais merecedora que o simples cristão; a alma fervorosa, muito mais que a alma piedosa; a alma perfeita, muito mais que a alma fervorosa; a alma heróica, muito mais que a alma perfeita.

Nicodemos, ao ver Jesus operar milagres, ficou impressionado. Enquanto seus colegas do sanedrim, desde o princípio, se mostraram rebeldes ao esclarecimento, ele deixou-se tocar pela graça. Mas era tímido, e procurou ter uma entrevista com o Mestre, às escondidas. Essa timidez impressionou por sua vez a S. João, pois cada vez que fala de Nicodemos, não deixa de relembrar que ele fora à noite encontrar-se com Jesus (3, 2; 7, 50; 19, 39). Jesus, entretanto, não lho censurou, foi indulgente para com essa alma reta, embora ainda fraca. Dois anos depois, o trabalho da graça já produzira fruto em sua alma, e ele deu então prova de maior coragem: aos outros sanedristas que externavam seu ódio contra o Salvador, teve a audácia de responder: "Pode nossa lei condenar um homem sem primeiro o ouvir, e sem saber o que fez?" Entretanto, não se declarava ainda discípulo de Jesus, pois, quando os outros lhe perguntaram: "Tu também és Galileu?" não respondeu (Jo 7, 50-12), mas já então protestava contra a injustiça de que Jesus fora vítima. Enfim, seis meses mais tarde, quando Jesus foi condenado, crucificado, quando sua causa parecia perdida para sempre, Nicodemos mostrou-se abertamente seu discípulo.

S. Paulo resistira à graça durante muito tempo. Quando aplaudia a morte de Estêvão, quando anuíva à condenação dos outros mártires (At 26, 10), quando procurava ameaçar de morte os discípulos do Senhor, e partia para Damasco a fim de aí repre-

sentar o papel de perseguidor, recebia certamente graças que desprezava. Se, iludido pelo seu zelo farisaico em favor da lei de Moisés, não compreendia toda a perversidade de sua conduta, ao menos não podia deixar de saber que esse procedimento sanguinário desagradava a Deus<sup>1</sup>. Vencido por uma graça mais forte no caminho de Damasco, mostrar-se-á para sempre plenamente dócil. "Senhor, que quereis vós que eu faça?" E o Senhor nada lhe pede a princípio, senão essa humilde docilidade: "Levanta-te e entra na cidade; lá te dirão o que deves fazer". E Paulo, tomado de arrependimento, passa três dias a orar, sem comer nem beber. O Senhor, para experimentá-lo, deixa-o nas trevas durante algum tempo e depois lhe envia Ananias. Apenas instruído por esse enviado de Deus, Paulo faz brilhar o seu zelo; vai às sinagogas, e ele, o perseguidor da véspera, calcando aos pés todo respeito humano, proclama que Jesus é o Messias, o Filho de Deus. Entretanto, não está pronto ainda para a sua grande missão e, assim como os outros apóstolos passaram três anos de noviciado na escola de Jesus, ele também passou três anos na solidão, recolhendo-se, orando, formando-se à vida interior. Aí "Deus lhe revelou seu Filho" (Gál 1, 16). Depois, durante quatro ou cinco anos, ele se inicia na evangelização, defendendo a causa de Jesus e ganhando-lhe discípulos. Passados sete ou oito anos de sua conversão, por ordem do Espírito Santo, é elevado ao episcopado e parte para suas longas missões. Então vai cumprir-se a palavra de Deus a Ananias: "Eu lhe mostrarei tudo quanto deve sofrer pelo meu nome" (At 9, 16): seus trabalhos incessantes, suas privações, suas tribulações de toda espécie,

1) São Paulo atestou a sua culpabilidade, alegando, porém, a sua ignorância: "Fui outrora um blasfemador, um perseguidor, um insultador, mas alcancei misericórdia, porque agia por ignorância" (1 Tim 1, 13).

suas orações e suas virtudes, fizeram-no subir até ao cume da santidade. E S. Paulo resumia toda essa vida de ascensões contínuas, dizendo: "Tudo quanto sou, eu o sou pela graça, mas a graça em mim não foi estéril".

### 3. O lucro das almas retas e corajosas.

Como não há de produzir maravilhas em um coração dócil essa graça divina? Deus, o Ser, infinitamente bom e infinitamente santo, não deseja senão comunicar os seus bens, e levar o seus filhos a compartilhar de sua santidade e ventura. Seu olhar paterno fita-os constantemente, esperando merecer-lhes a boa vontade e parecendo mendigar-lhes o consentimento para cumulá-los de riquezas. Em sua sabedoria conhece bem os caminhos que eles devem seguir para tornarem-se santos e felizes. Quanto não ganham, pois, aqueles que, sempre e em tudo, se deixam levar por um guia tão santo e tão amante? Neles o influxo de graças vai sempre crescendo. A princípio, era qual orvalho intermitente, depois riacho pequeno, em seguida ribeiro, para acabar rio largo e rápido. E as graças, à medida que são mais abundantes, são também mais puras e mais intensas.

Deixemo-nos, pois, conduzir pelo Senhor, como os soldados valentes que são guiados pelos seus capitães, como as crianças que seguem, com ingenuidade e candura, os conselhos dos pais. As qualidades necessárias para sermos constantemente fiéis à graça são a coragem e a retidão, enquanto a indolência é, com efeito, uma das causas de nossas infidelidades. O Deus sábio e santo que nos conduz leva-nos sempre pelo caminho rude da renúncia e do sacrifício, e os corações pouco generosos recusam-se, não raras vezes, a segui-lo.

A retidão não é menos necessária. *Quam bonus*

*Israel Deus his qui recto sunt corde.* Quão bom é o Senhor para com seu povo, quão bom para os que têm o coração sincero e puro! Zaqueu era pecador, abraçara, por amor ao ganho, uma profissão indigna, e enriquecera, não sem cometer injustiças. Era, porém, franco e sincero. Jesus o encantou, Zaqueu tomou-se de amor pelo bom Mestre e imediatamente reconheceu simples e abertamente os seus erros, ofereceu-se para repará-los com superabundância, tornou-se um fervoroso discípulo e mais tarde um santo.

Tem o coração sincero quem, esquecendo-se de si mesmo, não procura senão a Deus, quem se aplica à virtude, não por amor da própria perfeição, nem para dela retirar prazer e glória, mas para agradar a Deus<sup>2</sup>. Assim conduzida pelo amor, a alma reta não se deixa prender pelo próximo, nem por si mesma. Bem diferente dessas pessoas — tão numerosas infelizmente! — que, desejando servir a Deus e poupar a natureza, procuram pretextos para legitimar seus atos e chegam a persuadir-se de que têm boas intenções; a alma reta, se é tentada a procurar o que lhe agrada aos sentidos, lhe satisfaz ao amor próprio, lhe favorece a preguiça, ou lhe deleita a curiosidade, não recorre a falsas razões para convencer-se de que não quer senão a vontade de Deus. Confessa suas faltas, reza e luta; vencida, levanta-se, volta ao combate, e Deus lhe vem em auxílio. Se é tão corajosa e ardente, quanto reta, obedecerá me-

2) Uma célebre visitandina, a madre Boulier, morta em odor de santidade e que foi tão apreciada por S. Margarida Maria, escreveu: "O que faz o encanto dos olhos da esposa da qual o esposo faz o panegírico (Ct. 4, 9), é o olhar reto e simples que lhe lança sem se preocupar consigo, olhar tão penetrante em sua simplicidade e tão eficaz em sua retidão, que o esposo é obrigado a confessar que seu coração se sente ferido; daí decorrem no coração da esposa torrentes de graça e de bênção" (Vie de la Mère Boulier. Avis, III partie, n. XXV).

lhor à graça, dia a dia, e dentro em pouco voará nas regiões do puro amor.

"Ama muito a Jesus, dizia uma voz celeste a S. Gema Galgani, não oponhas obstáculo algum a seus designios, e verás que percurso ele te fará fazer em pouco tempo". "Em um mês, dizia, durante um êxtase, uma santa carmelita muito favorecida por Deus, Maria de Jesus Crucificado, uma alma ganhará mais que outra em cinquenta anos de vida religiosa". E quando lhe perguntavam quais eram essas almas tão merecedoras e tão queridas de Deus, respondia: "Aqueles que têm o coração sincero e o espírito humilde". E falando a almas que tinham essa sinceridade de coração, lhes dizia: "Ficareis admiradas um dia ao ver todas as almas que tereis salvo".

A alma reta e corajosa, sempre fiel à graça, encontra já na terra uma recompensa à sua fidelidade; os sacrifícios, tantas vezes praticados, costumam-lhe cada vez menos, a virtude torna-se-lhe uma necessidade, o amor, um hábito delicioso; seus atos meritórios se multiplicam frequente e inconscientemente. Assim é que terá, ao chegar no outro mundo, agradáveis surpresas: verá a sabedoria e a bondade com que Deus a conduziu, os méritos que lhe fez ganhar, os benefícios que concedeu por seu intermédio a outras almas, e que tesouro imenso, além de toda a expectativa, ele lhe reservou, tesouro de amor, de glória, de felicidade.

3) Biografia. Roma, 1910, cap. VIII, p. 85.

## CAPÍTULO IX

### Dos caminhos da graça

#### 1. *A ação da graça opera, em primeiro lugar, por meio das reflexões e das impressões sensíveis.*

Uma das mais doces alegrias no céu será considerar quais os caminhos do Senhor em relação a seus eleitos, ver como ele agiu poderosamente sobre cada qual, para levá-lo à prática da virtude, e como essa ação poderosa, sem a qual não pode haver ato sobrenatural algum, nem sequer um bom desejo, terá sido, entretanto, suave, ao ponto de deixar intacta a nossa liberdade e completo o nosso mérito. "A sabedoria atinge, com força, de uma extremidade do mundo à outra, e dispõe tudo com doçura" (Sáb 8, 1). "Deus opera em nós o querer e o fazer" (Filip 2, 13); dele nos vem a idéia do bem, dele, o impulso inicial da vontade inclinada a praticar um ato sobrenatural, pois, por si mesma, não poderia dirigir-se para o bem.

Deus se serve, primeiro, dos meios exteriores: pregações, leituras, bons conselhos, exemplos, acontecimentos felizes ou infelizes da vida, que não são graças propriamente ditas, porém ocasiões de graças. Ao mesmo tempo que por esses meios Deus nos toca exteriormente, toca também o íntimo da alma, ilumina a inteligência, concede-lhe salutares pensamentos, excita a vontade e lhe dá uma santa inclinação para a virtude. Assim influenciada, a von-

tade não é coagida; entre os bens que a solicitam, uns reais e outros falsos, ela conserva o poder de aceitar aqueles e de rejeitar estes, ou de preferir os falsos e desprezar os verdadeiros; pode anuir à inspiração divina, ou recusá-la.

Para agir assim sobre as almas, o Senhor emprega meios muito variados, segundo as necessidades e as aptidões de cada um. Aos pastores, enviou os anjos; aos olhos dos magos, que eram astrônomos, fez brilhar uma estrela; aos escribas e doutores, Jesus citava as profecias; enquanto ganhava o coração dos doentes, curando-os, e comovia a multidão, operando milagres. Para esclarecer as crianças serve-se da autoridade dos pais e dos mestres; para chamar a si os filósofos e os sábios, patenteia-lhes a sublimidade de sua doutrina. Uns são atraídos a Deus ou levados a servi-lo com mais piedade pela bondade e pelo zelo de seus ministros, outros pela dedicação das almas religiosas, outras ainda pelos bons exemplos, pelas virtudes sólidas das almas profundamente cristãs.

Enquanto a alma faz pouco progresso nas veredas do amor, a graça não pode agir sobre ela senão levemente e com intervalos; toda mergulhada nas preocupações seculares, ou na procura das comodidades e satisfações, só ouvirá de vez em quando a voz de Deus. A alma piedosa recolhe-se muito mais frequentemente, entrega-se a exercícios religiosos, a santas leituras, e o Senhor, que a encontra sempre atenta, fala-lhe ao coração; as luzes que recebe já são preciosas, e os atos de virtude que a graça lhe faz praticar são mais numerosos e se inspiram num maior amor. Restam, porém, na alma piedosa muitas imperfeições, muitos apegos, muitos defeitos, outros tantos obstáculos à graça, que impedem a voz de Deus de se fazer ouvir no recôndito da alma. O Senhor se serve então de leituras, de meditações, de exortações, para comunicar-lhe as

suas luzes; toca-a, insta junto dela, inspira-lhe boas resoluções, incita-a a velar sobre si mesma, a aplicar-se à correção de seus defeitos e à prática das virtudes que lhe são mais necessárias.

Nessas pessoas a parte inferior é ainda muito forte; a imaginação e a sensibilidade não foram vencidas, e muitas vezes dominam a inteligência e a vontade. Assim, em geral, para levar essas almas ainda fracas a amar o dever, e praticar a virtude, a graça se apossa das potências inferiores, impressiona a imaginação, comove a sensibilidade e por aí atinge o espírito e a vontade. Poderia, sem dúvida, levá-las ao bem, apresentando à razão, simples e secamente, os motivos de fé, mas então o ímpeto seria menos forte. Se a alma já deu provas de certa generosidade, Deus a ajudará mais eficazmente, tocando-lhe o coração. Essa ação da graça sobre as potências inferiores se faz notar principalmente nos jovens, quando começam a mostrar-se generosos. A mocidade é sempre impressionável e ardente, o futuro a encanta e seduz, o entusiasmo se apossa dela facilmente e lhe imprime um vigoroso impulso. Seus defeitos são mais impetuosos e menos refletidos que os das pessoas de idade madura; as reflexões, mesmo as mais sólidas, não bastam para combatê-los; a graça divina opõe então à sedução do mal o santo entusiasmo para o bem, ao fogo das paixões, os santos transportes do amor divino. Essa graça divina se torna insistente; faz brilhar aos olhos um nobre ideal, pedindo, para atingi-lo, atos de coragem e de energia; impele à prática das virtudes, com entusiasmo e generosidade, sobretudo aquelas que são contrárias aos defeitos a ser extirpados. Quando, por conseguinte, uma alma jovem ainda, e abundantemente provida dos auxílios espirituais, se mostra hesitante, tímida, mole e indolente na prática da renúncia, é que resiste muito à graça.

Esse ardor impetuoso da juventude deve ser mo-

derado pela prudência e regulado pela obediência, mas nunca apagado; a juventude deve ser dirigida, não paralisada. A renúncia é, com efeito, coisa difícil à natureza, a mortificação lhe repugna, e se, principalmente no começo da vida espiritual, a alma não se atirar com ardor e santo entusiasmo à prática das virtudes difíceis, ou se diretores imprudentes, muitas vezes eles mesmos pouco generosos, contrariarem a obra da graça e impedirem essa alma de aplicar-se à renúncia universal, é para rezear que ela permaneça sempre abaixo do grau de amor ao qual Deus a chamava. É muito raro ver uma pessoa, que em sua mocidade mostrou pouco ardor no sacrifício, e caminhou sempre a passos contados, tornar-se mais tarde corajosa e enérgica no cumprimento de seus deveres. O predomínio das potências inferiores, aparente no começo da vida espiritual, é um obstáculo à perfeição. Observadores superficiais podem iludir-se facilmente. Ao ver essas almas jovens, cheias de entusiasmo e de generosidade, julgá-las mais adiantadas do que na verdade estão. A virtude só é profunda e sólida quando foi experimentada, quando ao primeiro fervor, fruto da imaginação e da sensibilidade, sucedeu a resolução fria e calma, porém forte e constante, da vontade. É ainda a graça que dá aos generosos servos de Deus essa firmeza no dever, esse pleno domínio sobre si mesmos, essa vitória sobre as paixões, de que resulta a constante igualdade de ânimo, uma das provas do perfeito amor.

## *2. Ação direta do Espírito Santo na parte superior da alma.*

Para conduzir a alma a esse estado tão desejável de força, de constância, de plena posse de si mesma, a graça modifica seu primeiro modo de agir. Com efeito, depois do período de fervor sensível,

quando a virtude se tornou um pouco mais sólida, a inteligência mais esclarecida e a vontade mais firme e apegada ao bem, a graça de Deus, sua palavra luminosa e forte, mais penetrante, diz S. Paulo, que uma espada de dois gumes, penetra até ao mais íntimo do ser, até as profundezas em que residem as duas partes da alma humana: a inferior, sensível, animal, e a superior e espiritual, e aí opera a separação entre essas duas partes: *Vivus est sermo Dei et efficax<sup>1</sup> et penetrabilior omni gladio ancipiti et pertingens usque ad divisionem animae ac spiritus* (Heb 4, 12). É preciso então que a alma se preste a essa operação da graça, que refreie e contenha a imaginação, que se desprenda do sensível, aceltando amorosamente a aridez e o tédio, que amortença também a atividade do espírito e fortifique a vontade pela prática, mais penosa, de todas as virtudes. Trabalho longo e árduo que só os corações generosos e mui fiéis realizam com pleno êxito. A maior parte dos servos de Deus não correspondem senão por uma meia fidelidade a essas graças que purificam e fortificam; ganham méritos, é verdade, praticam atos de virtude, mas não se entregam inteiramente a Deus, e não recebem em troca, ao menos de uma maneira habitual, os impulsos tão preciosos do Espírito Santo. É que o Espírito Santo, que nunca deixou de persegui-los com suas graças, quer agora apoderar-se completamente de seu coração, tornar-se-lhes, por assim dizer, de um modo contínuo, o seu doce e poderoso motor. Mesmo nos principiantes o Espírito Santo age por seus dons, dando-lhes luzes infusas, impulsos poderosos e irre-

1) Diz S. Paulo: "A palavra de Deus é palavra criadora como o "Fiat lux"; palavra realizadora como o "Fiat firmamentum in medio aquarum et dividat aquas ab aquis" (Gên 1, 6). Palavra que separa a parte suprema da parte ínfima da alma. Por que não a aplicar à graça, que ilumina a inteligência, fortifica a vontade e desprende essas potências do jugo das faculdades sensíveis?

fletidos para o bem; fá-lo, porém, raramente, em casos urgentes e excepcionais, por não lhes convir esse modo de ação todo espiritual porque suas paixões são ainda muito vivas, seus defeitos tenazes, e eles se acham ainda sob o domínio das faculdades inferiores. O exercício dos dons se torna mais frequente nos dias do fervor sensível, porque as almas generosas, tendo sinceramente renunciado a seus defeitos, são mais dóceis sob a mão divina; mas a ação do Espírito Santo não se exerce com liberdade enquanto a imaginação, a sensibilidade e a faculdade de reflexão conservam toda a sua energia. Com efeito, a alma põe então ela mesma em movimento essas faculdades para ajudar-se a fazer o bem; reflete, raciocina, persuade-se; e assim chega à prática da virtude sem deixar muito à ação direta do Espírito divino<sup>2</sup>. Mas, quando a parte suprema da inteligência e a ponta da vontade, desprendidas e separadas das faculdades inferiores, se tornarem capazes de agir por si, o Espírito de luz, de amor e de santidade produz na alma efeitos maravilhosos, porque é nessa parte, a mais elevada da alma humana, que o Espírito Santo opera por seus dons, e porque a alma, que se tornou muito dócil, não lhe opõe mais obstáculo algum.

Dá-se então o triunfo da graça. Até aí o Senhor tratava o homem como um servo, e dava-lhe ordens; agora, porém, vai tratá-lo como um filho, que o pai leva pela mão, guiando-o e, em caso de necessidade, tomando-o nos braços. *Quicumque Spiritu Dei aguntur ii sunt filii Dei*: "Aqueles que são mo-

2) Mesmo nas almas ardentes subsistem obstáculos que impedem o livre exercício dos dons; quanto às almas piedosas, mas pouco generosas, que conservam muitos apegos naturais, que recusam com frequência os sacrifícios que lhes são pedidos, e não estão dispostas a levar muito longe a renúncia, os obstáculos à ação do Espírito Santo são muito mais numerosos e os dons se exercem muito raramente.

vidos pelo Espírito Santo, são os filhos de Deus" (Rom 8, 14). A alma que possuía os dons do Espírito Santo e deles não se servia senão raramente, assemelhava-se a uma barca, cujas velas estavam enroladas em torno das vergas e que só caminhava com o auxílio dos remos; agora as velas estão desfraldadas e o sopro do vento impele a embarcação com força e suavidade.

Essa influência dos dons do Espírito Santo não parece ser suficientemente conhecida. Quem não os leva em conta, jamais poderá compreender a alma dos santos. Acreditar que seja possível chegar à santidade, e mesmo à perfeição ordinária, com a graça comum, pelo bom governo de si mesmo, pelas reflexões, boas leituras, exames, seria um grande erro; é preciso a ação muito forte e habitual do Espírito Santo. Ninguém, quer-nos parecer, contesta que os mártires tenham sido fortes, não de uma força humana, mas de uma força divina. S. Felicidade, dando à luz em sua prisão, dava gritos de dor: "Se tu te queixas agora, disse-lhe o carcereiro, que será então quando fores despedaçada pelos animais ferozes?" A santa respondeu: "Agora sou eu quem sofre, depois um outro estará comigo que sofrerá por mim, porque eu sofrerei por ele". E alguns dias mais tarde, ela suportava heróicamente o martírio. Esses generosos confessores eram, com efeito, sustentados pelo espírito de Deus em seus horríveis tormentos; eles não tinham somente a virtude da força, praticada por meio do raciocínio e das reflexões; possuíam o dom da força, que, unido aos outros dons do Espírito Santo, lhes comunicava uma coragem supra-humana. Será preciso menor coragem, menor dedicação filial para praticar, não um dia e de passagem, mas durante anos seguidos, o perfeito amor, que supõe a renúncia universal e o aniquilamento constante da própria vontade ante a vontade divina?

S. Francisco de Sales (Amor de Deus, XI, 15) mostra que os dons do Espírito Santo estão intimamente ligados ao perfeito amor. "Eles não são apenas inseparáveis da caridade, mas todas as coisas tomadas em consideração e propriamente ditas, são as principais virtudes, propriedades e qualidades da caridade". São ao mesmo tempo o efeito e a causa do amor; decorrem desse amor, enquanto o alimentam e fazem-no crescer. "A sabedoria, diz ainda o santo doutor, outra coisa não é senão o amor que saboreia, goza e sente o quanto Deus é suave". A alma plenamente fiel, encontrando em seu amor uma satisfação profunda e muito doce, compreenderá melhor a amabilidade divina, e se sentirá impelida a amar ainda mais um Deus tão bom e tão meigo. A inteligência é "o amor atento a considerar e a penetrar a beleza das verdades da fé para aí conhecer Deus em si mesmo". A essa alma tão ansiosa por pensar em seu Deus, o Espírito Santo comunica grandes luzes, e ela se comove mais facilmente com as grandezas e as amabilidades de Deus, amando-o cada vez mais. A alma plenamente fiel é tão apaixonada por Deus que tudo o mais, em comparação, lhe parece pouca coisa; o Espírito Santo, ao mesmo tempo que lhe dá esse amor que a desprende das criaturas, lhe faz compreender, pelo dom da ciência, o nada de todos esses seres criados e o seu próprio nada, firmando-a ainda mais no amor. "O conselho é também o amor, no sentido que nos torna diligentes, atentos e hábeis para escolher bem os meios próprios para servir a Deus santamente". Graças a esse dom, as almas que possuem o amor divino sabem, de outro modo que as almas menos amantes, como convém servir ao Bem-Amado; rapidamente e sem carecer de longas reflexões, esse dom lhe mostra o que devem fazer para alegrar o Coração de Jesus. A força é o amor que vence todos os obstáculos e realiza obras difíceis. O

Espírito Santo não derramaria na alma um amor perfeito, se não lhe comunicasse ao mesmo tempo a força que torna possíveis os generosos sacrifícios, a santa paciência e a constância na prática das grandes virtudes. "A piedade é o amor que suaviza o trabalho e faz com que nos entreguemos cordial e amavelmente, com afeto filial, às ordens que agradam a Deus, nosso Pai". O Espírito Santo comunica, com efeito, às almas que se entregam inteiramente a ele, sentimentos, não de temor, mas de amor filial; não somente fá-las dizer, mas fá-las gritar bem alto, tão viva é sua confiança, que Deus é para elas um bom Pai. *In quo clamamus Abba, Pater*. O dom do temor de Deus é ainda um efeito do amor infuso; esse amor é cioso de fazer para Deus, tanto quanto possível, e receia tudo que poderia enfraquecê-lo; torna, pois, a alma vigilante e prudente.

Essa influência dos dons do Espírito Santo explica o fenômeno, tão frequentemente observado, pelo qual as pessoas mais simples, por vezes iletradas, quando fiéis, são mais esclarecidas que outras doutas, porém pouco generosas; irmãos leigos, como S. Afonso Rodriguez, simples religiosas, são neste ponto muito superiores a teólogos sábios, porém pouco desprendidos. Essas pessoas compreendem muito melhor o quanto Deus é grande, bom, digno de amor, e o quanto toda criatura é miserável, e sabem muito bem quanto o amor divino exige de delicadezas e de generosidade. Assim esclarecidas, elas ansiam por amar cada vez mais a Deus, dedicar-se por ele, ver alargar-se o seu reino, contribuindo para isso com suas orações, seus trabalhos, seus sacrifícios. Têm, ao mesmo tempo, muita coragem, muita firmeza, muita perseverança. Mas essas luzes, esses santos desejos, essa mesma força de ânimo, não o devem às suas reflexões próprias nem aos esforços metódicos empregados para adquirir as virtudes; esses esforços, esses atos de virtude laboriosamente

praticados, preparam-nas e dispõem-nas apenas a receber maiores graças, e são essas graças mais poderosas que o Espírito de Deus derrama diretamente sobre elas.<sup>3</sup>

São Paulo, ao viajar da Macedônia para a Palestina, encontrava, nas cidades por onde passava, profetas que lhe anunciavam as muitas tribulações e a prisão que o esperavam em Jerusalém. Os fiéis suplicavam-no de mudar os planos e não ir à cidade santa. E o apóstolo respondia: *Alligatus ego Spiritu vado in Jerusalem*: "Estou unido ao Espírito Santo que me conduz a Jerusalém" (At 90, 22-23). Estava, de fato, como que acorrentado ao Espírito divino, a cujas inspirações não queria jamais resistir.

Assim também o próprio Jesus estivera sempre sob a direção do Espírito Santo. Deus já o anunciara a seu profeta: *Requiescet super eum Spiritus Domini, Spiritus sapientiae et intellectus*... "Sobre ele repousará o Espírito de sabedoria e de inteligência, Espírito de conselho e de força, Espírito de conhecimento e de temor de Deus" (Is 11, 2). O mesmo profeta o repete alhures e Jesus mesmo se aplicou estas outras palavras: *Spiritus Domini super me*: "O Espírito do Senhor está sobre mim" (Is 51, 1; Lc 9, 16). No começo de sua vida pública, contam os evangelistas, Jesus foi conduzido pelo Espírito divino ao deserto (Mt 4, 1; Mc 1, 12; Lc 4, 1), para aí provar toda a austeridade do jejum e da so-

3) Por esses dons do Espírito Santo, a alma chega ao que S. Francisco de Sales chama "o êxtase das obras e da vida... Além dos mandamentos divinos, há inspirações celestes para a execução das quais não é preciso somente que Deus nos eleve acima dos instintos e das inclinações da nossa natureza, pois, conquanto essas inspirações não sejam contrárias à razão humana, contudo a excedem, a dominam e lhe são superiores, de sorte que desde então nós não levamos somente uma vida civil, honesta e cristã, mas uma vida supra-humana, espiritual, devota e extática, isto é, uma vida que está, sob todos os pontos de vista, fora e acima da nossa condição natural" (Amor de Deus, VII, 6).

ldão. Pelo mesmo Espírito, foi também enviado para anunciar aos pobres a boa nova e curar aqueles que tinham o coração ferido (Lc 4, 18). Ainda pelo mesmo Espírito, expulsava os demônios: *In Spiritu Dei ejicio daemonia*; e instruía os apóstolos: *Praecipiens apostolis per Spiritum Sanctum* (At 1, 2). Mais tarde foi conduzido, sempre pelo Espírito Santo, a Jerusalém para aí ser crucificado: *Per Spiritum Sanctum semetipsum obtulit* (Heb 9, 14). "Eu nada faço de mim mesmo, dizia ele". *A meipso facio nihil* (Jo 8, 28). "O Pai que vive em mim faz ele mesmo as minhas obras": *Pater in me manens ipse facit opera* (14, 10). E era pelo Espírito Santo que o Pai produzia as suas obras divinas. Dá-se o mesmo com todas as almas que renunciaram completamente à própria vontade, que se abandonaram sem reserva nas mãos de Deus e entraram plenamente na via unitiva. Elas recebem de maneira habitual a direção do Espírito Santo e a aceitam com amor. Têm ainda lutas e sustentar, provações a suportar, violências a se fazerem. Continuam a fazer considerações úteis; e perceber claramente os motivos que exigem delas atos de virtude, compreendendo toda a força desses mesmos motivos. Nelas a imaginação, a sensibilidade e a razão estão inertes; são, porém, potências dominadas, cuja atividade é moderada e dirigida por aquele que traz o cetro, aquele a quem elas mesmas deram todo o poder sobre o seu ser, o Espírito Santo. Pelas luzes e pelo amor que derrama sobre elas, ele as mantém na união com Deus, e por inspirações muito frequentes fá-las produzir excelentes atos de virtude. *Liberati a peccato servi facti estis justitiae* (Rom 6, 18). Libertadas do pecado, tornam-se escravas da virtude e da perfeição, escravas voluntárias e mil vezes ditosas do Espírito de amor.

Essa escravidão é a liberdade perfeita. *Ubi Spiritus tibi libertas* (2 Cor 3, 17), liberdade de espírito, de coração, liberdade que vem do conhecimento que

o ser irracional não tem e que cresce à medida que crescem as luzes. O espírito é escravizado pelo erro que o seduz, arrasta e perde; esclarecido pelo Espírito divino, liberta-se do erro, e mergulha na verdade com delícia. Quanto ao coração, são as paixões que o reduzem à escravidão. O homem que cede aos seus maus instintos sente-se confundido; quisera não se manchar, não se aviltar, e sim praticar a virtude e progredir na perfeição; dominado, porém, por hábitos imperfeitos, sem coragem, torna-se um escravo. A alma generosa, ao contrário, arde do desejo de servir bem a Deus; goza, portanto, da perfeita liberdade quando se deixa levar, ou antes, se faz levar pelo Espírito de amor, pois esse Espírito divino não penetra e não move senão aqueles que desejam receber-lhe os impulsos, que os chamam, os pedem, e que, pela sua generosidade, preparam-se para recebê-los. Quem viaja de automóvel, quem principalmente adquiriu o seu carro a custo de rudes trabalhos, é tão livre e tão merecedor como quem caminha a pé, porém vai mais longe, e com mais rapidez, comodidade e gozo. Assim também a alma unida a Deus e dirigida pelo Espírito Santo faz progressos muito mais rápidos, e fá-los com muito mais facilidade e alegria, penetrando muito adiante nas regiões do puro amor.

## CAPÍTULO X

### De como devemos reparar nossas infidelidades

#### 1. *Podemos frustrar os designios de Deus sobre nós.*

Toda alma que atingiu o fervor deve considerar-se como uma privilegiada do Senhor, pois as graças que a levaram até aí foram inúmeras e poderosas. Comparadas às que recebem o comum dos mortais e mesmo a grande massa dos cristãos, — um simples filete de águas da graça, — formam como uma torrente. Exortações, bons exemplos, exercícios piedosos, leituras, orações, comunhões frequentes, e sobretudo os auxílios íntimos, luzes preciosas, inspirações instantes, nada lhe faltou. E Deus, já o dissemos, se fez essa diferença entre umas e outras, foi porque assim o quis. Antes de considerar os méritos possíveis dessa alma, e o grau de sua generosidade, ele resolveu conceder-lhe uma grande parte de seus favores. Mas se Deus põe assim, à disposição das almas que chama ao fervor, meios de santificação que não dá à maioria dos filhos dos homens, não se afasta, todavia, da lei geral que estabeleceu para todos: a felicidade incomparável que lhes quer dar a gozar nos séculos dos séculos, será uma felicidade conquistada, felicidade que constitui sem dúvida um dom, mas que será, ao mesmo tempo, para os adultos, uma recompensa bem ganha, da qual poderão dizer que, na verdade, lhes pertencem,

e que a obtiveram pela sua coragem e sua constância. Não é, de fato, mais glorioso para Deus recompensar somente quem se tornou digno de recompensa, assim como só será salvo quem tiver querido salvar-se, só será colocado entre os perfeitos quem tiver querido ser santo? Haverá, portanto, no céu, muitos eleitos que não gozarão do grau de glória e de felicidade que lhes fora reservado. Nosso Senhor, em sua bela parábola dos talentos, nos representa os servos dizendo ao Mestre: “Senhor, vós me haveis confiado cinco talentos, eis aqui mais cinco que eu ganhei... Senhor, vós me haveis entregue dois talentos, eis aqui dois outros que eu adquiri”. Assim poderão exclamar todos os bons servos que tiverem correspondido aos designios de Deus e aproveitado bem das graças recebidas. Quantos outros, menos fiéis, deverão dizer: “Senhor, vós me havíeis dado cinco talentos; em vez de ganhar outros cinco, como o esperáveis de mim, eu não vos posso oferecer senão um, dois, ou três talentos”.

Certamente, mesmo para esses, não haverá no céu um arrependimento que lhes possa causar a mínima dor; isso seria incompatível com a posse do Bem infinito, que satisfaz a todas as aspirações do coração. Demais, os eleitos têm um tal amor à vontade de Deus, um tal respeito à sua justiça, que aceitam com alegria o não ter uma felicidade acima da que merecerem; sua humildade é tão grande, seu reconhecimento tão vivo, que se julgam felizes demais com a parte que lhes cabe. Aqueles, porém, que foram plenamente fiéis, gozam de uma alegria que não têm os outros, a alegria de poder dizer: “Meu Deus, eu vos dou toda a glória que, em vossos primeiros designios, me havíeis predestinado a proporcionar-vos; causo à alma de meu Salvador, à Santíssima Virgem, a meus protetores e amigos do céu, tanta alegria accidental quanto devia causar; arranquei ao inferno tantas almas quantas vós de-

sejáveis ver salvas por mim". Que felicidade incomparável para aqueles que podem prestar-se semelhante testemunho; e para obter tal alegria, que não acabará mais, quando nos deveriam parecer pouca coisa os sacrifícios praticados tão rapidamente, as provações passadas tão depressa.

## 2. O purgatório das almas pouco fiéis.

Se no céu há dolorosos pesares, não podemos dizer o mesmo do purgatório. Nesse lugar de expiação, o abuso das graças é castigado de uma maneira assustadora. Que dor horrível é para a alma culpada, esclarecida por uma luz inexorável, conhecer tudo quanto perdeu. Vê a obediência e o amor que Deus merecia, vê quanto foi indigna a sua ingratidão, e infeliz a sua resistência aos chamados divinos. E quanto mais conhece a amabilidade de Deus, tanto mais amargo se torna o seu pesar. Sabe também todo o valor da felicidade do céu, do grau mínimo de glória, que uma vida inteira de sacrifícios não pagaria caro demais, pois que ao menor mérito corresponde um aumento de amor e de posse de Deus que durará eternamente. Vê que, por sua culpa, perdeu inúmeros méritos. E essas perdas são irreparáveis! Oh! se ela pudesse recomeçar a vida, se lhe fossem concedidos apenas alguns anos para fazer penitência, como seria ardente, corajosa, como multiplicaria os esforços, os sacrifícios, até recuperar sem demora os méritos perdidos!

Enquanto as almas do purgatório, ao menos as almas sacerdotais e aquelas cuja vocação era trabalhar pela salvação de seus irmãos, descubrem o que perderam para si mesmas, mantendo-se aquém de seu dever, descubrem também quantas almas teriam podido salvar, e deixaram cair no pavoroso abismo. Santa Margarida viu um dia uma religiosa morta havia muito tempo: "Ela me disse, conta a

santa, que sofria muito no purgatório, mas que Deus acabava de lhe fazer sofrer uma dor incomparável, qual a de ver uma de suas parentas precipitada no inferno". Será temerário pensar que, se essa religiosa tivesse sido mais generosa em vida, teria obtido para sua parenta graças de conversão, e que foi por não o ter feito que precisou sofrer aquela visão dolorosa? Aqueles que se acham no meio das chamas, devorados pelo desejo de ver a Deus, compreendem, muito melhor que nós na terra, quão terrível é a pena do dano, e sentem mui vivamente a tristeza de haverem deixado as almas se perderem.

## 3. Devemos pedir a graça de reparar as nossas faltas e esforçar-nos por expiá-las.

Depois da desgraça da danação eterna, não há maior infelicidade que o abuso das graças divinas. E será esse mal reparável? Em uma oração espalhada em certas comunidades — o venerável padre Baudoin fazia rezar aos seus religiosos uma semelhante — é formulado este triplice pedido: Meu Deus, tende a misericórdia e a liberalidade de me fazer reparar, antes da minha morte, todos os abusos de graças que eu tenha tido a infelicidade ou a loucura de cometer. Fazei-me chegar ao grau de mérito e de perfeição ao qual desejáveis conduzir-me segundo a vossa primeira intenção, e que eu tive a desgraça de frustrar por minhas infidelidades. Tende também a bondade de reparar nos outros os abusos de graças que cometeram por minha culpa.<sup>1</sup>

Nada mais justo que este pedido. Deus pode, se lho pedirmos, aumentar as graças que destinava a uma alma e, se esta se mostrar fiel aos novos convites que Deus lhe fizer, esse aumento de graças pode reparar as perdas anteriores; a quem não soube

1) O padre Lallemand ensina que devemos dirigir frequentemente a Deus esses três pedidos (IV Princ., cap. II, art. 1.º, § 6).

se aproveitar duma provação, o Senhor poderá dobrar as provações subsequentes, mandando-lhe aquelas que teria suportado, se tivesse sido sempre fiel, e outras mais, destinadas a substituir as que não produziram frutos; as ocasiões de sacrificios podem ser igualmente duplicadas para suprir os sacrificios recusados; as graças de esclarecimento podem ser dadas com maior abundância; a vontade pode receber maior energia; um amor mais intenso e mais puro pode lhe ser comunicado. Essas substituições não ultrapassam o poder de Deus, nem tão pouco a sua justiça; a oração, à qual Deus prometeu tudo, pode, portanto, obtê-las.

Como explicar de outro modo a santidade eminentemente de grandes pecadores? Suas faltas passadas foram pelo arrependimento ocasiões de maior virtude; o desejo de repará-las levou-os a praticar terribéis austeridades e a redobrar de amor. As lágrimas de Pedro, que duraram, diz S. Clemente, enquanto durou a sua vida, não teriam corrido com tamanha abundância se ele não tivesse renegado a seu Mestre e, por conseguinte, o apóstolo não teria produzido tantos atos de amor. Nosso Senhor disse um dia a S. Margarida de Cortona que suas penitências haviam tão bem apagado os seus nove anos de desmandos, que ele a colocaria no céu no meio das virgens. Esses exemplos, e tantos outros, bem mostram que nunca devemos desanimar depois das faltas, mas mostram também que não devemos nos contentar em deplorá-las, e sim expiá-las.

O que torna a expiação mais necessária ainda é que, sem ela, não somente deveremos lamentar a perda das graças passadas, como também a privação para o futuro de graças preciosas que Deus nos destinara. E' sabido que há duas partes bem distintas na penitência: a volta da vontade a Deus, pela acusação e pelo pesar sincero das faltas cometidas, e a reparação da ofensa ou da simples irre-

verência feita a Deus, cuja honra o pecado feriu. Aqueles que se contentam em arrepender-se de suas faltas obtêm, sem dúvida, o perdão; mas, se não as repararem neste mundo, deverão sofrer certas consequências muy funestas: Deus será menos pródigo de graças, e a alma enfraquecida pelo pecado não praticará a virtude com a perfeição desejada. Se num momento de alucinação, cheio de cólera contra um de meus amigos, fizer estragos em sua casa, certamente não bastará manifestar-lhe o meu arrependimento; será preciso ainda reparar os danos. Se eu tardasse em desempenhar-me desse dever, ou se o adiasse demasiadamente, daria provas de uma fraca amizade, e o meu amigo, sem se afastar de mim, não me teria a mesma boa vontade. De outro lado, Deus, que é o Deus de toda a santidade, se compraz tanto mais na alma, quanto mais pura é, e derrama sobre ela as suas graças em proporção dessa pureza, que o encanta. Ora, as faltas não reparadas deixam vestígios na alma, tornam-na menos bela e menos agradável aos olhos de Deus. Aqueles que se contentam em renegar os seus pecados, mas não querem repará-los, assemelham-se, ao meu ver, a carvoeiros ou a limpadores de chaminé, que se contentassem em passar no rosto e nas mãos algumas gotas de água para tirar o que inspira maior repugnância, sem querer, todavia, servir-se do sabão para lavar-se.

Enfim, todas as faltas cometidas, exceto as de pura fragilidade, ocasionam uma diminuição de luz no espírito que pecou contra a luz, e um enfraquecimento na vontade que, tendo-se afastado do bem e se aproximado do mal, vê diminuir a atração para o bem e aumentar a inclinação para o mal à qual cedeu. Pela simples reprovação das faltas cometidas, a inteligência recupera parte de suas luzes e a vontade parte de sua atração para a virtude; essas duas potências, porém, não podem rea-

ver tudo quanto perderam, senão por atos generosos que contrabalancem os efeitos do pecado e restituam à alma seu vigor primitivo.

A expiação torna Deus mais favorável, atrai graças muito mais poderosas, afasta os obstáculos que o pecado deixara na alma e que impediriam a prática das virtudes perfeitas. Assim, não somente a expiação repara as faltas anteriores, mas permite também à alma elevar-se mais alto na virtude do que se não tivesse pecado, e assim se verifica a palavra audaciosa de santo Agostinho, completando outra de S. Paulo: *Diligentibus Deum omnia cooperantur in bonum, etiam peccata*. Tudo coopera ao bem daqueles que amam a Deus, mesmo os seus pecados.

Se, ao contrário, a alma não tomar a peito expiar as faltas e reparar o abuso que fez das graças oferecidas pela bondade divina, o Senhor derramará sobre outras essas graças que não foram aceltas, e então almas mais fiéis delas se aproveitarão: *Auferte ab illo minam et date illi qui decem minas habet*: Retirai-lhe a mina e dai-a àquele que já tem dez, diz o rei na parábola das minas, e, como os servos lhe objetassem ser aquele o melhor aquinhoado: *Domine, habet decem minas*, o rei, mantendo a sua sentença, diz estas palavras que o Salvador tantas vezes repetiu: *Omni habenti dabitur et abundabit, ab eo autem qui non habet et quod habet auferetur ab eo* (Lc 26, cf. Mt 13, 12; 25, 29). A quem já possui, será dado mais; a quem não tem, será tirado aquilo que tem. A fidelidade às graças recebidas atrai outras novas e assim se explica o imenso tesouro de graças concedido aos santos.

4. A quem se mostra cheio de coragem na reparação

*Deus restitui as graças perdidas.*

E' um consolo pensar que, mesmo depois de a alma ter sido infiel, ela pode, pela generosidade,

recuperar o perdido. Muitos corações tímidos imaginam não poder mais voltar ao grau de fervor do qual decaíram. E' desconhecer a longanimidade e a misericórdia divinas. Que releiam as passagens dos profetas quando cantam essa misericórdia infinita. Não posso citar aqui senão alguns deles; mas convém não esquecer que suas palavras eram dirigidas a um povo que recaía constantemente no pecado e abusava dos favores divinos de um modo incrível. "Se o mau se afastar dos pecados que cometeu, se observar todos os meus preceitos e agir segundo o direito e a justiça, ele viverá e não morrerá; todas as transgressões que cometeu não serão mais lembradas, e devido à justiça que praticou, ele viverá" (Ez 28, 21-22). "Mesmo que eu tenha dito ao pecador: tu morrerás, se ele se afastar do pecado e fizer o que é justo e direito, se restituir o que tirou, se observar os mandamentos sem fazer nenhum mal, certamente ele viverá, e ninguém se lembrará mais dos pecados que cometeu" (Ibid. 33, 14-16). "Volta a Javé, Israel, pois caíste pela tua própria iniquidade. Que voltem a Javé... e eu lhes curarei a infidelidade, amá-los-ei de todo o coração, e a minha cólera se apaziguará. Serei qual orvalho para Israel. Ele florescerá como o lírio, estenderá suas raízes como o Líbano, seus brotos se multiplicarão, sua glória será como a da oliveira, e seu perfume como o do Líbano" (Os 14, 2-5). "Agora ainda, diz Javé, voltai para mim de todo o vosso coração, pelos jejuns, pelas lágrimas, pelas lamentações. Rasgai os vossos corações e não as vossas vestes, e voltai-vos para Javé, vosso Deus, pois ele é misericordioso, compassivo, lento a castigar, rico em bondade, e se aflige com o mal que envia" (Joel 2, 12). "Lavai-vos, purificai-vos, retirai de diante de meus olhos a malícia de vossas ações, deixai de proceder mal, aprendei a fazer o bem, procurai a jus-

tiça, protegeí o órfão e defendei a viúva... e embora vossos pecados fossem rubros como o escarlate, tornar-se-ão brancos como a neve, se forem vermelhos como a púrpura, tornar-se-ão como a lã" (Is 1, 16-18). "O' Israel, tu não serás esquecido por mim; apaguei tuas transgressões como uma nuvem (que o vento dissipa), e teus pecados como uma névoa; volta para mim, pois te resgatei" (Ibid. 44, 22). "Que o mau abandone o seu caminho, e o criminoso os seus pensamentos culpáveis, e se converta a Javé, que o indultará; que volte ao nosso Deus, pois ele é generoso para perdoar; meus pensamentos, com efeito, não são vossos pensamentos e vossas veredas não são as minhas veredas, diz Javé; assim como os céus se elevam acima da terra, assim também os meus caminhos se elevam acima dos vossos caminhos" (Ibid. 55, 7-9). Isso quer dizer que a misericórdia de Deus, essa misericórdia que enche o universo, *miseriordia Domini plena est terra*, ultrapassa, de muito, a idéia que dela podem fazer as fracas inteligências humanas.

Mesmo aqueles que mais abusaram, por mais terem recebido, devem esperar sempre, pois, se tanto receberam outrora, é porque foram os preferidos do Senhor, e só depende deles voltar a sê-lo ainda". "Quando Deus concede os seus dons, nos ensina S. Paulo, ou chama um povo — e também, evidentemente, uma alma — a uma graça elevada, não se arrepende". *Sine poenitentia sunt dona et vocatio Dei* (Rom 11, 2-29). Naturalmente, quando o homem opõe obstáculos, os designios divinos ficam suspensos, mas Deus não revoga a sua escolha; removam-se esses obstáculos e cumprir-se-ão os planos primitivos da Providência. E' referindo-se aos judeus que S. Paulo nos ensina esta consoladora verdade de que, tendo eles rejeitado o Evangelho, Deus precisou tratá-los como inimigos de seu Filho

e dar aos gentios as riquezas que eles recusavam. A sua infidelidade enriqueceu por conseguinte o mundo, mas eles permanecem o povo eleito e, porque são sempre queridos de Deus, quando se converterem, essa conversão trará ao mundo valiosos tesouros de graças. Aqueles, pois, que experimentaram os dons de Deus, que tiveram uma vocação de escol, se foram favorecidos por graças místicas, podem ter perdido, pela infidelidade, favores tão preciosos; Deus, porém, que os tratou como privilegiados, está sempre disposto a cumulá-los de graças insignes, se quiserem expiar generosamente as suas faltas.

Devemos, portanto, alimentar a santa ambição de adquirir para a vida eterna essa soma de felicidade, ou, melhor ainda, já que nossa felicidade consistirá no amor e na posse do Deus amado, essa soma de amor que Deus, ao criar-nos, nos destinou. Por maiores que tenham sido até esse dia as nossas infidelidades, creiamos com firme confiança que, mediante o auxílio de Deus, podemos repará-las e recuperar o perdido; mas compreendamos bem que, para obter esse resultado tão desejável, devemos ser de uma generosidade a toda prova.

Deus vos convida, alma fiel, a uma grande virtude, e uma grande virtude é sempre difícil de adquirir. Nunca digais: a tarefa é árdua demais e realmente acima de minhas forças. Só os corações pusilânimes se escusam desse modo; quem gosta de confessar a si mesmo sua preguiça e sua covardia? Antes prefere julgar a perfeição como impossível, a reconhecer falta de coragem. *Confortare et esto robustus*. Sê enérgico e cheio de força. Esta recomendação, que aparece com frequência na Sagrada Escritura, que Deus fez e repetiu a Josué (Jos 1, 6; 7, 9, 18), que David, ao morrer, dizia a Salomão (3 Rs 2, 2), que o anjo fazia a Daniel (Dan 10, 19), tomemo-la para nós; enquanto fizermos violência a

Deus por incessante orações, façamos também violência a nós mesmos por uma renúncia de todos os instantes. A oração nos obterá graças abundantes, e a coragem na prática das virtudes nos permitirá corresponder a essas graças. Então a vontade de Deus se cumprirá em nós: *Haec est voluntas Dei sanctificatio vestra.*

Publicado em:

<http://www.leiturascaticas.com/>

## CAPÍTULO XI

### Da necessidade de vencer-se a todo custo

#### 1. Não há vitória sem combate.

“Aquele que vencer, eu darei a comer da árvore de vida, que está no paraíso do meu Deus (Apoc 2, 7). Aquele que vencer darei o maná escondido e lhe conferirei um novo nome<sup>1</sup> que ninguém conhece, senão quem o recebe (5, 17). Aquele que vencer e guardar até ao fim os meus preceitos, darei poder sobre as nações (5, 26). Aquele que vencer será revestido de vestes brancas... confessarei seu nome diante de Deus e de seus anjos (3, 5). Daquele que vencer eu farei uma coluna no templo de Deus (5, 12). Aquele que vencer, farei sentar-se comigo no meu trono (5, 21). Aquele que tem sede, darei gratuitamente da fonte da água viva. Aquele que vencer possuirá todos esses bens, eu serei o seu Deus e ele será o meu filho” (21, 7).

“Os olhos do homem não viram, seus ouvidos não ouviram, seu coração não pode compreender os grandes bens que Deus preparou para aqueles que o amam”. Mas esses dons — acabamos de ouvir a insistência com que Jesus o declarou ao seu apóstolo bem-amado — não serão dados senão aos

1) Quer nos parecer que na linguagem angélica, que é a dos eleitos, um só nome pode exprimir todas as virtudes e todas as obras do eleito.

vencedores, àqueles que não se deixam "levar pelo mal, mas que triunfam do mal pelo bem" (Rom 12, 21). Só os que alcançarem a vitória, deram ao Senhor provas de amor. "Combate o bom combate, diz e repete S. Paulo a seu discípulo, conquista a vida eterna, à qual foste chamado" (1 Tim 1, 18; 6, 12). A vida eterna é, pois, uma conquista, e Jesus, o grande conquistador, quer ter em torno de si uma corte composta de almas valorosas que terão como ele conquistado o paraíso. Não viu S. João todos os eleitos trazendo na mão a palma da vitória? (Apoc 7, 9). Sim, todos, no céu, são conquistadores, mesmo os eleitos da última hora que, depois de uma vida de pecado, converteram-se no momento da morte. Pequena foi a vitória, e pequeno será o seu triunfo na eternidade; foi-lhes, entretanto, necessário renunciar ao pecado e arrancar-se às garras de Satanás. Grandes, ao contrário, e inumeráveis são as vitórias das almas amantes, pois o amor divino só progride na alma, segundo as vitórias por ela alcançadas; mas cada vitória purifica e aumenta o amor.

## 2. A luta contra os demônios.

Querendo que vençamos por nossas próprias mãos e que nossas glórias e nossas alegrias celestes sejam o fruto de nossas vitórias, o Senhor permitiu a seus inimigos tornarem-se os nossos e fizerem-nos uma guerra veemente, incessante e desapiedada. "Não temos que lutar contra a carne e o sangue", diz o apóstolo, isto é, contra os homens, estes seriam menos temíveis, "mas contra os príncipes, contra as potências, contra os dominadores desse mundo de trevas, contra os espíritos maus espalhados no ar" (Ef 6, 12). Os homens, quando se fazem tentadores, — e são o joguete de Satanás e de seus auxiliares, — dão-se mais facilmente a conhecer. É verdade que certos personagens, condescendentes ou

aduladores, por palavras de falsa compaixão, ou por uma afeição de mau quillate, nos levam às vezes à amargura, ao murmúrio, à aversão, e só descobrimos tarde demais que esses falsos amigos são inimigos de nossa alma; mas, em geral, as tentações que nos vêm pelas criaturas humanas são mais abertas e por isso mesmo muito menos pérfidas. O demônio é mais hábil; dissimula-se, sugere idéias falsas de tal modo que a pobre alma fica quase sempre persuadida de que os pensamentos lhe vêm do coração e enquanto não discernir as perfídias do inimigo, deixa-se mais facilmente seduzir.

Esse inimigo invisível e dissimulado é mais forte que o homem; sabe muito melhor que as criaturas humanas inflamar a imaginação, sublevar as paixões, excitar a cobiça, fazer ferver interiormente os sentidos de contrariedade, de irritação, ou então suscitar no espírito nuvens escuras, angústias torturantes, idéias que tendem a deprimir, a tirar toda coragem. É também muito tenaz; repellido uma vez, dez vezes, volta à carga e redobra os golpes. S. Paulo, falando dos inimigos de nossas almas, nomeia os príncipes, as potências, os dominadores desse mundo de trevas, parecendo querer indicar os demônios das ordens superiores. Houve, de fato, rebeldes em todos os degraus da hierarquia angélica, e como estes conservam a sua natureza, segue-se daí que há, entre eles, alguns cuja força é dez vezes, cem vezes, provavelmente mil vezes superior à dos outros. Quando os ataques provêm desses príncipes do reino infernal, a luta pode ser de uma violência inaudita. "Salva-me, ó meu Deus, exclama o salmista, pois as águas sobem até à minha alma; estou enterrado numa vasa profunda, em que não há onde colocar o pé; caí num abismo de água e as vagas me submergem" (Sl 68, 1).

Entretanto, a vitória contra esses temíveis inimigos é sempre possível, e, por mais hábeis que se-

jam os demônios, a sua estratégia é muito falha. E como não haviam de errar pela cegueira esses miseráveis, vítimas constantes do ódio, sempre levados pela cólera, sempre transviados pelo orgulho? Se têm um conhecimento admirável de nossa natureza, dos nossos defeitos, das nossas paixões e de todos os males que são a consequência tanto da culpa original, como dos nossos pecados pessoais, em compensação escapam-lhes os elementos sobrenaturais, as graças, as inspirações divinas, os auxílios dados por Deus. E quanto maior for a medida do sobrenatural, tanto menos a distinguem. "Uma alma batizada lhes é mais oculta que um infiel; um justo mais que um pecador; um santo mais que um justo comum". Além disso, quanto mais a sua mentalidade difere da das almas tentadas, tanto menos a compreendem. Com frequência atacam fora de tempo, e, confiantes em si mesmos, muitas vezes, vão desastrosamente ao encontro de derrotas certas.

Embora fosse impecável a sua perspicácia, e perfeita a sua habilidade, embora fosse a pobre criatura muito ignorante e fraca, eles nunca deveriam contar com o êxito, pois "Deus é fiel e nunca permite que sejamos tentados acima das nossas forças" (1 Cor 10, 13). Se a alma for muito fraca, Deus retém a violência das tentações, modera-as, põe um termo aos seus assaltos, tornando a vitória sempre possível a quem for tentado. Deus estabeleceu a lei — e mais de uma vez os demônios, forçados pelos exorcistas, a reconheceram, enraivecidos, — que a tentação repelida recai pesadamente sobre o tentador, causando-lhe um aumento de sofrimento até obrigá-lo, com o correr do tempo, a retirar-se temporariamente, como o declara S. Tiago: *Resistite diabolo et fugiet a vobis*. Os demônios superiores têm

mais força e podem prolongar a luta que dirigem também com maior vigor, mas, se a alma não ceder, mesmo estes serão constrangidos a se retirar e deixar a alma corajosa tomar algum descanso. Voltarão mais tarde, quando seu vencedor tiver recuperado as forças. Esses poderosos demônios se atiram às almas mais fortes, enquanto inspiram, dominam e conduzem os miseráveis que, mergulhados no pecado, em vez de lhes opôr resistência, entregam-se-lhes, procurando os meios de fazer maior mal. Os demônios inferiores atacam as almas mais fracas. Assim, todos os demônios, tanto os príncipes do inferno como os mínimos espíritos maus, não podem jamais vencer senão quem consente em ser vencido. Deus, que sustenta seus filhos, proporciona-lhes sempre meios de tirar vantagens das tentações: *faciet cum tentatione proventum*.

Querendo perder as almas, Satanás lhes oferece, pelo contrário, ocasião de se purificarem, de se fortificarem; e faz santos quando quisera fazer condenados. "Seja-vos motivo de júbilo, diz S. Tiago (1, 2), vos achardes expostos a provações, a tentações de toda sorte". *Omne gaudium existimate, fratres, cum in tentationes varias incideritis*. Os soldados valentes regozijam-se quando lhes é anunciada a hora da batalha e, entretanto, apesar de sua coragem, podem ser vencidos. O soldado de Deus, porém, se quiser vencer, está seguro da vitória.

### 3. A vitória é uma questão de vontade.

Quem quer triunfar triunfa, e quem quer capitular capitula, tal é a lei. A vontade foi dada ao homem como faculdade mestra, que lhe deve dirigir a vida, mas não pode, sem a graça, praticar um ato sobrenatural. A graça, porém, nunca lhe falta, de modo que a vontade, com esse auxílio, pode sempre seguir as leis divinas e realizar atos meritórios.

2) Mgr. Gay, Vida e virtudes, t. II, p. 122.

3) Cf. Cassiano: "Conferências", VII, 20.

De um lado as paixões nos solicitam, de outro a virtude nos atrai; os homens por suas palavras, por seus exemplos nos levam uns ao bem, outros ao mal; os anjos, por suas inspirações, nos impelem para Deus; os demônios, pelas tentações, procuram afastar-nos dele; pela nossa vontade, porém, permanecemos senhores de nossos atos. A imaginação pode ser impressionada, impulsionada, entusiasmada para o bem, e pode também ser perturbada, atormentada pelo mal. A inteligência pode pesar razões boas e más, mas a vontade permanece sempre inviolada, e nenhuma criatura a pode malear: Ela e unicamente ela pode dobrar-se, voltar-se para os verdadeiros ou falsos bens, pois é sempre livre e dela dependem os nossos destinos eternos.

Esta bela faculdade, cujo papel é tão importante, recebeu todo o poder para o bom desempenho do seu emprego, mas esse poder é dado, em germe, a princípio, segundo as leis que regem o mundo. Só com o tempo atinge o seu pleno desenvolvimento, precisando ser cultivada para fortificar-se e ser dirigida, isto é, desviada do mal e aplicada ao bem. É a parte da educação. Os educadores, ocupando-se da vontade da criança, tão inocente, tão caprichosa, tão apegada às coisas fúteis, tão facilmente seduzida pelos objetos nocivos, procuram emendá-la, fortalecê-la. Mas aqui vemos que a vontade é realmente rainha, e os educadores nada conseguem enquanto essa vontade não consentir em se corrigir a si mesma, enquanto não se esforçar por si mesma para tornar-se mais forte.

Uma vez bem dirigida e firmada, poderá realizar grandes obras. Nos negócios temporais, os homens, cuja vontade é ardente e tenaz, vencem os obstáculos, triunfam das oposições e acabam por levar a bem os seus empreendimentos; mas aqueles que são irresolutos, inconstantes, tímidos, pusilâmines, nada fazem que valha a pena. Os comerciantes, os

industriais, não conseguem êxito nos seus negócios, senão por meio de penosos trabalhos, que provêm de uma vontade firme e inabalável. Os grandes escritores, os grandes generais, os grandes políticos, foram homens que quiseram a todo custo aperfeiçoar-se em sua arte, e que o conseguiram à força de energia e perseverança. Disse alguém que o gênio é uma longa paciência. Mas o gênio exige muita coisa além da paciência, porque supõe dons eminentes, só concedidos a uma minoria, e esses dons só amadurecem à custa de um trabalho paciente e obstinado. A obra toda sobrenatural de nossa perfeição reclama ainda maiores trabalhos e esforços, uma vontade mais reta e mais enérgica. Essa vontade deve, desde o princípio, apoderar-se do governo das faculdades inferiores, dominar a sensualidade, reprimir a imaginação, subjugar o apetite concupisível e o apetite irascível, impor ao espírito o amor às verdades da fé, a renúncia aos pensamentos fúteis e às especulações inúteis, a procura e o estudo dos melhores meios de fazer o bem.

#### 4. *Como a vontade se fortalece.*

Para fortalecer a vontade e assegurar-lhe o pleno domínio sobre si mesma e sobre as outras potências, para torná-la pouco a pouco capaz de grandes ações, Deus a trabalha longamente com maravilhosa sabedoria e paternal bondade. A princípio faz brilhar aos nossos olhos a beleza da virtude e o horror do mal, esclarecendo a nossa inteligência, enquanto os desejos, outros tantos impulsos dados à nossa vontade pela graça divina, nos levam à prática das virtudes; esses desejos não passam ainda de veleidades, isto é, de anelos espontâneos e ineficazes, mas, se forem consentidos, se a vontade passar deliberadamente do desejo à resolução, então eles se tornarão livres e meritórios.

Ao iniciar-se uma vida de piedade, quando a alma dá provas de boas disposições, o consentimento é fácil, pois a graça se faz suave e consolante. As outras potências ajudam a vontade a procurar o bem; os sentidos e a imaginação impressionam-se santamente, o coração comove-se, e as cerimônias, os exercícios de piedade, a oração, a comunhão e a prática de certas virtudes, proporcionam à alma gozos puros. Mas, ao mesmo tempo que ele torna agradáveis esses exercícios piedosos, o Senhor reclama atos de virtude que custam e obrigam a vontade a desenvolver certo vigor.

Já então, as almas corajosas se distinguem das almas preguiçosas e egoístas, aquelas mostrando-se muito generosas, estas comprazendo-se em doçuras e evitando sacrifícios. As almas indolentes só progredirão se abandonarem a sua moleza e se sua vontade fizer esforços enérgicos. Quanto às almas fiéis, o Senhor continua a lhes oferecer ocasiões de vitória; um esforço passageiro seria coisa fácil, então as lutas se prolongam; os demônios redobram os ataques; a natureza, mil vezes dominada, contrariada, não cessa de reclamar o que lhe agrada, nem de se opor ao que lhe repugna; os homens procuram, por suas críticas, seus conselhos ou seus exemplos, desviá-las do dever. E' preciso vencer todos esses inimigos e empregar nesses combates uma energia sempre maior.

Toda virtude, para ser perfeita, exige grandes lutas, e é preciso adquirir, em sua plenitude, as virtudes fundamentais que arrastarão as outras. A reforma do caráter é obra difícil, e o natural tende sempre a voltar. Tornar-se um homem de recolhimento e de oração, requer grande força de vontade; praticar a renúncia a tudo quanto seduz a vontade humana, pede longos e penosos esforços, pois é necessário mortificar o coração, o corpo, os gostos, o próprio juízo, e dominar as repugnâncias. A prática

da humildade e da caridade exige também uma grande vigilância e um árduo trabalho. Deus impõe à sua criatura numerosos combates, porém não cessa de ajudá-la. As graças que concede nem sempre são consoladoras e chega o dia em que, para obrigar a vontade a maiores esforços e a maior firmeza, o Senhor retira à alma os seus auxílios. Fhá-la passar por grande aridez e por estados de aparente impotência; as outras faculdades, em vez de ajudá-la como a princípio, são-lhe antes obstáculos; a imaginação, toda entregue a divagações, distrai a inteligência e afasta-a das verdades da fé para ocupá-la com coisas passageiras; o coração é não somente frio e indiferente ao bem, mas ainda sente grande aversão por aquilo que o encantava outrora: leituras, orações, piedosos exercícios, deveres de estado. A vontade precisará então empregar todas as suas forças para cumprir com os deveres mais comuns. Nesses momentos críticos, o inimigo procura entorpecer as almas, persuadindo-as de que todo esforço é inútil ou impossível. "Eu não posso", palavra fatal, persuasão extremamente funesta, que impede a alma de se fazer violência no momento em que atos de grande energia se impõem mais que nunca. "Não posso rezar", mas a oração é um dever e se, por vezes, se torna árdua, entretanto a graça nunca falta. A Igreja condenou os quietistas, por pretenderem que a alma se devia manter em completo silêncio, sem jamais formular um pedido. Santo Inácio (Exercícios, 13, anotação) recomenda que a oração seja prolongada, quando se torna mais difícil "a fim de que, por esse meio, a alma se habitue não somente a resistir ao inimigo, mas também a aterrá-lo". A vontade deve ainda desenvolver suas forças quando a natureza se revolta, quando a irritação sobreexcita os nervos, quando as paixões se inflamam. Poderá sempre dominar, mas com a condição de empregar toda a sua energia. "E' mais

forte do que eu, não posso vencer-me”, tal é a desculpa das almas pouco amantes, mas é uma desculpa falsa. Uma pessoa, lutando com grandes tentações contra a fé, declarou à bem-aventurada Ana de São Bartolomeu que lhe era impossível fazer um ato desta virtude; a santa carmelita, tomada de compaixão, intercedeu por ela, e o Senhor lhe respondeu: “Dize-lhe que é uma mentira; o auxílio de minha graça é maior que o seu sofrimento” (Cf. “Divinas Palavras”, 19, 8).

Quem quiser permanecer fiel a Deus e amá-lo com um perfeito amor, deve tomar por divisa: “a todo custo”. Deve estar resolvido a fazer-se grandes e contínuas violências, e então a célebre palavra da *Imitação* (1, 25) se realizará: “Quanto mais te fizeres violência, tanto mais progresso farás”. *Viriliter agite et confortamini*: “Sede viris, fortificai-vos”, dizia S. Paulo (1 Cor 16, 13) com o salmista (30, 25). Deus colocou no fundo de nossas almas uma mina de santas energias, de cuja existência talvez nem desconfiamos, e à qual quer que demos o devido valor. Que não permaneça oculta.

Sabemos fazer valer todo o poder que a nossa vontade traz em germe e que pode crescer maravilhosamente. Ai de nós! quão numerosas são as pessoas de pouca coragem, capazes somente de esforços mínimos, os bastantes apenas para se manterem virtuosas, mas não o bastante para se tornarem perfeitas. Depois de dez, vinte, trinta anos de uma vida de piedade, a oração mental lhes custa ainda, suas preces são cheias de distrações e sua mortificação pouco generosa. O seu caráter ainda não se reformou, não puderam suavizá-lo, se era rude, nem

4) É bom lembrar a propósito desta palavra de Tomás de Kempis esta outra de S. Inácio: “É preciso que todos saibam que farão progressos na vida espiritual na proporção em que se despojarem do amor próprio, da vontade própria, do interesse próprio”. 2 Semana, Eleição.

fortalecê-lo se era fraco; sua paciência se esgota depressa. As penas que as almas corajosas consideram leves, lhes parecem muito pesadas, e julgam já fazer muito, suportando-as sem se irritar. Essas pessoas nunca saem da infância espiritual. Semelhantes às crianças que, incapazes de se entregarem aos mesmos trabalhos e de carregar as mesmas cargas que os adultos, não podem prestar senão ligeiros serviços, também elas não praticam senão leves virtudes e só dão a Deus uma glória reduzida.

Quem fez esforços maiores adquiriu virtudes e méritos superiores, mas quão fortes se tornaram aqueles que se fizeram violência em tudo e não deixaram de lutar sempre contra si mesmos. As meias vitórias deixam a alma ainda fraca, mas a vitória completa, fruto de enérgicos esforços, enfraquece o inimigo, fortifica o vencedor, e facilita novos êxitos, até que um dia a vontade, despreendida de seus apegos, desembaraçada de seus defeitos, se torna um instrumento dócil nas mãos divinas. O Espírito Santo então se apossa dela, e a fortifica e dirige. Até aí o dom da força não se exercia senão por intervalos, em circunstâncias difíceis, quando, por exemplo, se impunham sacrifícios excepcionais, como fossem o momento de corresponder a uma vocação vivamente combatida, ou a ocasião de um grande sofrimento, a morte do pai, da mãe, de um ente querido. Mas de ora em diante esse dom produzirá efeitos habituais, e quão preciosos! A alma gozará de uma constante igualdade de ânimo, pois o Espírito Santo, que a torna forte, é imutável; conservará sempre o pleno domínio sobre si mesma, que não se desmentirá nem nos casos de penosa surpresa ou de contrariedades irritantes, nem nos acontecimentos mais desconcertantes. É a força unida à suavidade, porquanto a ação divina é sempre forte e suave (Sab 8, 1). As almas sobre as quais se exerce o dom da força não têm mais, por

consequente, a dureza e a obstinação daqueles cuja firmeza de vontade é toda natural e que desejam ver tudo ceder em sua presença. Essas almas, fortes contra o demônio e contra a natureza, são suaves para com seus irmãos, duras para consigo mesmas. Elas praticam, sem hesitação e sem precisar raciocinar, atos de virtude que custam muito aos cristãos ordinários; é a prova de que esta facilidade não é somente o efeito dos hábitos adquiridos e da firmeza da vontade, mas também, e principalmente, da ação do Espírito Santo que as penetra e as move, é a paz interior, profunda, toda sobrenatural que lhes acompanha a prática da virtude; gozam dessa paz no mesmo instante em que se renunciavam; não é, pois, a satisfação da vitória conquistada, satisfação que não pode ser sentida senão depois da luta, mas é a alegria sobre-humana do sacrifício.

As disposições, que acabamos de descrever, são as das almas que atingiram a via unitiva; com maior razão e com outra perfeição, essas disposições se encontram nas almas heróicas. Todos os santos pronunciaram o "custe o que custar". Todos quiseram, com uma vontade inflexível, amar a Deus, trabalhar e imolar-se por ele; para agradar-lhe, nada lhes pareceu duro demais, não pouparam esforço algum, não recuaram diante de nenhum sacrifício. Caminharam de vitória em vitória. Nós também, "custe o que custar", devemos lutar sempre com toda a energia de que somos capazes; os soldados que combatem salvam seu príncipe e seu país, e a sua pátria toda participa dos seus triunfos. Soldados de Deus, combatamos por seu amor e por sua glória, e nossas vitórias serão suas vitórias.

## CAPÍTULO XII

### Das provações

#### 1. *Fim providencial das provações.*

"Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes? — Senhor, vós sabeis que eu vos amo. — Simão, filho de João, tu me amas? — Senhor, vós bem sabeis que eu vos amo. — Simão, filho de João, tu me amas? — Senhor, vós que conheceis todas as coisas, sabeis que eu vos amo" (Jo 21). Deus nos faz esta mesma pergunta todas as vezes que põe à prova a nossa virtude, pois ele mesmo disse: "Javé, vosso Deus, vos prova, para ver se vós o amais de todo o vosso coração e de toda a vossa alma" (Dt 10, 12).

Não basta ao nosso Deus que lhe protestemos uma só vez o nosso amor. Ele não se cansa de no-lo ver testemunhar sempre, pedindo-nos sempre novas provas. E' que o nosso pobre coração é inconstante, suas afeições não têm sempre igual profundidade, nem igual ardor. Deus quer que o amemos acima de tudo e que o nosso amor vá aumentando sempre. Ora, como esse amor encontra em nossas almas numerosos obstáculos, Deus quer vê-los vencidos e quer um amor mais forte e mais profundo em virtude dos esforços que fizer e das vitórias que alcançar.

Tal é o fim das provações. E' fazer-nos experimentar esse amor e fazê-lo crescer em nós. Ao enviar-nos a provação, Deus nos pergunta: "Meu filho,

tu me amas? Levas o amor até fazer por mim este sacrifício, até praticar este ato de virtude que me alegrará, e me glorificará?" Se nos mostrarmos generosos, se dermos a Deus o que ele nos pedir, poderemos responder-lhe: Senhor, eis aqui a prova de que eu vos amo". Por esse meio repelimos, e acabamos por destruí-los, os obstáculos que em nós se opunham aos progressos do amor e nosso amor, com cada nova prova valentemente aceita, se purifica e fortifica.

Como poderíamos aquilatar as nossas virtudes, se não fossem experimentadas? As obras humanas só podem ser bem avaliadas pela experiência. Uma ponte sobre a qual devem passar trens expressos e pesados acaba de ser construída; as aparências são boas, qual será a sua capacidade de resistência? Antes de aceitá-la, quem a encomendou exige que seja posta à prova. Quando vier a suportar pesadas cargas, e for atravessada por carros rápidos, talvez os muros venham a ceder e os arcos a vergar e então tudo desmorona. Ai de nós, é muitas vezes o que se dá com as virtudes humanas. Quantas pessoas aparentam um santo ardor, nutrem grande admiração pela virtude, apreciam os exercícios piedosos, as belas cerimônias, as leituras edificantes. Mas, se repentinamente sobrevêm tentações, se grandes contrariedades, reveses, enfermidades, contradições, se arremessam sobre elas, eis que suportam mal esses contratemplos. Descobrimos então que suas virtudes são pouco firmes e mais brilhantes que sólidas.

Vós que ensalais apenas os primeiros passos nas veredas espirituais, que ainda não encontrastes senão encanto e alegria, preparai-vos para as provações. Job vivera longos anos na prática das virtudes familiares e sociais; era, contam-nos, o pai dos pobres, a vista dos cegos, o apoio dos aleijados, e todos lhe tinham consideração e amizade. Em sua presença os velhos ficavam de pé, os chefes do po-

vo continham suas palavras. E ele mesmo só desejava continuar essa vida virtuosa e suave. *Dicebam: in nidulo meo moriar et sicut palma multiplicabo dies*: "Eu me dizia: morrerei em meu pequeno ninho depois de ter vivido longos dias sobre a terra" (Job 29, 18).

Quantas almas boas não fazem semelhantes sonhos! Que belo quadro pintam do futuro inúmeros servos de Deus, principalmente aqueles que a experiência não instruiu.

Servir a Deus fielmente, desempenhar-se dos deveres de piedade com desvelo e pontualidade, dedicar-se alegremente ao bem do próximo, quão belo, quão suave, quão consolador não é isto! Aplicar-me-ei com tanto gosto à oração, à leitura, à meditação, que encontrarei nesses exercícios toda sorte de doçura e, quanto mais progredir, tanto mais aumentará o meu fervor, tanto mais experimentarei esses transportes de amor, essas ternuras do coração. Ser-me-á fácil, então, entregar-me às obras de caridade, de instrução, de dedicação, de zelo. Mostrarei tanta afeição àqueles a quem me dedicar, que certamente lhes ganharei os corações. Quero ser prudente, bom, terno, quero dispender-me sem me poupar. O meu próximo não poderá negar minhas qualidades, ser-me-á grato pelos meus serviços e mostrar-se-á reconhecido e afetuoso. Assim se passará a minha vida, e morrerei tranquilo no meu ninho, abençoado por Deus e querido dos homens.

Talvez tenhamos embelezado um pouco esses sonhos de mocidade; entretanto quem ousará negar que tenha sonhado algo de semelhante? Quem, ao abraçar um estado de vida, não o viu sob cores sedutoras? Que jovem, que donzela, no momento de contrair núpcias, ou de empreender uma vida de boas obras, que seminarista às portas do sacerdócio, que noviço, exercitando-se à vida religiosa, não viu apresentar-se a seus olhos um futuro risonho e sua-

ve, honroso e próspero? Tudo não é ilusão nessas esperanças que concebem os jovens corações; é grande a parte da verdade. Sim, o futuro que lhes prepara o Deus que tanto os ama é um futuro feliz e brilhante. Se lhe forem plenamente fiéis, as virtudes que praticarem serão mais meritórias do que supõem, as obras que realizarem serão mais gloriosas para Deus, mais úteis para a Igreja do que pensam. Eles exercerão, porém, essas virtudes e executarão essas obras de uma maneira diferente do que imaginam. As provações que os aguardam serão o principal meio de os purificar, de os fortalecer e fazer deles dedicados operários do Senhor.

## 2. Exemplos de provações enviadas pelo Senhor.

Mesmo na antiga lei, antes dos exemplos do Homem-Deus, e quando a justiça divina se exercia por sanções temporais, punindo as desordens e recompensando as boas obras na vida presente, o Senhor, para assegurar-se da fidelidade de seus servos, punha-lhes a virtude à prova. Abraão deixará o seu país por ordem de Deus sem saber qual o motivo desse exílio; acreditará, apesar de todas as aparências em contrário, na palavra do Senhor que lhe promete um filho em sua velhice; enfim, mostrar-se-á pronto a imolar ele próprio esse filho amado. Isaac, em vinte anos de casamento, esperará uma posteridade e a esperará, porque Deus lha prometera e, finalmente, Esaú e Jacob vêm ao mundo; viverá como estrangeiro por entre povos diversos e permanecerá fiel ao verdadeiro Deus no meio de idólatras. Jacob, expulso da casa paterna pela cólera de Esaú, reduzido a servir a Labão durante longos anos, privado de seu filho José, nunca perderá a confiança em Deus. Dos filhos de Jacob, José, o mais virtuoso, é também o mais provado; será, porém, fiel a Deus; casto, afronta a cólera da mulher de seu patrão,

para não macular a sua pureza; mostra-se indulgente, bom e suave para com os irmãos que haviam sido tão cruéis para com ele.

A história da saída do Egito e da permanência dos hebreus no deserto é notável pela alternativa de grandes benefícios que Deus prodigalizou ao seu povo e de provações às quais ele o submeteu constantemente. Javé, aquele que é, deu a Moisés e a Arão o poder de operar milagres; à vista desses prodígios e ao ouvir esses dois mensageiros de Deus lhes prometerem a salvação, os israelitas sentem uma grande alegria, mas Deus, para lhes tornar mais meritória a confiança, permite que Faraó, longe de lhes dar a liberdade, lhes torne mais duro o cativo; é a primeira prova, mal recebida, pois o povo começa a murmurar. Vencido pelas dez pragas que afligiram o Egito, mas poupavam sempre os hebreus, Faraó deixa-os partir, para logo depois ir persegui-los. Ante a ameaça, os hebreus, que deveriam estar saturados de confiança à vista dos recentes prodígios, como também por outro grande milagre que acabam de ver e vêem ainda, o da nuvem refrescante e luminosa, recomeçam todavia a murmurar. Dá-se então a passagem do Mar Vermelho, nova prova evidente da proteção divina. Três dias depois, ao chegar em Mara, o povo só encontra aí fontes amargas; são novas provas, seguidas de novas murmuraciones. Deus permite mais um milagre: Moisés torna potáveis as águas salobras. Passados alguns dias, os viveres vêm a faltar: Deus quer um novo ato de confiança, a que certamente tem direito. Redobram os queixumes. Deus dá então a seu povo o maná. Em Rafidim, é a seca, as águas estão estancadas no oásis, outra provação mal recebida; Deus, entretanto, faz novo milagre e a água brota do rochedo. No Sinai, manifesta com brilho seu poder e sua majestade; os relâmpagos cintilam, os trovões reboam, e a voz de Javé se faz ouvir de todos e procla-

ma o Decálogo. A fé do povo já está bem amparada e deve ser capaz de suportar qualquer provação. O Senhor lhe dá então a ocasião de se exercitar, e, durante quarenta dias, retém Moisés sobre a montanha; em vez de permanecer fiel, esse povo ingrato que, entretanto, cada dia se alimentava com o maná e gozava da coluna luminosa, prostra-se diante do bezerro de ouro. Ao deixar o Sinai, os hebreus sofrem com a caminhada, não sabem suportar essa fadiga, e murmuram de novo; um fogo vingador os castiga, e Moisés deverá, como nas revoltas anteriores, interceder para fazer cessar o flagelo. Então o bando de estrangeiros, que os hebreus haviam trazido consigo do Egito, levanta novas queixas, e o povo lhes faz eco, lamentando não ter para comer senão o maná; Deus os castiga, concedendo-lhes o que desejavam, codornas em tal quantidade que adoecem por devorá-las. Em Cades, o Senhor manda que doze exploradores inspecionem o país de Canaan; ao voltarem, suscitam o desânimo, e o povo murmura com eles. Desta vez, o Senhor, indignado com tanta ingratidão, interrompe-lhes a marcha, condena-os a ficar quarenta anos no deserto e proclama que nenhum daqueles incorrigíveis murmuradores entrará na terra prometida. E esse povo de Israel, porque era sensual e não queria tolerar privação nem sofrimento, suportou muito mal múltiplas contrariedades. Para Moisés, encarregado de conduzir toda essa multidão, essas tribulações foram ainda mais penosas do que para o próprio povo; mas a fé, a confiança e o amor desse grande servo de Deus foram tão fortes, quanto foram fracas as virtudes dos israelitas, e as provações que tornaram tão culpados os hebreus, tornaram-no, a ele, cada vez mais santo.

A história de David, de Elias, de Eliseu, de Tobias, de Job, mostra-nos sempre a virtude posta à

prova, saindo triunfante de todas as lutas, fortalecendo-se e crescendo com as vitórias.

Quando Jesus veio à terra, ele soube, por seus exemplos divinos, por suas palavras tão santas e tão persuasivas, tornar a virtude atraente. Depois, porém, de haver exortado, esclarecido e comovido seus ouvintes, não deixava de pô-los à prova e de lhes fornecer a ocasião de fortalecer sua virtude. Não muito longe de Cafarnaum, Jesus opera o grande milagre da multiplicação dos pães, dando desse modo aos galileus um maravilhoso auxílio para lhes fortificar a fé. A confiança da multidão é tão grande, seu entusiasmo é tal, que o querem proclamar rei. No dia seguinte, na sinagoga, Jesus propõe, a esses mesmos homens, o mistério eucarístico. Anuncia que lhes dará sua carne a comer e seu sangue a beber. Propositamente, ele deixa velar, por densa nuvem, tão inefável mistério, e, às objeções prementes que lhe fazem, responde por afirmações categóricas, pondo assim à prova a fé e a confiança daquela gente. Infelizmente, que proveito tiraram eles dessa provação? *Ex hoc multi discipulorum ejus abierunt retro et jam non cum eo ambulabant*: a partir desse momento, muitos de seus discípulos o abandonaram e, entre os murmuradores e os incrédulos, houve um apóstolo, Judas, a quem Jesus, nesse dia, qualificou de demônio (Jo 6, 70). Esses rebeldes foram os que se amavam a si mesmos mais que a Jesus. Quanto aos amigos verdadeiros, o amor fê-los compreender que Jesus não lhes podia propôr coisa tão grosseira como a de fazê-los devorar sua carne como se devora uma comida, e imaginaram que, sendo Jesus tão poderoso, tão bom, tão sábio, devia saber bem o que dizia e possuir meios, que desconhecemos, de dar o que prometia. Não tinha ele, como lhe dizia S. Pedro, palavras de vida eterna? Aqueles que raciocinaram desse modo, tiraram proveito da provação, cresceram na fé e no amor. A mesma

provação fortificou, pois, a uns e afastou a outros, operando cisão entre os bons e os tíbios.

Jesus procedeu da mesma forma com seus compatriotas de Nazaré. Começou por impressioná-los com sua eloquência toda celeste: *Et omnes testimonium illi dabant, et mirabantur de verbis gratiae quae procedebant de ore ipsius*: Todos lhe prestavam testemunho, admiravam as palavras de graça que lhe saíam dos lábios (Lc 4, 22). Já conheciam os milagres estupendos que ele opera e a que se allara uma prova admirável de sua sabedoria divina; nada, pois, lhes faltava para que acreditassem em sua palavra quando lhes declarou que era o enviado de Deus. Mas eles desejavam ver Jesus operar diante deles prodígios que lhes satisfizessem a curiosidade. O Salvador declarou que não o faria. Queria provar-lhes a fé; e a provação era fácil de suportar; eles, porém, se irritaram e, entregando-se à sua cólera, quiseram precipitá-lo do alto da montanha situada ao sul da cidade; a provação, que os devia ter santificado, motivou a sua perda.

Quando Jesus foi a Jerusalém, por ocasião da festa dos tabernáculos, suas palavras causaram, logo, admiração entre os judeus e fez nascer neles a fé: *Haec illo loquente multi crediderunt in eum*: "Por falar assim muitos acreditaram nele" (Jo 8, 30). Eles haviam também presenciado milagres suficientes para que a sua fé se robustecesse. Jesus então os pôs a prova. Disse-lhes que a verdade os tornaria livres, e essa palavra lhes ofendeu o amor próprio. "Nós nunca fomos escravos de pessoa alguma", replicaram altivamente. Jesus respondeu: "Em verdade, em verdade, eu vos digo: todo aquele que comete pecado, é escravo do pecado". E procura esclarecê-los, mostrar-lhes os seus erros; quanto mais, porém, lhes recorda os deveres, tanto mais eles se irritam. Jesus continua a falar-lhes brandamente, mas afirma a sua divindade, e declara

existir antes de Abraão. Então eles tomam pedras e querem lapidá-lo.

Eram relativamente pequenas e proporcionadas à sua pouca virtude as provações impostas a esses israelitas grosseiros e ignorantes. As almas mais adiantadas, e que Jesus amava de modo particular, ele impunha outras, bem maiores. Num dia em que se dirigia a Jerusalém, passando pela Peréa, um jovem, um dos grandes do país, foi-lhe ao encontro, perguntando-lhe: "Bom Mestre, que devo eu fazer para obter a vida eterna?" Era um mancebo bom e virtuoso, que observara fielmente desde a infância as leis divinas. Jesus fitou-lhe os olhos e amou-o. *Intuitus eum dilexit eum* (Mc 10, 21). E porque o ama, vai submetê-lo a uma grande prova, propor-lhe um grande sacrifício: "Uma coisa te falta: se quizeres ser perfeito, vende tudo quanto tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; vem, então, e segue-me". O jovem não se aproveitou da prova, não quis ser perfeito e afastou-se triste.

A mulher cananéia foi mais prudente. O Senhor, que era tão compassivo, que, frequentemente, como em Naim, não esperava que lhe pedissem para operar milagres de bondade, desejava vivamente atender-lhe o pedido; entretanto, começou por repeli-la duramente; a prova, porém, fez resplandecer a humildade e a grande confiança dessa pobre mãe.

As duas irmãs de Lázaro eram almas de escol, muito queridas do divino Mestre: *Diligebat Jesus Martham et sororem ejus Mariam et Lazarum*. Por ocasião da enfermidade de seu irmão, elas se apressam em mandar ao Senhor esta comovente mensagem: "Senhor, aquele que amais está doente". E eis que Jesus não somente não responde, mas não se mexe, demora-se ainda dois dias no mesmo lugar, deixando morrer o seu amigo. Depois, quando havia já quatro dias que Lázaro jazia no túmulo,

Jesus vai a Betânia. As duas irmãs não se melindram com a aparente frieza do Mestre, que bem teria podido livrar Lázaro da morte. Aceitaram perfeitamente essa dura prova, sem se queixarem, sem duvidarem um instante da bondade, do amor de Jesus; em Marta foi a resignação, em Maria, o abandono. Tendo elas correspondido tão bem à expectativa do Salvador, foram recompensadas pela ressurreição do irmão.

Essa ressurreição foi um grande milagre, o maior que tenha operado Jesus, e toda a cidade de Jerusalém, que conhecia Lázaro e sabia de sua morte e de seu sepultamento, ficou certamente edificada. Jesus já havia dado provas suficientes de seu poder, de sua virtude, de sua sabedoria, porém esse novo prodígio impressionou o povo. "Muitos, diz S. João, acreditaram nele", tanto que os inimigos do Salvador se perturbaram vivamente: "Se o deixarmos continuar, todos acreditarão nele" (Jo 11, 45, 48). Segundo a regra geral, também essa fé dos judeus precisou ser posta a prova, e isso se deu logo depois. Este Jesus, que operou tantas maravilhas, a quem, no seu entusiasmo, receberam em triunfo, eles o verão alguns dias mais tarde preso por seus inimigos, amarrado, maltratado, escarnecido, flagelado, crucificado. E nada mais restará do seu poder. Somente a sua doçura sobre-humana, a sua paz, a sua calma, atestarão ainda a sua divindade. Alguns, como o centurião e Nicodemos, se deixam impressionar antes pela sua bondade e sua paciência celeste, do que pelas suas fraquezas aparentes; sua fé sai da prova fortalecida e maravilhosamente esclarecida, enquanto outros se escandalizam e a fé nascente se extingue!

Quando Jesus subiu ao céu, continuou a provar seus amigos e a vida de seus apóstolos foi uma longa série de tribulações. E Jesus ainda faz o mesmo. A provação é a lei universal, e os amigos de Jesus a experimentam mais que os outros.

### 3. Efeitos, proveitosos ou funestos, das provações.

A provação é, portanto, algo de providencial, que nos solicita, ou mesmo nos obriga, a praticar uma virtude num grau mais perfeito e mais custoso à natureza. Por vezes, um acontecimento nos põe em presença de deveres a que não nos podemos furtar sem nos tornarmos culpados. Talvez seja uma perseguição, que obrigue o cristão a fazer atos de renúncia e de energia, sem os quais violaria os direitos de Deus e da Igreja. Ou talvez Deus prove a nossa generosidade, dificultando-nos a prática dos conselhos evangélicos; nesse caso, recuar não é cometer uma falta, mas é afastar-se da perfeição.

Existem provações grandes e provações pequenas; provações exteriores e provações íntimas, conhecidas apenas de quem as sofre. Ora teremos que trabalhar e nos esforçar, e então é nossa dedicação que é posta à prova; ora teremos que renunciar ao trabalho e sofrer e então é nossa paciência que é experimentada. Outras vezes será a confiança, o perfeito abandono, que Deus quererá despertar. Pessoas, que até então viviam calmas, têm repentinamente sentimentos violentos de antipatia, que lhes dificultam muito a prática da caridade, ou, então, ao contrário, sentem em seu coração simpatias muito vivas, e então deverão suportar duros combates para desapegar-se e chegar a um amor sobrenatural.

Há provações que são decisivas numa vida. Quando, em 1790, foi votada na França a Lei infame da constituição civil do clero, a provação foi grave para os ministros de Deus. Na diocese de Angers a maioria do clero permaneceu fiel. O padre Gruget, recapitulando paróquia por paróquia a história dessa infeliz tentativa de cisma, diz que quase todos que se recusaram a prestar o juramento cismático eram sacerdotes muito estimados e ver-

dadeiramente virtuosos, e os que traíram os seus votos eram quase todos sacerdotes pouco sérios e pouco considerados. Os primeiros fizeram o que era de esperar, os segundos o que era de recear. Houve entretanto certas exceções: alguns padres dignos e piedosos sucumbiram à prova, e outros, levianos e mundanos, cumpriram corajosamente com o seu dever. Ora, os primeiros, depois da queda — ao menos os que não se retrataram imediatamente — caíram cada vez mais baixo, chegando até a perseguir seus companheiros que permaneceram fiéis, enquanto os segundos, ao contrário, se tornaram homens de virtude. A todos, nessas circunstâncias tão graves, Deus havia perguntado: "Meu filho, tu me amas?" Aqueles que lhe recusaram seu amor afastaram-se cada vez mais do divino Mestre; mas aqueles que, ao contrário, fizeram um ato de amor generoso e forte, aproximaram-se dele, unindo-se mais firmemente a Deus.

As pequenas provações duram toda a vida. Além das práticas de virtude que escolhemos pessoalmente ou às quais nos obrigam os deveres de estado, as diversas circunstâncias nos hão de impor sempre muitas outras ocasiões de paciência, de renúncia à nossa vontade, de serviços a prestar, de dedicação a exercer; elas fazem de tal modo parte da vida humana que apenas convém mencioná-las no número das provações. No entretanto, se soubermos aproveitá-las e praticar as virtudes inerentes, delas retiraremos grandes frutos. Outras provações menos comuns, mas inesperadas, pedem maior coragem e maior fidelidade; elas parecem ter sido preparadas particularmente pela Providência para darmos provas insignes de amor e adquirirmos grande firmeza e generosidade no seu serviço. Ai de nós! para muitas almas, em vez de levá-las ao seu fim providencial, ser-lhes-ão o escolho em que lhes naufraga a virtude; quantas pessoas, depois de terem dado doces

esperanças, causam amargas decepções, porque foram infiéis no momento da provação<sup>1</sup>; quantos cristãos, depois de haver recebido uma boa educação, deixam o exercício da virtude e abandonam até os deveres essenciais da religião; quantas almas piedosas ficam em meio caminho da perfeição, porque, nas ocasiões difíceis, demonstram pouca generosidade.

As provações representam, pois, em nossa vida espiritual, papel saliente e são fatores decisivos de progresso. As almas mais santas são aquelas que suportaram provações maiores, mais numerosas, que as aceitaram com mais coragem e mais amor. As almas medíocres são as que, sem serem inteiramente rebeldes, revelam pouca energia; evitam as grandes faltas, mas não praticam senão uma virtude trivial; suas provações, tidas sempre por elas em conta de grandes, foram na verdade pequenas, pois Deus soube poupar-lhes as lutas que teriam sido incapazes de sustentar bem. As almas infiéis são aquelas que,

1) O padre Faber (Progresso na vida espiritual, cap. XIX), indaga qual a causa da decadência dessas almas que, tendo começado bem, vêm mais tarde a perder o fervor e atribui tão deplorável relaxamento ao fato de não terem tido um verdadeiro arrependimento de suas faltas. Parece-nos antes aparência de fervor, e é justamente por nunca terem sido bastante generosas que não tiveram luzes bastantes para compreender todo o horror de suas faltas, nem amor para chorá-las. Tauler (edição de Surius, trad. Noel, 1.º Sermão para a circuncisão) indica três causas frequentes que levam ao relaxamento e portanto ao afastamento de Deus: uma afeição desregrada, e não combatida; falta de humildade, ou, então, pouco recolhimento. Não seria mais justo dizer que as almas se relaxam porque, sendo infiéis à graça, recusando os sacrifícios e rezando sem fervor, não sabem aceitar as provações que Deus lhes envia a fim de levá-las a morrer a si mesmas, e não querem renunciar-se? Então essas provações, que deveriam aumentar e aperfeiçoar sua caridade, aumentam, ao contrário, o amor de si mesmas, arrastando-as a cometer faltas que acarretam grande diminuição do fervor primitivo.

no dia do combate, sucumbiram e se afastaram de Deus<sup>2</sup>.

#### 4. Meios para bem se aproveitar das provações.

Que nos cabe fazer nas horas de crise? Antes de tudo, redobrar as orações e pedir forças e coragem. Falaremos em breve da oração: digamos somente aqui que as almas que não rezam sucumbem sempre; as que rezam sem fervor ou deixam de rezar, caem ou não tiram proveito da provação; as que redobram de insistência junto a Deus para obter, não o repouso, mas a coragem do sacrifício, que perseveram na oração enquanto dura a luta, saem sempre vitoriosas.

Oremos, pois, e oremos mesmo quando somos provados, oremos e amemos. Já que as tribulações têm o fim especial de manifestar e consolidar o nosso amor, devemos, quando as experimentamos, exercer esse amor. O grande obstáculo ao amor de Deus é o amor de nós mesmos; tornaremos nossas provações salutares se nos esforçarmos por nos esquecer, se fizermos pouco caso de nós mesmos para não procurarmos senão a glória, senão os interesses de Deus. Quantas pessoas, demasiadamente amigas de si mesmas, entristecem-se e queixam-se quando Deus as experimenta; perdem a coragem e sucumbem porque pensam demais na dificuldade, porque se detêm muito a considerar seus sofrimentos. Tentemos sempre a aumentar os nossos males e a exagerar as dificuldades de nossos atos, pois a imagi-

2) Não indicamos aqui senão as diferenças bem acentuadas na maneira de se aceitarem as provações; mas, as diferenças de fidelidade ou de infidelidade são muito mais graduadas: as provações podem ser sofridas muito bem ou quase muito bem, ou bem ou sofrivelmente, ou mediocrementemente, ou quase mal, ou mal, e, portanto, os efeitos que produzem são ou muito bons, ou quase muito bons ou bons, ou passíveis, ou medíocres, ou maus, ou muito maus.

nação procura, nas provações, exercer a sua influência enganadora e diminuir a nossa coragem. Quando os soldados, nos horrores da guerra, querem ganhar terreno e expulsar o inimigo de suas trincheiras, eles se precipitam ao primeiro sinal, sem demorar, sem hesitar, sem indagar se serão contidos em sua carreira; quanto mais impetuoso for o entusiasmo, tanto maiores probabilidades terão de vencer. Assim também devemos nós, com generoso entusiasmo, atirar-nos ao sacrifício quando esse se nos apresenta, vendo somente Deus e o nosso dever. "Por vós, meu Deus", devemos dizer, se sobrevier algo de penoso a praticar. "Tudo quanto quiserdes, meu Deus, contanto que eu vos ame", deve ser o grito de nosso coração, quando tivermos que exercer um ato de paciência, sofrer qualquer dor, revés ou humilhação; ou então, pensando na Igreja, no reino de Deus, na salvação das almas: "Tudo quanto quiserdes, meu Deus, contanto que os homens vos amem".

S. Francisco de Sales nos propõe, como acabado modelo a imitar em nossos sofrimentos, a filha de um cirurgião, que, doente, e precisando ser sangrada, contentava-se em repetir, enquanto o pai lhe lancetava a veia: "Meu pai me quer bem, e eu sou toda dele" (Amor de Deus, IX, 15). Ela não tomava em consideração o seu mal, e nada perguntava; bastava-lhe exercer o seu amor. Tal é o abandono das almas plenamente unidas a Deus.

Quanto mais se esquecem de si mesmas, tanto mais Deus fá-las pensar em suas bondades, em suas amabilidades, penetrando-as de zelo pelos seus interesses e pela sua glória. Então, quando Deus lhes puser à prova sua virtude, o amor que obtiveram e que Deus conserva em seu coração, suaviza-lhes os sacrifícios e lhes garante a fidelidade. Saibamos amar assim, e cada uma de nossas provações nos tornará mais amantes e mais amados do Deus do amor.

## CAPÍTULO XIII

### Da importância da vida interior

#### 1. Erro das almas que não cultivam a vida interior.

O padre Olier, ao encontrar um dia um jovem eclesiástico, perguntou-lhe em que pensava. Respondeu-lhe este que não pensava em nada. "Como? disse o servo de Deus com surpresa, será possível que um eclesiástico esteja sem pensar em Deus e sem lhe prestar alguma homenagem em seu coração?" (Vida, por Faillon, t. II, p. 369). Se vivesse hoje, o santo fundador da Companhia de S. Sulpício teria ainda semelhantes surpresas. Poderia encontrar pessoas respeitáveis, homens de ação, mulheres de zelo, religiosas, eclesiásticos, que lhe fariam a mesma declaração, e o fariam sem constrangimento. E' que não têm, pela vida interior, como um grande número de cristãos, a estima que esta merece.

Quando Jesus reapareceu em Nazaré, depois de haver operado importantes milagres em Cafarnaum, seus compatriotas não quiseram crer em sua missão; não acreditavam tão pouco na eminente santidade de José, nem na de Maria. A vida de Jesus em Nazaré, como a de Maria e de José, tinha sido uma vida interior; Jesus nada havia feito do que atrai os olhos. Ora, os habitantes de Nazaré, gente grosseira e pouco espiritual, levando uma vida exterior, não apreciavam senão o que aparecia, e para excitar-lhes a admiração e conquistar-lhes a estima

teria sido necessário praticar atos de ostentação, obras de brilho. Tais são, em geral, os sentimentos humanos, mas o juízo de Deus é inteiramente diverso: *homo videt quae parent, Dominus autem intuetur cor* (1 Rs 16, 7).

Não somente os cristãos mundanos ou os cristãos relaxados que desconhecem a importância da vida interior. Pessoas que fazem profissão de piedade, aplicam-se antes em buscar as virtudes exteriores, em corrigir os defeitos ostensivos, do que em reformar o íntimo de sua alma. Se tais criaturas forem chamadas a dar conselhos, a dirigir outras, prescreverão principalmente práticas numerosas, recomendarão obras exteriores, insistirão em fazer desaparecer o que choca exteriormente, avisos esses que terão a sua utilidade; mas deixarão de chamar a atenção das almas que dirigem sobre as virtudes íntimas; não saberão ensinar-lhes a viver de santos pensamentos e a alimentar os corações de sentimentos sobrenaturais e divinos. Há pregadores de retiro que falam com eloquência dos defeitos aparentes de seus ouvintes, e que não dão sequer uma instrução sobre a vida interior, nem lhes recomendam que vivam na presença de Deus, em união com Jesus.

Tal não era o método de S. Francisco de Sales. "Tinha por princípio que, na direção das almas, é preciso ocupar-se muito mais do coração do que do exterior, porque, uma vez ganho este reduto, dizia ele, o resto não se mantém em pé. Quando há fogo em uma casa, jogam-se os móveis pelas janelas; assim também quando o amor de Deus se apossa de um coração, tudo o que não é Deus lhe parece insignificante". "Quando Deus me envia uma alma generosa a dirigir, dizia ele ainda, eu procuro atear o fogo do amor divino nos quatro cantos da casa,

1) "Vida", por Hamon, t. II, p. 564.

certo de que as misérias, as frivolidades mundanas, se existirem ainda, acabarão por abismar-se e perder-se nesse incêndio”.

Não será realmente mais rápido, a quem quer destruir uma floresta, pôr-lhe o fogo do que arrançar as árvores uma a uma? Assim também a floresta de nossos defeitos será destruída mais depressa se, por uma vida interior bem dirigida, chegarmos a um amor ardente e generoso, em vez de os atacarmos penosamente um depois do outro. A vida é uma alternativa constante de reflexões e de ações; mas estas dependem daquelas. Toda a conduta do homem está sujeita ao curso habitual de seus pensamentos e de seus sentimentos; é, pois, sobre esses dois pontos que ele deverá, em primeiro lugar, exercer a vigilância.

Ajuntemos pensamentos e sentimentos, porque se encadeiam: *ubi est thesaurus vester, ibi et cor vestrum erit*: nosso coração está onde está o nosso tesouro, nossos pensamentos acompanham o objeto do nosso amor. O amor dirige por conseguinte os pensamentos. Em compensação, os pensamentos ativam e aumentam o amor que, por sua vez, inspira as palavras e os atos.

Sacamos, portanto, tudo do nosso interior, e, quanto vale esse interior, tanto vale o que dele podemos tirar. *Bonus homo de bono thesauru profert bona*: o homem bom tem no fundo de seu coração um tesouro de amor de onde só escapam atos de virtude: *malus homo de malo thesauro profert mala*, o mau traz em si um reservatório de vícios, de onde saem naturalmente coisas más (Mt 12, 35). Quanto mais perfeitos os sentimentos íntimos, tanto mais meritórios os atos que deles emanam.

Feliz, pois, daquele que vela sobre seus pensamentos e purifica seus sentimentos, feliz do que vive a vida interior. A vida interior se desenvolve se for cultivada; as virtudes que únem a alma a Deus,

fé, esperança e amor, crescem com os atos, perdendo, ao contrário, a sua força quando esses forem negligenciados. As mais fortes verdades, em geral, pouco impressionam os que não vivem da vida interior, porque seu espírito, absorvido por mil pensamentos inúteis, ocupado por mil ilusões frívolas, distraído por toda sorte de preocupações, está fechado às reflexões sérias e não sabe tirar proveito das mais santas doutrinas. A alma sem vida interior é forçosamente dissipada; é o caminho trilhado da parábola que atravessa a chusma dos transeuntes, isto é, todas as notícias, todas as futilidades. As aves aí esvoaçam à vontade, pois as imaginações mais vãs, passando pelo espírito, levam a boa semente que aí fora depositada. E, em lugar dos pensamentos de fé e dos sentimentos sobrenaturais, as almas dissipadas, ou simplesmente distraídas, vêem lhes afluírem idéias baixas, aspirações naturais e muitas vezes viciosas: a vaidade, o amor próprio, o amor das comodidades, o apego aos bens deste mundo.

“Vós sois de baixo, dizia Jesus, e eu sou de cima: *Vos de deorsum estis, ego de supernis sum*; vós viveis nas baixezas e no terra-a-terra e não, como eu, nos pensamentos do céu, no amor dos bens eternos; vós não desejais senão as alegrias da terra, os gozos vis; aspirais a satisfazer o corpo, os sentidos; o fim da vossa vida são o bem-estar e os prazeres deste mundo.

Sem dúvida, as almas piedosas não caem do mesmo modo que os judeus, a quem Jesus se dirigia; resta-lhes sempre vida interior suficiente para conservar sentimentos sobrenaturais, mas só uma vida interior intensa pode dominar as inclinações perversas, e manter as santas disposições que tornam a alma semelhante a Deus. Sem esta vida interior constante, impossível é sequer guardar a pureza de intenção. “Cuidai, dizia o Salvador, de não fazer vossas obras perante os homens para serdes vistos

por eles". Purificai, pois, vossas intenções, procurai não dar a vossos atos senão intenções sobrenaturais e santas; vossa ação vale o que vale vossa intenção; quantas obras, belas aos olhos dos homens, são pouco meritorias aos olhos de Deus; a vaidade, principalmente, de que devemos sempre desconfiar, como no-lo recomenda nosso Senhor, é uma inutilizadora de méritos.

E' raro um cristão verdadeiramente piedoso agir unicamente para adquirir a estima ou a aprovação das criaturas, mas não é raro serem suas intenções menos puras e ao desejo da glória de Deus se juntar uma segunda intenção de glória humana. Como escapariam a esses sentimentos, que brotam tão espontaneamente no coração humano, aqueles que vivem de uma vida toda exterior, que não procuram atentamente, a cada instante, reanimar a fé e aquecer o coração? Cederão com frequência, sem o perceber e sem se censurar.

## 2. Frutos obtidos pelos que se aplicam à vida interior.

Aqueles, ao contrário, que vivem da vida interior, conhecem os ímpetos de seu coração, e se surgir algum sentimento em sua alma que não tiver a Deus por objeto, lamentam-se e o reprovam imediatamente.

E' por que nosso Senhor recomendava com insistência a seus queridos apóstolos que permanecessem intimamente unidos a ele: "Permanecei em mim e eu em vós". *Manete in me et ego in vobis*. Saibamos permanecer nele. E' de justiça, posto que Jesus vive em nós, e a Santíssima Trindade estabeleceu em nós sua morada. "Se alguém me ama, nós viremos a ele e nele faremos nossa morada" (Jo 14, 13).

O Padre, o Filho e o Espírito Santo comprazem-se em permanecer em nossas almas, como em um santuário, em um lugar de delícias, como no-lo pro-

va a palavra que acabamos de citar. E quando vemos Nosso Senhor instituir a Eucaristia a fim de se unir a nós, corpo a corpo, espírito a espírito, alma a alma, compreendemos melhor ainda esse amor forte que o atrai às suas pobres criaturas, induzindo-o a formar com elas essa união. Como qualificar, pois, aqueles que dão pouca atenção ao hóspede divino de sua alma? Jesus ali está por amor e eles nem sequer se lembram disso! Que indiferença, que ingratidão!

"Permanecei em mim e eu em vós. Como o sarmento não pode por si mesmo produzir fruto, se não se mantiver unido à vinha, assim também vós não o podereis, se não permanecerdes em mim. Eu sou a vinha, vós sois os sarmentos. Aquele que permanece em mim e em quem eu permaneço, produzirá muitos frutos; porém, separados de mim, nada podeis fazer" (Jo 15). Sem dúvida, basta que a alma esteja unida a Jesus pela graça santificante, para poder produzir frutos de vida, mas quem ousaria negar que, quanto mais estreita é a união com Jesus, tanto mais se exerce sua influência e tanto mais eficaz é?

Permanecei em mim, primeiro, por uma fé viva; acreditai não somente em minhas palavras, mas alimentai-vos delas, e assim vós vos unireis a mim, pensando o que eu penso, e julgando como eu julgo. Tereis, pois, entrado em mim, compartilhado dos meus sentimentos, e eu terei entrado em vós, transmitindo-vos minhas idéias, meus desejos, minhas afeições, minhas aversões. E como sou a verdadeira pureza, a verdadeira santidade, vós participareis da minha pureza. E já participastes dela; *jam mundi estis propter sermonem quem locutus sum vobis*: já estais puros por causa das palavras que eu vos disse; meu ensinamento vos inspirou o amor de Deus e o horror do mal, e portanto vos purificou.

Mas quanto mais vos impregnardes de minha doutrina, tanto mais vos tornareis puros e santos.

Permaneçei também em mim, realizando as obras que eu realizei. Que a vossa fé seja uma fé ativa, eficaz, pois uma fé morta não purifica; quem age contra a fé não experimenta os seus efeitos. Para permanecer unido a Jesus é preciso não somente pensar o que ele pensa, mas querer o que ele quer e fazer o que ele faz. Para permanecer em Jesus, é preciso agir com ele e por ele; é preciso manter-se unido a ele pelo amor no meio dos trabalhos e no cumprimento de todos os deveres; Jesus habita então na alma, iluminando-a, abrasando-a, comunicando-lhe sua vida, isto é, suas luzes, seus gostos, suas aspirações, suas virtudes.

“Se permanecerdes em mim e minhas palavras permanecerem em vós, tudo quanto quizerdes, vós o pedireis e vo-lo será concedido” (Ibid.). Eis as duas condições que tornam um homem todo poderoso aqui na terra: Viver na união com Deus e seguir em tudo as recomendações, os ensinamentos, as inspirações secretas de Jesus. Não é isso levar vida angélica? Nossos anjos da guarda não perdem de vista seu Senhor e seu Deus: *semper vident faciem Patris*, e executam com fidelidade perfeita todas as suas vontades. Aqueles que não perdem a presença de Deus e são fiéis em fazer tudo que nosso Senhor lhes ensina, tudo que lhes pede, só têm santas aspirações. Já aniquilaram sua vontade puramente natural, para não querer mais senão o que Deus quer. Eles expõem continuamente a Deus os desejos todo sobrenaturais que não os abandonam, ou, ao menos, se não os enunciam expressamente, sua atitude, toda de submissão e de amor, já vale por uma oração, e rezam mesmo quando não exprimem pedidos. Vendo-os tão amantes, o Senhor se compraz em satisfazer-lhes os desejos. Sua oração é, pois, contínua, inteiramente conforme à vontade divina.

Como não há de ser atendida essa oração e sempre realizada a sua vontade?

Oh! quão abundantes frutos produzem esses sinceros amigos de Deus, intimamente unidos a ele pela vontade. Como glorificam a Deus! São, na verdade, os amigos de Jesus! “E’ a glória de meu Pai, disse o Salvador, que produzais muitos frutos e que sejais meus discípulos!” Sim, muitos frutos, isto é, muitos atos de virtude, e também muito bem exercido por meio de vós, seja em torno de vós, seja longe e sem o vosso conhecimento.

Ninguém suspeita do número e do valor dos atos sobrenaturais que os cristãos unidos a Deus praticam no íntimo de seu coração e ninguém imagina o bem que eles fazem, as almas que salvam, a glória, glória eterna, que procuram a Deus!

Alcançar essa vida de união, unir as obras exteriores ao exercício interior da presença de Deus, requer esforços. A madre Maria do Divino Coração comparava a alma que, no meio de seus trabalhos, se mantém unida a Deus, ao pianista que com uma das mãos toca o canto e com a outra faz o acompanhamento. O artista só depois de longos esforços e penosos exercícios consegue executar esse duplo movimento, mas então já não encontra a menor dificuldade. Dá-se o mesmo na vida espiritual, e tanto mais quanto a alma, que se exercitou com ardor e perseverança na prática da presença de Deus e da renúncia generosa, soube esvaziar o seu coração dos sentimentos naturais e das preocupações profanas; então recebe poderosas graças que a firmam no amor e lhe permitem gozar de todas as vantagens da vida interior, sem se descuidar de nenhum dever da vida exterior.

## CAPÍTULO XIV

### Da prática da vida interior

#### 1. *E' menos difícil do que parece guardar a presença de Deus.*

S. Paulo recomenda aos colossenses de "andar no Cristo", isto é, de viver nele, de agir com ele, tão fortemente apegados a ele como a árvore às suas raízes, tão sólidamente apoiados nele como o edifício nos seus alicerces: *In ipso ambulate, radicati et supraedificati in ipso* (Col 2, 6, 7).

Os justos da lei antiga viviam, eles também, apoiados em Deus, enraizados em Deus. "A Escritura, diz Monsenhor Gay, parece resumir a vida, as obras, as virtudes dos patriarcas, quando diz de cada um deles: andou aqui na terra à face do Senhor" (Gn 5, 6, 9; 17, 1: 24, 40). O salmista diz de si mesmo: "Ponho constantemente o Senhor diante de meus olhos, pois ele está à minha direita" (15, 8). "Tenho constantemente os olhos voltados para Javé" (24, 15).

Na lei antiga, os homens dirigiam-se diretamente a Deus Criador. O espetáculo de suas obras e a lembrança de seus benefícios vivificavam-lhes a fé e fortificavam-lhes o amor. Na lei nova, eles podem, e devem, acrescentar a esses proveitosos meios a lembrança da bondade, das perfeições de Jesus, que é, aliás, o caminho que conduz ao Pai: *Nemo venit ad Patrem nisi per me*. Viver com Jesus, per-

manecer em sua companhia, manter com ele uma doce intimidade; viver na presença de Deus, na união com esse Pai tão bom que estabeleceu sua morada dentro de nossas almas, é viver da vida interior. "Não vos esqueçais jamais, dizia S. Francisco de Sales às suas filhas da Visitação, de que nada devemos desejar neste mundo senão a união de nossas almas com Deus" (Vida, por Hamon, l. VI, cap. XI). E S. Tomás de Aquino, no seu leito de morte, recomendava, aos religiosos que o assistiam, o santo exercício da presença de Deus.

Ouvimos, às vezes, dos lábios de pessoas que fazem profissão de piedade, a seguinte objeção: "É ilusão querer guardar sempre o pensamento de Deus. Não temos nós deveres, trabalhos, preocupações que nos absorvem a atenção? Forçosamente se passarão horas inteiras em que o perderemos de vista; mas, como lhe fazemos a vontade, e pela manhã tivemos o cuidado de lhe oferecer todos os nossos atos, o merecimento será o mesmo e Deus se agrada dos seus servos". Na verdade assim procedem os servos. Mas quando duas pessoas se amam com um amor ardente, é-lhes por acaso difícil pensar constantemente um no outro? Difícil, pelo contrário, lhes seria, mesmo durante uma hora, perder a lembrança do ente amado. Quando voltam à calma, o pensamento voa logo para o objeto de seu carinho. Assim fazem a mãe com seus filhos, e o jovem esposo, ou esposa, com o cônjuge querido. Mais ainda, os trabalhos não os absorvem ao ponto de lhes interromper todo o impulso do coração. E essa lembrança, entretida com ternura, aumenta ainda o amor. O que pode o amor humano, o amor divino também o pode e melhor ainda. "Eu não quero, dizia uma alma santa, que a esposa de um mortal me sirva de modelo e me exceda no amor de meu Esposo-Deus" (Vida de Marie Aimée de Jésus, cap. VIII).

E vós, que alegais não poder conservar a lem-

## CAPÍTULO XIV

### Da prática da vida interior

#### 1. *E' menos difficil do que parece guardar a presença de Deus.*

S. Paulo recomenda aos colossenses de "andar no Cristo", isto é, de viver nele, de agir com ele, tão fortemente apegados a ele como a árvore às suas raízes, tão sólidamente apoiados nele como o edificio nos seus alicerces: *In ipso ambulate, radicati et superaedificati in ipso* (Col 2, 6, 7).

Os justos da lei antiga viviam, eles também, apoiados em Deus, enraizados em Deus. "A Escritura, diz Monsenhor Gay, parece resumir a vida, as obras, as virtudes dos patriarcas, quando diz de cada um deles: andou aqui na terra à face do Senhor" (Gn 5, 6, 9; 17, 1: 24, 40). O salmista diz de si mesmo: "Ponho constantemente o Senhor diante de meus olhos, pois ele está à minha direita" (15, 8). "Tenho constantemente os olhos voltados para Javé" (24, 15).

Na lei antiga, os homens dirigiam-se diretamente a Deus Criador. O espetáculo de suas obras e a lembrança de seus benefícios vivificavam-lhes a fé e fortificavam-lhes o amor. Na lei nova, eles podem, e devem, acrescentar a esses proveitosos meios a lembrança da bondade, das perfeições de Jesus, que é, aliás, o caminho que conduz ao Pai: *Nemo venit ad Patrem nisi per me*. Viver com Jesus, per-

manecer em sua companhia, manter com ele uma doce intimidade; viver na presença de Deus, na união com esse Pai tão bom que estabeleceu sua morada dentro de nossas almas, é viver da vida interior. "Não vos esqueçais jamais, dizia S. Francisco de Sales às suas filhas da Visitação, de que nada devemos desejar neste mundo senão a união de nossas almas com Deus" (Vida, por Hamon, l. VI, cap. XI). E S. Tomás de Aquino, no seu leito de morte, recomendava, aos religiosos que o assistiam, o santo exercício da presença de Deus.

Ouvimos, às vezes, dos lábios de pessoas que fazem profissão de piedade, a seguinte objeção: "E' illusão querer guardar sempre o pensamento de Deus. Não temos nós deveres, trabalhos, preocupações que nos absorvem a atenção? Forçosamente se passarão horas inteiras em que o perderemos de vista; mas, como lhe fazemos a vontade, e pela manhã tivemos o cuidado de lhe oferecer todos os nossos atos, o merecimento será o mesmo e Deus se agrada dos seus servos". Na verdade assim procedem os servos. Mas quando duas pessoas se amam com um amor ardente, é-lhes por acaso difficil pensar constantemente um no outro? Difficil, pelo contrário, lhes seria, mesmo durante uma hora, perder a lembrança do ente amado. Quando voltam à calma, o pensamento voa logo para o objeto de seu carinho. Assim fazem a mãe com seus filhos, e o jovem esposo, ou esposa, com o cônjuge querido. Mais ainda, os trabalhos não os absorvem ao ponto de lhes interromper todo o impulso do coração. E essa lembrança, entretida com ternura, aumenta ainda o amor. O que pode o amor humano, o amor divino também o pode e melhor ainda. "Eu não quero, dizia uma alma santa, que a esposa de um mortal me sirva de modelo e me exceda no amor de meu Esposo-Deus" (Vida de Marie Aimée de Jésus, cap. VIII).

E vós, que alegais não poder conservar a lem-

brança de vosso Deus no meio de vossas ocupações, consentis em amar menos aquele que tanto vos ama, do que os amantes da terra uma criatura. Quantos pensamentos frívolos, supérfluos, não entreendes durante o dia? A aplicação aos vossos trabalhos, aos vossos deveres de estado, não vos prende ao ponto de não vos deixar pensar em mil preocupações individuais, inúteis e mesmo nocivas. Se suprimissemos essas futilidades, quantos momentos não poderíeis consagrar à lembrança de vosso melhor amigo, daquele que vos criou, que vos salvou, e a quem deveis tudo? Ele aí está, no fundo de nossas almas, como num santuário, pois nós somos os templos do Espírito Santo. Ele pensa em nós, desejando sempre fazer-nos o bem, e espera que nós também pensemos nele. Para isso, é preciso que, de vez em quando, tenhamos o cuidado de nos recolher seriamente, isto é, de nos separar de tudo quanto é profano, inútil, efêmero, de tudo quanto não for de nosso dever atual e urgente, e de reunir as forças de nosso espírito, as aspirações de nosso coração, as intenções de nossa vontade para dirigi-las a Deus. Depois, fora desses momentos de recolhimento completo e enquanto nos ocupamos de nossos trabalhos, procuremos voltar-nos frequentemente a ele por um pensamento rápido, uma elevação do coração, uma oração curta, porém ardente, ou então um protesto de amor.

## 2. *Obstáculos à vida interior.*

Não são as ocupações permitidas por Deus que obstam a vida interior; tem havido santos constantemente unidos a Deus em todos os estados de vida. O obstáculo vem antes de nós, que de fora. Vem, por exemplo, de nos expandirmos demais. "Quem ama verdadeiramente a Jesus, dizia a S. Gema Galgani o seu anjo da guarda, fala pouco e suporta

tudo". E lhe recomendava de nunca dar o seu parecer sem que lho pedissem, de nunca sustentar sua opinião, mas de calar-se imediatamente (Vida, XXIII). O obstáculo vem ainda da nossa curiosidade. "A curiosidade, dizia S. Vicente de Paulo, é a peste da vida espiritual" (Vida, por Abelly, l. III, cap. XXIV). As pessoas ávidas de ver tudo, impacientes por tudo saber ou que se ocupam com prazer daquilo que não lhes diz respeito, são forçosamente muito distraídas, incapazes de vida interior, e jamais poderão receber de Deus abundantes graças. De todas as missões de S. Paulo que constam dos Atos dos Apóstolos, a que produziu menos fruto foi a de Atenas e o autor inspirado nos revela a razão, quando diz: "Todos os atenienses e os estrangeiros estabelecidos na cidade passavam o tempo a dizer e a ouvir novidades" (At 17). Há muitas almas piedosas que caem neste erro, parecendo não compreender de que benefícios se privam. Tauler nos refere que Nosso Senhor se queixou um dia a um santo religioso dessa dissipação que encontrava em um grande número de seus servos: "Quando me aproximo deles, disse o bom Mestre, com o desejo de lhes encher o coração, a alma e os sentidos de mim mesmo e lhes comunicar alegria e amor, eu os encontro tão distraídos, tão ocupados, que sou obrigado a me retirar" (Tauler, VII, p. 305).

Oh! como é bom fugir o mais possível dos ruídos do mundo, renunciar às novidades, reservando-se horas e, quando possível, dias de solidão! Tal o exemplo que Jesus nos deu principalmente quando se dispunha a operar grandes coisas: antes de começar o seu ministério evangélico, permaneceu sozinho durante quarenta dias no deserto; antes de terminar sua missão e entregar-se aos seus algozes, interrompeu durante certo tempo, talvez grande parte do inverno, seus trabalhos de missionário, e

retirou-se com seus apóstolos a Efrem (Jo 11, 54), perto do deserto, levando com eles, nesse lugar retirado, uma vida calma e de oração.

### 3. *Luta contra a imaginação.*

Os ruídos do mundo podem, pois, ser para nós uma ocasião de perturbação. E' entretanto relativamente fácil afastar de nosso espírito a lembrança dos acontecimentos que nos são estranhos, mas quanto aos fatos que nos tocam pessoalmente, que atingem nossas afeições, nossos interesses, ou nossa reputação, esses são muito mais impressionantes. E' bem difícil e custa-nos afastá-los. Deixar-nos levar pela corrente de nossos pensamentos é para nós como uma necessidade; é um gozo, cuja doçura notamos quando a ela queremos renunciar. A primeira satisfação que procura o coração preso por qualquer afeto é a de pensar no objeto amado; todas as vezes que o coração está emocionado, a imaginação trabalha. Quando formamos qualquer projeto, somos levados a acariciá-lo; quando sentimos qualquer alegria, queremos saboreá-la; se temos algum desejo, acompanha-nos sem querer; em nossos temores, angústias e tristezas, instintivamente, nosso espírito se transporta para o que o aflige e o inquieta. Prender, ou antes dirigir a imaginação, é, pois, um trabalho árduo, que exige, para conseguí-lo, embora ligeiramente, esforços enérgicos e verdadeiro espírito de renúncia.

Por outro lado, nosso inimigo enfurecido tem poder sobre nossa imaginação e, para tentar-nos, agirá sobre essa faculdade instável. Os pensamentos que importunam as almas fiéis, produzindo perturbações de toda espécie, aumentando-lhes as preocupações, avivando-lhes a contrariedade ou atijando-lhes a concupiscência, são inúmeras vezes efeito de sugestões diabólicas. S. Pedro nos diz que o de-

mônio gira constantemente em torno de nós, ardendo no desejo de nos perder. Emprega, nesse sentido, toda sua astúcia, suscita imagens aos olhos de nossa alma, relembra à nossa memória fatos capazes de nos seduzir ou perturbar; e apresenta-os sob um aspecto ilusório, a fim de excitar nossas paixões, seja acariciando-as, seja irritando-as; aumenta ainda os fatos, altera-os, compara-os com outros que pouco ou nada lhes dizem respeito, e desvia, assim, nossa atenção daquilo que poderia levar-nos a reconhecer nosso erro ou acalmar-nos.

Eis o trabalho ao qual se entregam continuamente os demônios tentadores, se os deixarmos agir; mas, se lhes resistirmos, então a batalha será violenta. Não nos lembramos bastante de que nossos combates são interiores, e que tanto as grandes derrotas como as grandes vitórias são em geral íntimas, desconhecidas dos homens, que só lhes vêem as consequências.

Aqueles que não se aplicam em refrear a imaginação não podem possuir senão virtudes mediocres. "Ninguém poderá atingir a perfeição, dizia S. Francisco de Sales às suas filhas da Visitação, enquanto tiver afeto a qualquer imperfeição, por pequena que seja, até mesmo a um pensamento inútil; não podeis imaginar o quanto isso prejudica à alma, pois, desde que tiverdes dado ao vosso espírito a liberdade de pensar em uma coisa inútil, ele pensará logo em uma coisa perniciosa" (Entretenimentos, VIII). Felizes, ao contrário, aqueles que se aplicam corajosamente ao recolhimento. No decorrer de um só dia, quantas vitórias obtêm essas almas fervorosas que lutam com energia contra sua imaginação. Só Deus as pode contar e ele as recompensará no grande dia da eternidade, generosamente. Muito meritórias são, com efeito, essas vitórias. Já que o espírito se deixa conduzir pelo coração, e cada um sonha com aquilo que ama, ou se preocupa com o que re-

ceia, quantos atos de perfeita renúncia ou de completo abandono fazem aqueles que dirigem sempre bem seus pensamentos, e sabem refreá-los quando se desviam. Que amor constante e forte exercem essas almas para com Deus.

Por outro lado, quantas tentações evitam, ou de quantas triunfam sem dificuldade, e como lhes é fácil o exercício de todas as virtudes! Assim como o atesta a venerável Maria da Encarnação, a supressão das reflexões inúteis sobre tudo o que tendia a Deus lhe fora, em vida, o mais poderoso meio de progresso (Carta, 56).

Raras são, infelizmente, essas almas que vão assim de vitória em vitória. A mor parte das pessoas piedosas luta contra seus pensamentos, mas fazem-no com indolência demasiada para ficarem bem unidas a Deus; mantêm-se a meia altura, entre os cimos da montanha e os pântanos da planície; umas, mais perto dos baixios, respiram a miúdo os miasmas; outras, um pouco mais alto, são mais vigilantes e mais generosas no combate, porém, bem poucas sabem manter-se constantemente nas alturas e escapar às influências más. Aquelas que se queixam de suas distrações, aspiram a uma vida interior mais perfeita, mas não sabem reconhecer que a falta de firmeza e de coragem nos combates íntimos é a verdadeira causa de seu pouco recolhimento.

A culpa nunca é de Deus, que não poupou suas graças. Logo no início de uma vida de piedade, se a alma não recusar ao Senhor os sacrifícios que ele lhe reclama — as almas sem generosidade são sempre frias e distraídas — se souber fazer-se certa violência e praticar as virtudes custosas, começará a sentir as doçuras do recolhimento. É uma delicadeza do Amigo divino, que quer habituar sua pobre criatura a permanecer junto dele e fazê-la experimentar desde então a verdade destas palavras da Imitação (2, 1): “Se preparares a Jesus, dentro de

ti mesmo, uma morada digna dele, ele virá a ti e te encherá de suas consolações, pois ele se compraz no íntimo do coração... Quando Jesus está presente, tudo é suave e nada parece difícil... estar com Jesus é um paraíso de delícias... estar com Jesus é possuir riquezas infinitas”. Esse primeiro recolhimento não dura senão um certo tempo, mostrando apenas as vantagens da união perfeita, cujo desejo desperta. A alma, que uma vez o experimentou, o procura com mais ardor. Vem, em seguida, a hora da provação, e a alma, importunada por preocupações, por desejos, é levada aos cálculos, às hipóteses, aos devaneios; o demônio redobra de violência para mantê-la nas distrações, nos cuidados, nos pensamentos inúteis. Então será preciso, ao preço de grandes esforços, reconquistar o que a princípio lhe pareceu tão suave.

*Quae sursum sunt quaerit*, diz S. Paulo aos coríntios (3, 1, 2). “Procurai as coisas que estão no alto”. *Quae sursum sunt sapite, non quae super terram*: “Ambicionai as coisas do alto, não as da terra”. Que vossos pensamentos e vossos afetos se elevem para o céu, onde o Cristo está sentado à direita de Deus. Conservai-vos sempre acima da terra, com os olhos fitos no céu. Quereis atingir os cimos do amor e a distância é longa, o termo é elevado. Empregai o meio mais seguro para vencer todos os obstáculos e ir depressa e longe: o aeroplano. Se fordes a pé, ocupando-vos de tudo que estiver ao vosso alcance, pouco caminhareis; se fordes pela estrada de ferro, o peso da locomotiva, dos carros, o rodar sobre os trilhos, diminuem a marcha e as paradas nas estações vos retardarão. Os aviadores vão muito mais depressa porque não estão presos à terra e se elevam com facilidade. Imitai-os, elevai-vos acima de todos os obstáculos, de todas as contradições e satisfações, acima dos sofrimentos, dos gozos, das esperanças humanas, das inquietações e das

perturbações. Junto de vós os homens se agitam; este parece estar errado, aquele, ter razão; se não vos cabe velar sobre eles, se a caridade não vos pede para intervir, orai por todos, mas não julgueis pessoa alguma, não vos retardeis por esses incidentes, permaneçei em vosso avião. Mas agora não é somente junto de vós que eles se agitam, vossa pessoa está em jogo, exposta a críticas e a louvores, a oposições e contrariedades; pois bem, lembrai-vos de que tudo passa, alegrias e sofrimentos e que amanhã, ou dentro de oito dias, dentro de um mês, não mais vos lembrareis dos acontecimentos de hoje; não abandoneis, por coisas tão efêmeras, o vosso aeroplano, e continuai o voo pelas regiões do amor.

#### 4. *A lembrança da Jesus.*

Que vos há de manter nas alturas? O pensamento de Jesus, de seu divino Coração, em que deveis penetrar para nunca mais sair. "Acreditai-me, dizia S. Teresa às suas filhas, e permaneçei o quanto puderdes em companhia de tão excelente amigo. Se tomardes o hábito de tê-lo sempre perto de vós, e se ele vir que procedeis assim por amor, esforçando-vos por lhe agradar, então não podereis mais, por assim dizer, desfazer-vos dele. Ele nunca vos abandonará, ele vos ajudará em vossos trabalhos e vós o encontrareis por toda parte. Pensais, por acaso, que é pouca coisa ter constantemente ao vosso lado semelhante amigo? (Caminho da perfeição, cap. XXVI).

Em sua humildade, nosso doce Salvador é tão belo, tão bom, tão amável! Em sua divindade, tão grande, tão admirável, tão amante! Quem o contempla não pode deixar de admirá-lo, e quem o admira sente-se atraído a ele e feliz de se lhe unir pelo amor. Contemplemo-lo tão pequeno, tão humilde em seu presépio, esse divino Infante que faz

ouvir seus brandos vagidos e se deixa amamentar por Maria; contemplemo-lo tão gracioso no Egito, onde começa a balbuciar e a dar os primeiros passos, ele o Todo-poderoso; tão encantador em Nazaré, criança de quatro, sete anos, simples e obediente, cheio de carinho por Maria e José, ele, o Senhor do mundo. Aos treze anos, começa sua aprendizagem, aplaina a madeira na oficina de S. José, acompanha-o à casa dos fregueses; depois, durante quinze anos, ele mesmo ganha penosamente a vida, como um pobre operário; cansa-se, sua, depois reparte com Maria o pão que ganhou, e come os alimentos singelos e pobres, que sua mãe lhe preparou, ele, o Criador do universo. Aos trinta anos, começa sua vida missionária; depois de quarenta dias de jejum absoluto e de orações, percorre primeiro a Judéia, depois a Galiléia, vivendo de esmolas, curando os doentes, formando seus apóstolos. Mostra-se sempre tão meigo e acolhedor, tão simples e afável, que a ninguém intimida. E' bom para com todos. E, diante de seus algozes, que paciência, que humildade, que dignidade! Com que dedicação vai ao encontro dos mais horríveis suplícios! Como desejou derramar seu sangue, como desejou sofrer por mim! E tantos benefícios não lhe bastam. Em seu amor e em sua sabedoria, inventa algo de mais maravilhoso: a Eucaristia. Na hóstia santa ele se abaixa ainda mais do que na Encarnação, aniquila-se, faz-se prisioneiro para dar a todos, para se unir intimamente a cada um de seus filhos. Há dezenove séculos que reside em uma multidão de santuários e, do fundo dos muitos tabernáculos, ele nunca deixou de olhar para mim, e, antes mesmo que eu viesse ao mundo, já pensava em mim, lembrando-se com prazer de todas as graças que me queria comunicar, de todas as alegrias com que me queria inundar depois de me ter introduzido em seu paraíso. E esse meigo Jesus é o grande Deus, o Deus que se definiu a si

mesmo: Aquele que é, o Eterno, o Todo-poderoso, o Infinito. Ele vive em companhia do Pai e do Espírito Santo, no exercício de um amor sem limites, ininterrupto, de um amor sempre radiante e imensamente feliz. E é com esse amor infinito que ele ama desde toda a eternidade e que me há de amar nos séculos dos séculos. E onde está ele, esse grande Deus? Está em mim; Jesus, que veio a mim pela comunhão, permanece em mim; as três Pessoas divinas não me deixam e aqui estão no mais íntimo recesso do meu coração; posso apertar a mão sobre o peito com delícia, eu as tenho, eu as possuo, e elas me possuem a mim.

Quem se habitua a pôr assim diante dos olhos o quadro de conjunto da vida de Jesus, e de suas inefáveis perfeições; quem se recorda de sua doce presença, e isto logo pela manhã, ao começar a meditação; quem tem o cuidado de mergulhar-se no Coração de Jesus, durante o dia, principalmente antes da oração, não pode deixar de viver na prática constante da fé, da confiança e do amor; quem vive assim pratica a vida interior, na medida em que depende dele.

E quão feliz Jesus se sente quando a alma querida, e da qual não se separa, faz generosos esforços para afastar-se das criaturas e não pensar senão nele. "Enquanto um outro tiver o direito de falar no templo de vossa alma, diz Tauler (Tradução Noel, t. II, p. 242), Cristo se cala, não está em sua casa. Não, ele não se sente em sua casa, enquanto vossa alma admite hóspedes estranhos, com os quais não lhe agrada entrar em conversação". "Se não fizerdes calar em vós, dizia às suas noviças S. Margarida Maria, todas essas vozes que não falam do amor do divino Bem-amado, não lhe ouvireis a voz" (ibid., t. II, p. 691). Mas quando as lutas perseverantes conseguiram dominar um pouco a fogaosa imaginação, quando o coração, à força de afastar

a lembrança dos objetos criados que o cativavam e o perturbavam, tornou-se mais livre, então Jesus mesmo aperta os laços que o unem à alma muito amada. Ao recolhimento que ela conquistou, ele acrescenta outro, mais profundo, mais doce e ao mesmo tempo mais forte, e que os esforços dessa alma corajosa nunca lhe teriam podido dar. Desde então, ela vê que tende sempre para Deus, como a pedra tende sempre para a terra; os acontecimentos, os negócios, os deveres, ocupam-lhe naturalmente o espírito, mas, na vontade, permanece sempre uma propensão simples, suave, amorosa, contínua para Deus. Logo que essa alma se acha só, volta-se para Deus; logo que cessam os colóquios humanos, torna aos colóquios divinos. Muitas vezes também, enquanto conversa com os homens, principalmente se tiver qualquer conselho a dar, qualquer decisão a tomar, qualquer mal a evitar, ela recorre interiormente ao seu protetor, ao seu guia, ao seu amigo divino, solicitando-lhe auxílio, esclarecimento, coragem. E fá-lo sem esforço, elevando naturalmente, e como que instintivamente, a cada instante, o espírito e o coração ao Bem-amado.

E' um dom insigne o dom da vida interior, o dom da união amorosa; não é mais, como nos principiantes, superficial e efêmero, é profundo e duradouro. A alma que atingiu assim a via unitiva está, como o recomendava S. Paulo, bem enraizada em Cristo. Ela vive em Cristo e Cristo vive nela.

## CAPÍTULO XV

### Da devoção ao Sagrado Coração de Jesus

#### 1. *Vantagens do caminho do amor.*

A prática da presença de Deus e a lembrança habitual de Jesus são os dois grandes meios de entreter em nós a vida interior e de nos facilitar o exercício de todas as virtudes. Mas é o Deus-amor que devemos considerar, é ao Deus-Amor que devemos ficar unidos. Grande número de almas fiéis não vivem bastante desse pensamento de que Deus as ama; elas o consideram como seu Criador, seu Mestre e seu Senhor, mas não como o Amigo generoso, o Eleito de seu coração. Entretanto, elas o amam com amor sincero, pois não querem desagradar-lhe e sua disposição inerente é de obedecer às suas leis, de lhe fazer a vontade e mesmo trabalhar para sua glória, mas não há ternura nesse amor. Diante de uma decisão a tomar, de uma norma de conduta a seguir, cogitam antes de tudo na moralidade e na oportunidade do ato a praticar. Em suas orações, quando meditam sobre as virtudes, ou durante o dia, quando se lhes apresenta qualquer ocasião de exercê-las, elas se animam e se decidem, considerando o que há nisso de belo, de acertado e de justo. Meditam também, de vez em quando, sobre os favores de Deus, sem que esses motivos de amor exerçam nelas a devida influência. O cami-

nho que seguem é bom, porque o amor não lhe é estranho, e porque querem sempre obter um amor maior, pela prática das virtudes, para a qual convergem toda a sua energia.

Há, porém, outro caminho que nos parece mais fácil, mais direto e mais seguro. É o caminho das almas que se esforçam por dilatar seu amor pelo exercício do próprio amor, e assim chegar à prática perfeita das virtudes. Sem nunca desprezar seus deveres, elas se aplicam principalmente a conhecer bem a Jesus, a admirá-lo, a amá-lo ternamente, a unir-se intimamente a ele e a lhe permanecer sempre muito unidas. Então, para agradar-lhe, para provar-lhe seu amor, e amá-lo cada vez mais, esforçam-se por afastar de sua lembrança os objetos profanos e procuram pensar só em Jesus e nos deveres que ele lhes impõe, visando a prática da completa renúncia, a fim de não amar senão a Jesus e aquilo que Jesus quer que elas amem. Esforçam-se também por corrigir o que nelas há de imperfeito e reformar seu temperamento, para que nada lhes fique do que descontenta a Jesus, praticando as virtudes que Jesus praticou e como ele as praticou.

Meditar no amor de Jesus, no Homem-Deus, lembrar-se continuamente desse amor, e desempenhar-se generosamente de todos os deveres da vida para lhe ser agradável, retribuir-lhe assim em todas as coisas amor por amor, aplicar-se a consolar Jesus tão ofendido, a proporcionar-lhe doces alegrias, que é, senão praticar com perfeição a devoção ao sagrado Coração?

Esse doce Salvador nos amou muito, nos ama muito, e nos há de amar muito durante toda a eternidade. Em sua alma humana ele nos ama com um amor admirável e, em sua divindade, Jesus, o Verbo divino, nos ama com o mesmo amor que o Pai e o Espírito Santo, amor eterno e infinito.

## 2. O amor humano de Jesus.

Admirável é o amor com que a alma humana de Jesus nos ama. Deus, todo amor, ao criar a alma de Jesus, querendo fazê-la à sua perfeita semelhança, não podia deixar de fazê-la toda amor. O amor é a vida da alma de Jesus; o amor inspira-lhe todos os pensamentos, desejos, obras, e tanto as suas alegrias como os seus sofrimentos tiveram origem no amor.

E qual a força deste amor? Vejamos, simplesmente: a alma de Jesus é a obra prima de Deus, que a fez tão maravilhosamente perfeita quanto possível a uma criatura. Ora, a Onipotência divina pode tornar uma alma capaz de um amor tal que, por si só, exceda em intensidade ao de todos os homens que existiram, existem e hão de existir, ao amor de todos os anjos e ao da própria Maria, reunidos num só. E este amor imenso foi o amor que Deus pôs na alma de seu Filho.

E' já com este amor que nos ama, em seu presépio, o Infante, que vela todas as suas qualidades, que oculta todos os esplendores da sua inteligência, todos os sentimentos ardentes do seu Coração. Ele nos vê antecipadamente, a cada um de nós, e oferece por todos nós humilhações, sofrimentos e orações. Ah! esse adorável adolescente que cresce em Nazaré, esse jovem aprendiz, esse pobre carpinteiro, que ganha o pão com o suor do rosto, não deixa, nem mesmo durante o sono, de pensar um só instante em nós e de nos amar, nos trinta anos de sua vida oculta; o amor que tem no coração causa-lhe um martírio terrível, porque não pode ainda exercer o seu zelo. Vê as necessidades espirituais de tantas criaturas humanas, a quem poderia instruir, ensinar, converter, e deve permanecer silencioso e escondido. Mas, chegada, enfim, a hora em que, segundo os desígnios divinos, deve começar o seu ministério evangélico, entrega-se-lhe, inteiramente e

com que dedicação! Quanto amor nos patentela nos jejuns rigorosos a que se condena por nós, nas caminhadas fatigantes sob o sol ardente da Palestina, obrigado, por vezes, pela extenuação, a deter-se, como aconteceu junto ao poço de Jacob. Quanto amor nas longas entrevistas, nas audiências, concedidas a todos que se apresentavam e que nem sequer lhe deixavam tempo para comer, ao ponto de os seus próprios amigos o tratarem de louco (Mc 3, 21). Quanto amor nessas longas orações nas quais passava, frequentemente, parte da noite ou noites inteiras! Ele, Senhor do mundo, como se dá a todos, como se dedica, como vai ao encontro de todos os infortúnios! Não espera que a viúva de Naim lhe implore a compaixão — ela não teria ousado fazê-lo, julgando sua desgraça irreparável — mas vê-a chorar e ressuscita-lhe o filho. Que alegria sente em consolar os aflitos, em restituir aos enfermos a saúde e a felicidade, e mormente em ganhar as almas à virtude, formá-las no amor de seu Pai! Quão sensível é seu amor, o Jesus que chora diante do túmulo de Lázaro, o Jesus que derrama lágrimas ao contemplar Jerusalém do monte das Oliveiras, porque a cidade ingrata não quis converter-se e estava ameaçada de desgraças horríveis dentro em breve. Chegado o momento de consumir sua obra, ele comunica a seus apóstolos os três grandes desejos que nunca deixou de alimentar em seu Coração, o desejo de dar-se-lhes na Eucaristia: *Desiderio desideravi hoc pascha manducare vobiscum* (Lc 22, 15); o desejo de derramar todo o seu sangue pela glória do Pai e a salvação das almas: *Baptismo habeo baptizari et quomodo coarctor usque dum perficiatur* (Lc 12, 50); o desejo de acender em todos os corações o fogo do amor divino: *Ignem veni mittere in terram et quid volo nisi ut accendatur* (Lc 12, 49). E em sua paixão não foi ele sempre todo amor? A visão dos ultrajes sem número feitos a seu

Pai, a visão dos pecados da humanidade e dos males que acarretam, a visão da danação eterna de tantos que não se querem aproveitar de seu sangue, foi a grande tortura de Jesus. Mas o amor que o martirizava também o sustentava. Ele via antecipadamente os frutos de sua paixão, e essa visão lhe tornava suaves os mais cruciantes tormentos. Por que, depois de sua ressurreição, não se mostra ele a seus inimigos vivo, invulnerável, num resplandecente manto de glória? Por que é tão modesto em seu triunfo, não se revelando senão a seus amigos? E' que não quer reinar pelo esplendor de sua majestade, nem pela manifestação de seu poder, mas somente pelo amor, pela bondade, pela doçura, pela humildade'.

Cessou Jesus de nos amar depois que deixou a terra? Não, e S. João declara que mesmo os pecadores lhe são ainda muito caros, porque lhes advoga a causa junto de seu Pai (1 Jo 2, 1). E assim, o próprio pecado, e o pecado mortal que lhe inspira tanto horror, não lhe altera os sentimentos do Coração. Seu olhar de amor não se muda em olhar de ódio ou de cólera; e sim em olhar de ternura entristecida, de compaixão para com o pobre louco, o mísero ingrato que Jesus continua ainda a amar e por quem intercede junto ao Pai. Lembrando-lhe que sofreu pelo seu pecado, que pagou por ele, suplica e implora uma graça de contrição, que obtém sempre, mas à qual o infeliz pode opôr obstáculos. Roga também a graça de uma perfeita penitência, de forma a permitir ao pecador, se assim o quiser, reparar plenamen-

1) Assim também quer Jesus triunfar em sua Igreja, em seus santos, em todos os seus fiéis servos. Eis por que permite ele tantas vezes que seus amigos sejam desconhecidos, desprezados, perseguidos. Somos levados facilmente a querer para a Igreja um triunfo um tanto semelhante ao reino que os judeus sonhavam para o Messias. Embora perseguida e despojada de seus bens, a Igreja triunfa, quando estende suas conquistas sobre as almas, quando vê virtudes heróicas florescentes entre seus filhos.

te sua falta. Se Jesus, no céu, ama tanto aos pecadores, quanto não amará aos justos? Quanto, principalmente, não amará seus verdadeiros amigos?

Ama-os a tal ponto que, se fosse prudente recommear para cada qual sua dolorosa paixão, imolaria ainda a sua vida como o fez na cruz, sofrendo os mesmos tormentos que padeceu no Calvário. "Tão grande é o seu amor, diz S. João Eudes', que ele estaria pronto a sacrificar sua vida no universo inteiro e com sofrimentos imensos; e porque o seu amor é eterno, estaria pronto ainda a sacrificá-lo eternamente e com dores eternas".

Sim, ele sofreria de boa vontade uma nova paixão por cada um dos filhos dos homens. Ama-os tanto que estaria pronto a fazer por cada qual o que fez por todos e assim todos nós podemos dizer com S. Paulo: "Ele amou-me, e entregou-se por mim".

Não podendo a Sabedoria divina permitir a repetição do drama do Calvário, Jesus soube encontrar um meio de renová-lo místicamente e de lhe aplicar os frutos: imola-se cada dia mais de cem mil vezes nos nossos altares, onde se abaixa e se aniquila ainda mais que na cruz; por nós e em nosso nome, ele adora, agradece, repara, suplica. Quanto se sente feliz de poder, graças ao sacrifício da missa, derramar sobre o mundo torrentes de graça! E não basta ainda ao seu amor. Não somente desce sobre nossos altares, e multiplica em todos os lugares sua presença eucarística, mas ainda se faz nosso hóspede na comunhão, e dá-se-nos todo inteiro, convidando-nos a renovar cada dia essa união tão doce ao seu Coração.

2) O coração admirável da Mãe de Deus. A frase que citamos se encontra no duodécimo livro que trata todo ele da devoção ao Coração de Jesus.

### 3. O amor divino de Jesus.

Inefável é o amor com que Jesus nos ama em sua alma humana. Mas que é isso em comparação do amor eterno, infinito, com o qual nos ama em sua Divindade? Amor eterno. Deus, sem dúvida, basta-se a si mesmo, e não tem necessidade alguma de nós. As três Pessoas divinas encontram em si mesmas a origem de uma felicidade sem limites; amam-se e se procuram uma à outra, com atração infinita. "Se a natureza não as unisse entre si, o amor as lançaria uma na outra, as uniria, e faria delas um só e mesmo Deus". Mas a natureza as une, e elas se possuem mutuamente segundo as suas aspirações. Nada falta, pois, à sua infinita felicidade, à qual nós, pobres criaturas, nada podemos acrescentar. Perante Deus que somos nós? Perante o ser todo-poderoso, para quem é uma bagatela fazer do nada mundos admiráveis, que é a pequenina criatura, incapaz de viver se Deus não lhe sustentar a existência, incapaz de respirar se Deus não lhe prestar o seu auxílio? Perante o Infinito, que opera ao mesmo tempo em todas as partes deste imenso universo, que é o pobre filho de Adão, cujo horizonte é tão limitado e cuja ação é tão restrita? Perante o Eterno, que não teve começo, e é sempre semelhante a si mesmo, que é esse mesquinho passageiro da vida, em que ninguém pensava há um século, que apareceu sobre a terra há tão pouco tempo? Perante o Santíssimo, que é a miserável criatura nascida no pecado, manchada por tantas culpas e tão fortemente induzida ao mal? E, entretanto, desde toda a eternidade, em todos esse séculos sem começo que precederam a criação, as três Pessoas divinas não passaram um só instante sem pensar em cada um de nós. Em seu Filho, que é o espelho de sua subsistência, Deus Pai sempre me viu, em seu Verbo,

3) Monsenhor Gay. Instruções em forma de retiro, p. 190.

que é sua palavra eterna, Deus sempre me nomeou. "Ao ver-se, Deus me via... Ao amar-se a si mesmo, me amava; seu amor por mim data da hora impossível em que ele começou a se amar". *Caritate perpetua dilexit te.*

E com que amor nos ama Deus? Ele não nos pode amar com um amor tibio, pois nada havendo de tibio em Deus e tudo nele sendo infinito, infinitos lhe são o amor e a bondade. "Seu amor por nós é um amor total, Deus não é divisível. Quando ama, ama inteiramente!". É verdade que ama a uns mais que a outros, que tem preferências, e preferências marcadas. Mas, se nos quer conceder suas riquezas de maneira desigual, é um mesmo ato de sua vontade que as dita; seu amor é sempre infinitamente ardente, mesmo para com aqueles a quem destina uma quota menor desse dom inefável que é ele mesmo.

O dom de si mesmo, tal é, com efeito, o termo do amor que Deus nos dedica. Ele nos ama desejando ver-nos felizes e santos, ou antes, felizes pela santidade, felizes da felicidade que é fruto da virtude e do puro amor. A virtude, a santidade é a fuga, o ódio, a destruição do mal, do pecado e a procura do bem. Ora, o verdadeiro Bem, o Bem supremo, o Bem essencial, não é outro senão Deus. Ser virtuoso, ser santo, é, pois, amar a Deus, procurar a Deus, dirigir-se a Deus, e o termo da santidade é a posse de Deus. Deus quer ser procurado por nós, a fim de que um dia possa dar-se a nós. Apesar de riquíssimo, não nos pode desejar maior bem. Ele se dá, pois, e a graça santificante outra coisa não é senão Deus dando-se à alma, vivendo nela, unindo-se a ela, penetrando-a até às profundezas de seu ser, transfigurando-a, divinizando-a. E, para proporcionar-nos esse Bem supremo, Deus empregou meios divinos:

4) Faber: Criador e criatura, 1. II, cap. II.

5) Ibidem.

nada se pode conceber que ultrapasse a Encarnação, a Paixão e a morte de um Deus, ou a Eucaristia e a comunhão. "Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho. — E o Verbo se fez carne". Quanto amor nesse rebaixamento! Se um homem consentisse, sem nada perder de sua inteligência, em tornar-se um verme da terra, um vil inseto, aviltar-se-ia muito menos que um Deus ao tomar a forma humana. Deus Pai quis essa humilhação incompreensível de seu Filho muito amado. Mais ainda, como o faz notar S. Paulo, não poupou esse Filho tão querido: *Proprio Filio suo non pepercit Deus*. Enquanto Jesus lhe dirigia esta oração: "Pai, se for possível, que se afaste de mim este cálice", Deus Pai lhe impunha, por nossa causa, que o bebesse até à última gota. Quis pois, por nosso amor, que um Deus se encarnasse, que um Deus fosse profundamente humilhado, que um Deus padecesse todos os sofrimentos, que um Deus fosse levado à morte!

Quão belo e sublime é esse amor de Deus por seus pobres filhos! No céu, onde se exercerá em toda liberdade, nós lhe provaremos os frutos deliciosos, e encontraremos sempre novas e inefáveis alegrias em sermos amados por ele. "Depois de passarmos um milhão de anos no selo de nosso Pai celeste, nós nos abismaremos sempre, e cada vez mais, nesse mar desconhecido de amor, sem jamais alcançarmos o fundo dessa indizível verdade e dessas inexauríveis delícias".

Mas por que razão Deus nos ama com esse ardor infinito? Por que razão usou de meios tão inefáveis? Que há em nós para excitar suas complacências? Nada, absolutamente nada, senão aquilo que ele nos concedeu em seu amor. Seu amor é, pois, anterior a todas as nossas qualidades, a todos os nossos atos. E ainda essas qualidades, que ele nos

concedeu porque nos amou, nós as alteramos, as diminuimos pelo pecado. Se todavia a obra de Deus se realizou, se a alma se purificou, se a virtude se desenvolveu, é porque Deus fez superabundar maravilhosamente a graça, ali onde havia abundado o pecado; é porque supriu a todas as nossas fraquezas e reparou todas as nossas loucuras. Tudo quanto podemos fazer por ele, não é senão nosso estrito dever, e tudo quanto ele faz por nós foi a mais gratuita das liberalidades. Não é em nós, é nele que devemos procurar as razões de seu amor.

Será por ser justo que ele nos ama com tamanho amor? Não, a justiça lhe acompanha o amor, não o produz. Quão adorável é a justiça de Deus! Não é, como a nossa, o respeito dos direitos de outrem, pois Deus não pode de maneira alguma depender da criatura; é a consequência do amor infinito que tem pela ordem, pelo bem perfeito. Manifesta-se a sua justiça pelas promessas que fez, quando, por exemplo, declarou repetidas vezes que recompensaria cada qual segundo os seus méritos. Mas, aí, ainda, seu amor opera tanto quanto sua justiça, pois se nossas obras têm algum valor é porque ele quis imprimir nelas o cunho sobrenatural; e para que ele possa premiar justamente nossos pobres trabalhos, para que possa, na hora da recompensa, não mais levar em conta os nossos desmerecimentos, foi preciso que o seu sangue preciosíssimo e a paixão infinitamente satisfatória do Homem-Deus tivessem pago as nossas faltas e ganho para as nossas obras o seu valor meritório.

Será a santidade de Deus que produz o seu amor? Deus é santo por essência. Em nós, a santidade é um predicado acrescido à nossa natureza, já porque, infelizmente, é possível ser homem sem ser santo. Mas se Deus não fosse santo, não seria mais Deus, porquanto a santidade é sua natureza,

6) Faber, *ibid.*

sua substância. A santidade consiste em amar o bem, em afastar, em combater, em destruir o mal. Ora, o Bem supremo, essencial, é Deus, o verdadeiro, o único Bem. Enquanto que na criatura o amor próprio se torna logo desregrado e degenera em odioso egoísmo, em Deus, o amor de si mesmo, é pura santidade; Deus é santo porque ele se ama infinitamente. Se pudessemos distinguir realmente em Deus seus atributos, que, na verdade, estão todos fundidos em sua inalterável unidade, deveríamos dizer: Deus é amor antes de ser santidade.

Será a misericórdia que explica o seu amor? A misericórdia é a compaixão, por parte de Deus, da fraqueza do homem; é a simpatia, a condescendência do Deus forte e poderoso por sua débil criatura; é a indulgência do Deus santo, a inclinação que sente para perdoar o filho pecador; a misericórdia não produz o amor, supõe-no; é filha e não mãe do amor.

Deus nos ama porque ele é todo amor. Deus é amor, e a vida das três Pessoas, que constituem a inefável Trindade, outra coisa não é senão um amor recíproco, infinitamente ardente e santo; sua eternidade passa-se em se contemplar e em se amar. E' um amor necessário, pois não podem deixar de se amar. Em relação às criaturas, o amor de Deus é livre; mas quão bem responde aos desejos de seu Coração! Deus se compraz, por conseguinte, em amar, ele quer amar e ama suas criaturas e então comunica-lhes seus dons, e esses dons, dons sobrenaturais e divinos, verdadeiramente dignos de suas complacências, alegam-lhe o amor e o excitam ainda mais.

Mas se Deus nos ama, quer também ser amado, e, como em Deus nada é pequeno, esse desejo não é fraco, mas sim de um ardor infinito. "Deus tem um tal desejo que o amemos, diz Tauler, que desse amor parece depender a sua felicidade. Todas as

criaturas são outras tantas vezes que nos convidam a amá-lo. Tudo o que ele fez, tudo o que ainda faz, ele o fez ou faz para levar a alma a ouvir-lhe as súplicas e a amá-lo" (Tradução Noel, t. IV, p. 128). Assim, o menor ato de amor da mais miserável de suas criaturas o encanta mais que toda a magnificência de suas obras materiais, ou todo o esplendor dos astros, com que guarneceu o espaço. Parece não poder suportar a perda do nosso amor e todas as suas obras, quer na ordem da natureza, quer na da graça, são feitas para ganhar os nossos corações, e os mesmos castigos eternos, pelos quais pune as almas ingratas e obstinadas e os corações pertinazmente fechados ao amor, visam ainda levar outros corações a se abrirem. E que solicitude não emprega para conquistar de novo os corações infiéis! "Deus, diz Tauler, é mais pronto em perdoar que um brazeiro em consumir algumas palhas ou estopas lançadas nas chamas" (Ibid. VIII, p. 48). "Uma mãe, vendo queimar-se o seu filho, não corre mais pressurosa em seu auxílio do que Deus em auxílio do pecador" (Ibid. t. IV, p. 139).

Como recusar ao nosso Deus aquilo que ele tanto deseja, que pede com tanta instância? Ai de nós! em vez de amor, ele não encontra em geral senão tibieza e covardia, ou, então, indiferença, ofensa, ultraje. Quão doloroso é ao coração amante o espetáculo de tamanha bondade de uma parte, e de tamanha ingratidão de outra! *Exitus aquarum deduxerunt oculi mei quia non custodierunt legem tuam*: meus olhos derramaram rios de lágrimas, porque não é observada a lei (Sl 118, 136). Se nos foi dado compreender a sua ternura e o seu desejo de ser amado, devemos esforçar-nos por compensá-la pela nossa generosidade, pela nossa fidelidade. Será tanto mais suave ao seu Coração receber provas de nosso amor quanto menos as recebe de nossos irmãos.

Como o amor foi a vida de Jesus, que o amor seja também toda a nossa vida, e já que fomos criados para amar a Deus, já que durante os séculos dos séculos, no céu, nossas ocupações, nossas alegrias, nossa vida será amar, comecemos aqui na terra, e que todos os nossos atos sejam inspirados pelo amor.

O' Jesus, vós que me amais tanto, fazei que eu compreenda vosso amor e que lhe corresponda!

## CAPÍTULO XVI

### Da oração

#### 1. Vantagens da oração.

Onde encontra o homem sua verdadeira grandeza, sua beleza moral, sua força para o bem? Em suas relações com Deus. E não pode ser de outra maneira, já que, de si mesmo, ele é o nada e a fraqueza, já que sua natureza corrompida é tão violentamente inclinada ao mal. Ele tem, é verdade, a luz da razão para resistir às suas paixões, mas, como no-lo prova a experiência, não lhe basta o simples conhecimento dos deveres, para que os cumpra fielmente ou, ao menos, que os cumpra todos. E'lhe necessário o auxílio de Deus, alcançado pela oração.

Quanto mais os deveres são difíceis, tanto mais a graça deve ser insistente e eficaz. Os prediletos do Senhor, aqueles que muito receberam e que em troca muito devem dar, aqueles que são chamados a viver, não de uma vida correta e honesta, mas de uma vida perfeita, toda de dedicação e de puro amor, não a podem levar senão com a condição de rezarem muito e de rezarem bem. A recomendação de Jesus: *Oportet semper orare et non deficere* (Lc 18, 1), repetida ainda pouco antes de sua paixão: *Vigilate, omni tempore orantes* (Lc 21, 36), e reiterada, com frequência, por S. Paulo: *Sine intermissione orate* (1 Ts 5, 17). *Orationi instate* (Col 4 e

Rom 12), dirige-se a eles de um modo especial. Não foram eles escolhidos para produzir na Igreja frutos abundantes por suas obras e sobretudo por suas orações? *Ego elegi vos*, disse Jesus, *et posui vos ut eatis et fructum afferatis... ut quodcumque petieritis Patrem in nomine meo det vobis* (Jo 15, 16). Eu vos escolhi para serdes missionários: *ut eatis*, e poderosos intercessores: *ut quodcumque petieritis*.

Seremos bastante gratos ao Senhor pela nossa vocação à oração? Almas piedosas e vós, principalmente, almas consagradas a Deus, compreendeis bem o quanto é grande a vossa felicidade de poder dar à oração uma parte muito maior que os cristãos em geral?

E' tão proveitoso rezar! A oração bem feita produz sempre frutos e põe à nossa disposição a onipotência de Deus. Jacob mereceu o nome de Israel, porque foi forte contra o próprio Deus. E como pôde ele conquistar a vitória na luta contra o anjo? O profeta Oséias nos diz que foi graças às suas lágrimas e às suas orações: *Et invaluit ad angelum et confortatus est: flevit et rogavit eum* (Os 12, 4). Com efeito, a oração entenece o Coração de Deus, é uma homenagem prestada ao seu poder, à sua sabedoria, à sua bondade, ao seu amor, que aproxima de Deus; quem reza, une-se a Deus e não pode deixar de lucrar com esse contacto, e seu lucro é divinizar-se cada vez mais, porquanto Deus espargue suas perfeições sobre todos que dele se acercam. A oração nos une aos santos e nos obtém da parte desses príncipes da corte celeste uma proteção mais vigilante, uma amizade mais íntima. A oração une também entre elas as almas virtuosas que, animadas dos mesmos sentimentos, oferecem a Deus as mesmas homenagens, lhe fazem os mesmos pedidos e atraem, uma sobre as outras, graças preciosas. Duas pessoas que rezam uma pela outra, embora separadas pelo oceano, estão mais intimamente uni-

das que outras duas que vivem juntas mas não rezam. A alma, pela oração, aúfere as riquezas do próprio Deus, goza dos frutos de uma intimidade com os santos do céu, e permanece em união com os justos desta terra e participa dos seus méritos.

Quão comoventes são os convites de nosso Senhor à oração! *Vigilate et orate*: Velai e orai. E esta outra palavra que diz e repete: "Pedi e receberéis; procurai e achareis; batei e vos será aberto" (Mt 7, 21; Lc 11, 9). Quantas vezes não renovou ele esta promessa: "Tudo quanto pedirdes com fé, ser-vos-á concedido" (Mt 21, 22). "Se dois dentre vós estiverem de acordo — pois as orações sem caridade não têm essa faculdade — aquilo que pedirdes vos será concedido por meu Pai que está no céu" (Mt 18, 19). "Tudo quanto pedirdes a meu Pai em meu nome, eu o farei" (Jo 16, 13). "Se vós permanecerdes em mim e se minhas palavras permanecerem em vós, tudo quanto quizerdes pedir, ser-vos-á concedido" (Jo 15, 7).

E' fácil acreditar em tão comoventes promessas. Como não nos atenderá Deus? Nunca lhe dirigimos uma boa oração sem sermos levados e ajudados por sua graça; é ele mesmo que nos inspira o desejo dos bens sobrenaturais e a confiança de os obter. Ele mesmo nos solicita, pois, a lhe dirigirmos nossos pedidos, porque nos quer dar muito mais do que desejamos receber. Assim, quando rezamos, alegramos o Coração de Deus, proporcionamos-lhe a ocasião de nos fazer o bem que tanto deseja. Será de admirar que seja tão liberal?

## 2. Qualidades da oração.

Quando se deu o milagre da multiplicação dos pães, cada um recebeu quanto queria: *Distribuit discumbentibus... quantum volebant* (Jo 6, 11). Assim também agora. Naturalmente, Deus não nos faz a vontade, senão quando esta é sincera, prudente

e santa, mas podemos imprimir facilmente estas qualidades aos nossos desejos, e então serão atendidos.

“Pedis e não obtendes, diz S. Tiago, porque pedis mal; pedis com o fim de satisfazer vossa avidez e vossas paixões”. Deus é sábio demais para ceder aos vossos caprichos. Entretanto, se vosso pedido imprudente provém de vossa ignorância, se estiverdes de boa fé, se fordes respeitosos e confiantes, vossa oração não será inútil; Deus vos concederá então, não o que pedirdes, mas coisa muito melhor: vós lhe pedis uma pedra, ele vos dará um pão; desejais uma serpente, ele vos mandará um peixe.

Mesmo quando pedis coisas excelentes, talvez vossos desejos não sejam tão sinceros, prudentes e santos quanto deveriam ser. Mesmo assim vossa oração será atendida, mas não na forma expressa: pedis a humildade, mas não quereis as humilhações. E então vosso desejo não é sincero. Desejareis tê-la por simples veleidade, mas de fato não a quereis com uma verdadeira e firme determinação. Ou, então, desejais talvez possuir essa virtude, mas sem grande combate, sem grande esforço, sem vos fazer violência. Seria contrário à sabedoria e à santidade de Deus vo-la conceder nessas condições e seria contrário, também, aos vossos genuínos desejos. Com efeito, quem reza com tais disposições, não ambiciona senão uma humildade pequena; e se a obtiver de acordo com os seus desejos, não será de certo grande. Pedis o amor de Deus, e o desejais, mas não quereis esquecer-vos, renunciar-vos, ou imolar-vos. Na verdade, embora meio inconscientemente, aspirais a um fraco amor, e, portanto, só obtereis um fraco amor. Quando pedirdes uma virtude, rezai, antes, para que vos seja dado um real desejo dessa mesma virtude, e dizei depois, em toda a sinceridade de vosso coração: Senhor, fazei-me praticar essa virtude, custe o que custar; estou pronto a tudo:

*Paratum cor meum, Deus, paratum cor meum*: mandai-me tudo quanto quizerdes, quero obter vosso amor, a todo custo.

A justiça e a sabedoria divinas exigem também, às vezes, que limitemos os nossos pedidos. Se pedísseis a Deus a libertação de todas as almas do purgatório ou tantos milagres da graça quantos são os pecadores apegados ao pecado, para que nenhum caísse no inferno, ou a santidade elevada de todos os vossos parentes e amigos, seria contrário à sabedoria divina atender a semelhantes pedidos. E se, tomando em consideração a simplicidade dos pedintes, Deus levasse em conta tais orações, ele só concederia uma parte daquilo que lhe fora pedido, segundo o valor da oração. Pelo mesmo princípio, se pedísseis para possuir, desde hoje, uma virtude em toda a sua perfeição, vosso pedido se assemelharia ao de um mendigo que quisesse receber, de uma só vez, mil contos de réis; a tal homem, embora digno de compaixão, vós daríeis o razoável, porém não toda a soma pedida.

Assim também cada uma das orações que fizerdes, para obter uma virtude perfeita, vos levará a progredir nessa virtude, não mudará, porém, os planos de Deus, que deseja vê-la conquistada pela luta e por longos e constantes esforços.

Pode acontecer também que, apesar dos nossos pedidos serem muito desinteressados e justos, são, porém, contrários aos planos da sabedoria divina. Quando S. Pedro foi preso por Herodes, “a Igreja, diz S. Lucas, não cessou de dirigir, por ele, orações a Deus” (At 12, 2). E Deus ouviu essas orações e mandou o seu anjo retirar Pedro da prisão. Quando, porém, vinte e cinco anos mais tarde, Pedro foi novamente preso por Nero, os fiéis de Roma não pediram certamente com menos ardor sua liberdade que outrora os de Jerusalém, mas, segundo os planos divinos, havia chegado a hora de seu martírio. A

oração da Igreja de Roma não pôde obter a prolongação da vida de S. Pedro, conquanto obtivesse outras graças.

Acreditemos sempre na eficácia de nossas orações: quanto maior for a nossa confiança, tanto mais nos será dado. O cego de Betsaida (Mc 8, 23), conduzido a Jesus não por própria, mas por alheia deliberação, parece não ter tido, a princípio, grande confiança e não foi radicalmente curado: "Eu vejo, disse ele, os homens que andam, semelhantes a árvores". Este primeiro prodígio lhe aumentou a confiança, e, quando Jesus impos-lhe de novo as mãos, ele viu claramente todas as coisas. Muitas almas permanecem apenas meio-esclarecidas, meio-curadas de suas enfermidades, porque são meio-confiantes.

A oração agrada tanto a Deus, e é tão útil ao homem, a quem faz praticar as virtudes magnas de fé, esperança, amor e humildade, que o Senhor, para nos fazer rezar sempre mais, exige como condição da boa oração a perseverança. Demais, ele tem o direito de nos pôr a prova, por esse meio, e verificar quão sinceros e ardentes são os nossos desejos e quão firme é a nossa esperança. As obras de Deus se fazem lentamente, para que os homens as apreciem melhor, e lhes prestem um concurso mais trabalhoso e mais meritório. Houve uma espera de mais de quarenta séculos antes da Encarnação. Os patriarcas desejaram ardentemente o Salvador do mundo, os profetas e os justos da lei antiga oraram com fervor, mas era necessária uma grande quantidade de orações para obter um tão grande benefício. Demorando em conceder-nos os dons que solicitamos, o Senhor nos faz compreender melhor o seu valor e a necessidade que deles temos. Se nos fossem concedidos logo ao primeiro pedido, todos os nossos sofrimentos seriam suprimidos, ou nada durariam, e a vida não seria mais uma provação. De-

pois de havermos obtido tão facilmente o objeto de nossos desejos, não teríamos bastante gratidão. E' preciso, pois, voltarmos muitas vezes à carga, e multiplicarmos nossas súplicas sem jamais desanimar. Todos se lembram da parábola do amigo que vem durante a noite acordar o amigo, obrigando-o, à força de bater na porta, a lhe aceder ao pedido, e de outra mais comovente ainda, da pobre viúva que importuna de tal maneira o juiz sem consciência para que lhe faça justiça, que este, a fim de pôr termo às suas insistências, lhe atende ao desejo. Quem, senão Jesus, teria ousado dar semelhante exemplo e comparar nosso Pai celeste, tão bom, tão pronto a prodigalizar seus dons, a esse homem sem coração? O Salvador o fez a fim de que compreendêssemos que, com muito maior razão, nossas insistências reiteradas serão ouvidas e alcançarão do Coração de Deus tesouros de graças.

E' necessário ser humilde para perseverar assim na oração e isso é mais uma razão para que o Senhor exija a perseverança, fruto de nossa humildade. Será preciso lembrar que a oração, quanto mais humilde for, tanto mais poderosa será? *Oratio humiliantis se nubes penetrabit*: a oração daquele que se humilhar, atravessa as nuvens (Ecli 35, 21).

A humildade não pode deixar de agradar muitíssimo a Deus. E não é esta a única atitude que convém à pobre criatura em presença de seu Criador? ao pecador, à face do Santo dos santos? ao nada diante do infinito? Jesus se comoveu com a humildade do centurião (Lc 7, 9) e pôs em rude prova a pobre cananéia, a cujo pedido entretanto desejava atender, mas ficou radiante ao ver-lhe a fé e a humildade. Imitemos essa pobre mãe, e digamos do fundo do coração: O' Jesus, não me repilais; peço-vos a caridade, o amor das cruces, a humildade perfeita, a verdadeira abnegação e parece-me no entanto que não me ouvis, e mesmo que me respon-

deis, como à cananéia, que essas belas e grandes virtudes são para vossos filhos fiéis, para aqueles que vos amam com amor todo filial, e não para os infiéis, os miseráveis como eu: *Non est bonum sumere panem filiorum et mittere canibus.* — Mas *Jesus etiam Domine;* essas virtudes são para todos, mesmo para aqueles, que, como eu, delas tanto abusaram. Se não mas derdes, como aos santos, numa proporção superabundante e num grau heróico, dai-me ao menos as migalhas de vossa mesa. — Não é temerário pensar que Deus deixa frequentemente o homem entregue à sua miséria, para mantê-lo na humildade. Ai daquele que, ao ver-se tão pobre e tão vil, se afasta ou desanima, e feliz daquele que então se abaixa, humilha e redobra as orações.

O recolhimento deve alliar-se sempre ao pedido. A homenagem à bondade de Deus, o louvor às suas grandezas, os protestos de zelo pelos interesses divinos, devem brotar de nossos corações antes de cogitarmos dos nossos interesses pessoais. “Quando rezais, diz S. Basílio, não vos apresseis em pedir; senão prejudicais a vossa intenção, parecendo suplicar a Deus por necessidade. Portanto, ao começar a oração, esquecei toda a criatura e louvai primeiro aquele que tudo criou”. (Const. mon., I).

Na oração que nos foi dada como modelo supremo, a alma começa a dar a Deus o belo título de Pai, em seguida pede a glória divina e só depois expõe suas próprias necessidades. Tobias, mergulhado na aflição, volta-se para o Senhor e de seus lábios brota antes de tudo uma comovedora homenagem à bondade divina: “Senhor, vós sois justo; todos os vossos juízos são retos, e os vossos caminhos são misericórdia, verdade e justiça”; é dizer: “adoro vossa vontade, e aceito as minhas provações”. “Senhor, acrescenta ele, não tireis vingança de meus pecados; não guardéis em vossa memória minhas faltas, nem as de meus antepassados. Foi porque

transgredimos vossas leis que nos entregastes à pilhagem, à escravidão, à morte; agora, Senhor, tratai-me segundo vossa vontade e ordenai que meu espirito permaneça em paz (Tob 3). “Assim também Sara, a prima de Tobias, não menos provada do que ele, começa sua oração prestando homenagem a Deus: “Bendito seja o vosso nome, Deus de nossos antepassados, que, quando estais irritado, sois misericordioso, e que, no tempo das tribulações, perdoais os pecados àqueles que vos invocam” (Ibid). Eis aí a prece de um coração cheio de amor, prece que vai diretamente ao Coração de Deus.

### 3. Que devemos pedir ao Senhor?

Qual deve ser o fim de nossas orações? Podemos pedir tudo que é bom e santo, tudo o que nos pode ser útil. Mas antes de tudo devemos desejar e pedir que Deus seja conhecido, amado e glorificado: *Sancificetur nomen tuum, adveniat regnum tuum.* A madre Maria Francisca da Mãe de Deus, santa carmelita do século XVII, dizia ao oferecer-se a si mesma como vítima para a glória de Deus: “Que ele mate, contanto que reine”. Podemos fazer um pedido semelhante quando recitamos a doxologia: *Gloria Patri et Filio et Spiritui Sancto.*

Assim, também, o terceiro pedido do Pater: *Fiat voluntas tua,* que Jesus fez ele mesmo de modo tão comovedor em Getsêmani, é um dos que devem brotar com frequência de nossos lábios, e que parece resumir todos os outros.

Mas se Deus não pode procurar senão sua própria glória, se não pode querer senão o que é bom, justo e santo, pode todavia dispor livremente dos meios, e escolher para nós o triunfo ou a humilhação, a enfermidade ou a saúde, a morte ou a vida. Se ele manifestou sua vontade, se um dado acontecimento nos patenteia o meio que houve por bem empregar, devemos dizer: *Fiat voluntas tua,* mas é

um *fiat* de submissão, de aquiescência à vontade divina, e não um simples pedido. Antecipando um acontecimento, sob a ameaça de uma provação que se anuncia, podemos pedir, já que Deus pode alterar a ordem comum de suas leis estabelecidas, que a provação nos seja poupada, se Deus, cuja sabedoria não erra, achar bom chegar ao mesmo resultado por outros caminhos.

Tal foi a oração do Salvador: "Meu Pai, se for possível, que se afaste de mim esse cálice; mas que a vossa vontade seja feita e não a minha".

Assim devemos sempre, apertando-a ao coração, adorar, louvar e amar a vontade de Deus. Há, porém, uma outra vontade de Deus, que deve dirigir as criaturas no bom uso que fazem de sua liberdade, e essa liberdade ela a respeita; embora deixando-nos a faculdade de agir ao nosso gosto, ele nos faz saber aquilo que espera de nós, e o modo pelo qual deseja que procedamos, manifestando-nos essa vontade por suas leis, seus conselhos, suas inspirações, e ajudando-nos com sua graça a cumpri-la. Assim é que o cumprimento dessa vontade divina depende das criaturas, mas das criaturas obedientes à influência da graça. Devemos amar essa vontade acima de tudo, devemos executá-la em todas as circunstâncias e, com toda a nossa força, levar os outros também a executá-la. Mas como essa vontade não pode ser cumprida sem o auxílio da graça e que ela é tanto mais segura e perfeitamente cumprida quanto mais poderosa for a graça, devemos pedir insistentemente ao Senhor, tanto para nós como para nossos irmãos, graças preciosas e abundantes.

O' meu Deus, seja feita a vossa vontade, e já que essa vontade é nossa santificação, fazei que nos tornemos cada dia mais santos.

Vosso amor nos deseja grandes bens, Senhor, contentai o vosso amor. Afastai todos os obstáculos e multiplicai os auxílios que concedeis à fraqueza hu-

mana; dai a vossos filhos, a todos aqueles pelos quais eu imploro, luzes mais vivas e maior coragem e energia, a fim de que conheçam melhor a vossa vontade e que a cumpram plenamente, santificando-se a si mesmos e trabalhando eficazmente para a santificação do próximo.

Com estas palavras: "seja feita a vossa vontade", podemos formular todas as nossas orações. Peçamos para que se faça em nós a vontade de Deus. Vós desejais, ó meu Deus, que eu seja piedoso, humilde, desapegado, mortificado, caridoso; tornai-me, pois, mesmo contra a minha vontade, se preciso for, e custe o que custar, tal qual me desejais: *Fiat voluntas tua*. Quanto aos meios pelos quais eu me santificarei, escolhei-os vós mesmo: *Non sicut ego volo, sed sicut tu*: não como eu quisera, mas como vós o quereis. Se rezamos por nossos parentes ou amigos, ou pelas almas que nos são confiadas, que podemos pedir de melhor para eles senão a vontade de Deus? *Fiat voluntas tua*: já que vossa vontade, ó meu Deus, é que eles se santifiquem, santificai-os de acordo com vossos desejos; esclarecei-os, por conseguinte, e fortificai-os no bem. Se rezais pela vossa pátria, a vontade de Deus é vê-la verdadeiramente cristã. Fazei, Senhor, com que ela o seja; esclarecei os eleitores e tocai-lhes o coração, a fim de que eles procedam com prudência e retidão de espirito e que dêem ao nosso país um bom governo. Dai-nos principalmente santos sacerdotes, bons operários apostólicos, reanimai a nossa fé e avivai o nosso amor. Tal é a vossa vontade, que não aguarda senão as nossas orações para poder realizar-se.

Não raras vezes, sentimo-nos impelidos a pedir uma medida que nos parece boa, a realização daquilo que nos parece útil e desejável, ou então o afastamento daquilo que nos parece desagradável ou prejudicial. Nossa intenção é reta, mas não somos infalíveis e, sobretudo se tivermos preferências ou

aversões, se a natureza desejar ou temer este ou aquele acontecimento, estamos muito sujeitos a enganar-nos, a preferir o que nos agrada, embora seja menos vantajoso, a julgar prejudicial o que nos desagrada e que talvez fosse mais proveitoso. Digamos, então, com sinceridade perfeita: Senhor, vós sabeis e quereis o que convém mais: fazei a vossa vontade, inspirai-me e inspirai aos outros as medidas as mais sábias, dai a todos prudência e força, dai luz ao espírito e energia à vontade, e que tudo se faça segundo a vossa sabedoria e as vossas preferências, para vossa maior glória e para o nosso maior bem.

#### 4. Jesus, modelo de oração.

Melhor do que todas as lições, os exemplos que nos deu o divino Mestre nos ensinam como devemos rezar. Se alguém sobre a terra parece não ter tido o dever da oração, foi Jesus, o Deus encarnado, o igual ao Pai eterno e ao Espírito Santo, o Todo-poderoso, o Senhor do mundo. Ele era homem, é verdade, e como homem devia prestar homenagem ao Pai celeste; mas já que sua vida íntima era um ato perpétuo de amor a seu Pai, já que seu recolhimento era contínuo e suas relações com o Pai Eterno ininterruptas, por que tantas horas de solidão e de orações? E' que ele baixou à terra para ser o nosso modelo, e como não temos dever mais imperioso que o da oração, ele no-lo quis recomendar por seus exemplos. Jesus nos ensina quando e como devemos rezar. *Diluculo valde surgens egressus est in desertum locum, ibique orabat* (Mc 1, 35). Já muito cedo, enquanto seus discípulos dormiam, pois ele sabia que, apenas levantados, seria cercado e mantido prisioneiro, o Salvador deixava sua casa de Cafarnaum e retirava-se para um lugar ermo, onde se entregava à oração. S. Lucas no-lo mostra, interrompendo seus trabalhos apostólicos e retirando-se à solidão para orar (Lc 5, 15). Depois do milagre da multiplicação

dos pães, Jesus faz embarcar seus apóstolos; despede o povo, e, sozinho, sobe à montanha a orar (Mt 14, 23) e aí permanece longa parte da noite. Como o faz notar S. Crisóstomo, ele se aproveita de todas as circunstâncias favoráveis, afasta-se de toda criatura, deixa os terrenos baixos e sobe a montanha, longe do bulício humano. Escolhe a noite, tempo de silêncio, e sacrifica seu repouso, ensinando-nos a acrescentar à oração o sacrifício, que lhe multiplica o valor. Assim também, na véspera do dia em que devia escolher seus apóstolos, ele se retirou sobre a montanha e passou a noite inteira em orações (Lc 6, 12). Sublime oração! que atos de adoração, de submissão, que protestos de obediência, que oferecimento de si mesmo, que ações de graças para aqueles que ele ia associar à sua obra, como também para todos os povos, todas as gerações, todas as almas! Jesus, nessa noite, pensou em mim, orou por mim.

Jesus orava quando João o batizou (Lc 3, 21). Foi para orar com seus discípulos diletos, Pedro, Tiago e João, que Jesus os levou consigo ao Tabor (Lc 9, 28), e foi enquanto orava que se deu o milagre da Transfiguração. Em suas caminhadas, ele se afastava de seus discípulos. *Quid in via tractabatis: "Que dizíeis no caminho?"* lhes perguntou um dia (Mc 9, 32; Lc 9, 18); em outra circunstância, dizem-nos que ele assim procedia a fim de orar. *Quam solus esset orans, erant cum illo et discipuli.* Os apóstolos, ainda pouco adiantados na vida interior, conversavam, mas ele deixava-os caminhar a certa distância e entregava-se à oração.

E ouvimos sair-lhe dos lábios toda sorte de orações: oração de ação de graças, quando, com tão comovedora emoção, ele agradece ao Pai o ter-se revelado aos humildes e aos pequenos (Mt 11, 25); grito de angústia da alma esmagada pela dor em Getsêmani: Pai, se for possível, afastai de mim esse cálice; oração de zelo sobre a cruz: Pai, perdoai-

lhes: *Ignosce illis*. Orações curtas quão ardentes; tais devem ser, muitas vezes, as nossas orações, gritos do coração ao nosso Pai celeste.

Mas outras vezes, também, devemos rezar longamente, e ainda aqui Jesus nos ensinou como devemos regular essas longas orações. S. João nos conservou o que fez o Salvador depois da ceia. Vemo-lo derramar seu Coração no Coração de seu Pai. Fáz-lo simplesmente, familiarmente, enunciando um pensamento, depois outro, para, em seguida, voltar ao primeiro. Ele repete, insiste, faz valer um motivo, depois outro, e outros muitos como um bom advogado: *advocatum habemus apud Patrem Jesum Christum* (1 Jo 2, 1), mas sempre com o abandono cheio de confiança, que convém a um filho muito querido do pai.

Ele ora por si mesmo, depois pelos apóstolos, em seguida pelos fiéis em geral, presentes e futuros. Para si mesmo pede ao Pai que lhe conceda a vitória sobre aqueles que querem confundir-lo e impedir-lhe a missão. "Pai, glorificai vosso Filho, para que vosso Filho vos glorifique". Sim, antes de tudo, que Deus seja glorificado, tal deve ser a primeira de nossas intenções, o primeiro objeto de nossos desejos e de nossos pedidos, o primeiro motivo a fazer valer. "Já que vós lhe destes autoridade sobre todos, continua Jesus, fazei que a todos que vós lhe entregastes, ele dê a vida eterna". Eis agora uma segunda razão: já que vós me confiastes tão bela missão, fazei com que seja bem sucedida; vosso fim não seria atingido, vosso plano não seria cumprido, se vós não me fizésses sair triunfante dessa luta; eu apelo para a vossa sabedoria, como apelei para vossa glória. "Eu vos glorifiquei sobre a terra, e acabei a obra que me destes para fazer. Agora, ó Pai, glorificai-mê". Jesus podia ainda alegar outro motivo importante: "Ouvi-me, vós a quem eu obe-

dei tão bem". Ai de nós! se não podemos invocar nossas obras, podemos, todavia, alegar as de Jesus: as graças que pedimos não no-las mereceu ele?

Jesus reza depois pelos apóstolos; esforça-se por comover o Coração de Deus em seu favor; não são esses os filhos prediletos do Pai celeste e não lhos confiou o Pai? E não lhe foram eles fiéis? Tantos outros foram rebeldes à graça e, entre os discípulos, um foi traidor, mas eles, ao contrário, foram dóceis; ouviram-lhe a palavra com amor, acreditaram na sua origem divina, na sua missão, na sua dignidade de Messias (6, 8). "Eles são meus, continua o divino Salvador, são, pois, vossos, e neles fui glorificado (9, 10). Quando eu partir eles ficarão muito sós; oh! não os abandoneis!" "Pai santo, guardai em vosso nome aqueles que vós me destes, a fim de que eles sejam um, como nós somos um... faço esta oração a fim de que eles tenham a plenitude de minha alegria" (11, 13). E alega ainda em favor de seus apóstolos outro motivo: "Eles têm inimigos aqui na terra e esses inimigos são os vossos e os meus" (14). Santificai-nos na verdade. Ele invoca ainda a grande missão dos apóstolos: "Como vós me enviastes ao mundo, eu os enviei e me sacrifico eu mesmo por eles, a fim de que eles também sejam santificados em verdade" (18, 19).

Assim rezou Jesus por si mesmo, assim rezou por aqueles que mais amava no mundo. Quão ardente é sua oração, quão terna, confiante e santa. Não visa senão a glória de Deus e a santificação das almas. Oremos como Jesus e nossa oração será perfeita.

##### 5. Valor diverso de nossas orações.

Toda oração vale na medida de atenção respeitosa, de confiança, de humildade e de puro amor que encerra, e sua eficácia depende do seu valor. To-

do aquele que ora, retira alguma coisa dos bens celestes, mas uns servem-se para esse fim de uma pequena casca de noz e outros de vasos e cântaros de diversos tamanhos. As almas vulgares rezam pouco e põem pouco amor em suas orações; as almas piedosas rezam mais e muito melhor, e suas orações são mais eficazes segundo o seu grau de despreendimento e de caridade. Quanto às almas perfeitas, lutaram longa e corajosamente para obter o dom da oração. Durante anos fizeram esforços enérgicos para se recolherem, para afastar todo pensamento estranho, pedindo ao seu anjo da guarda, aos seus protetores celestes, que as auxiliassem a cumprir bem com tão grande dever. Deus abençoou-lhes a perseverança, e agora elas rezam constantemente e com tanto amor, que fazem cair em torrente, sobre si e sobre os outros, as águas da graça divina. E' porque todos aqueles que são verdadeiramente dóceis ao Espírito Santo possuem o amor da oração, e somente esses produzem obras fecundas. Os apóstolos, vendo que as obras exteriores os absorviam demasiadamente, delas encarregaram os diáconos, a fim de poder consagrar mais tempo à oração: *nos vero orationi et ministerio verbi instantes erimus* (At 6, 4). "Os verdadeiros missionários, dizia S. Vicente de Paulo, devem ser como os cartuxos em suas casas e como os apóstolos em sua vida exterior" (Vida, por Abelly, I, p. 89). O capitão Marceau, que se consagrou com tanto zelo e generosidade ao serviço das missões, lamentava que os missionários dessem tanto tempo aos trabalhos exteriores e tão pouco à oração. Em geral, dizia ele, não rezam bastante. Do padre Antônio Maria, chamado o santo de Tolosa (morto em 1907), seu biógrafo pôde escrever: "De todos os religiosos era o mais ocupado, o mais importunado, e era todavia o que dedicava mais tempo a oração" (3.ª parte, cap.

I). S. Francisco de Sales, que também levava vida ativíssima, fazia pela manhã uma hora de meditação, e pela noite, dava outra hora ao terço, enquanto consagrava à oração todos os instantes do dia que podia roubar aos seus afazeres, e ainda sacrificava seu repouso da noite para rezar mais (Vida, por Hamon, II, p. 360). Assim fizeram todos os servos de Deus, aqueles de quem podemos dizer: viveu fazendo o bem. Não vale, pois, a desculpa das almas que alegam não poder consagrar senão pouco tempo à oração. Quem tem verdadeiro amor à oração, acha sempre tempo para rezar e suprime, ou ao menos abrevia certas ocupações que aos outros parecem indispensáveis. Aqueles que se deixam dominar pelas preocupações pessoais, pelos cuidados exteriores, rezam pouco, e quando rezam, são vítimas de distrações; seus pensamentos são naturais demais, seus sentimentos, humanos demais; sonham, calculam, esperam, inquietam-se e assim perdem o tempo. Aqueles, ao contrário, que põem toda sua confiança em Deus e lhe entregam reputação, saúde, felicidade, não vivem mais senão para ele, e, não desejando senão os seus interesses, têm sempre o coração elevado para ele e encontram um grande prazer em entreter-se com ele. Enquanto aqueles gostam de saber tudo, de dizer tudo e procuram a companhia dos amigos, preferindo as conversações ao recolhimento, esses, ao contrário, gostam da solidão e procuram o silêncio, para pensar mais livremente em Deus. Para eles a oração é uma necessidade, e aspiram a lançar-se em Deus, a amá-lo e a lhe dizer o seu amor, a lhe recomendar suas obras, seus amigos, sua família; aproveitam-se das idas e vindas, dos mínimos instantes de liberdade para se unirem a Deus ou lhe implorarem as graças. Oh! como são poderosos, e como é fecunda a sua vida! No mundo, nem eles mesmos, nem aqueles que com eles tratam,

sabem todo o bem que fazem, pois a influência da oração não é palpável, não é perceptível aos sentidos, e frequentemente estende-se ao longe, muito além da nossa esfera de ação. Mas na eternidade tudo será revelado, e então aparecerá aos olhos de todos os eleitos a soma imensa de benefícios realizados pelos homens de oração, que receberão, em recompensa, uma soma imensa de glória e de felicidade.

## CAPÍTULO XVII

### Da oração mental

#### 1. *A oração é necessária à sólida piedade.*

Santa Teresa, escrevendo ao seu antigo confessor, dom Afonso Velasquez, então bispo de Osma, comunicava-lhe o que o Senhor lhe havia revelado a seu respeito: "Conquanto eu seja sempre fiel em pedir ao Senhor por vós, a ordem que me destes há dias nesse sentido tornou-se ainda mais ardente... Expus, então, a Deus as graças que sei que ele vos fez dando-vos a humildade, a caridade e esse zelo infatigável pela salvação das almas e pela sua glória... No entanto foi-me dito que o principal vos faltava, isto é, o fundamento de todas essas virtudes, e vós sabeis que onde faltam os alicerces, o edificio cai logo por terra. Ora, esse principal que vos falta, é a oração com a lâmpada acesa, que é a luz da fé, é a perseverança na oração com a força necessária para romper tudo quanto se opõe à união da alma, que outra coisa não é senão a unção do Espírito Santo, sem a qual a alma só experimenta aridez e dissipação" (Maio, 1581).

Portanto, segundo estas palavras do Senhor a Santa Teresa, a oração é o fundamento de todas as virtudes; sem ela a piedade é toda superficial e as virtudes frágeis. Todos os santos proclamaram, ardentemente convictos, a necessidade da oração e celebraram-lhe as vantagens com igual entusiasmo.

“O que a espada é para o soldado, dizia S. Vicente de Paulo, a oração o é para o sacerdote” (Vida, por Abelly, l. II, cap. V). “Não há muito que esperar, dizia ele ainda, de um homem que não gosta de se entreter com Deus” (Ibid l. III, cap. VI). Ele assegurava que sua congregação subsistiria enquanto nela fosse fielmente praticado o exercício da oração, porque a oração é uma defesa inexpugnável que resguarda os missionários contra toda sorte de ataques; é um arsenal místico, que lhes fornece toda espécie de armas, não somente para se defenderem, mas também para assaltarem e derrotarem todos os inimigos da glória de Deus e da salvação das almas (Ibid., cap. VII). O padre Olier fazia uma hora de oração pela manhã, e outra à noite, ou ao menos uma meia hora. “Deus me fez a graça, dizia ele, de nunca omitir a hora inteira da manhã, qualquer que fosse o meu estado” (Vida, por Faillon, l.ª parte, l. VI). S. Afonso declarava que todo eclesiástico devia fazer uma hora de oração mental, a fim de se conservar no recolhimento e no fervor (Vida, pelo padre Berthe, l. I, cap. V). Aos seus religiosos, impunha, em sua regra, três orações cotidianas. “Eu não me afligirei, dizia ele, se suprimirdes qualquer coisa ao estudo, para dá-lo à oração, porque carecemos ainda mais de santidade do que de ciência” (L. III, cap. IV). Quanto maior for o progresso na oração, tanto maior o será na santidade” (Ibid. XV).

Mas não bastará a oração vocal? Bastará para a salvação, para a prática das virtudes comuns, e muitos bons cristãos contentam-se com ela; mas não bastará certamente para quem quer adiantar-se na piedade, fortalecer suas virtudes e tornar-se capaz de fazer bem às almas; com maior razão ainda não poderá a oração vocal levar uma alma à união íntima e constante com Deus, sem a qual toda perfeição é impossível. Todo aquele que é chamado

por vocação a elevar-se acima de uma virtude vulgar, todo aquele que quer guardar as promessas do subdiaconato e cumprir dignamente os deveres da vida sacerdotal, todo religioso e toda religiosa que quer entregar-se com proveito às obras de zelo, ou que aspira simplesmente a uma sólida piedade, deve aplicar-se à oração.

Para fazer progressos na vida espiritual não se torna necessário, com efeito, desenvolver em si a fé e alimentar a esperança por meio de piedosas reflexões? Não é preciso sobretudo exercer o amor? Ora, quem só reflete raramente nas grandes verdades, não se deixa impressionar vivamente por elas, quem não se demora em considerar os benefícios de Deus, as provas de sua incompreensível ternura, quem se contenta, quando se aproxima de Deus, de recitar fórmulas compostas por outrem, sem estimular o coração, esse nunca terá uma caridade ardente. Não são de fato muitas as pessoas que recitam fórmulas intermináveis e cuja virtude não passa do mediocre? “Quando rezardes, dizia Jesus a seus discípulos, não multipliqueis as palavras, como fazem os pagãos, que pensam ser atendidos à força de palavras” (Mt 6, 7).

A oração vocal, ao menos quando não acompanhada e como que impregnada da oração mental, não esclarece quem a faz. A oração mental, porém, ilumina a alma, transfigurando-a. Moisés, depois de seus colóquios com Deus, tinha o rosto tão brilhante que os israelitas não ousavam olhar para ele. Desde que Jesus se pôs a orar sobre o Tabor, seu semblante tornou-se resplandesciente. Oh! se pudessemos ver as almas das pessoas fervorosas e generosas, como nos pareceriam cintilantes, quando pela oração elas se põem em comunicação íntima com Deus; quando, principalmente, não há, entre o esplendor do Deus que as ilumina, e suas almas que recebem o ralo divino, as nuvens dos pensamen-

tos inúteis e frívolos, das preocupações de amor próprio, dos desejos naturais ou apaixonados; quando, enfim, afastados todos os véus, a alma se entrega inteiramente a Deus e recebe as santas luzes da fé e o puro amor, abrasando-se e transfigurando-se.

## 2. *Natureza e graus da oração.*

Que é ao certo esta oração mental tão calorosamente decantada por todos os santos e doutores?

A oração mental, diz S. Tomás (Prólogo do coment. in psalmos) é a elevação da alma a Deus. Mas, acrescenta o santo doutor, há para a alma quatro maneiras de se elevar a Deus. Ela se eleva para considerar a grandeza de seu poder, é a elevação pela fé. Ela se eleva pela aspiração à felicidade eterna, é a elevação pela esperança. Ela se eleva para unir-se à bondade e à santidade de Deus, é a elevação pela caridade, é o amor afetivo. Enfim ela se eleva pela imitação de suas obras, é a elevação pela justiça ou a prática de todas as virtudes, é o amor efetivo. Em resumo, segundo o santo doutor, a oração é uma ascensão da alma a Deus pela fé, pela esperança, e principalmente pelo amor.

“Tomamos aqui a palavra oração, diz S. Francisco de Sales (Amor de Deus, VI, I), como S. Gregório Niseno, quando ensinava que a oração é um colóquio e uma conversação da alma com Deus, ou então como S. Crisóstomo, quando dizia que a oração é um entretenimento da alma com a Majestade Divina, ou enfim como S. Agostinho e S. Damasceno, quando afirmam que a oração é um voo do espírito em Deus. Se a oração é um colóquio, um entretenimento, uma conversação da alma com Deus, por ela falamos a Deus e reciprocamente Deus nos fala; aspiramos nele e nele respiramos, e mutuamente ele nos inspira e respira sobre nós”. A oração, segundo o santo doutor, é o exercício do amor afetivo.

Esse amor nos enche de complacência, de benevolência, de entusiasmo, de desejos, de suspiros, de transportes espirituais. “São tantos e tão diversos os impulsos interiores, que é impossível exprimi-los todos” (Ibidem).

Os santos doutores vêem, pois, na oração mental, um exercício de fé e de amor, principalmente de amor. Quanto mais amor tiver a alma, quanto mais puro e forte for o seu amor, tanto mais proveitosa será sua oração. Quem medita, não o faz somente para se decidir a fazer o bem e excitar-se a pedir a graça de praticá-lo, mas fá-lo sobretudo para incitar o seu amor, para resolver-se ao bem por amor.

As almas cristãs não praticam todavia o amor da mesma forma. Os mercenários, os servos, os filhos, amam o pai de família, mas seu amor se manifesta de diversos modos; assim também os principiantes, os adiantados e os perfeitos possuem a virtude da caridade, porém a maneira pela qual a exercem é muito diferente. Como muito bem o ensina Suarez, resumindo “toda a escola”, o santo exercício da oração mental não pode ser praticado do mesmo modo por todos, porque todos não estão nas mesmas disposições, nem têm o mesmo amor; os graus e os métodos de oração variam segundo o estado interior dos que a fazem; é, pois, razoável que, para os três estados pelos quais passam as almas, haja três métodos diferentes de oração (De devotione, XI, 3).

Uma alma simplesmente cristã, a quem não podemos qualificar de alma piedosa, mas que, admitindo as verdades da fé, pouco pensa nelas e nunca as aprofunda, ou que, lutando fortemente contra as suas paixões, sucumbe ainda com frequência, terá dificuldade em recolher-se e manter-se em oração; seu amor é fraco demais para conservá-la muito tempo estreitamente unida a Deus e precisará re-

cordar com energia os santos ensinamentos da fé. A leitura lhe será um poderoso auxílio, enquanto as considerações que lhe forem apresentadas lhe serão de grande interesse. Uma conduta metódica impedirá que seu espírito divague, lhe fixará a atenção e a levará a produzir atos que, de outra maneira, ela negligenciaria. Os processos de composição do lugar, isto é, a representação imaginativa de um mistério ou de um fato a meditar, podem ser muito úteis. As pessoas que se encontram nesse primeiro grau da vida espiritual, embora queiram viver segundo as leis de Deus, não nutrem ainda muitos desejos de progredir e, para despertar esses desejos, deverão empregar as razões que lhes forem apresentadas, e as reflexões a que se entregaram. Deverão ainda manifestá-los ao Senhor, pedindo-lhe com insistência luzes e força e tomar resoluções precisas e enérgicas.

Aquele, ao contrário, que atingiu a piedade, tem sinceros desejos de progredir, desejos esses que necessitam ser alimentados, para não serem logo sufocados pelas preocupações naturais, pelas distrações que acarretam os trabalhos e os negócios. Além disso, esse cristão piedoso não tem ainda bastante coragem no sacrifício; tem necessidade de raciocinar, de considerar a beleza das virtudes, as vantagens do fervor, os deveres de reconhecimento e de amor para com Deus; tem principalmente necessidade de rezar, de multiplicar suas súplicas para obter as virtudes fundamentais que ainda pratica tão imperfeitamente. A oração da alma em vias de progresso não difere muito da dos principiantes; é, entretanto, mais suave, mais fácil, mais afetiva, e por conseguinte a alma piedosa sente menos necessidade de adstringir-se aos meios empregados outrora; as razões aptas a impressioná-la, os destinos eternos, as provas do amor de Deus já lhe foram apresentadas muitas vezes, e, se voltar a essas con-

siderações, deve fazê-lo rapidamente; ela sentirá também uma atração menor, e às vezes até certa dificuldade, em representar-se os personagens, em investigar as circunstâncias dos mistérios; passa logo aos pedidos, e são os pedidos que mais lhe convêm. A medida que essa alma progride, dilatam-se-lhe os desejos de humildade e de renúncia, queixa-se de suas misérias, faz propostas de amor, e seus pedidos se tornam mais ardentes. Assim, um amor crescente leva a alma a fazer, na oração, menor a parte do espírito e maior a do coração. Há menos reflexão e mais afetos.

Mostramos diversas vezes, nos capítulos precedentes, a transformação importante que se opera na alma fiel depois que se exercitou generosa e perseverantemente no recolhimento, na mortificação e na completa renúncia. A prática do desprendimento, a firme confiança em Deus, o perfeito abandono fizeram desaparecer, ou ao menos diminuir, as preocupações e a atividade natural, que causam tantas distrações e prejudicam tanto a vida interior. Ao exercitar-se nessas virtudes, a alma suprimiu os obstáculos que se opunham ao exercício dos dons do Espírito Santo, e esse Divino Espírito, achando-a de um lado bem preparada, e de outro santamente ansiosa por essas graças, derrama preciosas luzes em sua inteligência e comunica à sua vontade um amor mais profundo, mais puro, mais estável. Ele não age mais, ou muito raramente, sobre as faculdades sensíveis; age pouco também sobre a faculdade do raciocínio, mas sua operação atinge a parte suprema da inteligência e da vontade, dando-lhe uma idéia elevada, porém geral e indistinta, da perfeição incompreensível, da amabilidade inefável de Deus, e estabelecendo a vontade numa união de amor firme e constante com esse Deus tão santo.

Até então, a alma se excitava para produzir atos de amor; de ora em diante já não se excita,

dispõe-se apenas, despojando seu espírito dos pensamentos profanos, avivando a lembrança da bondade de Deus e logo, menos pela sua ação que pela ação do Espírito Santo, o amor de Deus desperta nela, penetra-a, e a mantém estreitamente unida ao Bem-Amado. Esse amor, sempre muito profundo, é, em geral, tranquilo e silencioso; por vezes, porém, é mais ardente, desejando a alma vivamente ver crescer o seu amor ou contentá-lo por uma união mais perfeita, ou, ainda, suspirando por ver seu Deus mais conhecido e mais amado, e pedindo-lhe, ansiosa, que cuide de sua própria glória.

A oração das almas que atingiram o puro amor difere, pois, grandemente da meditação dos principiantes; difere também da oração afetiva das almas piedosas, em que a alma é ainda muito ativa, ao passo que na oração de união amorosa, que não é senão o exercício dos dons do Espírito Santo, a alma recebe mais do que dá.

Esta oração de união amorosa sucede regularmente às orações de meditação e de afeto. "A meditação, diz Bossuet, é muito boa em seu tempo e muito útil no princípio da vida espiritual, mas não convém nela permanecer, desde que a alma, por sua fidelidade em mortificar-se e em recolher-se, recebe, em geral, uma oração mais pura e mais íntima, que consiste em um simples olhar ou atenção amorosa interior dirigida a um objeto divino".

### 3. *Preparação, luta contra as distrações. Regras práticas, comuns a toda oração.*

Existem regras práticas que são comuns aos diversos graus de oração, e outras que são particulares a cada um. Eis aqui as regras gerais: antes da oração é preciso preparar-se; durante a oração, se as distrações se apresentarem, é preciso lutar enérgicamente e, em caso de aridez, é preciso resignar-se, embora a alma procure a Deus, que se es-

conde; enfim, antes de tudo, na oração, é preciso aplicar-se a amar.

A melhor preparação à oração é a santidade de vida. Não são aqueles cujo espírito é mais fértil que fazem, mais facilmente, belas considerações, nem aqueles cujo coração é mais sensível, que conseguem melhor fazer oração, mas sim aqueles que se renunciam mais, que são mais generosos em mortificar seus sentidos e sua vontade e seu amor próprio e que, portanto, amam mais, pois o amor cresce com a renúncia. Esses se comprazem na companhia do Bem-Amado, e empregam bem o tempo que passam com ele.

Mas mesmo aqueles que estão cheios do amor divino, enquanto permanecem aqui, na terra têm negócios a tratar e trabalhos a realizar. Assim o quis a Providência. Em seus deveres de estado encontram fontes de sofrimento, de preocupações, ou de verdadeira angústia, e, muitas vezes, pensamentos profanos invadem o seu espírito. Para unir-se a Deus é, pois, necessário afastá-los e fazer esforços para recolher-se.

Deus está aqui, ele me vê e ele me ama. E' preciso que a alma se compenetre profundamente, antes de tudo, dessas verdades. Digamo-lo com franqueza, esse dever da preparação é frequentemente cumprido com negligência e moleza e esta é a causa do mau êxito de muitas orações. Os esforços para se pôr em presença de Deus são fracos demais, tanto para a oração como para os outros deveres, e é exato o adágio que diz: pequenos esforços, pequenos êxitos; médios esforços, médios êxitos; grandes esforços, grandes êxitos. Portanto, pequenos esforços, oração medíocre, grandes esforços, oração boa.

Não devemos negligenciar o esforço, nem tão pouco a oração. Trata-se de obra sobrenatural para a qual a graça é absolutamente necessária; urge, pois, pedi-la: *Domine, doce nos orare*: Senhor, ensi-

nai-me, ajudai-me a orar bem. E' muito bom invocarmos o anjo da guarda, a Santíssima Virgem, para que nos alcancem a graça tão preciosa de uma fervorosa oração. Devemos dizer: "Que esta oração seja feita de tal modo, que, por ela, Deus seja glorificado, Jesus consolado, Maria e os santos alegrados, as almas do purgatório aliviadas, que os pecadores, arrependidos, sejam convertidos e salvos, que eu mesmo e todos aqueles que me são caros alcancemos a graça de um maior amor". A quem formular de todo o coração estas santas intenções, a graça será dada em abundância e a oração tornar-se-á mais fácil.

Se a alma que se applicou ao recolhimento encontrar, com frequência, uma doce familiaridade em se entreter com seu Deus, não a encontrará sempre. Mesmo quando forem enèrgicamente afastadas, as preocupações podem voltar, e causam então distrações que tornam a oração muito penosa. E' preciso dizer, entretanto, que a oração de luta, durante a qual não fazemos outra coisa senão afastar os pensamentos inúteis e procurar aproximar-nos de Deus sem poder consegui-lo, é uma oração muito meritória; se não agrada a quem combate, agrada todavia a Deus; o Senhor contempla com prazer a pobre alma que sustenta corajosamente esses violentos assaltos. Há muito amor nesses esforços, quando são corajosos e perseverantes, e o fruto dessas orações laboriosas é muito maior do que supõe aquele que mantém, sem fraquear, tão encarniçada luta.

Quando as distrações provêm das preocupações naturais, quer por sofrimentos do amor próprio, quer por desejos, muito humanos, que, embora fundados, são entretanto ardentes demais, convém evidentemente afastá-los, firmar-se em posições de despreendimento, e reletter os protestos de conformidade com a vontade divina. Mas, quando as distrações provêm das preocupações legítimas, será bom expô-las ao Senhor, como alguns o aconselham, e até

torná-las assunto da oração? Sem dúvida, é bom recomendar a Deus as pessoas que inspiram tais cuidados, e falar das obras cujo êxito desejamos unicamente para sua glória; mas é necessário fazê-lo brevemente e procurar mergulhar essas preocupações na submissão à Providência, na confiança e no santo abandono. Relembrar o que causa tanta inquietação, seria renová-las e dificultar a oração; é, pois, necessário elevar-se mais alto, subir até ao Coração de Deus, e lá, pensando em sua sabedoria insondável, em sua bondade infinita, unir-se a ele no amor.

As distrações são mais temíveis em tempo de aridez. Quando o Senhor se faz sentir, quando o coração está enternecido, é mais fácil combater e afastar os pensamentos profanos; mas quando Deus se esconde, quando a alma se sente fria e insensível, a luta é muito mais penosa.

A aridez é permitida por Deus, seja como provação, seja como castigo. Para as almas justas, é uma provação, para as almas dissipadas, imortificadas ou pouco carinhosas, é um castigo. Seja qual for a sua causa, a aridez deve ser aceita com submissão, mas essa resignação não deve ir até à indiferença. Quando, certa manhã, em Cafarnaum, os apóstolos e a multidão perceberam que Jesus havia desaparecido, puseram-se todos à sua busca, porém com ardor diverso. Pedro, que melhor soube procurá-lo, encontrou-o (Mc 1, 37). Quando Jesus se esconde, todos o desejam, mas todos não o procuram com igual tenacidade; há almas preguiçosas que não se esforçam por encontrá-lo. Ora, Jesus quer ser desejado. Não o vemos, com os discípulos de Emaus, fazer como se os quisesse deixar, e só ficar devido à sua insistência?

As pessoas que ainda recorrem ao livro, para sua oração, devem, quando se sentem frias, reler de vez em quando algumas frases para reanimar suas

boas disposições. Aquelas que vão diretamente a Deus empregam outros meios. S. Gema Galgani havia reunido alguns versículos dos salmos e dizia: "Eu os recito quando Jesus se esconde". Umás recorrem a certas orações jaculatórias, outras apertam sobre o coração ou beijam o crucifixo; umas dizem e repetem os primeiros pedidos do Pater, outras recitam por partes algumas orações, interrompendo-as depois de cada frase para meditar e rezar; outras, enfim, pedem ao Senhor que não deixe cair nesse dia tantas almas no inferno.

A alma que vive verdadeiramente unida a Deus, mesmo quando está distraída ou preocupada, conserva de uma maneira latente e insensível as disposições que lhe foram dadas pelo Espírito Santo. Ser-lhe-á vantajoso, em sua luta contra as distrações, produzir atos que correspondam a essas disposições. Ora admirará, louvará, adorará o Deus infinitamente perfeito; ora lhe agradecerá, ou, humilhando-se, pedir-lhe-á perdão para si e para o mundo culpado, mas ela exercerá principalmente o amor, quer o amor em toda a sua simplicidade, amando e aspirando amar sempre mais, quer o amor de conformidade, aceitando de todo o coração a vontade divina, quer o amor de zelo, desejando que Deus seja cada vez mais conhecido, servido, amado. Cada alma tem uma atração que deve cultivar, um gênero de oração que lhe convém mais; é necessário conhecê-lo e servir-se dele. A quem o procura deste modo, Jesus acaba por se dar. Seja qual for o grau de oração alcançado, é preciso considerar sempre a oração como um exercício de amor. Não é ela a entrevista, o encontro com Deus, o colóquio afetivo com o mais carinhoso dos amigos? Triste de quem não vai à oração para amar!

O primeiro cuidado de uma alma de oração deve, portanto, ser o de dispor-se ao amor. Mesmo quando meditamos as grandes verdades, antes de

refletir sobre os horrores da morte, sobre a severidade do juízo divino, sobre as penas terríveis do inferno, seria bom recordar o amor e os benefícios de Deus. Então o horror do pecado, o justo rigor de seus castigos, serão mais compreensíveis, o coração sentirá melhor a verdadeira contrição, as resoluções serão mais firmes, os pedidos mais confiantes e mais ardentes. Oh! que boa oração é aquela em que a alma se compenetra antes de tudo deste pensamento: Deus me ama imensamente.

Alma fiel, começa, pois, sempre, em tuas orações, por te lembrares do amor de Jesus; recorda-te do quanto ele te amou antes de teu nascimento, do quanto ele te ama agora quando te inunda de suas graças, do quanto ele te amará quando te tiver ao seu lado em seu paraíso. Sim, ele te amou antes de teu nascimento. Vê-o, em seu presépio, pensando em ti, sorrindo-te, estendendo-te seus bracinhos aparentemente sem forças; mesmo enquanto dorme, ele pode dizer: Eu durmo, mas meu coração vela; sim, mesmo dormindo, ele pensa em ti e ora por ti. Vê-o trabalhar, logo que a idade lho permite, feliz em te poder dar o exemplo de uma vida toda de fadigas, de privações, de dedicação. Vê-o em sua vida pública, dando-se todo a todos, indo ao encontro de todos os sofrimentos, aliviando todas as misérias, curando, instruindo, exortando, reconfortando. Sua bondade é tão grande que o leva a lavar os pés de seus apóstolos. Depois de derramar água em uma bacia, o bom Salvador, cingindo uma toalha, lava os pés suados e poeirentos de Pedro, de seus companheiros, do próprio Judas que já o vendeu! Ninguém o teme, ninguém se sente mal em sua companhia, tanto ele é bom, meigo, cheio de compaixão e indulgência.

Ora, ele é sempre igualmente carinhoso, simples, acolhedor. "Vinde a mim, vós todos que estais fatigados e que vergais sob o peso de vossa carga,

e eu vos aliviarei". Vós que o tendes ofendido tantas vezes, tendes razão de arrependê-vos; que nunca, porém, a lembrança de vossas infidelidades vos impeça de falar-lhe com ardente confiança e filial familiaridade. Repelliu jamais esse doce Jesus uma alma pecadora? Lembrai-vos de como foi bom, amável, compassivo com a samaritana e a mulher adúltera, com Zaquê e Madalena e como foi indulgente com o ladrão arrependido. Mesmo ao miserável Judas que o traía, e não tinha o menor arrependimento de seu crime, ele o acolhe com bondade, mais do que isso, com ternura, e procura ganhá-lo ainda: Meu amigo, que vieste fazer? Sobre a cruz, orou por seus cruéis e vis algozes. No céu, diz S. Paulo, ele está sempre vivo, e não cessa de interceder por aqueles que se aproximam de Deus por meio dele (Heb 7, 25); mais ainda, ele se faz, ensina S. João, advogado e defende a causa daqueles mesmos que o ofendem. E receais que ele vos dirija um olhar severo? Oh! vós não conheceis a bondade de seu coração, a grandeza de seu amor! Não, não, ele vos contempla com ternura, e, porque vos ama, sente-se feliz em ver-vos ao seu lado, e vos diz com carinhosa bondade: alma querida, que vens fazer, que queres dizer-me, que me pedes? Respondei: Venho amar-vos, venho confessar meus pecados, reparar minhas faltas, pedir-vos que modifiqueis minha vontade e me torneis mais forte e mais fiel. Sim, sede confiantes, imensamente confiantes, sede familiares; as almas que mais se adiantam são as mais confiantes, as mais simples, as mais generosas, as que mais se esquecem de si mesmas.

Entretanto, ao contemplardes suas bondades, não vos esqueçais de suas grandezas. Ele, que se faz tão pequeno, é o Todo-poderoso! Do nada e sem esforço, ele pode não somente fazer um grão de areia, e isto já é maravilhoso, mas também obras mais belas, mundos maiores que o nosso, anjos mais

perfeitos que os serafins. Ele é a paz substancial, inalterável; nunca sai de sua tranquillidade, e, sem se mover, move todas as coisas. Ele é o Onisciente e nada do passado, do presente, do futuro, escapa ao seu olhar. Ele é o Imenso, o Infinito, maior que todos os mundos imagináveis. Ele é o Eterno, e os milhares de séculos que podemos calcular são menos, em sua vida sem começo, que uma gota de água no oceano. Ele é a suprema Beleza, a Majestade incompreensível, mas é também a suprema Bondade, e o seu amor, que o levou a aniquilar-se, a sofrer, a morrer, iguala sua grandeza.

Mas que dissemos? Dividimos o Indivisível, discernimos nele perfeições que não são absolutamente distintas. Ele é o ser infinitamente simples, essencialmente um. Ele não é, pròpriamente falando, nem poderoso, nem sábio, nem justo, nem misericordioso, é mais que tudo isso, é melhor que tudo isso, é o Inexplicável, é o Incomensurável, ele é, ele é, ele é!

#### 4. *Oração de união amorosa. Regras particulares a cada grau de oração.*

Já indicamos em que diferem as orações segundo os graus de virtude e as disposições desiguais das almas. As regras particulares a cada um desses métodos de oração se deduzem fàcilmente do que acabamos de dizer.

Quando uma alma começa a fazer oração e tem que lutar ainda fortemente contra suas paixões, não possuindo um vivo desejo dos bens espirituais, é preciso aconselhar-se a seguir um método e a servir-se de um livro; sem esses meios seria muito de re-crear que todo seu tempo se passasse em divagações e sonhos. É necessário que ela se persuada das vantagens da virtude e dos males que acarreta o pecado. Ela deve aplicar-se às grandes verdades: *Memo-*

*rare novissima tua, in aeternum non peccabis.* Mas, ao mesmo tempo, deve compenetrar-se do pensamento das misericórdias e da paciência infinita de Deus, porquanto a grande necessidade dessa alma é um acréscimo de confiança, virtude essa que é muitas vezes o objeto do ataque dos inimigos.

A esses principiantes é mister recordar a miúdo que na oração a reflexão não é tudo, mas que deve levar às resoluções e sobretudo aos pedidos; a oração, o colóquio com Deus já ocupa então grande parte da meditação; as leituras, os diversos processos, não passam de meios para firmar os bons propósitos e mormente facilitar a oração. A alma piedosa, já o observamos, recorre muito menos a métodos e livros. Não tardará em achar difícil adstringir-se às convenções, como também aos assuntos que lhe forem sugeridos por outrem, devendo só recorrer a eles na medida de sua atração e do seu maior proveito. Já que deve insistir, como o dissemos acima, sobre a prática das virtudes fundamentais, humildade, mortificação, renúncia, paciência, caridade, deve estudar e admirar a maneira pela qual Nosso Senhor as praticou e rogar ardentemente a esse meigo Salvador que lhas conceda.

Finalmente, as almas nas quais o Espírito Santo infunde a fé e o amor, quando lhes for dada essa graça e o seu amor for vivo, devem elevar-se acima das criaturas e unir-se a Deus, ao inefável, ao Misterioso. Que elas digam então: Ele está em mim, e eu nele; penetro em sua divindade, e não faço senão um com ele; eu o amo, eu o amo, eu o amo! Ou então que adiram à sua vontade e lhe permaneçam unidas numa união de conformidade simples e tranquila.

Pelos princípios que acahemos de estabelecer, fica resolvida uma questão, vivamente discutida em outros tempos, mas sobre a qual, hoje, parece haver perfeito acordo. Há poucos anos ainda, os partidá-

rios extremados da meditação metódica não queriam que as almas, com raras exceções, se afastassem dela. Se é boa, alegavam eles, não é prejudicial às almas constrangê-las a tal; e como essa oração é segura, evitam-se por meio dela muitos perigos, como a preguiça espiritual, a presunção, a ilusão.

Esses perigos existem, certamente; têm havido abusos contra os quais é necessário premunir-se, e as regras que acabamos de indicar são um remédio e uma garantia; mas o abuso contrário é igualmente funesto, e é um grande erro garantir que quem impede a alma de deixar a meditação metódica não lhe causa dano algum. A oração, já o dissemos, deve ser antes de tudo um exercício de amor, e o amor mais perfeito é o derramado diretamente por Deus na alma. Ora, o raciocínio não é amor, o trabalho da imaginação não é amor; o processo da representação do lugar, as leituras do assunto de meditação podem ser úteis para fixar a atenção e prevenir as distrações, mas querer fazer disso a base ordinária da oração seria embaraçar a graça e obstar os progressos do amor. Quando a alma se tornou mais fervorosa, começa a receber as operações mais delicadas do Espírito Santo, precisa ser instruída para recebê-las bem e não as afastar por sua atividade natural; e a experiência demonstra que as almas que não receberam essas lições entremeliam demais a sua própria ação à ação divina e nunca entram plenamente nessa vereda de simplicidade, nessa união de amor, calma e forte, à qual eram chamadas. Mas, ser-nos-á alegado, é o Espírito Santo a tal ponto dependente de suas criaturas? Não é antes a criatura que depende do Espírito Santo e que não pode resistir aos impulsos que ele lhe dá? O Espírito divino pode certamente exercer uma ação poderosa e irresistível; pode arrancar a alma às suas reflexões e aos seus métodos, e fá-lo às vezes, mas raramente e por exceção. A ordem ordinária da Pro-

vidência é, ao contrário, respeitar a liberdade humana; Deus convida, mas não força, não constrange; compete, pois, à alma preparar-se bem: *ante orationem praepara animam tuam et noli esse quasi homo qui tentat Deum*. Estais mergulhados nas preocupações de toda sorte, vossa atenção está absorvida por pensamentos profanos, e começais a orar: Deus, que poderia dissipar vossas distrações, não o fará; cabe-vos afastá-las e esforçar-vos para recolher-vos. Ou ainda, em vez de vos estabelecerdes nas disposições de amor, em vez de acalmardes os tumultos de vossa alma para vos manterdes em paz e gozardes desse amor, procurais recitar longas fórmulas ou seguir as considerações de outrem no livro que desejais meditar. Deus, que poderia arrancar-vos a essas considerações, o mais das vezes, não o fará, e perdereis o que vos daria a união de amor, à qual ele vos convida. Daí as queixas dos santos, de S. Teresa, de S. João da Cruz, de S. Joana de Chantal, contra os diretores que, não permitindo às almas deixar a meditação, fecham-lhes os caminhos da oração e opõem-se aos desígnios de Deus. A oração de união amorosa é o termo ao qual deve aspirar a alma fervorosa, mas a ela não se deve entregar senão quando Deus lhe conceder essa graça, tornando-lhe muito penosa a meditação e fazendo-lhe encontrar uma profunda satisfação em permanecer só com ele, ocupada em amá-lo. A alma coopera, então, à ação da graça, não agindo ela mesma sobre suas faculdades, mas entregando-as alegremente ao Espírito Santo, que ilumina ele mesmo a inteligência, dirige e abrasa a vontade e derrama na alma luzes e amor. Não é mais a alma quem ora, mas é o Espírito Santo quem ora na alma por suspiros inexprimíveis e inexprimidos (Rom 8, 26).

Aqueles que estão no estado de união amorosa, terna, ou árida, deverão deixar de pedir a Deus as suas graças? Não. E' verdade que a união pode valer

por um pedido e a alma unida tem a intenção de atrair as graças de Deus sobre si, para poder servi-lo melhor, e sobre outras almas, justas ou pecadoras, para as quais deseja vivamente as graças divinas. Seu desejo é que todos os atos de amor que brotarem de seu coração, todos os trabalhos que executar, todos os sacrifícios que fizer, todos os louvores que der a Deus, sejam aceitos por ele como pedidos de graças. Tal é também o desejo do Senhor, e ele não deixa de abençoá-la, bem como a todos aqueles que estão presos por algum laço a essa alma querida. Mas a alma unida a Deus não está sempre num silêncio amoroso; dirige com frequência aos céus orações ardentes, principalmente quando experimenta sua miséria, ou quando os seres que lhe são caros lhe causam penosas aflições. Entretanto, na oração, ela contempla Deus e contenta-se em amá-lo. "Ouve, Jesus, dizia em êxtase a bem-aventurada Gema Galgani, a pergunta que me faz meu confessor: Que fazes, Gema, quando estás diante de Jesus? Que faço? Se estou com Jesus crucificado, sofro; se estou com Jesus-hóstia, amo". Na verdade, a alma, nessa oração, ama a Deus e nenhuma palavra pode exprimir esse amor. E' porque muitas vezes as palavras cansam e o silêncio, ou então simples aspirações, simples olhares, dizem mais e agradam mais ao Senhor que fórmulas recitadas de memória, mais que certos impulsos, certos protestos, nos quais a atividade da natureza tem larga parte e tolhe a ação divina.

O amor assim produzido pelo Espírito Santo não é sempre saboroso; é frequentemente árido e a vontade, que não está abrasada, mantém-se, todavia, numa união firme e constante com a vontade divina, a alma só desejando o que Deus deseja e querendo tudo quanto Deus quer. Tal disposição não foi adquirida por esforço próprio, mas procede de Deus. E a alma sente-se feliz por possuí-la e por con-

servá-la, embora a tenha recebido. "Então, diz S. Francisco de Sales, a alma não ouve seu bem-amado, não lhe fala, nem sente sinal algum de sua presença; sabe apenas que está em presença de Deus, que se apraz em tê-la ali... A vontade só age então por uma simples aquiescência ao bel-prazer divino, desejando estar na oração sem outra pretensão senão a de estar sob as vistas de Deus, segundo for de seu agrado" (Amor de Deus, VI, 11). Quem sente, portanto, a vontade muito unida a Deus, mesmo quando as outras faculdades divagam, não deve perturbar-se; os desvios da imaginação, que tanto fazem sofrer a alma, não a impedem de permanecer numa disposição de fé e de amor muito meritória. E não é somente à oração mental que devemos aplicar esse princípio; o valor das orações vocais depende dessa disposição de amor na qual persiste a vontade, embora essa vontade seja às vezes imperceptível, e subsiste enquanto os lábios pronunciam as orações, pois as distrações inteiramente involuntárias não privam a oração do seu valor.

Feliz da alma que recebeu de Deus esse dom da união de amor e que a sentiu aumentar em si, graças à sua fidelidade, ao seu perfeito desprendimento; então não é mais somente na oração que Deus a conserva assim estreitamente unida, é ainda no resto do dia, no meio de suas ocupações, de seus trabalhos, fazendo-a retirar dessa união um auxílio poderosíssimo para cumprir com maior perfeição seus deveres de estado. *Qui adhaeret Domino unus spiritus est* (1 Cor 6, 17): unida a Deus, ela forma com Deus, de quem é instrumento dócil, um só espírito, um só coração, uma só vontade; não é mais ela quem vive, é Deus quem vive nela; é ele quem age, quem opera por ela; ele quem, não encontrando mais obstáculos em sua natureza vencida, realiza nela e por ela seus desígnios de amor.

### TERCEIRA PARTE

## AS VIRTUDES PERFEITAS

Publicado em:

<http://www.leiturascatolicas.com/>

## CAPÍTULO XVIII

### Da virtude da Fé

#### 1. *A fé, suas provações, seus graus.*

Os amigos de Deus devem viver em união íntima com ele. Deus lhes pede essa união e eles mesmos a desejam. Ora, essa união se faz pelas três virtudes que consubstanciam a alma com Deus e que se chamam, por essa razão, virtudes teologais ou divinas: a fé, a esperança, o amor.

As virtudes teologais são muito pouco apreciadas, porque, infelizmente, o nosso dever para com Deus é menos bem compreendido do que o nosso dever para com o próximo. Quanta gente pode dizer: não matei, não roubei, nada tenho, pois, a reprovar-me, sem ter, entretanto, nem fé, nem esperança, nem amor de Deus. Quantas outras, mesmo entre as pessoas piedosas, dão maior valor à bondade, à mansidão, à igualdade de gênio, qualidades muitas vezes em grande parte naturais, do que à pureza, à vivacidade, à integridade da fé, ou ao fervor, à generosidade do santo amor. E contudo, tanto Deus está acima do homem, quanto as virtudes teologais estão acima dos deveres para com o próximo. E se esses deveres para com o próximo são também santos e sagrados, não é porque decorrem de nossos deveres para com Deus, na medida em que procedem das virtudes teologais?

A fé é a primeira a aparecer na alma, é a base

da ordem sobrenatural, de tal modo que dela depende todo o edificio espiritual e este não pode se estender além de seus alicerces. E' dizer que as outras virtudes não podem ser grandes se a fé for pequena. Seja, portanto, grande a nossa fé. Os espiritos superficiais são levados a crer que todo bom cristão tem uma fé idêntica; seria um grande erro pensar assim. Mesmo entre os sacerdotes, entre os religiosos e as religiosas, a fé varia de simplicidade, de esclarecimento, de intensidade, e, por conseguinte, de poder e de influência na direção da vida, em proporções que muitos nem sequer suspeitam.

Os meios indicados para desenvolver a fé são, em primeiro lugar, suportar bem as provações que lhe são preparadas pela Providência e, em segundo lugar, exercitá-la constantemente, vivendo dela. A fé é, antes de tudo, uma homenagem prestada à veracidade divina. Deus merece que acreditemos nele, tem o direito de exigir uma confiança absoluta em sua palavra; e, porque ele tem esse direito, e nós temos o dever de crer, ele se apraz em experimentar a fé. A provação, que é a grande lei da vida, oferece à criatura ocasião de mostrar sua fidelidade, enquanto a faz praticar a virtude, que, posta assim em prova, se torna mais meritória e mais perfeita, e sobretudo torna a homenagem oferecida a Deus mais gloriosa e mais digna dele.

S. Paulo, na epistola aos hebreus, celebra em termos entusiásticos a fé dos grandes homens do Antigo Testamento, dando-a como o princípio de suas virtudes e das grandes obras que realizaram. Todos tiveram merecimento em crer, justamente porque sua fé era posta em prova. Noé acreditou na palavra de Deus, anunciando-lhe, com muita antecedência, um dilúvio que nada fazia prever, e construiu sua arca apesar da zombaria do povo. Abraão teve fé em Deus, que o fez sair de seu país, sem alegar motivo algum, e lhe prometeu um filho

quando nem ele nem sua mulher podiam mais ter esperanças; mas deu provas principalmente de uma fé heróica, quando Deus lhe pediu que imolasse ele mesmo seu filho único. Assim, também, os patriarcas, os profetas, os mártires e todos os heróis da antiga aliança foram submetidos a rudes provações, vencendo-as pela fé, enquanto que, ao seu lado, outros, igualmente experimentados, não se conservaram fiéis.

Quando Jesus pregou o Evangelho, deu de sua missão divina provas superabundantes pela sublimidade de sua doutrina, pela santidade de sua vida e pelo esplendor de seus milagres. E se muitos acreditaram, ele, porém, quis pôr em prova essa fé, e, na sinagoga de Cafarnaum, a esses judeus, que na véspera alimentara milagrosamente, multiplicando cinco pães de cevada e dois peixes, propôs o mistério da Eucaristia; apresentou-o em termos obscuros, difíceis de admitir, sem lhes querer dar sequer uma explicação. Exigia, portanto, uma confiança cega, uma fé absoluta. Infelizmente, um grande número, e entre esses um de seus apóstolos, sucumbiu a tal prova. Aqueles que, ao contrário, se conservaram fiéis, tiveram a fé aumentada e fortalecida. A morte infamante de Jesus na cruz foi outra provação para seus discípulos. E essa provação da fé perdurou ainda depois de sua ressurreição. Os apóstolos pregaram que ele, o condenado, o crucificado do Calvário, era o Messias, o Filho de Deus que, por sua morte, resgatara o mundo. Essa pregação, segundo a palavra de S. Paulo, pareceu aos pagãos uma loucura e aos judeus um escândalo; mas era sustentada por milagres. Havia, pois, de um lado apoio para a fé, do outro dificuldades em crer. Era, como sempre, a prova que dessa vez ainda encontrou fiéis e rebeldes.

Também em nossos dias essa virtude tem suas provações, tanto para os bons como para os indife-

rentes, e mesmo para aqueles cuja fé é sólida. Bem suportadas, tornam a fé mais firme e, principalmente, mais esclarecida; mal aceitas, dificultam-lhe a expansão e chegam até a ofuscá-la.

O obstáculo a uma fé perfeita pode vir de um espírito apegado ao seu próprio critério, que se compraz em suas fracas luzes, não admitindo, nos fatos da vida, senão explicações puramente naturais, e considerando a parte de Deus como a menor possível.

Frequentemente ainda a oposição vem da vontade, à qual repugna a pura doutrina do Evangelho sobre a necessidade da renúncia e sobre a prática das virtudes. Essa lei da renúncia é, muitas vezes, bem dura. Quem não quer ceder às suas exigências, nem tão pouco se confessar covarde e infiel, é levado a procurar pretextos para seguir as suas próprias inclinações e evitar o sacrifício, mas as razões que se lhe apresentam então são contrárias às puras lições da fé. Diante dessa tentação ou a alma se entregará a seus defeitos e ofuscará os esclarecimentos, porque estes a condenam: *omnis qui male agit odit lucem et non venit ad lucem ut non arguantur opera ejus* (Jo 3, 20), ou preferirá o dever, e fará um ato meritório de fé, e então a fé se lhe tornará mais viva e mais luminosa: *qui autem facit veritatem venit ad lucem* (Ibid., 21). Progredimos, portanto, na verdade, à medida que progredimos no bem. Assim, existe um laço íntimo entre a verdade, o belo e o bem, como também entre o erro, o feio e o mal. Quem faz o bem, possui a verdade, e, fazendo-o, tem uma melhor compreensão dessa mesma verdade. Quem faz o mal, vive no erro, e erra até à loucura; e quanto mais o praticar tanto mais ficará obcecado.

Além do mais, Deus retira suas luzes àqueles que delas abusam; é um ato de justiça, e também de misericórdia, pois essas luzes, das quais abusa-

riam ainda, não serviriam senão a agravar-lhes a culpa. E haviam de abusar delas, pois a vontade, permanecendo rebelde, continuaria a afastar a luz. Não se mostravam, em vida de Jesus, os judeus incrédulos ainda mais empedernidos depois de seus milagres? "Ele que deu a vista ao cego de nascimento, diziam eles em Betânia, não podia ter impedido que lhe morresse o amigo?" Desgraçados, que se serviam da ocasião de um milagre magnífico para murmurar. E quando Jesus ressuscitou Lázaro, o seu furor cresceu e resolveram precipitar-lhe a morte. *Quid facimus quia hic homo multa signa facit? Ab illo ergo die cogitaverunt ut interficerent eum* (Jo 11, 47, 53). O mesmo milagre que fortalecera e aumentara a fé dos discípulos, fortaleceu a incredulidade dos inimigos de Jesus e aumentou-lhes a cegueira.

Vemos constantemente na Igreja, entre os homens, essa diferença de atitudes em relação ao Salvador. Os nazarenos conheciam Jesus e sabiam dos milagres que havia operado e todavia mostraram-se incrédulos. Os samaritanos, entre os quais no entanto não parece haver operado prodígios, acreditaram nele imediatamente, uns sob a fé da palavra da pecadora do poço de Jacob: "Ele me disse quanto eu havia feito", outros, em maior número, conquistados pela sua pregação (Jo 4, 39, 41). A fé do oficial de Cafarnaum foi fraca e imperfeita, a da cananéia, humilde e ardente.

Quando a Jesus, que lhe dizia: "Pai, glorificai vosso nome", o Padre eterno respondia: "Já o glorifiquei, mas o glorificarei ainda" (Jo 12, 28), numerosos judeus, que estavam presentes, não ouviram senão um vago rumor: "é um trovão", disseram — provavelmente os que não tinham boas disposições. — Outros perceberam uma voz, sem distinguir as palavras, e exclamaram: "Um anjo falou-lhe". Os apóstolos, sem dúvida, porque sua pre-

paração era melhor, ouviram nitidamente. Assim também a doutrina de Deus, a sua palavra, é mais ou menos bem compreendida, conforme o estado de alma daqueles que a ouvem, e a fé varia, não tanto segundo as provas exteriores que são dadas das verdades sobrenaturais, como segundo as disposições íntimas daqueles a quem são apresentadas. *Si quis voluerit voluntatem ejus facere, cognoscat de doctrina utrum de Deo sit*: aquele que quiser fazer a vontade de Deus, dizia Nosso Senhor, saberá que a doutrina que eu ensino vem de Deus (Jo 7, 17).

## 2. A fé cresce com o amor.

Se a fé provém da boa vontade, quanto mais a vontade for reta, apegada ao dever, unida à vontade divina, tanto mais esclarecida será a fé. Quem conserva a fé, embora seja pecador, permanecerá crente; quem resolutamente não quiser cometer pecados mortais, compreenderá muito melhor que os pecadores a gravidade do pecado; quem não quiser cometer falta alguma, por mais leve que seja, terá luzes maiores ainda. Ah! quão esclarecida é a fé daqueles que renunciaram plenamente à sua vontade, aniquilada que está na vontade divina, resolvidos a renunciar-se em tudo e a não procurar senão o bel prazer de Deus!

Nunca insistiremos demais sobre este ponto: as verdades divinas, que Deus nos propõe, penetram na alma humana na medida do acolhimento que lhes é feito, segundo o amor, a indiferença ou o ódio que a alma lhes vota. Alguns têm ódio à verdade, tais aqueles a quem Jesus dizia: "Minhas palavras não vos impressionam... Vós não ouvistes as palavras divinas que saem de meus lábios, porque não sois de Deus (Jo 8, 37, 47). Eu venho de Deus, falo a linguagem de Deus, e essa linguagem vos desagrade, é pura demais, santa demais, para vos-

as corações pervertidos; não podeis ouvir minhas palavras, vós que sois filhos do demônio" (Ibid. 44). Deade que vos cobristes de pecados, que estais como que imersos nos pecados, que vosso coração não ama e não quer senão o pecado, existe em vós uma oposição a seus ensinamentos, às verdades que proclama, oposição que vai até ao ódio.

Outros não têm ódio, e sim indiferença pela verdade. Foi o caso de Pilatos. Jesus lhe disse: "Todo aquele que é pela verdade, escuta a minha voz"; isto é, todo aquele que ama a verdade, que se põe do lado da verdade, crê em minhas palavras. "Que é a verdade?" perguntou Pilatos, e, sem esperar resposta, saiu. Que importava a esse egoísta conhecer a verdade? não procurava senão seus interesses, e o resto era-lhe indiferente.

Tais são as causas da incredulidade: ou o ódio ao bem e à verdade, ou uma indiferença desdenhosa; e esse ódio e essa indiferença se encontram naqueles que não amam a Deus.

Os que crêem, ao contrário, têm um certo amor pelo bem e pela verdade, porque têm também, para com Deus, ao menos um começo de amor. "Quem é do partido de Deus, crê nas palavras de Deus", disse Nosso Senhor. *Qui ex Deo est, verba Dei audit* (Jo 8, 47). E' porque quem tem para com Deus, ao menos, certos sentimentos de estima, de respeito, de afeição filial, abraça com amor as verdades que ele propõe. Assim a criança aceita com amor as palavras do pai que venera, da mãe, cujas virtudes e dedicação compreende. Sentimo-nos inclinados a duvidar, quando a pessoa que nos fala é antipática; temos prazer, ao contrário, em acreditar numa pessoa querida, desejamos ouvi-la, sentimo-nos felizes em assimilar-lhe as idéias, em aproveitar-nos de sua prudência, de sua sabedoria. O amor de Deus nos leva, com maior força ainda que o amor humano, a procurar os ensinamentos do bem-amado,

a gozar-lhe e saborear-lhe a doutrina. A fé aumenta, quando aumenta o amor.

Demais, o objeto dessa fé são as perfeições de Deus, os desígnios de sua Providência, tão prudente e tão amorosa. Ora, o amor faz sobressair as qualidades. Por conseguinte, quanto mais amamos a Deus, tanto mais cremos de bom grado na sua grandeza, no seu poder, na sua bondade, na sua inefável ternura. Assim, o amor, quando tem por objeto criaturas muito imperfeitas, é cego ao ponto de não lhes ver os defeitos, e lhes atribuir qualidades que não possuem; quando, ao contrário, tem por objeto os santos, cujas admiráveis virtudes são tão difíceis de compreender, ou sobretudo quando visa a Deus, cujas perfeições não podem ser exageradas, esclarece a alma. S. João conhecia a Jesus melhor que Judas, e Maria melhor que João.

Não é somente porque seu amor as dispõe a creditar a Deus as maiores maravilhas, que as almas generosas e santas o conhecem melhor que as almas imperfeitas; é também porque Deus, vendo-as tão desejosas de conhecê-lo, tão felizes em admirá-lo, concede-lhes luzes muito mais vivas, que lhes revelam as perfeições de seu bem-amado. As almas de virtude comum, Deus concede luzes que provêm de suas próprias considerações e reflexões, mas às almas eminentes em virtude, ele comunica, sem esforço de sua parte e sem estudo, luzes muito mais preciosas, pensamentos retos e fecundos. São maravilhosamente esclarecidas sobre as perfeições incompreensíveis de Deus; fazem dele uma idéia muito elevada, embora, em geral, difícil de exprimir; compreendem, sem poder bem definir seu pensamento, as grandezas, a bondade e a santidade de Deus, o horror que têm ao mal, a enormidade da ofensa que lhe é feita, o nada das coisas criadas, o valor das coisas celestes e sabem principalmente avaliar a felicidade de ver Deus face a face e de amá-lo

eternamente. Elas percebem perfeitamente a beleza, o valor, a extensão das diferentes virtudes, a importância do recolhimento, as doçuras da humildade, as delicadezas da caridade fraterna. Elas sabem também apreciar, sob outro aspecto, os diversos fatos da vida e ver neles a mão suave e forte da Providência. Elas têm pela vontade de Deus grande estima e grande amor, porque avalliam, muito melhor que as almas vulgares, o quanto é prudente, santa, boa e amorosa essa vontade divina e, mesmo quando não vêem o por que dos acontecimentos deste mundo, como nunca se esquecem de que o Deus imenso que tanto admiram a tudo dirige, permanecem resignadas e em paz. *Non jam dicam vos servos*; não vos chamarei mais meus servos, dizia Jesus a seus apóstolos, pois o servo ignora o que faz o amo; chamar-vos-ei meus amigos, porque tudo quanto aprendi de meu Pai, eu vo-lo ensinei. Essas almas generosas estão no número dos amigos de Jesus, e o divino Mestre lhes comunica suas luzes.

### 3. *Vantagens da fé perfeita.*

Nas almas perfeitas, a fé produz efeitos maravilhosos. A função desta virtude é unir-nos a Deus, Verdade infinita, unir nosso espírito à inteligência divina, fazer-nos pensar o que Deus pensa, e julgar como Deus julga. Deus não falou aos homens senão para lhes ensinar as verdades belas, santas, fecundas, que contempla, e das quais se alimenta desde toda a eternidade; acreditando-as, sob sua palavra, participamos da sua ciência e sabedoria. Ora, aquelas que recebem de Deus essas grandes luzes da fé, derramadas diretamente por ele na alma, aprofundam-se cada vez mais no conhecimento dessas verdades e participam de modo muito mais abundante da ciência e da sabedoria divinas.

A fé, por supor o amor e ser uma homenagem prestada à sua veracidade, agrada muito a Deus,

cuja graça atrai, e é tanto mais poderosa quanto mais pura e mais intensa for. "Se tivésseis fé como um grão de mostarda, dizia Jesus a seus discípulos, diríeis a esta amoreira: extirpa tuas raízes e vai plantar-te no mar, e ela vos obedeceria" (Lc 17, 6). Nosso Senhor estava então provavelmente às bordas do Mar Morto. Outra vez, encontrando-se perto do Hermon, montanha gigantesca, disse ainda: "Se tivésseis fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: transporta-te daqui para ali, e ela se transportaria, e nada vos seria impossível". Ele aproveitava-se da primeira comparação que se lhe apresentava para afirmar que, com um grãozinho de fé, se realizariam prodígios. Os que têm essa verdadeira fé não pedem prodígios materiais, e sim morais, incomparavelmente mais úteis. Fazer desaparecer uma montanha de orgulho e pôr em seu lugar um vale de humildade; transplantar as virtudes do paraíso, como o esquecimento de si mesmo, a caridade, e fazê-las criar raízes num coração humano, tão agitado e tão inconstante como as ondas do mar, não é de fato um verdadeiro prodígio? Mas para realizá-lo é necessária uma fé pura e santa, que revela Deus tal qual é.

Há substâncias venenosas de um poder formidável, e uma só gota, contanto que seja pura, basta para matar um homem; derramai uma gota, ou mesmo algumas gotas, em um copo de água, e o veneno se dilui e perde a sua força. A fé genuína revela Deus, e mostra-o tão belo, tão bom, tão grande, que tudo o mais desaparece. A alma que possui um grão bem puro dessa fé não estima senão a Deus e a nada mais leva em conta. Então puros são seus desejos, ardentes suas orações, inabalável sua confiança, generoso seu amor! E saberá realizar prodígios de virtude.

Vêde, ao contrário, esse cristão que, aos pés do altar, se entrega à oração, à meditação, mas com

um espírito preocupado, com um coração dividido. Tem fé, sem dúvida, e é esta que o leva aos pés de Nosso Senhor, mas não é a fé esclarecida, que dá de Deus uma idéa elevada; a essa gota de fé que possui, juntam-se muitas outras coisas no vaso de seu coração, pois ele está todo impregnado de pensamentos profanos, de preocupações naturais; daí, mil distrações que lhe dificultam as orações, lhe tornam a meditação penosa e pouco profícua. Tem, é certo, algo dessa confiança em Deus, que provém da fé, porém embebida de temores humanos; dirá, por exemplo: eu peço, mas o que peço é perfeito demais para que o obtenha, sou demasiadamente fraco e imperfeito, e meus defeitos impedem que o Senhor me atenda; peço a humildade, mas meu amor próprio está enraizado demais para que eu jamais seja humilde; peço a generosidade, mas sou covarde demais para ser jamais generoso.

A verdadeira fé não considera senão Deus quando reza, tão impressionada está com sua grandeza e sua bondade. Essa fé é tão pura e sem mescla de considerações humanas: Deus é bom, Deus prometeu tanto à oração, ele me atenderá. Se há dez, vinte ou mais anos ainda, que desejo sem obter, é que Deus quer pôr-me em prova a constância, mas acabará por atender, e não morrerei sem receber esse grande amor ao qual aspiro.

Tal é um dos caracteres mais evidentes da verdadeira fé: nunca fraqueia, nunca desanima. Tem de Deus uma idéa elevada demais para não crer, apesar das aparências contraditórias, em sua bondade e em sua sabedoria: ainda mesmo que me esmagásseis, exclama com Job, eu continuaria a esperar em vós!

#### 4. *Cultivemos a nossa fé.*

Tenhamos fé que Deus nos ama, mas uma fé pura, sem eiva de mil outras considerações, e sabe-

remos dizer: Deus me ama com um amor inefável, portanto ele nada me recusará. Essa simples verdade de uma fé sincera nos fará realizar prodígios. Pediremos com uma confiança que comoverá o coração de Deus e lhe arrancará torrentes de graça; e do nosso lado, nada lhe recusaremos do que nos pedir, e faremos tudo por amor. Isso será mais belo do que transportar uma montanha, ou fazer brotar uma amoreira no mar.

Como é preciosa a virtude da fé e como é importante cultivá-la e desenvolvê-la em nós! “Senhor, disseram os apóstolos ao Salvador, quando o ouviram declarar que era preciso perdoar sempre, Senhor, aumentai a nossa fé; *adauge nobis fidem*”. Compreenderam que a prática dessa lei tão bela, mas tão difícil, do perdão das injúrias, requer uma grande fé, igualmente necessária para o exercício cabal das virtudes que Deus espera de nós. A razão pela qual muitos são incapazes de grandes virtudes e tantas almas, mesmo entre as pessoas consagradas a Deus, não alcançam grandes graças do Senhor, é que sua fé não é bastante viva. Quando Jesus disse ao pai do jovem possesso, que lhe pedira a cura do filho: “Se podes crer, tudo é possível àquele que crê”, o pobre pai disse por entre lágrimas: “Eu creio, Senhor, mas ajudai a fraqueza de minha fé. *Credo, Domine, adjuva incredulitatem meam*”.

Façamos a Deus o mesmo pedido: uma fé poderosa que nos permita cumprir com os mais árduos deveres da vida e obter as mais preciosas graças para nós e para as almas em geral. A fé perfeita, como toda virtude perfeita, é um dom que Deus concede àqueles que se mostram ávidos de possuí-la e sabem preparar-se bem para recebê-la.

Preparemo-nos, pois, e, antes de tudo, despojemo-nos dos pensamentos profanos. Evitemos os juízos demasiadamente humanos que, em contradição com os ensinamentos do Evangelho, seriam um

obstáculo à fé perfeita. Se nos ocupamos com pensamentos fúteis, que nada têm de comum com a fé, com frivolidades, com bagatelas do mundo, nossa fé não se desenvolverá. Se considerarmos os acontecimentos da vida, abstraídos dos designios de Deus que os dirige, colocando-nos fora da alçada da fé, não os julgaremos mais como Deus os julga. Assim procedem aqueles que não querem ver em tudo que lhes acontece senão um efeito do acaso ou o resultado dos esforços dos homens, de sua prudência, ou de suas intrigas, sem se elevar à Causa primeira, aos planos da Providência, à vontade de Deus. Eles se esquecem então de agradecer a Deus os acontecimentos felizes, e, nos dolorosos, em vez de se resignarem, beijando a mão de Deus que os fere, não sabem senão queixar-se com amargura daqueles a quem atribuem seus males. Cristo na cruz não se queixou dizendo: é a traição de Judas, é o ódio dos sanedristas, é a covardia de Pilatos que causam a minha morte; não viu senão a vontade do Pai e fez-se obediente até à morte.

A fé nos dá muitas vezes duras lições, e apresenta-nos verdades difíceis de ouvir, quer nos reprovem a conduta, quer nos obriguem a praticar atos que custam à natureza. Quando Nosso Senhor falava aos apóstolos de sua paixão futura — e fê-lo por diversas vezes — eles não compreendiam, nem queriam compreender; sonhavam, para o Mestre e para si mesmos, triunfos fáceis, consoladores, e não sofrimentos, não o sacrifício levado até à imolação. Com medo de compreender, não quiseram sequer interrogá-lo: *illi ignorabant verbum et timebant interrogare eum* (Mc 9, 31). A alma reta e generosa não receia as lições da fé; apesar de sua aversão natural, procura a verdade e a encontra; as almas pusilânimes, porém, recorrem às desculpas, aos pretextos fúteis, fogem à luz e a luz não os ilumina.

Alimentemo-nos, portanto, constantemente, das

verdades da fé, por mais duras que nos pareçam, e orientemos nossas leituras e nossos estudos de maneira a desenvolvê-la cada vez mais. Depois, na prática, aproveitemo-nos das lições que a fé nos dá, vivamos da fé; *justus ex fide vivit*. Então as verdades santas, que sustentam nossas almas, livrar-nos-ão da influência nefasta do mundo e da tirania de nossos defeitos: *veritas liberabit vos*. Então rios de água viva correrão de nosso seio: *qui credit in me, flumina de ventre ejus fluent aquae vivae* (Jo 7, 38). Para aqueles cuja fé é lânguida, a graça não passa de um riacho, de um regato; para aqueles que possuem a fé plena e ardente, a graça forma um rio de água viva que os purifica, os refresca, e lhes dá força e vigor. E não é somente nesta vida que a água da graça, concedida em abundância àqueles cuja fé é viva, produz tais efeitos; ela jorrará até ao céu: *fiet fons aquae salientis in vitam aeternam* (Jo 4, 14); e a pureza, as delícias que proporcionam durarão toda a eternidade.

## CAPÍTULO XIX

### Da virtude da esperança

#### 1. *Só as almas fidelísimas apreciam condignamente os bens celestes.*

O homem é feito para a felicidade; é porque toda a sua natureza a deseja; o corpo procura as comodidades, os sentidos, a satisfação, enquanto o espírito é ávido de saber, e o coração quer amar e gozar de seu amor. É muito natural que de início sejam procurados os prazeres que, em primeiro lugar, se conhecem e que se nos afiguram os mais acessíveis. Se, por conseguinte, uma fé ardente não vier esclarecer a alma humana, fazer-lhe compreender o nada dos bens deste mundo e o valor dos bens eternos, a pobre alma se deixará seduzir, procurando a felicidade onde jamais a poderá encontrar.

A quanta gente não se aplica a parábola do Salvador: "O campo de um homem rico tendo-lhe rendido muito... ele ponderou: Demolirei meus celeiros, construirei outros maiores, onde reunirei todos os meus produtos e todos os meus bens, e direi à minha alma: minha alma, tens muitos bens acumulados por longos anos, descansa, come, bebe, vive lamente. Mas Deus lhe disse: Insensato, esta noite mesmo, reclamar-te-ei a tua alma, e para quem irá o que acumulaste?"

Diariamente contemplamos novos exemplos desse erro lamentável, e diariamente nos deixamos seduzir

e colocamos nossas esperanças nos bens naturais, tão efêmeros e indignos de nossa estima.

Compreender a inanidade dos bens corpóreos é a primeira condição para saber orientar as esperanças e dirigir a vida. Inúmeros cristãos piedosos, e, devemos confessá-lo, inúmeras almas consagradas não sabem avaliar o nada das vantagens humanas e dos prazeres naturais. Mesmo entre aqueles que muitas vezes rezaram as palavras do salmista: *Filii hominum... ut quid diligitis vanitatem et quaeritis mendacium?* "Filhos dos homens, até quando amareis a vaidade e procurareis a mentira?" — raros são os que apreciam tão somente os bens da graça, enquanto outros aspiram a encontrar aqui na terra o repouso, os confortos da vida, a tranquilidade, a isenção das preocupações e das penas, a estima dos homens, e mesmo esses louvores e elogios que lisonjeiam à vaidade. Vê-los-emos procurar os divertimentos, as viagens de recreio, os espetáculos interessantes, as leituras que embalam a imaginação ou satisfazem a curiosidade.

Entre esses homens, de uma piedade sincera mas imperfeita, e os pecadores, existe de certo um abismo; estes, de livre vontade, rejeitam a amizade de Deus para procurar os bens deste mundo e os prazeres pecaminosos; aqueles, ao contrário, renunciaram aos gozos naturais, quando proibidos sob pena de falta grave, ou mesmo quando, sem falta grave, os deveres de estado lhes reclamam o sacrifício; então sabem fazê-lo generosamente. Deus é sempre o objeto de seus desejos e de suas esperanças, e por preço algum quereriam ofendê-lo mortalmente. Mas, ao desejo sincero dos bens eternos, — e estão decididos a não lhes preferir um prazer da terra, — unem entretanto a afeição aos bens do mundo, às satisfações da natureza, que não merecem a sua estima, e conservam em si mesmos, às vezes conscien-

temente, outras vezes inconscientemente, a disposição de procurá-los e deles fruir.

Esses servos de Deus não têm uma noção clara do nada das coisas terrenas, nem percebem, senão de modo imperfeito, o valor dos bens sobrenaturais, o valor incompreensível do menor mérito, do menor sacrifício. Para formar uma idéia exata da vaidade de tudo quanto é terrestre e do valor inapreciável de tudo quanto é divino, é necessário mais do que uma fé comum, é preciso uma luz do Espírito Santo, que, pelos dons de inteligência, de sabedoria e de ciência, ilumina as almas fiéis de outro modo que todas as considerações e reflexões que poderiam fazer. Quando esse divino Espírito se digna agir assim sobre uma alma, nela se opera uma transformação maravilhosa, que frequentemente dá uma nova orientação a toda sua vida.

Santo Afonso, conversando um dia com os estudantes de teologia, declarou-lhes que a razão determinante de sua vocação havia sido o pensamento do *quid prodest*<sup>1</sup>. "Essa máxima levou muitos santos a deixar o mundo, por exemplo S. Inácio e S. Francisco Xavier, e, para ser franco, foi também esse pensamento que me levou a abandoná-lo. Meu pai enumerava-me todas as vantagens de uma posição naturalmente muito agradável; mas eu me repetia: *quid prodest?* Tudo isso passará depressa e decidi-me a deixar, quais vaidades, todos os bens transitórios".

Mas uma luz passageira, suficiente para determinar a escolha de um estado de vida, não bastaria para manter a alma na prática constante do sacrifício; é necessário, para perseverar na perfeita renúncia, que o Espírito Santo continue a derramar suas luzes. Quantos, com efeito, depois de terem en-

1) De que servirá ao homem ganhar o mundo, se vier a perder sua alma?

trado no caminho da santidade, cedem às solicitações da natureza e se relaxam do primeiro fervor!

A quem concederá o Espírito Santo essas luzes preciosas? Senhor de seus dons, pode, quer pelas orações que lhe são dirigidas, quer por motivos só conhecidos de sua sabedoria, concedê-los sem demora a uma alma que pouco fez para merecê-los e tardiamente a uma alma que muito se esforçou.

Entretanto, em regra geral, o Espírito Santo concede suas luzes a quem não lhes opõe obstáculos e que, ao contrário, sabe preparar-se para recebê-las. A alma que gosta de meditar sobre a brevidade da vida, que traz sempre presente à memória as grandezas de Deus e a felicidade que lhe dará possuí-lo eternamente, que procura, sobretudo, por uma renúncia generosa, desprender seu coração das criaturas, recebe logo e com abundância essas santas luzes. E saberá reconhecer de modo positivo que são do Espírito Santo. Com efeito, segundo as leis ordinárias, o viajante descobre a ilusão da miragem, transportando-se para o lugar onde julgava estarem os objetos encantadores que avistou. Assim também perdemos o gosto por uma fruta, aparentemente apetitosa, porém estragada, quando a provamos. O natural seria, portanto, perder a ilusão dos falsos bens da terra, experimentando-os; ora, dá-se exatamente o contrário. Quem deles se afasta e a eles renuncia, desilude-se mais depressa do que quem cede à sua atração e quer saboreá-los; apesar das repetidas decepções, ficará cada vez mais escravo e mais cego.

Quando uma alma fiel recebeu do Espírito Santo a ciência genuína do bem e do mal, o discernimento do verdadeiro e do falso, do ouro e do ouropel, então suas idéias são muito diferentes das idéias dos cristãos vulgares; tudo quanto lisonjeia a natureza lhe parece falso e perigoso; o que a faz sofrer, o que a coloca sob o domínio da graça, lhe parece

proveitoso e digno de inveja; os próprios males da vida, que ainda podem inspirar-lhe medo e lhe ser muito dolorosos, têm-nos em conta de grandes bens. Nosso Senhor dizia aos apóstolos: "Chorareis e vos lamentareis; enquanto o mundo se divertir, vivereis na tristeza, mas vossa tristeza se transformará em alegria". Não há cristão que não creia nestas palavras do Salvador; mas somente aqueles que o Espírito Santo ilumina com seus dons percebem todo o seu alcance e sabem agradecer à Providência quando lhes prepara tribulações, que são a seus olhos o germe precioso de felicidade eterna.

Desprendida das coisas deste mundo, a alma esclarecida pelo Espírito Santo aspira vivamente aos bens celestes. Santos doutores, como S. Gregório, S. Alberto Magno, tomam o desejo do céu como prova da ação do Espírito Santo em uma alma: "E' prova de uma verdadeira contemplação, diz S. Alberto, experimentar o tédio de viver e dar esse suspiro de Tobias: "Mais vantajoso para mim seria morrer do que viver", ou deixar escapar esta queixa de Job: "Quanto pesa a vida à minha alma!" ou esta outra de S. Paulo: "Desgraçado que sou, quem me libertará deste corpo mortal!" (Par. anim., XXXIII). A morte não representa uma desgraça para aquele cuja esperança é perfeita; enquanto outros têm saudades do tempo de sua juventude, estes, ao contrário, alegram-se ao ver fugir os anos e aproximar-se o termo de sua vida.

## *2. A grande coragem dos amigos fiéis de Deus torna-lhes a esperança mais ardente.*

A primeira condição da esperança é apreciar no seu justo valor os bens eternos. Assim apreciados, serão desejados e a alma fiel, quanto mais se privar dos bens passageiros e ilusórios, tanto mais os desejará. Mas esses bens tão preciosos devem ser

conquistados por meio de luta e serão concedidos à alma segundo os esforços que fez, as fadigas que suportou, as violências que se impôs. Os cristãos quando aspiram aos bens celestes não podem fazer abstração dos trabalhos que deverão empreender para merecê-los; também os pusillânimes, a quem assustam os menores sofrimentos, cuja vontade é fraca e inconstante, não aspiram senão frouxamente ao que exige tantos trabalhos, e nunca terão uma esperança ardente.

E' por isso que, nas almas sem virtude, os desfalecimentos da esperança provêm, com frequência, de sua covardia. Não o confessam talvez. Enfeitando-se com uma falsa humildade, atribuem a sua pouca esperança ao conhecimento que têm de sua miséria, ou à experiência de tantas faltas passadas. Ilusão ou mentira. E, porque receiam o esforço e não querem reconhecer a sua eficácia, cedem ao abatimento. Cometeram faltas, é verdade, mas foi porque não lutaram corajosamente. Que se decidam a combater a natureza com mais generosidade, que sejam fiéis em expiar cada falta, em recomeçar a luta, e Deus acabará por lhes dar a vitória completa.

As almas boas e sinceramente virtuosas têm uma esperança muito mais firme. Tendo feito maiores esforços, gozam agora dos frutos inerentes e sabem que lhes será possível conservar suas conquistas. A maior parte, porém, não visa bastante alto; não tem a nobre e santa ambição de elevar-se até ao cimo do puro amor, e a razão é ainda que a perfeição desse amor lhes parece difícil demais de adquirir e por conseguinte não aspiram tanto a ele porque não têm a coragem de se decidir aos trabalhos, às privações, aos combates que exige.

Ao contrário, os fiéis amigos de Deus têm todos uma grande coragem. As lutas que sustentaram, as violências que se impuseram, fortaleceram-lhes a vontade, e o Espírito Santo, principalmente, comu-

nicando-lhes o dom da força, acrescentou ao vigor que adquiriram uma energia mais que humana. Eles não se amedrontam ante o pensamento que detém tantas almas virtuosas: será necessário mortificar-se rigorosamente toda a vida? Estão tranquilos, mas firmemente resolvidos a nunca mais se afastar do caminho do sacrificio.

Desde então muito sincero é seu desejo de progredir na virtude, muito ardente é sua esperança de conseguir aqui na terra um grande amor, de fazer muito por Deus, de possuí-lo no céu em medida abundante.

As almas que o Espírito Santo ilumina e fortifica, é preciso notá-lo bem, não estão isentas de fraquezas. Se não aspiram, é verdade, aos bens ilusórios, aos prazeres, aos gozos que a natureza cobiça, se sua disposição habitual é a de os procurar voluntariamente e de não querer em tudo senão os bens sobrenaturais, todavia, às vezes, falta-lhes coragem e energia para recusar à natureza o que ela reclama; a luta existe sempre entre as aspirações superiores da vontade e as aspirações inferiores dos sentidos, assim como entre as disposições de humildade e as tendências de amor próprio, e essa luta provoca grandes vitórias, mas também dá lugar a algumas derrotas.

### 3. *A plena confiança das almas muito fiéis.*

Se a esperança perfeita supõe grandes luzes, que revelam os encantos de Deus e a imensa felicidade que proporciona à alma a posse desse Deus tão belo e tão perfeito, supõe também luzes não menores, que lhe revelam também a imensa bondade desse grande Deus, o ardente desejo que ele tem de nos comunicar seus bens, e a felicidade com que pode fortificar nossas virtudes e transformar nossas almas. Daí vem a confiança, que é o segundo elemento da virtude de esperança.

Todos os cristãos piedosos crêem nas promessas de Deus, todos têm confiança em seu poder e em sua bondade, mas o princípio, lembrado acima, encontra ainda aqui sua aplicação: esta confiança, fruto de uma fé raciocinada, de reflexões justas e fundadas sobre a verdadeira doutrina, é meritória; é entretanto menos perfeita que aquela que é o fruto dos dons do Espírito Santo que, derramada diretamente na alma, lhe inspira uma gratidão ardente e toda filial, uma certeza tranquila e forte, uma paz profunda e inalterável.

Dessas luzes infusas, que comunicam uma tão grande confiança, diremos o mesmo que já dissemos daquelas que revelam as doçuras divinas; são concedidas a quem se dispõe a recebê-las bem, pois o Espírito Santo esclarece de preferência aqueles que desejam ser esclarecidos, que se aprazem em acreditar na bondade de Deus, que procuram dilatar em seu coração a santa confiança.

Repitamos, por conseguinte e sem cessar, que Deus é bom; que só ele é bom e que as melhores criaturas não têm bondade alguma se as compararmos a Deus: *nemo bonus nisi solus Deus*.

Que é a bondade? Não é a fraqueza, ou benignidade, que, pelo receio de afligir, deixa fazer o que não convém, nem é a condescendência desleixada que tolera o pecado. Mas na bondade há indulgência, indulgência do santo para com o pecador; há compaixão, compaixão do grande para com o pequeno, do forte para com o fraco; há principalmente benevolência, isto é, um vivo desejo, mais do que isso, uma necessidade irresistível de fazer o bem. Deus é infinitamente bom e possui todos esses aspectos da bondade; é compassivo e nossas misérias inspiram-lhe dó; é indulgente, pois sabe de que lodo nos formou: *ipse cognovit figmentum nostrum*, e deseja, com um desejo infinito, enriquecer nossas almas.

Não saberemos senão no céu a alegria que sente

o Coração de Jesus ao conceder-nos seus bens, e quanto o regozija a salvação das almas: "Amei-te a tal ponto, disse Nosso Senhor a Juliana de Norwich, santa reclusa que vivia na Inglaterra, no século XIV, que já antes de morrer por ti, eu o desejava ardentemente; e agora que tudo está passado, depois de ter sofrido de boa vontade tudo quanto pude, minhas dores as mais horríveis transformaram-se em uma eterna felicidade".

Uma santa carmelita do século XVII, a madre Francisca da Mãe de Deus, teve um dia uma visão em que Nosso Senhor lhe apareceu, levando para o céu uma multidão de almas que acabava de retirar do purgatório, e ele mostrava-se radiante de felicidade. Um outro dia, em que ela orava por uma carmelita falecida, Jesus lhe disse: "Desejo, mais do que tu, mais do que ela mesma, o seu livramento, mas é necessário que seja purificada".

Lembrar-se constantemente da bondade de Deus é a primeira condição para obter uma perfeita confiança. Outro meio é desconfiar de si mesmo em todas as circunstâncias e não confiar senão em Deus.

Importa ainda fazer notar a conduta tão diferente das almas simplesmente piedosas e daquelas que estão muito adiantadas na virtude: as primeiras têm um desvelo excessivo, agitam-se e recorrem inquietas aos meios humanos, enquanto que as segundas, não menos delicadas, nem menos diligentes, confiam muito mais na ação de Deus que nos seus próprios esforços. "Quereis saber, escrevia S. Vicente de Paulo (Vida, por Abelly, l. III, cap. III), por que não obtemos êxito em certas obras? E' porque nos apoiamos em nós mesmos. Tal pregador, tal superior, tal confessor, conta demais com sua prudência, sua ciência, seu próprio espírito. Que faz Deus? Retira-se, deixa-o entregue a si mesmo e, embora trabalhe, nada do que fizer produzirá fruto, a fim de que reconheça sua inutilidade e apren-

da, por experiência própria, que, seja qual for o seu talento, ele nada pode sem Deus". Todo cristão bem esclarecido desconfiará sempre de sua própria ciência; não dará um conselho, por mais simples, sem elevar o espírito e o coração a Deus e solicitar-lhe as suas luzes.

#### 4. A confiança em Deus e as inquietações.

A terceira condição para obter do Espírito Santo o dom da confiança perfeita é mostrar-se fiel nos dias de provação e de angústias, afastando então vitoriosamente todo sentimento de temor e de abatimento.

As primeiras vitórias são as que alcançamos sobre o demônio do desânimo. Mas são as vitórias dos principiantes; uma alma verdadeiramente piedosa não se deixa mais prender por essas mentiras do tentador; depois de cada queda, levanta-se com nova coragem. Não sabe ela que, se o filho pródigo, cuja contrição foi menos perfeita e menos desinteressada que a sua, foi acolhido pelo pai com tanto amor, ela será também, e sempre, acolhida com tanto amor, ela será também, e sempre com maior ternura ainda pelo Pai celeste, desde que se humilhe em sua presença?

Mas as almas piedosas são também tentadas pelo inimigo, que lhes provoca inquietações e lhes aumenta a ansiedade: *Nolite solliciti esse in crastinum*: não vos preocupeis com o dia seguinte, disse Jesus.

De onde provêm nossas inquietações? Algumas provêm do amor que temos a nós mesmos; tememos acontecimentos penosos, reveses, humilhações, sofrimentos físicos ou morais; então, em geral, é o amor próprio que se assusta, ou a vontade que não quer ser contrariada. Outras provêm de um amor legítimo pelos nossos parentes ou amigos, receando

alguma desgraça; ou então tememo-la para nós mesmos e não sem fundamento. Outras provêm ainda do amor divino: receamos que as obras de Deus não logrem êxito, que ele seja ofendido, que certas almas sejam infiéis e caiam no pecado. Muitas vezes também uns e outros motivos se juntam para, ao mesmo tempo, nos perturbar e nos agravar as apreensões.

O coração humano não é livre de afastar de si toda e qualquer inquietação: a imaginação, força tão desordenada e tão rebelde ao freio, representa-nos às vezes, muito vivamente, males que nos podem acontecer, e o inimigo de nossas almas se apraz em apresentar insistentemente aos nossos olhos quadros assustadores. E'-lhe isso de vantagem, porque nos faz sofrer, e esse ser rancoroso gosta de torturar os corações; depois, se não lhe resistimos, ele perturbará as almas, e então a alma, por estar obcecada, não é mais tão prudente. Enfim, por esse meio, ele abate a coragem, prejudicando o recolhimento, a oração atenta e respeitosa, a união com Deus.

Esses efeitos deploráveis se produzem, principalmente, quando nossas inquietações nascem do amor próprio ou do amor de nossas comodidades ou do apego à nossa própria vontade. Então devemos, antes de tudo, aplicar-nos na santa indiferença e nos dispor a todas as provações que a Providência quiser mandar-nos. Não visam elas sempre o nosso maior bem?

De fato, serão sempre proveitosas para nossas almas. Deus bem sabe para onde nos leva e qual o caminho que nos convém seguir. Nada é mais claro que esta verdade: a vontade de Deus é sábia, santa, boa e toda paternal, é mil vezes preferível à nossa vontade, e mil vezes adorável; mas, como essa vontade divina contraria a nossa, como os juízos de Deus não são os nossos, aqueles que permanecem apegados à sua vontade e aos preconceitos hu-

manos não amam essa verdade e, não a amando, não querem penetrar-se dela nem dela se alimentar; é porque não a compreendem senão de modo muito imperfeito. Desapeguemo-nos, pois, de toda consideração humana, de todo desejo que não seja sobrenatural, e nos será mais fácil lutar contra as nossas inquietações.

Fossem embora legítimas as nossas apreensões — tais são as que têm por origem o interesse pelas pessoas queridas ou a previsão de males que nos ameaçam — devemos fazer um voto de confiança e permanecer firmes e resignados.

As almas mais adiantadas na virtude conservam melhor a calma e a plena posse de si mesmas. No lago de Genesaré, por ocasião da tempestade que ameaçava submergir-lhe a barca, os apóstolos tomaram-se de pânico e todavia Jesus estava com eles. Mais tarde, S. Paulo, em meio de outra tempestade não menos pavorosa, permanecia calma e dava aos próprios marinheiros, não menos aterrorizados que os passageiros, conselhos cheios de prudência. E' que os apóstolos, no momento em que sofreram essa borrasca, não estavam ainda muito adiantados nos caminhos da virtude, ao passo que S. Paulo, ao ser conduzido prisioneiro a Roma, já era um grande santo.

Entretanto as almas mais santas, as mais consolidadas na confiança em Deus, as mais apegadas à sua santa vontade, têm suas horas de angústias. A angústia é uma das mais duras provações desta terra e também uma das mais frequentes. Deus não a poupa a seus melhores amigos. Ele deixou José e Maria, ou antes colocou-os ele mesmo em grandes angústias; quando Jesus desapareceu de suas vistas, durante três dias, sua inquietação foi extrema; quando os habitantes de Nazaré arrastaram Jesus longe da cidade para jogá-lo num precipício, quão grandes foram as aflições de sua santa Mãe; e o

próprio Jesus, em Getsêmani, não se achou mergulhado na desolação? *Coeptit pavere*. Ora, é nessas horas que a esperança aumenta e pode atingir ao heroísmo. Enquanto o coração está oprimido e que o espírito, o mais das vezes, está envolto em trevas e como hipnotizado pela visão de males que receia, a vontade se lança em Deus, e chega a descobrir, na parte suprema da alma, uma certa luz que lhe recorda a bondade, a ternura do Pai eterno; protesta, com toda a energia de que é capaz, que não quer senão a vontade divina, que repele todo sentimento contrário à confiança e ao santo abandono. Talvez não possa dizer: eu creio, tenho confiança, aceito com amor, porque esses sentimentos lhe parecem demais opostos àqueles que o dominam aparentemente, mas pode dizer e diz: quero crer, quero esperar, quero aceitar tudo quanto Deus permitir.

Oh! quão salutar é essa luta, embora se prolongue, embora a alma permaneça muito tempo sem consolo, sacudida entre a angústia e a resolução de ceder; é a grande vitória da esperança, da confiança em Deus; é a homenagem suprema prestada, a despeito do inferno, à bondade inesgotável, ao amor incansável do Pai que está no céu, vitória com a qual cresce a esperança, enquanto o Espírito Santo mesmo a fortifica e consolida.

##### 5. *Frutos da perfeita esperança.*

A esperança perfeita é inabalável; apesar de todos os obstáculos, persevera até à morte. Os patriarcas, nota S. Paulo, (Heb 11, 13), perseveraram até ao fim em sua confiança em Deus. Entretanto não viram realizadas as promessas que lhes haviam sido feitas; a terra de Canaan não se tornara sua propriedade e nada anunciava que viesse um dia a pertencer a seus filhos; o céu, de que a terra prometida era a figura, parecia mais afastado ainda.

Fixavam todavia o olhar nesses bens celestes, tão distantes, saudando-os de longe: a *longe ascipientes et salutantes*, fazendo pouco caso das alegrias do mundo e considerando-se, como o declaram com frequência, quais viandantes e estrangeiros sobre a terra. Assim também a alma fiel, mesmo quando não vê a realização de seus pedidos, mesmo quando lhe parece, depois de muitos anos de orações constantes e de sacrifícios generosos, não haver obtido as virtudes solicitadas, conserva intacta sua esperança; permanece convicta de que suas orações não foram inúteis e de que não morrerá sem as ver atendidas<sup>1</sup>.

Quanto agrada a Deus esta perfeita esperança! Deus não pode deixar de amar a alma que não aspira senão a ele, e que, para possuí-lo, despreza todos os bens da terra; não pode deixar de abençoar a alma que, nas maiores provações, e a despeito de todas as sugestões do inimigo, crê sempre em seu amor e tudo espera de sua bondade. "Em relação a Deus, diz S. João da Cruz, quanto mais esperamos, tanto mais alcançamos; e tanto mais esperamos quanto mais nos despojamos" (Subida do Carmelo, III, 6). "Déclarou-me o meu Soberano, escrevia S. Margarida Maria, que jamais ele me recusaria seus cuidados senão quando eu me ocupasse de mim mesma... Disse tantas vezes: Deixa-me fazer" (Carta 13; Obras t. II, p. 249).

A confiança invencível é por conseguinte todopoderosa junto ao Coração de Deus. Existem almas que, ao solicitar uma graça, agradecem de antemão, testemunhando assim a certeza que têm de ser atendidas. E quantas graças não obtêm essas almas confiantes!

Deus se compraz ainda na esperança porque a

1) "Muitos, diz o padre Lallemand, nunca atingirão a uma grande perfeição, porque não têm bastante esperança" (Doutr. espir., II parte, Sec. I, cap. a. 2).

esperança — a esperança perfeita — está intimamente ligada ao amor. Nasce do amor, porque só temos confiança na pessoa a quem prezamos, e quem gosta, acredita de bom grado na bondade e na sabedoria daquele que merece sua amizade. Confiamos tanto mais facilmente quanto mais amamos. E, por outro lado, da esperança nasce um maior amor, pois, quanto mais acreditamos na bondade, na afeição de uma pessoa, tanto mais a amamos. A pobre viúva que mereceu os elogios do Salvador, porque deu de seu necessário para a manutenção do culto, tinha confiança e amor. Se amasse menos, teria dito: não posso fazer a esmola; pois quem me dará o pão de hoje? Mas, porque tinha por seu Deus um grande amor, depositou nele uma grande confiança. E' tão bom, pensou ela, é tão poderoso, que cuidará de mim. Dou-lhe do necessário, ele nada me deixará faltar.

A esperança bem praticada leva ao abandono, pelo qual a alma se entrega nas mãos de Deus, deixando que ele disponha dela segundo o seu bel prazer, despreocupada do dia seguinte. Sem nunca ceder à preguiça, sem negligenciar o menor de seus deveres, entrega a Deus o êxito de suas obras e o seu próprio progresso na virtude. Assim ela escapa à precipitação e faz calar a agitação interior, que perturba tantas boas almas. Aqueles que não praticam esse abandono, multiplicam os cálculos inúteis, as suposições imaginárias, iludem-se sempre com as mesmas esperanças ou se preocupam com as mesmas inquietações. A alma abandonada lança tudo no Coração de Deus e conserva uma paz inalterável.

O abandono é tanto mais precioso quanto é um composto das mais belas virtudes: da fé, que crê firmemente no poder e na sabedoria de Deus; da esperança, que se confia à sua bondade; do amor,

que não quer senão a sua santa vontade; da renúncia, que sacrifica tudo quanto prende o coração.

Fortifiquemos em nós a esperança e esforcemo-nos por obter do Espírito Santo que ele mesmo ponha em nossos corações, pelos seus dons tão preciosos, a esperança perfeita. "Aqueles que confiam em Deus, diz Isaías (40, 31), adquirirão novas forças e levantarão voo, quais águias; correrão sem se cansar; caminharão sem se fatigar". Farão, pois, na virtude, grandes e incessantes progressos; já são, e se tornarão cada vez mais, os amigos muito queridos do Senhor.

## CAPÍTULO XX

### Do amor de Deus

#### 1. *Deus quer ser amado.*

Ao doutor da lei que lhe perguntava: Mestre, qual é o maior dos mandamentos? Jesus deu a resposta que não podia deixar de dar, resposta que foi uma revelação para os judeus obcecados, e que, contudo, nos parece tão natural e tão fácil: "Amarás o Senhor teu Deus, de todo teu coração, de toda tua alma, de todo teu espírito, de todas as tuas forças".

Fomos criados para amar: Como nosso espírito não pode estar sem pensar, assim também o nosso coração não pode estar sem amar, e é para Deus que deve convergir esse amor. Vindos de Deus, para ele devemos voltar, pois Deus nos fez para si mesmo. Ele quer ser nosso Bem-supremo, quer dar-se a nós, unir-se a nós por uma união eterna. E', pois, ao mesmo tempo, nosso princípio e nosso fim. Mas devemos voltar a ele de boa vontade e unir-nos a ele livremente, e essa volta a Deus, essa união com ele, outra coisa não é senão o amor. Já neste mundo o amor reciproco une Deus e a alma fiel. Deus abaixando-se até permanecer nela, e a alma elevando-se até transformar-se nele. Na eternidade, é ainda pelo amor e no amor que nos daremos a Deus e que Deus se dará a nós. O amor obtém portanto aquillo que é o fim da criação.

Haverá algo de mais legítimo, de mais acertado, de mais justo, do que amar a Deus? O amor é a inclinação livre para o belo e o bom. Ora, Deus é a beleza infinita, a Bondade suprema e, como tal, deve ser amado acima de quem quer que seja, porquanto seus direitos superam os de qualquer criatura. Tem um direito infinito ao nosso amor. Amar a Deus é por conseguinte o primeiro de nossos deveres, dever esse que bem cumprido compreende todos os demais. Amar a Deus é não somente comprazer-se em Deus e querer o bem de Deus, isto é, procurar sua glória; é também querer o que ele quer; ora, ele quer o direito, o justo e o bom; portanto, quem ama a Deus, por isso mesmo preza tudo quanto é direito, justo e bom.

E' de justiça que amemos a Deus, e Deus, que quer ver observada a lei de amor infinito, não pode deixar de querer ser amado. Demais, Deus é todo amor: *Deus caritas est*; e o amor pede reciprocidade. Enfim, o amor quer o bem do ente amado, e não podemos ser felizes senão amando ao nosso Deus. Por todas estas razões Deus quer que o amemos.

Já nos primeiros dias da humanidade, vemos Deus aplicar-se a ganhar o coração do homem. Não visavam seus colóquios com nosso primeiro pai, e seus benefícios, conquistar a afeição de suas criaturas? Mais tarde, ele fez do amor um preceito formal: "Ouve, Israel, diz o Deuteronomio (6, 4, 5): o Senhor teu Deus é o Deus único; tu o amarás de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças". E no entanto, durante séculos, Deus foi pouco amado. Existiram, sem dúvida, almas amantes, como no-lo provam a vida dos santos da antiga lei, os transportes afetivos do livro dos salmos, os santos entusiasmos, o zelo veemente dos profetas; mas a maior parte daqueles mesmos que observavam as leis de Deus, respeitavam e temiam mais a Deus que o amavam; falavam antes no te-

mor que no amor: *Beatus vir qui timet Dominum*: Bem-aventurado o homem que teme a Deus. Viviam honestamente, fugiam das faltas que atraíam os castigos divinos, mas limitavam-se às virtudes comuns: evitavam o orgulho, sem levar muito longe a humildade; respeitavam o bem do próximo, sem possuir desapego dos bens da terra; eram pacientes, sem ter amor às cruces; acatavam as leis do casamento, sem cogitar da virgindade. O respeito a Deus, o temor de Deus, não vão além; o amor, ao contrário, é de eficácia muito maior.

Deus amou demais os homens para se contentar com semelhante mediocridade; preza demais a seus filhos para não lhes desejar o amor generoso, que é o princípio das virtudes perfeitas. Pequenas virtudes não podem conseguir senão pequenos méritos, e Deus quer dar a seus filhos, durante a eternidade, riquezas muito superiores às que poderiam obter virtudes mediocres.

Então, Deus, em seu imenso amor pelos homens, enviou-lhes seu Filho único. *Sic Deus dilexit mundum ut Filium suum unigenitum daret*. Enviou-o a fim de que o Verbo Encarnado, por sua benignidade, sua dedicação e seus sofrimentos, conquistasse os corações e fizesse brotar, sobre esta terra árida, ricas messes de amor. *Ignem veni mittere in terram, et quid volo nisi ut accendatur*: Vim trazer o fogo à terra, e não desejo senão vê-lo arder. Assim o desejo o nosso meigo Salvador. Ora, os desejos nascem do amor e, quanto maior for este, tanto mais fortes serão aqueles. O amor de Jesus, sendo de uma força extraordinária, produz desejos de uma veemência sem igual. Nunca houve alma apaixonada, devorada de amor, que quisesse ser amada como Jesus o quer. Tais desejos são perfeitamente puros e santos, mas são de uma intensidade inconcebível. E quer parecer-nos que essa sede de amor no Coração de Jesus vai aumentando à medida que aumenta o número

dos filhos dos homens, que são o objeto de seu amor. Não disse o bom Mestre a S. Margarida Maria que seu Coração não podia conter em si as chamas de sua ardente caridade? E àquela religiosa visitandina, a quem curou milagrosamente há poucos anos, não manifestou ele semelhantes desejos: "Antes de tudo, ama-me; tenho tanta necessidade de amor e o encontro tão pouco, mesmo junto aos corações que me são consagrados!" Ah! que alegria para Jesus quando encontra um coração que o ama com verdadeiro amor! como o cumula de graças; como se mostra carinhoso! Relembremos suas ternuras para com uma S. Gertrudes, uma S. Teresa e tantas outras. Os corações pouco amantes se admiram; custa-lhes acreditar em tais efusões da parte de um Deus; mas aqueles cujo amor é grande não se admiram, mas esperam, ao contrário, receber também as carícias divinas de seu Bem-amado.

## 2. Vantagens do amor divino.

*Praebe, fili, cor tuum mihi:* meu filho, dá-me teu coração. Como não nos havia de dirigir tão doce convite o Jesus que deseja nossa felicidade mais do que nós mesmos a desejamos? A caridade é para nós o mais precioso dos bens e sem ela todos os outros nada valem; mesmo o dom dos milagres, diz S. Paulo, o dom das línguas, o das profecias, o de curar os doentes, nenhum valor têm num coração sem amor. Com maior razão, os dons naturais, espírito, talento, ciência, gênio, beleza, fortuna, de nada aproveitam sem o amor divino. De que servem hoje a Voltaire toda a sua inteligência, a Berthelot toda a sua ciência, ao próprio Napoleão todo o seu gênio? Quantos grandes homens não estão no fundo do inferno, quantos outros, no céu, não ocupam senão os últimos lugares e vêem, bem acima deles, almas que levaram uma vida escondida e desprezada, porém rica em amor?

A caridade é mãe de todas as virtudes: "E' paciente, é cheia de bondade, não é invejosa, não gosta de gabar-se, não se enche de orgulho, nada faz de inconveniente, não procura seu interesse, não se irrita, não leva em conta o mal que lhe fazem, não se compraz no mal, mas alegra-se com a verdade: *congaudet veritati*": e considera como seu os triunfos da verdade, do bem. "A caridade perdoa tudo, crê tudo, espera tudo, suporta tudo". Com efeito, essa caridade, pela qual amamos a Deus, faz amar o próximo; ora, agrada-nos ver o bom lado, ou contemplar as qualidades das pessoas queridas; quando lhes vemos os defeitos, desculpamo-los e esperamos vê-los corrigidos. A caridade leva também à dedicação pelas almas, até lhes dar tudo e dar-se a si mesmo.

São felizes mesmo nesta terra aqueles que possuem tão belas virtudes, pois possuem um bem sem igual, e são os privilegiados, os diletos, os bem-amados do Senhor. O olhar de Deus repousa neles com prazer, mesmo quando fazem as coisas as mais simples, porque as fazem com amor. Quando a viúva de que fala o Evangelho deixou cair em um dos mealheiros do vestibulo do templo o seu pequeno óbolo, Jesus reuniu em torno de si os discípulos para que admirassem essa pobre mulher. O bom Mestre ficara emocionado com sua generosidade. Não é, pois, necessário, para comover o coração de Deus, praticar obras pomposas; as mínimas coisas — e não se compõe nossa vida de coisas triviais? — encantam-no quando feitas com amor.

E'-nos lícito imaginar Jesus renovando, em seu palácio celeste, a cena desse dia em Jerusalém, chamando em torno de si os apóstolos, a multidão de santos, o imenso exército de anjos e de eleitos, e apontando-lhes os homens que, na terra, se agitam e trabalham. De um lado, lhes mostra os grandes de quem todos falam, que não podem fazer uma via-

rou abertamente, em outra circunstância, quando uma turba imensa se dispunha a acompanhá-lo, (Lc 14, 25). Compraziam-se em seguir a Jesus, cujas palavras eram tão interessantes, e que espalhava milagre às mancheias: um Senhor tão poderoso e tão bom não proporcionará toda sorte de doçuras àqueles que lhe seguem os passos? Jesus, que lia nos corações, quis desiludir essa pobre gente. Ai de vós! se procurardes somente os prazeres, só encontrareis decepções. "Se alguém vier a mim, dirá ele ainda, e não renunciar à afeição que tem a seu pai e sua mãe, à sua mulher e seus filhos, a seus irmãos e suas irmãs, mais ainda, à sua própria vida, não poderá ser meu discípulo". Sem dúvida, em todo o rigor da doutrina, não é necessário, para salvar-se, romper com seus parentes senão quando eles forem um obstáculo à observância dos mandamentos divinos; mas, para atingir ao perfeito amor, é preciso conservar-se na disposição sincera e profunda de levar mais longe a abnegação e viver de renúncia, praticar sem hesitar todos os sacrifícios que Deus inspirar, de aceitar amorosamente todas as provações que mandar.

O amor perfeito reina sobre toda a natureza humana, sobre a inteligência, a vontade e as faculdades operantes; amamos então a Deus com todo o nosso espírito, todo o nosso coração, todas as nossas forças, isto é, com as mãos, os braços, os pés; todo o poder de atividade que temos é para ele. E', pois, um grande erro quereremos amar a Deus só com o espírito e o coração, como aqueles que negligenciam os deveres da vida ativa, para dar à recitação de fórmulas de orações ou a práticas de piedade um tempo mais longo. Não menos grave e mais comum é o erro daqueles que querem amar a Deus de todas as suas forças, isto é, de toda a sua atividade, e que não dão ao espírito e ao coração uma parte suficiente no exercício do amor. "Minhas ocupações

me absorvem, dizem eles, entrego-me a elas sem pensar em outra coisa, de tal forma que o pensamento de Deus não me vem ao espírito senão de longe em longe; mas, pela manhã, dirijo bem minhas intenções". Não, esses não amam a Deus com todo o seu espírito e todo o seu coração. O amor natural, quando é ardente, não esquece assim a pessoa amada; mesmo trabalhando, o pai pensa na família; a mãe, no esposo e nos filhos; neles, o coração trabalha enquanto trabalham os braços.

Enfim, o amor tende à união, à imitação, à transformação no Bem-amado. Se o admiramos, como não desejaríamos assemelhar-nos a ele? Demais, o amor é a vontade que se compraz em seu objeto, que o representa como muito amável, deixando-se atrair por ele; tende, pois, a unir-se-lhe, e, como o amor exige uma certa conformidade à vontade para realizar essa união, procura adaptar-se ao seu objeto, harmonizar-se com ele, assemelhar-se a ele, transformar-se nele.

Portanto, aproximar-se de Deus, permanecer a sós com ele, tanto quanto o permitem os deveres da vida, é como o primeiro ato da união à qual aspira todo coração amante. Mas, para que essa união seja completa, é necessário unir-se ainda a Jesus na vida cotidiana, fazer o que ele fazia quando estava entre nós, agir como ele agia, não somente em tudo por ele, mas com ele, sob sua influência bendita, e imitá-lo tão bem e seguir-lhe tão facilmente as inspirações que Jesus e a alma não façam mais senão um. "Se alguém quiser ser meu servo, disse Jesus, que me siga; onde eu estiver, lá também estará meu servo". Sim, é bom seguir a Jesus por toda parte; no presépio, compartilhando-lhe as privações; em Nazaré, tomando parte em seus rudes trabalhos; pelas estradas da Palestina, nas fadigas do apóstolo, no exercício da caridade para com o próximo; no deserto, para recolher-se e repelir vitoriosamente os

assaltos de satanás; na montanha, onde ele se retirará para entregar-se à oração; dentro da barca agitada pelas ondas, isto é, nas tempestades em que ele nos protegerá; no Tabor, quando lhe aprouver dar-nos consolações; no cenáculo, para alimentar-nos de sua carne; em Getsêmani, no pretório, no Calvário, para sofrer, ser humilhado e morrer com ele.

Esse amor perfeito, que acabamos de descrever, é o que praticam as almas que se entregam a Deus sem reserva, dispostas a nada lhe recusarem, e cuja disposição não é o efeito passageiro do entusiasmo, como nos principiantes, que ainda desconhecem as dificuldades e as lutas; sua sinceridade e sua firmeza estão provadas por uma fidelidade que não se desmentiu no meio de provações de toda sorte. Para conseguir a salvação, não é preciso levar o amor até essa perfeição. Ninguém aqui na terra compreende quão superior é esse amor generoso ao das almas imperfeitas, quão diferentes são no céu os efeitos de um e de outro. As almas piedosas mas imperfeitas não têm esse ardor pelo sacrifício; têm, por certo, um esboço do puro amor de Deus; estimam a Deus e desejam sua glória, mas não têm a coragem de lha procurarem a todo custo. Sua disposição dominante visa antes o seu próprio bem, que procuram em Deus porque a fé lhes ensina que somente nele o poderão encontrar; agem, portanto, por espírito de fé, fazem ato sobrenatural e meritório. E o conjunto de sua vida, os inúmeros atos de virtude que praticam, sendo inspirados pela fé, são bons e dignos de recompensa.

Mas quanto mais nobres, quanto mais santos são os atos praticados pelas almas generosas! Elas também compreendem, sem dúvida, e muito melhor que as almas imperfeitas, que toda a sua felicidade está em Deus, e a alegria que lhes causa o pensamento de possuí-lo um dia é muito grande, mas na vivacidade de seu amor, olham para Deus antes de

olharem para si mesmas, esquecem-se de si e não procuram mais o interesse da criatura, e sim o interesse de Deus. Imenso é o mérito desse amor abnegado. Poderá o amor imperfeito, alterado pela procura do *eu*, jamais alcançá-lo, mesmo se multiplicando? A doação feita com reservas, embora aumentando os méritos, se for renovada a miúdo, poderá jamais equivaler ao dom absoluto de si mesmo, posto que não durasse senão um dia? Deve haver no céu uma diferença muito grande na maneira pela qual gozam de Deus aqueles que por ele imolaram todas as suas inclinações e venceram todas as suas aversões, e aqueles que amaram a Deus, por mais tempo talvez, mas poupando-se, agradando à natureza, procurando-se a si mesmos. Não somente a soma de gozos não é a mesma, mas o modo também deve variar; para os verdadeiros amigos de Deus deve ser não somente mais abundante, como também mais delicada e mais deliciosa.

Esse amor perfeito é o fruto de uma graça eminente, ao menos quando, em vez de ser um ato passageiro, é bastante profundo e bastante firme para formar a disposição habitual da alma fervorosa. E' Deus mesmo quem o suscita na alma, dando-lhe não somente a capacidade de praticar atos da virtude de caridade, tanto pelo raciocínio como pelo estímulo, como o faz para toda alma fiel, mas é o amor em exercício que Deus derrama na alma fervorosa, ele próprio produzindo-lhe o ato de caridade com o alegre assentimento e a cooperação da alma que o recebe. Demais ela só o recebe depois de o haver desejado, de se ter preparado para recebê-lo, de haver ela mesma trabalhado enérgicamente e sofrido corajosamente as purificações e as provações que o tornaram possível. O amor perfeito é obra do Espírito Santo bem mais que da criatura.

4. *Variedades do amor. — Sentimentos que o produzem.*

Esse amor perfeito reveste diversas formas. O Espírito Santo, que o inspira, impele os fiéis a atos muito diferentes segundo os planos divinos. O mesmo Espírito inspira a Marta dedicar-se, e a Maria, ora permanecer silenciosa junto do Mestre, ora banhar com suas lágrimas os pés do Salvador, ora ainda lhe derramar sobre os cabelos um perfume precioso. O mesmo amor modifica-se conforme as circunstâncias; é um na prosperidade, outro na adversidade; mais ainda, em certos casos, pode produzir, ao mesmo tempo e no mesmo coração, sentimentos muito diversos. Em que pensava S. Pedro, na prisão de Jerusalém, encadeado entre seus carcereiros, e S. Paulo, arrastado por cinco soldados de Lisias pelo caminho de Cesaréia? Que sentimentos se sublevavam em seu coração? Antes de tudo, sentiam-se felizes em que se cumprisse a vontade de Deus, mais cara a seu coração que todos os projetos sonhados, e descansavam, quanto ao futuro, na bondade e na sabedoria divinas; regozijavam-se de sofrer por um Deus tão amado; depois, afligiam-se em ver esse Deus tão gravemente ofendido por seus perseguidores, ressentiam também um amor ardente, cheio de zelo e de vivos desejos de continuar sua missão e ganhar a Deus muitos pagãos. Os atos de fé, de confiança, de abandono, de ações de graças, de súplicas, inspirados pelo amor, sucediam-se em seus corações.

O próprio amor, independente das circunstâncias exteriores que o modificam, tem formas diferentes, segundo a diversidade das luzes da graça. A alma às vezes frui de seu amor e Deus fá-la compreender, por uma luz da graça, que ele está nela e que é o autor das suavidades de que goza; e assim ela conhece por experiência a bondade de seu Deus: *cognitio experimentalis est quando quis experitur gustum divinae dulcedinis* (S. Tomás, t. II, q. 97, a

2, ad 2). Outras vezes, essa sensação do divino não se faz sentir e ela não goza de Deus, mas aspira ardentemente a ele, desejando sair de si mesma para lançar-se, para mergulhar no Bem-amado. Outras vezes, ainda, o amor que Deus comunica é frio e árido, mas puro e forte, achando-se somente a vontade, na parte suprema, como diz S. Francisco de Sales, sob a ação do Espírito Santo. Outras vezes será doloroso e martirizante, a alma sentindo ao mesmo tempo um vivo desejo de amor a Deus e uma grande impotência para exercer esse amor, ou então experimentando um grande desejo de glória de Deus e vendo-o desconhecido, ofendido, ultrajado por seus filhos.

O amor, com efeito, pode produzir sofrimentos tanto mais cruéis quanto mais ardente for, ou alegrias tanto mais suaves quanto mais forte for. As almas pobres de amor não conhecem nem essas alegrias nem esses sofrimentos; e não se fazem sequer uma idéia do que sejam; algumas até não querem acreditar que possam existir. Assim, a vida dos santos, para muitos cristãos e, infelizmente, algumas vezes para aqueles que, em virtude de sua elevada vocação e das muitas graças oferecidas, deveriam caminhar nas pegadas dos santos, é um livro fechado, que não compreendem, nem apreciam, como também não compreendem nem apreciam os livros dos grandes místicos que tão bem souberam descrever o puro amor.

Entretanto, se o amor produz com frequência vivos sentimentos de alegria ou de tristeza, de desejo ou de temor, pode ainda, como já o dissemos, subsistir e ser muito puro e muito intenso em um coração frio e calmo, que parece insensível. Já que o amor está na vontade, podemos desejar o bem de Deus, a glória de Deus, veementemente e a todo preço, sem ressentir emoção alguma; podemos estar sincera e enérgicamente dispostos a sacrificar tudo a

Deus, e persistir nessa disposição em meio das mais duras provações, das mais penosas dificuldades, e entretanto ter o coração como que paralisado e incapaz de qualquer sentimento. Por outro lado, o ardor dos sentimentos pode ser antes o efeito de uma sensibilidade impressionável do que de uma vontade firme, os desejos podem ser ardentes e não passar de veleidades. Não é raro verem-se pessoas de imaginação ardente, dispostas aparentemente a realizar prodígios, e que arrefecem ante um pequeno obstáculo. "Não são todos aqueles que me dizem: Senhor, Senhor, que entrarão no reino do céu, disse Jesus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai" (Mt 7, 21). "Sereis meus amigos se fizerdes o que vos digo" (Jo 15, 14).

A prova do puro amor está, pois, na prática das virtudes, mas na prática constante, fácil e alegre das virtudes eminentemente sobrenaturais, como a humildade, a renúncia, a paciência a toda a prova, a caridade extensiva a todos: *a fructibus eorum cognoscetis eos*: conhece-se a árvore pelos seus frutos e os verdadeiros amigos de Deus pelas suas obras.

## CAPÍTULO XXI

### Da prática do puro amor

#### 1. Devemos desejar o amor divino e renunciar às afeições passageiras.

"Ah! minha filha, disse um dia Nosso Senhor a S. Teresa (Vida, cap. XL), quão poucos me amam verdadeiramente! Se me amassem, eu não lhes ocultaria meus segredos". Aqueles que o amam com grande amor, Jesus os chama seus amigos: *Dico vobis amicis meis*. Que doce apelido, que título invejável! Antes de assim se exprimir a S. Teresa, ele já havia declarado a seus apóstolos que não tinha segredos para seus amigos: "Não vos chamo servos, porque os servos não sabem o que faz seu amo; mas chamo-vos amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai, vo-lo fiz saber" (Jo 15, 15). Não que o Salvador revelasse a seus apóstolos, nem revela agora a seus amigos da terra, feitos desconhecidos ou acontecimentos futuros de natureza a lhes satisfazer a curiosidade, mas sim as verdades úteis à alma, que ajudam a servir a Deus perfeitamente, a levar uma vida santa, Jesus as manifesta a seus íntimos; dá-lhes a ciência dos santos; *dedit illis scientiam sanctorum*.

Ao mesmo tempo que os ilumina, fortifica-os, enriquece-os com suas graças, transforma-lhes a alma, tornando-a cada vez mais semelhante a ele.

E', pois, preciosíssima a amizade de Jesus. E

como adquiri-la; Jesus concede-a a quem quer que o ame com um perfeito amor. Que meios, porém, empregar para obter esse amor verdadeiro, que é tão raro, e ao qual entretanto são chamados todos os sacerdotes, todas as almas consagradas e todas as pessoas que, embora vivendo no mundo, recebem graças elevadas.

Dissemos em um dos capítulos precedentes que os esforços conjugados da alma não bastam para adquirir esse amor, que é um dom de Deus. De posse desta verdade importante, acrescentaremos, para citar as palavras de um santo, que Deus nada concede com tanto prazer como o seu amor, e que nunca o recusa a quem quer que se disponha a recebê-lo.

A primeira condição é desejá-lo ardentemente. "Desejar amar sempre mais, dizia S. Francisco de Sales, é o meio de progredir sempre no amor. Quem deseja muito o amor, bem o procura; quem bem o procura, bem o encontra" (Vida, por Hamon, l. VII, cap. VI). "Bem-aventurados os que têm fome e sede de perfeição, disse o Senhor, porque serão saciados". Não bastam, pois, simples desejos, sujeitos a permanecer estéreis. Quem tem fome e sede não se contenta com aspirações e suspiros, mas age, agita-se e não descansa enquanto não encontrar alimento e bebida; quer a todo custo saciar-se e se desalterar. Da mesma forma que tem uma fome ardente do puro amor, começa por pedi-lo com instância, submetendo-se de antemão a todas as condições que Deus lhe impuser, aceitando todas as provações que a Sabedoria divina julgar necessária para purificá-lo e, em seguida, abrasá-lo. E a alma, por seu lado, multiplica os esforços, faz-se violência e luta com perseverança contra si mesma. Quem não tem essa fome insaciável de amor, essa sede ardente, nunca o pedirá com o devido ardor, e não fará os esforços, nem praticará os sacrifícios indispensáveis para alcançar esse perfeito amor.

E como entreter esse desejo ardente de perfeição? Conservando sempre presentes ao espírito os motivos que o tornam tão desejável. "Eu vivo, dizia S. Paulo, na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim" (Gál 2, 20). Esse pensamento de que seu Deus o tinha amado até à morte nunca deixava o santo apóstolo, mantendo-o na disposição constante de lhe retribuir amor com amor. Não prometeu Jesus que a devoção ao seu divino Coração tornaria fervorosas as almas túbias, e muito perfeitas as almas fervorosas? E por quê? Porque essa devoção nos põe continuamente diante dos olhos o imenso amor de Jesus, e nos leva a não viver como ingratos e a nada recusar àquele que tanto fez por nós. Os exercícios de piedade, principalmente a meditação, quando bem feita, as leituras espirituais, quando bem escolhidas, são um meio excelente para nos recordar os benefícios de Deus, os encantos e o valor de seu serviço e manter sempre ardente no coração a sede do santo amor. O segundo meio de aumentar o nosso amor é renunciar por Deus a toda afeição que não for inspirada por ele, é renunciar sobretudo ao amor de nós mesmos, pois o amor divino vive no coração na proporção do esquecimento do *eu*. Jesus resumiu todo o seu Evangelho quando pronunciou a grande palavra: "Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, carregue sua cruz todos os dias e me siga!"

E' mesmo necessário, na procura da virtude, cuidar de não mesclar um amor excessivo do *eu* ao zelo pela glória de Deus. Quantas pessoas piedosas há cujo desejo de perfeição não é bastante desinteressado. Em vez de se dizerem: quero, custe o que custar, agradar a Deus e consolar meu Jesus, dizem-se, e muitas vezes sem o perceber: quero santificarme, pois é tão belo ser perfeito, tão agradável ser virtuoso. Naturalmente não é esse o único móvel de seus esforços, o amor tem larga parte, mas não a que

deveria ter. Na alma ardente e generosa, o desejo da glória de Deus é tão forte que ela exclama em toda sinceridade: entrego nas mãos de meu Pai o meu presente e o meu futuro. Ele me tratará segundo sua bondade; não quero trabalhar senão para ele, não desejo senão amá-lo e fazer amá-lo. A alma que está nessa disposição vai muito mais depressa e muito mais longe do que aquela que não sabe esquecer-se.

Vai mais longe principalmente se, ao mesmo tempo, for mais corajosa na prática da renúncia. Com efeito, os sacrifícios, as mortificações de toda espécie praticadas com uma intenção muito pura, eis os verdadeiros meios de adiantar-se no amor, os meios indispensáveis que nenhum outro substituirá. Feitos por Deus, são atos de amor e do mais puro amor; são também sementes de amor, porque produzem outros atos, e quem semear muitos sacrifícios, recolherá muito amor.

E' importante lançar-se com generosidade no caminho da renúncia, pois quem não tem entusiasmo, quem hesita, frequentemente estacionará. No caminho do amor e do sacrifício, *quem calcula, recua*. De fato, quem reflete demais, encontra sempre razões para fugir daquilo que lhe custa e fazer aquilo que lhe agrada; tendo pouco amor a Deus e muito a si mesmo, tomará em geral o partido da natureza; os pequenos sacrifícios que praticar, por lhe parecerem muito grandes, o contentarão, e isto o prejudicará incalculavelmente. Quem, ao contrário, puser, antes de tudo, um grande ardor em mortificar-se e em humilhar-se, atingirá rapidamente a um grau de amor bastante elevado para julgar-se feliz em sofrer por Deus, em imolar-se por ele. Os sacrifícios, custando-lhe menos, ele os multiplicará, até fazê-los sem contar. O amor então fará grandes progressos.

Finalmente, o terceiro meio de ampliar o amor, é exercê-lo: "Não conheço maior arte para chegar a amar do que amar, dizia S. Francisco de Sales, assim como aprendemos a estudar, estudando, a falar, falando, a trabalhar, trabalhando (Vida, por Hamon, t. II, p. 392). Façamos a cada instante atos de amor. Quando Deus nos manda sofrimentos, separações, lutos cruéis, entreguemo-nos ao amor e os atos de caridade que fizermos reconfortarão nosso coração, enquanto aproveitarão aos nossos mortos. Quando estamos entregues a inquietações, à desolação, mergulhemo-nos no amor e o Deus que nos ama velará sobre nós e cuidará de nossos interesses. Quando o demônio nos tenta, aumentando aos nossos olhos as faltas do próximo, excitando nosso ressentimento, instigando nosso amor próprio, avivando-lhe as feridas, sublevando nossas paixões, esforcemo-nos por elevar-nos acima de todas as nossas concupiscências, por esquecer todas as nossas queixas e, por meio de um bom ato de amor, lancemo-nos no Coração do nosso Jesus. Quando a natureza covarde recua ante um sacrifício que Deus nos pede, não consideremos então o que nos seduz ou nos amedronta, mas olhemos para Jesus que tanto nos amou, olhemos para a santíssima Trindade, tão cheia de amor por nós, e façamos nosso sacrifício amorosamente. Digamos sempre e por toda parte: Meu Deus, não quero pensar em tudo quanto se apresenta à minha imaginação, em tudo quanto cativa meu pobre coração, quero pensar em vós, quero amar-vos.

Para manter-nos no amor, para evitar os pensamentos que tendem a afastar de Deus e a distrair, é muito bom, quando lhe queremos dirigir algum pedido, recomendar-lhe uma pessoa querida, ou uma obra importante, fazer atos de amor em forma de oração. Façamos apenas menção daquilo pelo qual

desejamos orar, nomeemos ao bom Mestre a alma sobre a qual queremos atrair as suas graças, e depois façamos atos de amor de todo o coração. Deus sabe melhor que nós o que convém a seus filhos, ele lhes deseja mais do que nós o bem espiritual e para agir, para lhes conceder maiores graças, aguarda apenas da nossa parte uma oração ardente e confiante. Ora, não serão atos de amor oferecidos nessa intenção a melhor e a mais eficaz das orações? "Para obter que tal obra prospere, que tal pecador se converta, que tal alma piedosa se santifique, que eu mesmo me santifique, eu vos amo, meu Deus. Eu vos amo porque sois amável, eu vos amo para obter que sejais mais amado. E para agradecer-vos, ó meu sublime benfeitor, que melhor meio poderia encontrar senão vos amar; e para alcançar o perdão das faltas de minha própria vida, para repará-las, para testemunhar-vos todo o meu arrependimento, para vos consolar das penas que vos causei, eu vos amo, ó Jesus, de todo o coração".

Não é sempre possível fazer atos de amor com essa doce unção que os torna tão agradáveis; quando o coração está como paralisado e impotente, só a vontade pode agir. Mesmo nesse caso exerçamos o nosso amor. E' exercer o amor, dizer sem gosto algum, mas com sinceridade: Meu Deus, quero amar-vos, aumentai em mim o amor; ou ainda: meu Deus, sede amado, que os pecadores venham a vós, que os bons se tornem melhores, que vossos amigos íntimos, em número cada vez maior, vos consolem e vos alegrem; ou ainda: meu Deus, que vossa vontade seja feita; eu quero tudo quanto quizerdes e só aquilo que quizerdes. Entre esses diversos modos de exercer o amor, cada qual deve escolher aquele que mais o atrai, pois a atração vem do Espírito Santo que conduz cada alma pelo caminho que lhe convém e fá-la produzir atos tanto mais perfeitos quanto mais dócil for. O amor de pura vontade pode

ser tão intenso, tão puro, tão agradável a Deus e, portanto, tão meritório, quanto o amor de sentimento. Mesmo quem estiver na aridez, se for fiel, conservará em sua vontade a resolução enérgica e constante de fazer muito por Deus. Se souber avivar as resoluções, renovar as promessas, embora se mantenha calmo, poderá dizer com S. Paulo: *Caritas Christi urget nos*; a caridade de Cristo nos incita.

Mas, principalmente, devemos amar pelas nossas obras. Para praticar um amor constante, não basta reiterar protestos e resoluções, é preciso que todos os atos sejam atos de amor: *Filioli, non diligamus verbo neque lingua, sed opere et veritate*: "Meus filhinhos, dizia o apóstolo bem-amado, não amemos somente de boca e em palavras, mas sim pelas nossas obras" (Jo 3, 18). E esse amor prático, devemos levá-lo tão longe quanto possível, e deve ser tão ardente, tão generoso, quanto constante; devemos dizer-nos: já que Jesus nos amou tanto, faremos nós jamais bastante por ele? E, baseado nesse pensamento, devemos dedicar-nos, consumir-nos por ele sem medir esforços, fazer sempre o que mais lhe agrada, que será geralmente o que menos nos agrada. A natureza reclamará; em vez de ceder-lhe, façamos-lhe violência, quebremo-lo, esmaguemo-lo. Se a própria Providência, para terminar a obra da nossa perfeição, vier em auxílio de nossa fraqueza, e impuser-nos sacrifícios penosos e nos fizer passar por duras provações, longe de nos queixarmos, agradeçamos a Deus e consideremo-nos felizes em tudo suportar por ele.

Semelhante conduta é loucura aos olhos dos homens egoístas, mas é a loucura da cruz; ou, melhor ainda, a loucura do amor. Mas, aos olhos das almas amantes, daquelas a quem a caridade do Cristo incita, a loucura está alhures: está no egoísmo, na covardia, na moleza que recua ante o dever, está mesmo na prudência excessiva que se assusta com o sa-

crifício, pesando-lhe todos os inconvenientes, sem todavia pesar-lhe as vantagens, que receia sempre fazer demais, sem nunca temer fazer de menos. Esta prudência tão humana, que impede o homem de se dar todo a Deus, é uma verdadeira loucura, pois priva a alma por toda a eternidade de riquezas inapreciáveis. Ao contrário, a loucura do amor é a verdadeira prudência.

Assim se explicam os progressos espantosos e rápidos que fazem na perfeição as almas plenamente desprendidas de si mesmas e que não vivem mais senão para Deus. Nosso Senhor fez saber a S. Teresa que uma jovem professa, Isabel dos Anjos, morta após cinco anos de vida religiosa, havia merecido tanto quanto outras em cinquenta anos de vida regular. Assim também, almas juvenis de nossos dias, S. Gabriel das Sete Dores, S. Teresinha do Menino Jesus, B. Gema Galgani, Benigna Ferrero, elevaram-se em poucos anos até ao heroísmo do amor.

Não era somente a intensidade e a pureza de seu amor, era também a ternura toda familiar, fruto de uma confiança sem limites, que, tornando essas jovens almas tão agradáveis ao Senhor, o levavam a lhes dar ao amor um incremento maravilhoso. Gema Galgani tratava por *tu* a seu Jesus e Jesus não a repreendia. Teresinha do Menino Jesus não era menos confiante. Se quisermos ver crescer o nosso amor, que cada um de nós se considere, não como o servo, nem mesmo como o discípulo, mas como o

1) Quem recebeu uma boa formação e for criterioso, será forçosamente cheio de fervor e se tornará perfeito, ou então será um louco, um ente sem coração. Será fervoroso e se tornará perfeito, se nada recusar a Deus de pleno consentimento; louco, se, de sangue frio, preferir satisfações vãs e passageiras a gozos deliciosos e eternos; ingrato e sem coração se, pensando em todos os benefícios de Deus e sabendo que por uma vida de renúncia o glorificará e lhe retribuirá amor com amor, tomar o partido de não se fazer violência e recusar os sacrifícios que lhe são reclamados.

amigo íntimo de Jesus, como seu irmão carinhosamente amado. Jesus gosta de ser tratado como amigo. Por que se fez ele tão pequeno na encarnação, na eucaristia? Por que se abaixa ele ao nosso nível? Por que desce ao nosso alcance? Para que não o tenhamos mais, para que o tratemos, até certo ponto, como um igual, pois a amizade supõe e reclama certa igualdade: *Amicitia pares invenit aut facit*. Aqueles que não chegam até essa familiaridade íntima, que não falam com ele, de coração e em todo abandono, não correspondem aos desejos de Jesus. E' o que nos pede o doce Salvador, ele, que faz para cada um de nós loucuras de amor: *Quod stultum est Dei sapientius est hominibus* (1 Cor 1, 25). Quer incorporar-se-nos, fazer-se um conosco, a fim de que sejamos transformados por ele e nos tornemos outros Jesus.

Feliz daquele que compreende essa ternura do Coração de Jesus, que recorda, a cada instante, que não perde de vista o Bem-amado, o Esposo divino de sua alma, que, cem vezes por dia, lhe fala como a um irmão querido, um outro si mesmo. Vós me amais, ó Jesus, eu sou, porém, indigno desse amor. Sim, Senhor, aquele que amais está doente, sua alma está enferma; o pecado deixou-lhe vestígios tão vis, nela existem tantas inclinações más e tão grande fraqueza. Remedial a essas misérias. Sei que vosso amor não diminuiu por isso, que minhas ingratidões de outrora e minhas faltas passadas não impedem vossa ternura; morrestes para mim quando vistes em mim um pecador e agora, quando me vedes sinceramente disposto a nada vos recusar e a tudo recusar a mim mesmo, me amais ainda mais. Esta disposição de minha alma vos basta, mas, quando houverdes purificado, fortalecido e abrasado meu coração, saberei corresponder ainda melhor ao vosso amor.

Vós me amais, Jesus, até à loucura, e me asso-

ciais às vossas obras; pois bem, façamos tudo de comum acordo. De meu lado, farei tudo por vós, nada para minha própria satisfação; a fim de assemelhar-me a vós, viverei de renúncias e de sacrifícios, aceitarei as humilhações como vós as aceitastes; trabalharei assiduamente, consumir-me-ei, como vós vos consumistes. E vós, ó Jesus, fareis tudo quanto é de vosso encargo: rezarei, sofrerei por meus irmãos, e vós lhes tocareis os corações, mudareis ou lhes fortalecereis a vontade; dedicar-me-ei, e vós tornareis proveitosa minha dedicação.

Tenhamos, pois, sede do amor divino; retiremos de nossos corações, por uma renúncia absoluta, tudo quanto lhe for um obstáculo; pratiquemos o amor pela união habitual com Deus, união de nosso espírito e de nosso coração, união de nossa vontade à sua em todas as coisas; enfim, que nossa afeição por Jesus se torne muito conflante e muito familiar pelo pensamento constante de sua imensa ternura; Deus, vendo então que fazemos tudo quanto depende de nós e que correspondemos aos seus chamados, derramará ele mesmo em nossas almas um amor muito delicado, um amor mais forte que a morte: "*Fortis est ut mors dilectio*" (Cânt 8, 6).

## CAPITULO XXII

### Da caridade fraterna

#### 1. Deus quer que sejamos caridosos.

"Que é necessário fazer para alcançar a vida eterna?" A essa grave pergunta, Jesus responde: "Não está escrito na lei?" E fez enunciar pelo escriba que o interrogava os dois grandes mandamentos: "Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o coração, e a teu próximo como a ti mesmo. — Está bem respondido, faze isso e viverás dessa vida eterna e bem-aventurada" (Lc 10, 27-28). "A esses dois mandamentos, disse ele uma outra vez, se prendem toda a lei e os profetas" (Mt 22, 40). Jesus nos declara, pois, que o amor de Deus e do próximo resumem todos os nossos deveres. Em outras passagens da Escritura, o só amor do próximo é apresentado como nos fazendo obter a eterna recompensa: "Vinde, benditos de meu Pai, possui o reino que vos está preparado desde o começo do mundo; pois tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber, estava sem abrigo e me acolhestes..." E em seguida a violação desse preceito de caridade é indicada como o único motivo de condenação. São Paulo, por seu lado, escrevendo aos gálatas, ressalta-o também: "Toda a lei está contida nesta única palavra: Amarás a teu próximo como a ti mesmo" (Gál 5, 14); e diz a mesma coisa aos romanos: "Aquele que

ama ao próximo cumpriu a lei; o amor é a plenitude da lei" (Rom 13, 8, 10).

Será o amor do próximo tão relevante, como certos descrentes o querem proclamar, ao ponto de não ser necessário levar em conta nem os deveres para com Deus, nem os deveres para consigo mesmo? Evidentemente, a recompensa celeste só será dada a quem não violou gravemente nenhum dos seus deveres; mas as passagens que acabamos de citar nos mostram o quanto a caridade sobrenatural para com o próximo é uma virtude importante, e o grande lugar que deve ocupar em nossa vida; podemos, pois, concluir pelas palavras acima que quem a possui plenamente, cumpre também com todos os outros deveres. *Ama et fac quod vis*, dizia S. Agostinho: Ama e faze o que quizeres, pois a vontade, guiada pelo amor, não quererá senão o bem. Para amarmos ao próximo como Deus quer que o amemos, é preciso antes de tudo amor ao próprio Deus, porquanto o amor de Deus é o princípio do amor do próximo. Em seguida é preciso estarmos sempre prontos a nos dedicar: é mister, pois, desprezar-nos a nós mesmos, e viver na renúncia, que tanto facilita a todas as virtudes.

Quando, por conseguinte, uma alma possui a verdadeira caridade, é sinal de que está em paz com Deus. Tal no-lo ensina o apóstolo S. João: "Sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os nossos irmãos" (1 Jo 3, 14). Ao contrário, quando a caridade para com o próximo é fraca e imperfeita, é sinal de que as outras virtudes o são também, e que a alma está muito pouco adiantada: "Não passais, na vida espiritual, de criancinhas, que só se podem alimentar com leite, dizia S. Paulo aos coríntios; sois ainda muito carnais, já que existem entre vós inveja e discórdias" (1 Cor 3, 1-3). Quando, por conseguinte, uma alma possui a verdadeira virtude, revelam-se verdadeiros discípulos do

Cristo (Jo 13, 35), dão ao mundo um belo espetáculo e fornecem-lhe uma prova evidente da divindade do cristianismo. Esta prova, Jesus a tinha pedido em sua oração depois da ceia: "Pai, que eles sejam um, como nós somos um, a fim de que o mundo creia que vós me enviastes, e que eles reconheçam que vós os amastes como me amastes" (Jo 17, 21-23).

## 2. Tendências opostas do coração humano: amor natural do próximo e egoísmo.

Será dizer que só as almas cristãs são verdadeiramente afetuosas e dedicadas? Não. Houve sempre, mesmo entre os pagãos, e há ainda hoje entre os descrentes, afeições vivas e duradouras, ensinamentos nobres, atos de dedicação inspirados pela amizade, pelo amor da família ou da pátria, ou mesmo pelo amor da humanidade. Mas a caridade sempre humilde e suave, sempre boa e indulgente em seu juízo, a caridade pura e desinteressada, estendendo-se a todos, mesmo aos mais degradados, levando a dedicação até aos mais penosos sacrifícios, impregnando a vida inteira, sem permitir à caridade que, desde Jesus Cristo, foi praticada por grande número de almas cristãs, é certamente um dos mais maravilhosos frutos do cristianismo e a prova de que tem a Deus por autor.

Há, pois, duas espécies de amor do próximo, o amor natural e o amor sobrenatural. É natural ao homem amar sua família, seus amigos; é-lhe natural amar seus semelhantes; instintivamente prestamos serviços, compadecemos-nos daqueles que vemos sofrer, corremos em auxílio de quem está em perigo ou na dor, temos prazer em causar prazer. *Homo sum*, disse um autor pagão, *et nihil humani a me alienum puto*; sou homem e nada do que é humano me pode ser indiferente.

Virgílio escreveu este belo verso:

*Haud ignara mali miseris succurrere disco.\**

Esse sentimento, mesmo quando natural, é obra de Deus. Foi ele quem pôs essa inclinação na alma humana, enquanto fez compreender à razão que o amor é um sentimento nobre, que é bom fazer-se bem uns aos outros, ajudar-se mutuamente. Deus, tendo criado o homem para viver em sociedade, praticou um ato de sabedoria e bondade, depositando-lhe no coração esses germes de amor.

Além do mais, nos planos divinos, esse amor natural deve servir de fundamento ao amor sobrenatural, que repousa, não em motivos conhecidos da razão, mas no raciocínio da fé. Deus, que ordenou a caridade, a recompensa, enquanto pune aqueles que a ferem. Amando ao meu próximo, faço a vontade de Deus. Com efeito, essa vontade divina foi, desde cedo, manifestada aos homens. A lei de Moisés já rezava: "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo" (Lv 19, 18). Daí se deduz naturalmente esta regra de conduta que Tobias deu a seu Filho: "Não faças a outrem aquilo que não queiras que te façam" (Tob 16).

O homem carece desta recomendação. Se, como o dissemos, ele traz em si uma benevolência inata, uma inclinação natural para o bem, por outro lado, é levado, quase que insensivelmente, a colocar-se acima do próximo, a achar que merece atenções que ele mesmo não presta aos outros; e o amor do *eu* não raras vezes o cega e o induz em erro. De um lado, é-lhe agradável fazer o bem, de outro, custa-lhe ser contrariado, contestado; ora, os interesses dos homens frequentemente estão em oposição; o que constitui a felicidade de um, faz a tristeza de outro, a vontade deste opõe-se à daquele. Assim também quem faz questão das comodidades, dos praze-

\*) Conhecendo a desgraça, sei prestar auxílio aos desgraçados.

res, das satisfações, dos gozos, adota a divisa mundana: cada um por si, recuando diante de qualquer serviço que requeira esforço. Demais, sentimos antipatia por aqueles que opõem obstáculos à nossa vontade, julgamos severa e injustamente, como não desejaríamos ser julgados, tratamo-los como não desejaríamos ser tratados. Aqueles que procedem assim, são os que cedem ao amor próprio, e facilmente terão ciúmes dos outros, cujas qualidades os ofuscam, dominados que estão pela inveja, pela aversão. Em virtude desses motivos, os corações mesquinhos, apaixonados por si mesmos, prezam poucas pessoas e se as prezam é ainda por amor a si mesmos; gostam daqueles que têm os mesmos defeitos que eles, daqueles que lhes causam prazer, ou os lisonjeiam, ou então daqueles de quem se sentem queridos, estimando-os, elogiando-os, enquanto criticam e depreciam aos outros.

### 3. Amor imperfeito e amor perfeito do próximo.

Um egoísmo, muitas vezes inconsciente, causa, pois, a maior parte das faltas contra a caridade. Prescrevendo-nos de amar a nosso próximo como a nós mesmos, recordando-nos assim a verdade de que somos iguais e de que todos temos os mesmos direitos à afeição dos nossos semelhantes, o Senhor nos ensinava a observar atentamente nossas más tendências, e evitar todas as faltas contra a caridade.

A lei mosaica contentou-se com isso. Já era muito, mas não era bastante para o Coração de Jesus. Ele mesmo nos amou com um amor mais nobre e mais perfeito; em cada um de nós viu o filho de Deus, seu Pai, filho muito querido, em que Deus contempla ou, ao menos, deseja contemplar, sua imagem, que convida a viver de sua vida divina, a ser revestido de suas qualidades, enriquecido com seus bens, divinizado, transformado em Deus du-

rante toda a eternidade. Essas almas, destinadas a serem o reflexo de Deus, a saciar-se de Deus, a serem penetradas por Deus, transfiguradas em Deus, Jesus as ama tanto, que se imolou por elas. Era esse um novo modo de amar; ora, Jesus quer que pratiquemos, uns para com os outros, esse novo gênero de caridade. "Eu vos dou um novo mandamento, disse ele, é que vos ameis uns aos outros como eu vos amei". Somos levados a amar os filhos de um amigo, de um irmão, de uma irmã, porque neles vemos o prolongamento dos entes que nos são caros. Assim Jesus quer que nos amemos, porque somos todos filhos de Deus, a quem devemos tanto amor. E' porque declarou que este segundo mandamento é igual ao primeiro, pois é o mesmo amor que nos faz amar a Deus e aos filhos de Deus. Amando-nos assim, amamo-nos daquele amor que Jesus tem por nós. "Trago-vos todos em meu coração, dizia S. Paulo aos seus queridos filipenses, eu vos amo com o coração do Cristo" (Filip 1, 18). Isto é: eu vos amo com o coração do Cristo, eu vos amo do amor com que ele vos amou.

As almas que receberam de Deus o dom de uma fé viva e de um puro amor, obtêm sem dificuldade o perfeito amor do próximo. Devido à sua fé, é-lhes muito mais fácil ver em seus semelhantes os filhos diletos de Deus. E como estão cheias de amor por seu Deus, acham muito natural amar aqueles a quem ele ama, o próprio Deus deposita em seu coração esses vivos sentimentos de amor.

A perfeita caridade fraterna é, pois, como a fé perfeita, um dom concedido às almas plenamente fiéis; é a recompensa de sua generosidade; mas como Deus leva sempre em conta o trabalho de nossa liberdade, concede em maior proporção esse dom precioso àqueles que mais esforços fizeram e mais sofreram para praticar tão bela virtude.

Cada sacrifício feito em favor do próximo au-

menta-lhes ainda a caridade, enquanto as negligências e as faltas que não souberam evitar a tornam menos esclarecida e menos ardente, como também tornam menos viva a sua fé, menos puro o seu amor a Deus, menos generosas todas as suas virtudes.

#### 4. Como devemos desenvolver em nós a caridade.

Devemos esforçar-nos, pois, para obter esse dom da pura caridade, e se já nos foi concedido em certa medida, devemos cultivá-lo cuidadosamente, evitando tudo quanto possa diminuí-lo e modelando nossa caridade na de Jesus. "Eu vos dei o exemplo, disse esse bom Salvador, a fim de que como eu vos fiz, vós o façais também" (Jo 13, 15). Tenhamos antes de tudo em nós os mesmos sentimentos do Coração de Jesus: *Hoc sentite in vobis quod et in Christo Jesu.*

A verdadeira caridade parte do coração, é portanto o coração que devemos, antes de tudo, enternecer, impregnar de amor. Ver o próximo no Coração de Deus, lembrar-nos continuamente de que ele é a criatura querida de Deus, que o trouxe à existência para torná-lo um eleito e dar-se-lhe durante toda a eternidade, repetir-nos quanto Jesus o amou, quanto desejou a sua felicidade, quanto sofreu para merecer-lhe a graça, eis o meio indispensável para amar o próximo como Jesus o amou.

Reconhecemos se temos esse amor na maneira pela qual julgamos o próximo, lhe apreciamos as qualidades, lhe desculpamos os defeitos. Jesus, na cruz, orou pelos seus infames algozes, que, no entanto, nada tinham para torná-los amáveis, e que não mereciam senão castigos; mas, porque os amava, o divino Salvador procurou ver o que lhes atenuava um pouco a culpa, isto é, que não compreendiam todo o horror de seu crime: "Senhor, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem". Assim tam-

bém procedem as almas caridosas. Toda alma caridosa, porque ama, acolhe com desconfiança as acusações levantadas contra o próximo. Ninguém gosta de ouvir culpar ou condenar as pessoas queridas; quem, por conseguinte, ouve com prazer críticas e maledicências, tem nisso uma prova certa de que sua caridade é fraca. Quando é forçada a ouvir semelhantes críticas, a alma caridosa suspende o seu juízo, não quer condenar sem prova, o que seria grave injustiça, não presta atenção alguma às acusações vagas, às palavras malévolas que nenhum fato confirma, desconfia mesmo dos fatos que lhe chegam e que são frequentemente exagerados, desnaturados e mal interpretados. Nunca se esquece de que os atos exteriores, os únicos que lhe é dado ver, merecem ou desmerecem segundo as intenções, a pureza ou a perversidade dos motivos impulsores, ou segundo o grau de amor, de humildade e de desprendimento, ou, ao contrário, segundo o grau de maldade, de vaidade e de egoísmo que está no fundo da alma. E como esses motivos lhe são outras tantas incógnitas, ela reserva seu juízo. A alma caridosa acautela-se contra suas impressões; um fato isolado, uma simples palavra, nos impressionam e nos levam a emitir pareceres rápidos, o mais das vezes infundados. As apreciações que nos são comunicadas nos comovem também, e, com frequência, nos iludem. Os amigos de Job eram homens bons e prudentes; ante as desgraças de seu amigo, conceberam dúvidas sobre sua inocência, que se comunicaram uns aos outros, impressionando-se mutuamente. Foram por conseguinte muito injustos para com o santo patriarca. A humildade da alma caridosa evita muitos juízos errôneos: "Quem não tiver pecado, dizia Jesus, jogue a primeira pedra". O pensamento de nossas misérias deveria estar-nos sempre presentes quando vemos as faltas do próximo: quem se reconhece miserável, nunca será muito severo.

As pessoas unidas a Deus compreendem e acautam esses princípios de prudência, que devem guiar nosso juízo, enquanto o amor ao próximo, que Deus mesmo lhes incute no coração, e a sua humildade profunda, os inclinam à indulgência, enquanto a paz que nelas reina as preserva das opiniões apaixonadas e das apreciações precipitadas. Mas, principalmente, Deus as ilumina. Não vêem pois o mal onde não existe. Se as faltas e os defeitos são evidentes e não podem ser postos em dúvida, nem tão pouco desculpados, elas se compadecem do seu próximo e rezam pela sua emenda.

Munidas desses sentimentos, é-lhes muito natural, segundo a recomendação do Espírito Santo, alegrarem-se com os que se alegram, e chorarem com os que choram. Essa simpatia afetiva lhes ganha os corações; suas palavras respiram benevolência e mansidão, e grande é o poder do homem cuja linguagem é cheia de bondade. Palavras mordazes, embora exprimam verdades úteis a serem ditas, são quase sempre ineficazes; ofendem o amor próprio, e a alma melindrada não se rende, guardando muitas vezes dessa ferida uma lembrança amarga, que lhe será funesta. Ao contrário, palavras amáveis que podem ser tão fortes quanto suaves, produzem um resultado muito superior; palavras carinhosas são, com frequência, mais eficazes que atos de bondade e serviços prestados, porque comovem mais.

##### 5. *Jesus modelo de caridade.*

Bem-aventurados os mansos, porque são os que fazem maior número de conquistas.

O divino Mestre, que lhes proclamou a felicidade, foi ele mesmo suave em suas palavras e cheio de benignidade mesmo em relação aos pecadores; não falou com dureza senão aos fariseus orgulhosos, porque eram os corruptores do povo. Tanto sua do-

cura como sua severidade vinham de seu amor: *Benignitas et humanitas apparuit Salvatoris nostri Dei*: Deus nosso Salvador patenteou sua benignidade e seu amor para com os homens. Que modelo acabado e como é prudente imitá-lo!

E também que perfeito modelo de caridade em ação, cujo principio havia tão bem formulado. Aperfeiçoando a regra dada por Tobias a seu filho: não faças a outrem o que não desejarias que te fizessem, Jesus, nosso divino Salvador, havia dito: não somente evita magoar teus irmãos, mas ainda faze aos outros o que gostarias que te fizessem. Dava assim a regra de ouro da caridade, regra que esclarece os menos clarividentes e lhes dita todo o seu dever. Mas os atos do Salvador tornam mais compreensível ainda o que deve ser a caridade. "Sou entre vós qual servo", disse nosso Senhor (Lc 32, 27). O amor, quando é sincero e ardente, leva, de fato, o homem a fazer-se servo da pessoa amada. Dar-lhe o seu trabalho, a sua fadiga, pôr ao seu serviço as forças e a capacidade de que dispõe, é toda a alegria do coração amante que não espera retribuição alguma, nem calcula o que seus esforços lhe renderão, pois, se conseguir causar prazer, julga-se bem pago de todas as suas dificuldades. "Amar, dizia Leibnitz, é encontrar a felicidade na felicidade dos outros".

Tal o amor de Jesus: sua existência foi uma perpétua dedicação; todos os trabalhos de sua vida oculta eram suportados por amor a seus irmãos, mas foi principalmente durante os três anos de seu ministério evangélico que Jesus mostrou mais claramente ainda que não vivia senão para os filhos dos homens. Aqueles que, fiéis ao mandamento novo que o Cristo trouxe ao mundo, amam seus irmãos como Jesus os amou, tornam-se também seus servos. As pessoas de pouca caridade, sempre concentradas em si mesmas, não querendo se incomodar e guardando pa-

ra si a melhor parte, mostrando-se pouco dedicadas, calculam todo o esforço, e são levadas a queixar-se amargamente do pouco reconhecimento que encontram. Aqueles que obtiveram o dom da perfeita caridade agem de maneira muito diversa; escolhem sempre para si a menor parte, encarregam-se do mais penoso, sacrificam seu conforto, seu repouso, a fim de prestar serviço ou fazer o bem, renunciam ao seu gosto, à sua própria opinião para praticar a mansidão e a condescendência.

Aqueles que, por amor ao próximo, se dedicam ao seu serviço, são os mais livres dos homens. São Pedro deseja que seus discípulos diletos, chamados à liberdade, como lhes faz lembrar, conservem ciosamente tão precioso bem e não vivam segundo a carne, mas se tornem pela caridade servos uns dos outros (Gál 5, 13). Com efeito, longe de escravizar as almas, a prática da pura caridade liberta-as.

Aqueles que querem evitar tudo que constringe, que preferem ver os outros às suas ordens do que se porem ao serviço de seus irmãos, que se impacientam ou se irritam quando suas idéias não prevalecem, esses vivem segundo a carne e são escravos de seus defeitos; ao contrário, aqueles que se fazem, pela caridade, os servos do próximo, encontram nisto grande suavidade, gozam da paz da alma, e como, ao dedicar-se, não fazem senão seguir os impulsos de seu coração, possuem a verdadeira liberdade. Mas Jesus não deu somente os seus serviços. "A isto conhecemos o amor de Deus por nós, é que ele deu a vida por nós, e nós também devemos dar a vida por nossos irmãos" (1 Jo 3, 16). "Não há maior amor, disse Jesus, que dar a vida por seus amigos" (Jo 15, 13). Jesus não nos pede para darmos a nossa vida derramando nosso sangue, mas para dá-la lentamente, gota a gota, imolando todos os nossos gostos, todas as nossas vontades, no exercício da caridade. Assim as almas verdadeiramente carido-

sas não dão sequer uma parcela de seu tempo a prazeres fúteis, mas fazem o sacrifício de todos os desejos naturais, dedicam todos os seus instantes e consagram todos os seus pensamentos, todo os seus cuidados, todas as suas fadigas ao serviço de Deus e das almas. Isso na verdade é dar a vida por seus irmãos.

#### 6. *Bênçãos divinas concedidas às almas caridosas.*

Descrevemos tanto quanto nos foi possível a perfeita caridade que Deus põe no coração de todos aqueles que se lhe entregam sem reserva. Como já dissemos, se forem muito fiéis em cultivar esse dom, se procurarem cuidadosamente nunca ofender tão bela, mas tão delicada virtude, ela irá se aperfeiçoando cada vez mais. Deus recompensa os caridosos, tornando-lhes a caridade mais pura, mais esclarecida, mais generosa. E quantas vantagens oferece essa caridade perfeita! "Ninguém pode perder-se no exercício da caridade", dizia S. Vicente de Paulo. "Se alguém, dizia ainda a seus missionários, fosse obrigado a mendigar ou a dormir junto de uma sebe, todo esfarrapado e arrepiado de frio, e que lhe viessem perguntar: pobre padre, quem te reduziu a esse estado? que felicidade, senhores, poder responder: foi a caridade!" (Vida, por Abelly, l. III, cap. IX).

Sim, é uma grande felicidade saber praticar a caridade à própria custa, e como semelhante dedicação alegre o coração de Deus! Haverá algo de mais agradável a nosso Pai celeste, algo que mais comova o Coração de Jesus, que o espetáculo do nosso mútuo amor? Um pai não tem alegria mais suave do que ver reinar a união entre seus filhos. Porque me ama com um grande amor, Jesus se regozija de ver que lhe compartilho dos sentimentos e da dedicação, e porque ama meus irmãos, regozija-se de ver que eu também os amo. Com que termos comovedores

pediu ele a seu Pai celeste que uma perfeita harmonia reinasse sempre entre seus discípulos: "Que eles sejam um, como nós somos um". O Pai, o Filho e o Espírito Santo são tão unidos, que não têm senão um mesmo pensamento e um mesmo amor. Todos que têm a mesma fé, o mesmo amor de Deus, podem também ter os mesmos santos desejos, a mesma abnegação, o mesmo zelo pelos interesses de Deus, o mesmo esquecimento de si; então serão um, como as três Pessoas divinas são um. E as graças celestes choverão sobre eles cada vez mais abundantes. "Aquele que ama vive na luz", diz S. João; aquele que odela vive nas trevas" (1 Jo 2, 10).

Se, para muitas pessoas, as luzes da graça baixam sensivelmente, se elas são frias, sem fervor em suas orações, é porque combatem mal suas antipatias, medem sua dedicação, julgam o próximo com muita severidade e o criticam com muita imprudência. Mas aqueles que praticam generosamente a caridade, tornam-se cada vez mais esclarecidos e mais abençoados por Deus. Já neste mundo, o Senhor os recompensa ao centuplo daquilo que fazem por seus filhos. "Tudo quanto fizerdes ao menor de meus irmãos, a mim o tereis feito". E tudo o que é feito por ele, Deus o gratifica tão bem, já aqui na terra, e paga-o com sua suavíssima amizade! Depois de haver dito: "O meu mandamento é que vos ameis uns aos outros como eu vos amei", o divino Mestre acrescenta logo: "Sereis meus amigos se fizerdes o que eu vos ordeno" (Jo 17, 12-14). Amigo do próximo, amigo de Jesus. Quem não desejaria obter a tal preço a amizade de seu Deus?

## CAPÍTULO XXIII

### Do zelo

1. *Toda alma ardente tem zelo, quer para o bem, quer para o mal.*

Tornar mais feliz seu semelhante, e torná-lo mais feliz tornando-o virtuoso, é o mais perfeito exercício da bela virtude da caridade. E' a caridade espiritual, muito mais preciosa que o corpo, e o bem feito ao corpo é efêmero, enquanto que o bem feito à alma é eterno.

Podemos então atuar sobre as almas? Sim, e atuamos, com frequência, sem o procurar e inconscientemente. O homem, feito para viver em sociedade, não se reserva os sentimentos de seu coração, mas comunica-os em torno de si. Como a flor espalha seu perfume e a podridão seu mau odor, assim os bons edificam e os maus escandalizam. Os pecadores entranhados no mal são muito propensos a querer seduzir e corromper seus irmãos, e um pequeno número de almas corruptas basta para perverter muitas almas fracas: "Um pouco de fermento, apraz-se em dizer S. Paulo, faz fermentar toda a massa" (1 Cor 5, 6; Gál 5, 9). "Defendei-vos, havia dito o Mestre, do fermento dos fariseus e dos saduceus" (Mt 16, 6). As almas perfeitas exercem também uma poderosa influência, e algumas almas ardentes podem ganhar para o bem um grande número de almas dóceis. Não comparou Jesus o reino do céu ao fermento que uma mulher acrescenta a três

medidas de farinha e que faz crescer a massa? (Lc 13, 21). Os doze apóstolos foram esse fermento, e bastaram para converter o universo.

Há entretanto certas almas que exercem pouca influência; são almas moles e inertes, que não fazem nem bem nem mal, ou almas fracas e covardes, que não ousam lutar contra o pecado, nem trabalhar para dilatar o reino de Deus. Tais almas faltam a um grave dever e, se receberem grandes graças, incorrem numa temível responsabilidade; não declarou Jesus que toda figueira estéril será amaldiçoada? E S. Agostinho nos ensina que frequentemente os bons são punidos com os maus por não terem combatido o pecado que podiam impedir (De civit. Dei, 1, 9).

Nem poderia ser de outra maneira. Como não castigaria Deus esse egoísmo de um coração sem zelo? Na verdade, quem não tem zelo, não tem amor; nem amor de Deus, nem amor do próximo. Não tem amor de Deus quem não toma a peito ver Deus conhecido, adorado, obedecido, amado de suas criaturas; não ama a Jesus quem não deseja o que Jesus desejou tanto, o que lhe fez suportar tantas fadigas, passar por tantas humilhações, tolerar tantos sofrimentos; não ama seus irmãos quem não está resolvido a sacrificar-se para obter em favor dos bons o maior dos bens, um acréscimo de felicidade eterna, e para arrancar os pecadores às horríveis torturas do inferno. Hoje mesmo, mais ou menos cem mil criaturas humanas devem comparecer diante do soberano Juiz, e sua sorte será fixada por toda a eternidade; muitas já estão suspensas sobre o abismo infernal; por nossas orações e nossos sacrifícios, podemos alcançar, ao menos para algumas, graças de vitória que as salvarão. Conhecer esta verdade e recusar-se a orar, a renunciar-se, para viver mais a cômodo, e deixar assim caírem nas cha-

mas eternas almas que poderiam salvar-se, é mostrar que não se tem coração nem inteligência.

## 2. Deus quer ter colaboradores em sua obra de santificação e de salvação.

Quanto maior o amor, tanto maior o zelo. Nosso Senhor, fá-lo notar S. Francisco de Sales, não perguntou a Pedro: és sábio ou eloquente? para então dizer-lhe: apascenta minhas ovelhas; porém: tu me amas? Se me amas, entendia Jesus, prova-me o teu amor, dedicando-te pelas almas que me são caras. Amas-me mais do que estes? Se és mais amante, deves trabalhar mais por mim. Além disso, se eu te peço mais, é um sinal também de que eu mesmo te quero mais, que te dou uma parte maior na minha obra de predileção. Com efeito, de que modo nos demonstrou o Senhor o seu amor? De que maneira exerce Deus esse amor para com os homens, tornando-os semelhantes a si. Torna-os semelhantes a si dando-nos a graça santificante, que nos faz participar de sua natureza divina, torna-nos semelhantes a si, concedendo-nos graças atuais que nos fazem realizar obras tão divinas quanto humanas. Se Deus concede a todos os fiéis essa semelhança, concede aos seus amigos uma semelhança mais perfeita ainda, fazendo-os o que ele mesmo foi, o que lhe constitui a glória eterna: santificadores e salvadores. E' necessário ser semelhante a ele para ser capaz de ajudá-lo. Ora, é uma verdade, afirmada pelo Espírito Santo, que nós somos auxiliares de Deus: *Dei sumus adjutores* (1 Cor 3, 9). E tão bem o ajudamos, a tal ponto exige o nosso concurso, que chega a fazer depender de nossa coope-

1) Carta ao arcebispo de Bourges, XII, 229. "Basta amar bem para bem dizer", concluía o santo doutor. E' certo que não há verdadeira eloquência num orador que não tem zelo, e quem quer que tenha um zelo perfeito falará sempre com grande resultado.

ração o êxito de suas obras; dependerá de nós que tal alma seja santificada, e tal outra seja salva; sem dúvida, se vier a se perder, será pelos seus pecados, por ter resistido à graça, mas, se tivermos zelo, poderemos tocar essa alma infiel, obter-lhe graças mais abundantes e mais poderosas, que a levarão a voltar-se para Deus. Poderemos, pois, durante toda a eternidade, partilhar com Jesus da glória e do júbilo de ter arrancado almas à eterna damnção, e de lhes ter procurado a eterna felicidade. Há, portanto, no céu, salvadores e salvos. Estes, que formam a grande multidão dos eleitos, devem sua salvação primeiro a Jesus e depois aos que foram seus auxiliares, e a eternidade não será bastante longa para renderem condignas ações de graças à misericórdia divina. Aqueles — e são a elite da corte celeste, os amigos íntimos de Jesus — salvos por ele, foram depois dele e com ele salvadores de seus irmãos; e agora cantam no céu a bondade de Deus, de cuja predileção foram alvo. Acompanha-os uma turba, às vezes muito numerosa, de outros eleitos, que lhes devem, quer a eterna felicidade, quer um imenso acréscimo dessa mesma felicidade, formando em torno de cada um deles uma coroa cintilante, um cortejo triunfal.

E' desejo do Coração de Jesus fazer-se um exercício de valentes auxiliares. Ele comunica a toda alma que lhe testemunha um pouco de fidelidade, desde que tenha feito algum progresso no amor divino, este duplo sentimento de zelo pela glória de seu Pai, e de amor para com as outras almas. Esses sentimentos foram sempre os que fizeram pulsar o Coração de Jesus: *Non quaero gloriam meam... sed honorifico Patrem meum*: "Não procuro minha glória... mas honro a meu Pai" (Jo 8, 50). Nunca, como tão bem disse, ele procurou outra coisa senão a glória daquele que o enviara (Jo 7, 18). Para a glória do Pai, julgando insuficientes os holocaustos

tos da lei antiga, ofereceu-se a si mesmo como vítima (Heb 10, 6); para a glória do Pai, viveu na humildade e morreu nas torturas; e ainda para a glória do Pai, imola-se sobre o altar. Mas foi também pelo bem das almas que se rebaixou até à condição de escravo, que derramou seu sangue até à última gota, e que renova a todo momento em nossas igrejas o sacrifício do Calvário. Havia tanta compaixão para com os filhos de Adão na alma do Salvador! Ele sofria quando via sofrer. A viúva de Naim, Jairo e sua mulher, tantos e tantos pobres doentes moveram-lhe a piedade. *Misereor super turbam*. "Como me compadeço desta multidão! dizia ele a seus Apóstolos; há três dias essa pobre gente não me deixa e nada têm para comer!" (Mc 8, 2). Jesus era deveras compassivo, mas os sofrimentos o comoviam especial e profundamente; e, quando lançava os olhos sobre seus contemporâneos, que lhe pareciam ovelhas sem pastor, sobrevinha-lhe grande tristeza (Mt 9, 36). De todos os males, cuja vista o afligia, nenhum lhe causava tanta dor quanto o pecado, que é o maior mal do homem e é também o mal de Deus. Os outros males podem merecer ao homem alegrias inefáveis e eternas, mas o pecado, ao contrário, lhe traz amargas decepções já nesta vida, e dívidas terríveis para com a Justiça divina, expiações crudelíssimas que o pecador nem suspeita e, para a eternidade, a perda de inapreciáveis tesouros. Muitas vezes, pelos outros males, os direitos de Deus são vingados; mas, pelo pecado, Deus é ofendido, seus direitos violados, sua glória atingida, seus desejos indulgentes frustrados, a morte de um Deus desprezada, e as graças que custaram tão caro a Jesus, calcadas aos pés.

Tais as verdades que Jesus se compraz em explicar às almas fiéis. Gosta de fazê-las partilhar dos sentimentos que o animam, do desejo que tem da glória de seu Pai, do seu ódio ao pecado, de sua

compaixão pelos pecadores. Toda alma sinceramente devota participa, ao menos em certa medida, dessas disposições e, com os anos, esse zelo deve aumentar. Mas, se a alma não fizer progressos na renúncia, apresentar-se-ão obstáculos que lhe impedirão o desenvolvimento enquanto crescerão defeitos que o diminuirão. E' o amor ao repouso e à tranquilidade, é a busca de êxitos humanos, da aprovação ou da estima das criaturas, que sufocam os desejos da glória de Deus.

3. *O zelo perfeito, inspirado pelo amor, esclarecido pela fé, é amável, firme, prudente, corajoso, penitente.*

Explicuemos o que é o zelo puro e ardente que Deus comunica a seus fiéis amigos, e que os torna imitadores cabais e auxiliares tão poderosos de Jesus. O zelo verdadeiro é, antes de tudo, um prolongamento do amor divino. Ferida por esse santo amor e esquecida de si mesma, a alma perfeita não tem desejo mais ardente que a glória de Deus. Os primeiros pedidos da oração dominical, "santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade", exprimem bem suas disposições constantes e dominantes; nenhuma oração lhe é mais agradável, e dirige, nesse fim, todas as obras de sua vida; ela não tem maior alegria do que ver seu Deus glorificado e suas tristezas e angústias provêm, de um lado, de sua própria incapacidade de fazer por ele tanto quanto merece, e, do outro lado, da ingratidão que as criaturas lhe demonstram.

O verdadeiro zelo é também um prolongamento, ou, melhor ainda, é o mesmo exercício do amor do próximo; é pois necessariamente afetivo. São Paulo, em suas epístolas, patenteia-nos todas as ternuras de seu coração para com aqueles que havia convertido: fala-lhes como a filhos muito queridos, objeto de suas sollicitudes, cujos progressos vivamente o alegam, cujos sofrimentos muito o afligem e cujas

faltas grandemente o entristecem. Não é uma afeição mole e humana, é uma afeição toda sobrenatural, e quão delicada! Tem uma afeição intensa mesmo por aqueles que fecham os ouvidos às suas exortações: "Grande é a minha tristeza, diz ele, e trago no coração uma dor contínua" (Rom 9, 2). E essa dor vem tanto da obstinação dos judeus, como de ver realizar-se a profecia de Isaías em relação a Israel: "Estendi as mãos todo o dia a um povo descrente e rebelde" (Rom 10, 25).

Esse grande amor pelas almas existe em todos os verdadeiros amigos de Deus. Nas pessoas de virtude medíocre, o zelo será muito menos ardente. As almas pouco desprendidas tendem a concentrar-se demais em si para poderem amar os outros com esse perfeito amor; são também demasiadamente sensíveis ao sofrimento inerente ao exercício do zelo, para não verem logo afrouxar-se-lhes o ardor inicial. Enfim, quem não recebeu grandes luzes, não sabe distinguir, nas almas junto às quais se dedicam, os filhos muito queridos do Pai celeste, mas antes considera a humanidade com todas as suas misérias, sem refletir na graça santificante que, nas almas imperfeitas, permanece oculta sob seus defeitos, qual diamante sob uma camada de lodo; não se lembra tão pouco das maravilhas de graça que Deus poderia, e que deseja ainda operar nos pecadores. A alma muito unida a Deus, com vistas mais sobrenaturais, alimenta facilmente em si mesma sentimentos de ternura e de dedicação; mesmo quando encontra ingratidão, sua afeição permanece viva, prova evidente de que esta afeição não é um sentimento natural, e sim um dom precioso que Deus lhe fez e que mantém no seu coração apesar de todas as oposições.

A alma fiel, vendo todas as coisas como Deus as vê, vive no pensamento habitual da outra vida, e menos sensível a tudo que é passageiro, enquanto

que a alma boa, porém imperfeita, embora acredite na vida futura, pouco pensa nela, e portanto é muito mais sensível às coisas da vida presente, e deixa-se impressionar mui vivamente pelos sofrimentos, pelas dificuldades, pelas contradições, bem como pelos defeitos que observa no próximo. Para o Deus eterno, não há passado nem futuro, tudo lhe é presente; quando fita os olhos em nossas almas, vê que um dia serão belas, gloriosas, admiravelmente santas, e apraz-se em considerá-las tais quais serão nos séculos sem fim e não como são aqui, em estado de formação, que dura tão pouco e está sempre a mudar. Participando largamente desses sentimentos de seu Deus, o cristão zeloso, quando se dedica a seus irmãos, faz abstração de seus defeitos, que um dia desaparecerão; trabalha para a eternidade, e os bens que procura obter para os outros, e que deseja para si mesmo, são os bens eternos. E esses bens eternos são os bens espirituais, os dons da graça, pelos quais as almas, já nesta terra, são magnificamente adornadas, tornando-se dignas de Deus, agradáveis a Deus. "Sou cioso das vossas almas, dizia S. Paulo aos coríntios, como Deus é cioso das almas a quem ama". *Aemulor vos Dei aemulatione*; "sou cioso de vossa pureza, cioso de vossa santidade". Animados dessas ardentes aspirações, os amigos de Deus não poupam trabalho algum para proporcionar aos outros tão preciosos bens. Aplicam-se, antes de tudo, em ganhar os corações: "De todos me fiz escravo, dizia ainda o grande apóstolo, a fim de conquistar um maior número. Fiz-me judeu com os judeus, a fim de ganhar judeus; com aqueles que estavam sob a lei, vivi como estando sob a lei; com aqueles que estavam fora da lei, vivi como estando fora da lei; dei-me todo a todos, para salvar a todos" (1 Cor 9, 19). "Desejoso de agradar a todos em todas as coisas, não procuro o que é útil a mim

mesmo, mas o que é útil aos outros, a fim de que eles sejam salvos" (1 Cor 10, 33).

E, entretanto, esse mesmo zelo, que torna a alma tão ardente para ganhar os corações, tão corajosa para fazer todos os sacrifícios a fim de agradar àqueles que deseja salvar, leva às vezes a desagradar-lhes. Não é, de fato, preciso desagradar para corrigir? Quem faz questão das boas graças das criaturas, falta frequentemente a esse dever; quem não procura senão os interesses de Deus e das almas, não tem fraquezas nem condescendências culpáveis. "E", diz ainda S. Paulo, a estima dos homens que procuro, ou a de Deus? E' minha intenção agradar aos homens? Se eu agradasse aos homens, não seria o servo de Cristo" (Gál 1, 10). "Embora eu devesse, amando-vos mais, ser menos amado por vós" (2 Cor 12, 16). Portanto, de um lado, fazer-se o servo de seus irmãos, imolar por eles os próprios gostos, as comodidades, a vontade, consagrar-lhes todos os instantes, todas as forças e, de outro lado, recordar-lhes seus deveres, sempre com bondade, mas também com energia, desviá-los do mal e levá-los para o bem, mesmo quando essa linguagem os melindra e desagrada, eis o que fazem os fiéis amigos de Deus.

Mas, se é firme, o verdadeiro zelo é também prudente e discreto. Escrevendo a um de seus missionários da Argélia, que "mais precisava de freio que de espora", S. Vicente de Paulo procurava moderá-lo. "Eu vos peço, dizia ele, que condescendais tanto quanto possível com a fraqueza humana. Ganhareis mais facilmente os eclesiásticos escravos pela piedade que pela repulsa ou pela correção; não lhes faltam luzes, porém força, a qual se insinua pela unção exterior das palavras e dos exemplos. Não digo que seja preciso autorizar-lhes os desmandos, mas digo que os remédios devem ser suaves e benignos no estado em que se acham". E, depois de

recomendar-lhe que não procurasse converter os turcos, o que teria por consequência a interdição de seu ministério junto aos escravos cristãos, o santo acrescentava: "O zelo não é bom se não for discreto" (Vida, por Abelly, l. II, cap. I, sect. 7, par. 6).

As almas muito unidas a Deus, habitualmente sob a influência do Espírito Santo, são muitas vezes ajudadas no exercício do apostolado pelas luzes do dom de conselho, muito superiores às da virtude de prudência. Não é mais o seu espírito que raciocina acertadamente e descobre, por justas reflexões, os melhores meios a empregar para fazer o bem; são idéias súbitas que lhes vêm, luzes que as esclarecem no momento oportuno e lhes inspiram decisões de grande prudência.

Mas, se é prudente e discreto, o zelo verdadeiro é ao mesmo tempo corajoso ao ponto de nada mais recear dos males desta vida. As pessoas boas, porém incompletamente desprendidas, têm frequentes faltas de energia. "Infelizmente, escrevia S. Francisco de Sales, um de meus predecessores, no momento em que a heresia dava seus primeiros assaltos à fé cristã em Genebra, deixou-se amedrontar e fugiu. Se tivesse permanecido firme em seu posto, combatendo o erro e defendendo a fé, como era de seu dever, Genebra ainda seria católica" (Vida, por Hamon, l. I, cap. V). Sem chegar a desertar de seu posto, as almas pouco generosas recuam diante dos esforços ou das obras que lhes parecem penosas demais, procurando e encontrando, como deve ter feito esse bispo pouco corajoso, desculpas que, todavia, carecem de valor aos olhos do soberano Juiz. As almas muito unidas a Deus, nas quais se exerce plenamente o dom da força, não têm dessas fraquezas.

Elas não recuam também diante da obra de expiação que se impõe a quem quer que deseje lutar eficazmente contra o pecado. Os cristãos pouco esclarecidos, — e o são porque receiam e repelem as

luzes, — não compreendem que o zelo sem penitência é pouco fecundo. Todos os santos, ao contrário, todos os verdadeiros imitadores e amigos de Jesus, sentiram-se impelidos para a mortificação, movidos tanto pelo zelo, quanto pela necessidade de domar a natureza e de reparar suas faltas; compreenderam, com as luzes do Espírito Santo — e essas luzes lhes foram comunicadas à medida que se mostravam mais generosos — que as graças que arrancam o homem aos seus vis prazeres devem ser obtidas pelo sofrimento, como aquelas que lhe dão a vitória sobre seu orgulho devem ser alcançadas pela humildade.

#### 4. O verdadeiro zelo é poderoso e fecundo e participa do zelo de Jesus.

Quem procura o sacrifício e entrega-se ao sofrimento para ganhar almas a Deus, para livrar seus irmãos do pecado, e torná-los mais amantes e mais virtuosos, tem muito poder sobre o Coração divino, e, quando intercede, sua oração é maravilhosamente eficaz. Mais ainda, mesmo quando permanece silencioso, a amizade que lhe tem o Senhor, beneficia a todos aqueles que lhe são caros. “Pensas, dizia Jesus a uma alma piedosa, que eu seja menos delicado em minhas ternuras do que tu nas tuas?” E fez-lhe notar que, se nós somos amáveis com os parentes de nossos amigos, para não lhes ferir o coração, ele, o bom Mestre, é cheio de solicitude para com as almas justamente queridas de seus amigos, e concede-lhes os diversos dons que esses amigos lhes desejam, mas não podem alcançar. Jesus mostrou-lhe ainda as almas queridas por ele como sendo o cume de uma montanha, sobre a qual a chuva do céu caía abundantemente, descendo pelas suas vertentes, isto é, sobre as almas unidas a essa alma (*Lúcia Cristina*, pelo padre Poulain, p. 50). Foi por amizade a Marta e Maria que o Salvador ressuscitou Lázaro; a ora-

ção de Estêvão obteve a conversão de Paulo; as lágrimas e as súplicas de Mônica deram Agostinho à Igreja; o padre Olier deveu sua conversão a uma vida de grande piedade de uma santa senhora de Paris, Maria Rousseau, e seus grandes progressos na santidade à venerável mãe Inês de Langeac.

Jesus ouve portanto as orações de seus amigos quando estes intercedem por seus irmãos; abençoa-lhes sempre e maravilhosamente o zelo. Os santos foram todos grandes convertedores e poderosos santificadores. Não vemos sempre claramente os frutos de zelo dos fiéis amigos de Deus; muitas graças alcançadas por eles caem longe, sobre almas que só virão a conhecer no céu, mas é sempre exata a palavra de Deus a Abraão: “Se houver dez justos, não destruirei Sodoma” (Gn 18, 32); e a palavra já citada de Jesus a S. Margarida Maria: “Uma alma justa alcança o perdão de mil criminosos”. A alma justa, na linguagem divina<sup>2</sup>, justa em relação a Deus, é aquela que lhe dá tudo aquilo a que tem direito, que não faz reserva alguma, que está disposta a fazer em tudo a vontade divina; tal alma dá a Deus maior glória do que mil pecadores lhe podem tirar.

Quão fecundo é, pois, o zelo que Deus comunica a seus verdadeiros amigos, àqueles que se entregam inteiramente a ele! Não é mais o zelo raciocinado e laboriosamente exercido das pessoas virtuosas mas imperfeitas, cuja base de piedade não está na mortificação nem na humildade, e que não são arrastadas pelo Espírito Santo nas veredas do puro amor. Tal zelo é tão imperfeito quanto o seu amor e não

2) Joseph autem vir ejus, cum esset justus (Mt 1, 19). Erant autem justi ambo ante Deum, incedentes in omnibus mandatis et justificationibus Domini sine querela (Lc 1, 6). Homo erat in Jerusalem et homo iste justus... et Spiritus Sanctus erat in eo (Lc 2, 25). Beati qui esuriunt, et sitiunt justitiam (Mt 5, 6).

será muito fecundo; à intenção de trabalhar para Deus, juntam-se muitas preocupações humanas; querem ser bem sucedidas em tudo, querem ser aprovadas, estimadas, amadas. Tais pessoas virtuosas procuram cumprir bem com seus deveres, portanto os seus trabalhos não são destituídos de frutos; mas não há nelas o que se encontra nos amigos íntimos de Jesus: uma unção que os penetra, uma luz que indica claramente tanto o dever a fazer como os motivos para cumpri-lo, um calor comunicativo que faz amar as virtudes e principalmente o Deus das virtudes. Quando os perfeitos servos de Deus exortam, quando repreendem, percebemos toda a verdade das suas palavras e somos fortemente impelidos a agir melhor. Cheios de Deus, a Deus transmitem, e quem se afasta, depois de lhes haver recebido os conselhos e as exortações, sente que leva em si algo de sobrenatural e de divino.

O zelo das almas muito unidas a Deus é uma participação, uma emanção do zelo de Jesus. Jesus, que vive em seus íntimos, que age por eles, mostra-se neles o que ele mesmo foi durante sua vida terrestre. O bom Salvador ardia de zelo. Viera trazer o fogo à terra (Lc 11, 49), e queria abrasá-la toda inteira. Seu zelo consumia-o. A vista dos ultrajes feitos a seu Pai e dos males que os homens atraem sobre si pelos pecados, foi a imensa dor de seu Coração: *Tabescere me fecit zelus meus* (Sl 118, 139). Era terno e comovedor o zelo de Jesus, chorando sobre Jerusalém, e falando afetuosamente a Judas enquanto esse monstro o traía. Era prudente e discreto: "Jesus, diz monsenhor Gay, manejava as almas, suportava-as, aguardava-as, levava-lhes em consideração o estado, as disposições, os mesmos preconceitos. Não pedia a uma o que exigia de outra. Amoldava-se aos caracteres, dando-se todo a todos" (Elev., I).

Na formação dos apóstolos, ele procedeu lenta

e gradualmente. Antes de tudo, acolheu-os amavelmente quando João Batista lhes mandou, depois, admitiu-os por algum tempo em sua companhia, sem lhes falar em apego à sua pessoa, e se o seguiram a Caná, voltaram em seguida ao seu trabalho. Um dia em que pescavam, disse-lhes que deixassem tudo e que o seguissem. Mais tarde, nomeou os apóstolos, limitando, porém, sua missão à Palestina. No dia da ascensão, encarregou-os de pregar o Evangelho pelo mundo inteiro. O zelo de Jesus era antes de tudo desinteressado e generoso, e fê-lo empreender tantas caminhadas, sofrer tantas fadigas, prestar-se a tantas indiscrições, a tantas exigências das turbas, passar por tantos sofrimentos. Ele foi generoso até à morte e à morte da cruz.

Felizes os cristãos que continuam dedicados a Jesus, que podem dizer não somente como S. Paulo: "Eu completo o que falta à paixão de Cristo", mas, também, o que bem poderia ter dito o grande apóstolo: o que falta à sua obra de salvação.

Sim, felizes esse amigos fiéis, esses preciosos auxiliares de Deus: *adjutores Dei*, por intermédio de quem Jesus arranca ao inferno um grande número de almas, e leva tantas outras pelos caminhos da virtude e do amor divino.

## CAPÍTULO XXIV

### Da humildade perfeita, dom de Deus

#### 1. Jesus modelo de humildade.

Não podemos compreender o plano de Deus na salvação dos homens se não considerarmos as causas de sua perda e de sua condenação. *Initium omnis peccati est superbia*: o princípio, o começo de todo pecado, é o orgulho (Ecli 10, 15). Ao pecado, que é soberba e revolta, egoísmo e dureza, o Filho de Deus opôs uma virtude contrária: para salvar os rebeldes orgulhosos, para vencer-lhes o pérfido sedutor, Satanás, monstro de orgulho, Jesus se fez pequeno, obediente, pobre, cheio de doçura. Por diversas vezes, em palavras enérgicas, S. Paulo nos descreveu as humilhações do Verbo na encarnação: *Misit Deus Filium suum, factum ex muliere, factum sub lege*: Deus enviou seu Filho formado pela mulher, sujeito à lei (Gál 4, 4). Que rebaixamento, o Filho de Deus fazer-se carne, nascer de uma criatura tão fraca aos seus olhos! Fazia-se filho de uma mulher para fazer-nos filhos de Deus. E que humildade, o Filho de Deus submeter-se à lei mosaica, feita para um povo grosseiro! "Ele, diz alhures o apóstolo, que estava revestido da divindade, aniquilou-se, revestindo a forma do escravo, tornando-se semelhante aos homens. Abaixou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até à morte, e à morte da cruz" (Filip 2, 7).

Durante toda a sua vida, Jesus fez-se humilde

e pequeno: pequeno em seu presépio, pequeno em sua infância, pequeno em sua pobreza, pequeno em sua qualidade de simples operário, pequeno ainda quando, no Jordão, junta-se aos pecadores para receber, com eles, o batismo de penitência. Continua humilde e pequeno quando parte em conquista das almas: Jesus é um conquistador, mas um conquistador cheio de benignidade, tal como Deus o revelara ao profeta Isaías: "Eis aqui o servo que escolhi, meu eleito, em quem minha alma se compraz... Ele não gritará, não elevará a voz e não a fará ressoar exteriormente; não romperá o caniço vergado, nem apagará a mecha fumegante" (Is 42, 1). Para designá-lo a seus discípulos, João Batista não encontrou nome mais apropriado que o de cordeiro; e a Igreja, querendo lembrar-nos sua bondade e animar nossa confiança, faz repetir todos os dias, por seus ministros, as palavras do precursor: *Ecce agnus Dei, ecce qui tollit peccatum mundi* (Jo 1, 29). Jesus, que proclamou bem-aventurados os mansos, pôde dizer de si mesmo: *Ego mitis sum et humilis corde*: Sou manso e humilde de coração. Em sua paixão mostrou-se tal qual o profeta o havia visto, semelhante ao cordeiro diante daquele que o tosa. Humilde e manso permaneceu durante seu triunfo, pois deixou que negasse sua ressurreição, quando a poderia ter provado em toda a Jerusalém; consentiu em passar ainda aos olhos de um grande número por um miserável, um supliciado, um falso profeta, cujas mentiras haviam sido frustradas, cujo empreendimento havia fracassado completamente. Fora humilde e meigo com Judas no momento em que o traidor o entregava; fora caridoso com Pedro que o renegara e a quem não fizera censura alguma. Na Eucaristia, é ainda humilde e inefavelmente bom e meigo; aí também triunfa pela sua humildade, opera pela sua doçura. Não quer que no céu no-lo representemos como um altivo triunfador, um mo-

narca magnífico, envolto em sua majestade e olhando de longe para seus súditos. Em todas as descrições que nos são feitas do céu, no livro do Apocalipse, Jesus é sempre apresentado como o Cordeiro divino. Censurava severamente os judeus, que discutem, falando contra ele, porque suas palavras são uma injúria a seu Pai celeste, cuja honra toma a peito: *Ego honorifico Patrem*. Mas quando o atacam diretamente mostra-se mais tolerante, porque não procura sua própria glória: *Ego gloriam meam non quaero* (Jo 8). Ah! ele nunca procurou sua glória, ao ponto de esquivar-se quando quiseram proclamá-lo rei, e se entregar quando quiseram cumulé-lo de ultrajes e saciá-lo de opróbrios.

Por essa humildade, Jesus triunfou. No dia de sua paixão, seus inimigos, orgulhosos, gabavam-se da vitória. Quanto não se devem ter felicitado, na sexta-feira, à noite, ao se encontrarem nas ruas de Jerusalém, dizendo: "Este profeta de desgraça, que seduziu as multidões, está desonrado para sempre; morreu de uma morte infame entre dois celerados, como o mais criminoso dos três; seus discípulos, envergonhados, escondem-se; de todo o movimento que promoveu, de todo o entusiasmo que suscitou, nada mais resta senão a lembrança de uma louca aventura, de um projeto quimérico, de um amontoado de ilusões, ora desvanecidas. Quanto a nós, que ele depreciava, recuperamos o nosso ascendente, a nossa glória". Não, Jesus não estava vencido; vencidos estavam esses fariseus orgulhosos. O crucificado era o vencedor. Porque aceitara a morte, e a morte mais vergonhosa, sua obra estava fundada, e fundada para sempre.

## 2. *Jesus quis a humildade em seus discípulos.*

Depois da ascensão do Salvador, o plano de Deus não se alterou. Jesus havia querido conformar seus

discípulos a essas virtudes de humildade, de doçura, das quais dera tão belos exemplos; destinados a converter o mundo, eles não podiam continuar-lhe a obra senão pelos mesmos meios. Precisou mudar-lhes as idéias, pois, como todos os judeus, os apóstolos haviam a princípio esperado que o reino de seu Mestre, que sabiam ser o Messias, fosse um reino temporal, que Jesus subjugasse o universo, como haviam feito os famosos conquistadores da Assíria, da Pérsia, da Grécia e de Roma, e que eles mesmos fossem os príncipes gloriosos do novo reinado. "Senhor, pediu Salomé a Jesus, ordenai que meus dois filhos tomem assento um à vossa direita, o outro à vossa esquerda, em vosso reino. — Não sabeis o que pedis, respondeu-lhe Jesus; podeis então tomar parte no batismo que vou receber?" Ele acabava justamente de predizer sua paixão, o batismo de sangue. E, de fato, algumas semanas mais tarde, o Rei do mundo era elevado sobre seu trono, uma cruz, tendo à sua direita e à sua esquerda dois outros crucificados. Tiago e João pediam coroas e Jesus propunha-lhes cruces. Em seguida, falando mais claramente, deu-lhes esta grande lição: "Sabeis que os chefes das nações têm comando supremo, e que os grandes exercem o seu império sobre elas. Não deve ser assim convosco. Quem quiser ser grande entre vós, que se faça servo; quem quiser ser o primeiro, que se faça escravo" (Mt 20; Mc 10).

Com efeito, os continuadores da obra de Jesus foram como ele caluniados, ultrajados, perseguidos; Jesus havia querido ser "um verme e não um homem, o opróbrio dos homens e o refugio do povo" (Sl 21, 7); eles também acederam de boa mente em ser, segundo a palavra de S. Paulo, "a escória do mundo e o refugio de todos" (1 Cor 4, 31). Como Jesus, fizeram-se não os dominadores, mas os escravos, os servos de seus irmãos. O Filho de Deus, o Senhor do mundo, havia reinado não pelo poder, mas pela do-

çura e dedicação e assim também deviam fazer eles, os apóstolos, os chefes do povo. Era uma nova noção de autoridade que Jesus inculcava aos homens; daí em diante ver-se-iam no mundo, e até ao fim dos tempos, superiores, tais como os sábios do paganismo jamais haviam sonhado, que não aceitariam o comando senão para se tornarem mais humildes e mais dedicados que seus inferiores.

Não eram somente os chefes de sua Igreja que Jesus desejava ver cheios de humildade; eram todos os seus discípulos, e principalmente aqueles a quem queria cumular de graças. Diversas passagens do Evangelho nos mostram como a humildade lhe atraía os favores. A mulher cananéia obteve a cura da filha depois de haver sofrido muitos opróbrios, mas sua humildade enterneceu o Salvador e recebeu dele um belo elogio e a graça implorada. Jesus fez um elogio mais belo ainda do centurião, que, espontaneamente, se humilhara e protestara sua indignidade. A hemorroissa, ao contrário, não se queria humilhar; escondia-se, envergonhada de seu mal, mas Jesus obrigou-a a confessá-lo diante do povo antes de curá-la.

A humildade é, por conseguinte, a melhor disposição para receber as graças do céu, como o declarou a Santíssima Virgem: *Dispersit superbos mente cordis sui... et exaltavit humiles*. Assim vemos Jesus agradecer a seu Pai, com uma emoção comovedora, não ter ele revelado a verdade aos soberbos, que, cheios de confiança em suas próprias luzes, desprezam as lições divinas, e ter, ao contrário, esclarecido os simples, as almas humildes e dóceis (Lc 10, 21). "Destruirei a sabedoria dos sábios, e aniquilarei a ciência dos cientes". São Paulo, depois de citar estas palavras de Isaías, exclama triunfantemente: "Onde está o sábio? Onde está o douto?... Não provou Deus a loucura da sabedoria do mundo?... Aquilo

que o mundo considera loucura, foi aquilo que Deus escolheu para confundir os fortes" (1 Cor 1, 19-27).

A fim de salvar o homem, perdido pelo orgulho, Deus quis antes de tudo humilhar esse orgulho. O sofrimento, a humilhação são os meios que Deus emprega para operar suas maravilhas, e as almas humildes são sempre os seus melhores instrumentos. E' pela sua humildade e pelo seu amor que os santos fazem tanto bem à Igreja.

3. *Aqueles que, de todo o coração, procuram tornar-se humildes, Deus dá a verdadeira humildade.*

Aqueles que aspiram a ser para Jesus amigos dedicados, devem compartilhar de seus sentimentos: *Hos sentite in vobis quod et in Christo Jesu*; devem, antes de tudo, participar de sua humildade. Com efeito, não haveria amizade possível entre o Salvador tão humilde, tão meigo, e a alma orgulhosa, suscetível, vaidosa, rude e caprichosa. Muitas almas cristãs e mesmo piedosas, porque não querem praticar em toda a sua perfeição esta bela virtude, permanecem nas fileiras dos escravos e nunca se tornam amigos íntimos de Jesus. Têm, entretanto, como o fazia notar S. Vicente de Paulo, uma grande estima pela humildade. "Por diversas vezes visitei casas religiosas, contava o santo, e perguntei a muitas delas qual era a virtude que mais estimavam e maior atração exercia sobre elas, e indaguei o mesmo daquelas que tinham aversão franca pelas humilhações; mas entre vinte, encontrei apenas uma que não me dissesse ser a humildade, tanto é verdade que todos acham essa virtude bela e amável. Por que será então que tão poucos a compreendem, e menos ainda a possuem? E' que se contentam em admirá-la e não se aplicam em adquiri-la" (Vida, por Abelly, l. III, cap. XXII). Reconhecendo todo o valor da humildade, essas pessoas desejariam possuí-la, mas seu

desejo é estéril, porque estão longe de querer as humilhações; talvez, no entanto, as aceitassem, mas com a condição de nada sofrerem. Nunca vão, pois, ao encontro das humilhações, não sabem confessar simplesmente suas fraquezas, e, quando estão em falta, desculpam-se; não se esforçam por tornar-se, junto ao próximo, pequenas, modestas, condescendentes; não procuram ficar insensíveis às faltas de atenção, às críticas, às censuras, a tudo quanto lhes fere o amor próprio; então, embora peçam a Deus a humildade, não estão na disposição de aceitar tudo quanto a humilhação tem de amargo para a natureza. Ao contrário, quando um cristão fiel, comovido pelas humilhações de Jesus, deseja partilhá-las, quando faz esforços generosos e constantes para imitar-lhe a humildade, quando quer considerar-se "como a escória do mundo" e consente em ser tratado como tal; então as orações que faz para obter essa virtude, suas súplicas instantes, vão diretamente ao Coração de Deus. Então chegará um dia, mais cedo para uns — os mais generosos — mais tarde para outros, em que esse cristão fervoroso verificará que o juízo dos homens, seu procedimento delicado ou desagradável, não o impressionam mais como outrora; foi-lhe dada uma luz que lhe fez sentir o nada das honras e da glória, a inutilidade da estima dos homens, de sua aprovação ou desaprovacão, o pouco valor de sua amabilidade ou de sua frieza. Ao mesmo tempo, em seu coração, operou-se um desprendimento de si, uma indiferença a ser bem ou mal julgado, a ser tratado com ou sem atenções, que ele sozinho não teria podido adquirir. Devem-se atribuir, parece-nos, as luzes que transmitem à alma esses sentimentos de humildade, ao dom de ciência. Com efeito, este dom, segundo S. Tomás, faz julgar acertadamente as coisas humanas e as criaturas em geral (2. 2. q. IX, a. 2, c.); mostra, pois, a insignificância dessa glória que os homens tanto

cobiçam. Observando-se mais a fundo, a alma reconhece que recebeu do Espírito Santo novas luzes que a ajudaram a avaliar a vaidade dos preconceitos humanos, a ser indiferente à boa ou má vontade do próximo, a desprender-se da ambição de glória e de honras. E foram essas novas luzes, mais preciosas ainda, que lhe fizeram descobrir sua profunda miséria e o seu nada de criatura. Já, quando, no limiar da vida iluminativa, começar a servir a Deus com maior fidelidade, perceberá muito melhor os seus defeitos, mas agora se considera como um amontoado de misérias e de fraquezas. Os dons de inteligência e de sabedoria vieram depois dar-lhe uma idéia muito elevada de Deus e daquilo que lhe é devido; tudo quanto faz por um Senhor tão grande e tão bom, lhe parece indigno dele; sente-se confundida e não pode, por conseguinte, comprazer-se no bem que faz. Por outro lado vê todo o horror de suas menores faltas, que ofendem a tão amável Pai; e reprova-se vivamente simples negligências; mas sobretudo compreende que, se fosse mais fiel, já teria alcançado a um mais alto grau de virtude. Ao mesmo tempo Deus lhe comunica a disposição que S. Francisco de Sales tão bem denominou o amor de sua própria abjeção. Não lhe desagradava saber-se tão miserável, antes se regozija por não ter nada de que se ufanar, feliz de render homenagem a Deus e de pensar que, se nela há algo de bom, é obra de Deus, a quem unicamente pertence toda a glória; para si, parece-lhe bem ser tida em conta de nada<sup>1</sup>. E' o dom da humildade que começa a lhe ser comunicado. "Nosso Senhor mesmo nos dá a humildade, diz S.

1) Enquanto esta disposição não se encontra na vontade, a alma não atingiu ainda à perfeita humildade. Muitas almas piedosas fazem de si um conceito baixo, e isso é um efeito da graça; entretanto, estão menos adiantadas na humildade do que parecem, porque não têm o amor de sua abjeção. Isto se reconhece facilmente, quando, ante uma falta de atenção ou um desdém, se entristecem ou aborrecem.

Teresa, e de outro modo do que por meio das nossas pobres reflexões. Com efeito, haverá comparação possível entre nossas reflexões e essa humildade verdadeira, acompanhada de esclarecimentos, que Deus concede à alma, e que a faz voltar ao seu nada?" (Vida, XV).

Esse sentimento novo de humildade é, com a alegria no sofrimento<sup>2</sup>, um dos indícios mais seguros e mais simples de que as operações da graça começam a se alterar e que os dons do Espírito Santo vão exercer-se com muito mais frequência do que até agora. Se a alma for fiel, essa virtude de humildade irá sempre crescendo, e lhe atrairá cada vez mais as graças divinas. Aqueles que não receberam semelhante dom admiram-se de ver como os santos se mantêm tão humildes no meio dos favores insígnies que recebem e das grandes obras que realizam; mas quem obtiver esse dom, mesmo em pequeno grau, não se admira, porque compreende que, entre as tentações a que estão expostos os fiéis amigos de Deus, as do orgulho e da vaidade são as que exercem menos pressão sobre eles.

#### 4. Os frutos da perfeita humildade.

Esse dom da humildade é, de certo, um dos favores mais insígnies que Deus concede às almas ardentes e generosas. Quantas preocupações inúteis, quantas aflições pueris lhes são então poupadas; a humildade oferece à alma uma grande paz; unida à mansidão, da qual nunca se separa, favorece maravilhosamente a caridade. "Sede unidos, dizia S. Paulo aos filipenses, tende um mesmo pensamento, um mesmo amor, uma mesma alma, um mesmo sentimento". E indicava logo o meio de manter essa harmonia, a qual Jesus (Jo 12, 53) quis que fosse a nota distintiva de seus discípulos: "Nada façais

2) É necessário acrescentar as provas que dão os autores espirituais sobre o estado místico.

por espírito de rivalidade, nem por vaidade; que cada um, humildemente, considere os outros como acima de si, cuidando antes dos interesses alheios do que dos seus próprios interesses (Filip 2, 3). E, com efeito, se a caridade custa muito às almas egoístas e orgulhosas, que julgam injusta e severamente o próximo, que se ressentem facilmente, que concebem antipatias e não sabem deixar derramar sua amargura no coração amigo, ela é, ao contrário, natural às almas humildes e dóceis que julgam sempre com indulgência e bondade, que estão sempre prontas a esquivar-se, a dedicar-se pelo próximo. Assim é que, enquanto o cristianismo trazia ao mundo a bela virtude da humildade, até então quase desconhecida dos homens, dava-lhe também o espetáculo não menos novo de uma maravilhosa caridade.

Se esta humildade perfeita, que nasce do puro amor de Deus, favorece a caridade para com o próximo, quanto também não contribui poderosamente para o progresso desse mesmo amor! É fácil à alma humilde agir com grande pureza de intenção; esquecida de si, despreendida de sua reputação, insensível às honras, repete com Jesus: "Minha glória de nada vale" (Jo 8, 54). "Não cuido desta glória (Jo 7, 50), mas procuro, e procuro unicamente, a honra de meu Pai (Jo 49) e de meu Deus".

Ah! quão queridos de Deus são os humildes. Ele os ama porque sempre se colocaram no lugar que lhes compete, porque não lhe querem roubar a glória que só a Deus pertence. Ama-os porque é deles amado. São seus amigos fiéis, aos quais nada recusa: *Oratio humillantis se nubes penetrabit*: a oração daquele que se humilha penetra as nuvens (Ecli 35, 21). Comunica-lhes suas riquezas e concede-lhes, todos os dias, graças de que nem sequer suspeitam. Serão, como Jesus o prometeu, os maiores no reino dos céus (Mt 18, 4). Os que mais se tiverem humilhado, serão os mais exaltados.

## CAPÍTULO XXV

### Do amor das cruzes

#### 1. *Jesus alegrou-se, e quer que nós também nos alegremos, em sofrer.*

Chegando ao termo de seu ministério evangélico, Jesus revelou aos apóstolos um sentimento de seu coração, que nenhum havia suspeitado e que eles não compreenderam: "Tenho um batismo a receber; oh! quanto tarda que essa obra se realize!" (Lc 12, 50). Esse batismo de sangue, ao qual aspirava tão ardentemente o meigo Salvador e que oferecera como um grande favor aos filhos de Zebedeu (Mc 10, 38), anunciou-o por diversas vezes a seus queridos apóstolos como o coroamento de toda a sua missão. *Ponite vos in cordibus vestris sermones istos*: "Ponde bem estas palavras em vossos corações: O Filho do homem será entregue às mãos dos homens que o matarão" (Lc 9, 44; Mc 9, 30). E outra vez, quando se dirigia a Jerusalém para ser crucificado, descreveu, com pormenores, os suplicios pelos quais devia passar: "O Filho do homem vai ser entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, e esses mesmos o entregarão aos gentios; ele será exposto aos grezijos e às injúrias, coberto de escarros, flagelado, depois morto, e no terceiro dia ressuscitará" (Mt 20, 18, 19; Mc 10, 34). Teria falado com mais frequência de sua paixão aos apóstolos, se estes lhe partilhassem os sentimentos. No Tabor, quando seu coração, inundado de alegria, trasmitia a todo o seu

ser um brilhante reflexo de glória, ele se entretinha com Moisés e Elias sobre a morte que ia sofrer (Lc 9, 31). E' que sabia que sua morte seria a vitória que lhe havia de garantir a conquista do mundo: *Si ego exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum*: quando for elevado da terra, atrairei tudo a mim (Jo 13, 32). E ao começar sua paixão, no momento em que o traidor deixava o cenáculo para ir em busca dos algozes, Jesus se alegrava de que chegara a hora do seu triunfo: "Eis que agora o Filho do homem é glorificado e que Deus é por ele glorificado" (Jo 13, 31).

Jesus quisera ver, também, no coração de seus queridos discípulos, os sentimentos que animavam o seu próprio coração: "Bem-aventurados os pobres, lhes havia dito, um dia, bem-aventurados os que choram; bem-aventurados os que são perseguidos... Sereis felizes quando vos insultarem e disserem injustamente toda sorte de mal contra vós por minha causa. Regozijai-vos então e alegrai-vos" (Mt 5, 10). Não era, portanto, a simples paciência que desejava vê-los praticar, mas sim o amor da cruz, levado até ao amor dos sofrimentos. E quando lhes confluíu sua missão, fez-lhes estas belas promessas: "Eu vos envio quais ovelhas no meio de lobos... Entregar-vos-ão aos tribunais, sereis flagelados nas sinagogas... Sereis objetos de ódio por causa do meu nome" (Mt 10, 16-22).

Os apóstolos que, nessa época, estavam longe da perfeição, ambicionando as honras e discutindo quem seria o primeiro, não apreciavam semelhante doutrina. O divino Mestre censurou-os; ele sempre tão bom e tão suave, só duas vezes empregou palavras duras: da primeira, quando tratou Pedro de demônio: "Afasta-te, Satanás, tu me escandalizas, nada compreendes das coisas de Deus, não tens senão pensamentos humanos" (Mt 16, 23). E' que Pedro não queria admitir que Jesus precisasse padecer e mor-

rer. Da segunda, quando tratou de estultos os discípulos de Emaus, porque não compreendiam que lhe fosse preciso sofrer para entrar na glória: *O stulti et tardi corde ad credendum!* (Lc 24, 26).

Mais tarde, já santificados e esclarecidos, regozijaram-se de terem sido condenados e flagelados pelo nome de Jesus (At 5, 41). Ensinavam a seus discípulos as grandes vantagens dos sofrimentos que conduzem ao céu: São Lucas, com efeito, resumindo-nos toda a pregação de Paulo e de Barnabé, disse: "Fortaleciam seus discípulos e mostravam-lhes que é por meio de muitas tribulações que devemos entrar no reino de Deus" (At 14, 21). Também, a exemplo de seu Mestre, Paulo recomenda aos fiéis que suportem tudo, não só com paciência, mas também com alegria (Col 1, 11). E S. Tiago escreve aos fiéis: "Não vejais senão motivo de vos alegrardes, meus irmãos, em toda sorte de tribulações que caírem sobre vós".

## 2. Razões que temos de amar o sofrimento.

Pode haver duas espécies de alegrias no sofrimento, a alegria raciocinada e a alegria infusa. O sofrimento é tão salutar, que toda alma de fé deveria sentir-se feliz em sofrer. Nada se faz de belo ou de grande, sem o sofrimento; mesmo nas coisas deste mundo não se consegue nenhum êxito importante sem o esforço que custa, sem a perseverança que é uma longa paciência. Basta a simples razão para no-lo demonstrar, e vemos os homens, privados das luzes da fé, condenarem-se, sem queixa alguma, a trabalhos rudes, suportarem estoicamente grandes dores e mostrarem-se alegres e de bom humor diante dos golpes e da morte que os ameaça. Ao contrário, de que são capazes os gozadores, os preguiçosos, aqueles que têm horror a qualquer constrangimento, a qualquer trabalho? Quanto lhes é vã

e estéril a vida! Nas coisas de Deus o sofrimento é ainda mais necessário, e quão mais fecundo! Triunfa do pecado e de Satanás, que reina pelo encanto do prazer, mas é vencido pela cruz. O pecado não é outra coisa senão o desdém de um dever a cumprir ou a procura de uma satisfação ilícita. O remédio ao pecado só pode estar, por conseguinte, nas privações e nos sofrimentos. Assim também a divina Providência permite, com frequência, grandes males para tirar grande bem, guerras sangrentas para suscitar heróicos sacrifícios, perseguições para fazer suceder o fervor ao relaxamento e produzir mártires e santos. São Cipriano, quando viu irromper a perseguição, cuja mais ilustre vítima devia ser, dizia: "Porque uma longa paz havia enfraquecido a disciplina, os castigos celestes vieram despertar a fé que se tornara sonolenta e quase adormecida. Os sacerdotes não eram bastante fervorosos, as obras exteriores não se inspiravam numa fé bastante firme, os costumes não eram bastante santos" (*Sermo de lapsis*). Eusébio atribui às mesmas causas a perseguição de Diocleciano, e desde então muitas outras lutas, pelas quais passou a Igreja, foram provações permitidas por Deus para remediar idênticos males.

Os sofrimentos, as privações, tornam a alma forte e viril, enquanto o bem-estar, os triunfos fáceis, o repouso e as doçuras da vida a amolecem<sup>1</sup>. A dor purifica a alma, e Deus, cuja infinita santidade foi ofendida pela vista de todas as manchas dessa alma, nela se compraz quando a vê acrisolada pela dor e concede-lhe uma abundância de graças bem maior. O sofrimento alimenta e mantém o amor; quem pouco sofre, pouco ama. "Sofrer por Deus, di-

1) A história nos ensina que a decadência das Ordens religiosas começou sempre pelo relaxamento na prática da pobreza; procura-se mitigar os rigores da regra, procura-se o conforto e desaparece então o fervor primitivo.

zia S. Joana de Chantal, é o alimento do amor na terra, como gozar de Deus é o alimento do amor no céu" (Hamon, Vida de S. Francisco de Sales, l. IV, cap. III, p. 531). "Sofrer, dizia S. Francisco de Sales, é quase que o único bem que possamos fazer na terra... uma onça de paciência vale mais que uma libra de ação" (Ibid., l. VII, cap. XII, p. 478). Com efeito, é mais fácil padecer bem do que agir bem: há menos amor próprio, menos preocupação, menos de humano nos nossos sofrimentos que nos nossos trabalhos.

O sofrimento prepara delícias imensas e eternas. As alegrias mundanas, as alegrias culpáveis transformam-se em amarga tristeza; ao contrário, as dores suportadas por amor de Deus geram suaves alegrias, conforme declarou Jesus a seus apóstolos: *Tristitia vestra vertetur in gaudium* (Jo 16, 20). Se mesmo aqui no mundo é bom ter sofrido, ter suportado muito por Deus, que será, no céu, onde as ligeiras dores se transformarão em inexprimíveis delícias? Bem estultos são aqueles que não apreciam os sofrimentos, que deles se queixam e murmuram; assemelham-se às pessoas que protestassem e se irritassem se alguém lhes enchesse os bolsos de moedas de ouro, alegando ser-lhes pesada a carga.

### 3. E' Deus quem dá o amor às cruces.

E, entretanto, como prova a experiência, se raras são as pessoas que compreendem o valor do sofrimento, mais raras ainda são as que ressentem a alegria de sofrer; os motivos imperiosos que a fé nos apresenta da utilidade dos sofrimentos, as considerações tão justas que podemos fazer, se nos levam a estimá-los, não nos levam, porém, a amá-los; e, se produzirem esse amor, bem fraco será; se causarem uma certa alegria, será uma alegria toda de reflexões, que não é nem suave, nem profunda.

A verdadeira alegria de sofrer é um dom que Deus concede às almas generosas. Para recebê-lo, souberam se preparar, dominando a natureza, tão ávida de gozos e tão inimiga da dor, e desenvolvendo em si um ardente amor, por meio de uma vida de íntima união e de corajosos sacrifícios. Assim, de um lado, afastando os obstáculos, e de outro, enternecendo o coração, dirigindo-o a Deus e impregnando-o de amor, essas almas preparam-se para receber de Deus um amor mais profundo e mais puro, que arrasta consigo o amor do sofrimento. Então, como diz a *Imitação*, "o desejo de sofrer para assemelhar-se a Jesus inspira tanta coragem, que a alma não deseja ficar isenta de tribulações e dores, porque compreende que é tanto mais agradável a Deus, quanto mais sofre por ele" (l. II, cap. XII, n. 8). Não foram somente as meditações passadas que facilitaram o conhecimento dessas virtudes; o Espírito Santo iluminou a alma e a beleza do sofrimento, seu valor inestimável, lhe apareceram com uma clareza extraordinária que a impressionaram vivamente. "Sofro, diz ela, mas é por Deus, é por Jesus que tanto sofreu por mim; reparo minhas faltas, consolo Deus das penas que lhe causei. Sofro, portanto amo; e, sofrendo, dou provas de meu amor. Sofro, portanto meu amor vai se dilatar; na eternidade será sempre maior e eu hei de amar eternamente e cada vez mais a Deus. Sofro, e, sofrendo, estou unida a Jesus, continuo-lhe a obra, ou, antes, ele mesmo a continua em mim, essa obra de dor e de salvação: *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne mea*: sofro com ele pelas almas; como ele, por ele, com ele, alcançarei para os míseros pecadores a felicidade eterna".

A alma favorecida por esse dom divino nem sempre distingue os diversos motivos que a levam a amar os sofrimentos. Não raro, só os vê de modo confuso e geral. Então o Espírito Santo atua ainda

mais sobre sua vontade, para lhe fazer amar a cruz, do que sobre sua inteligência, para lhe mostrar as vantagens que acarreta. E essa atração sobrenatural, que sente por aquilo que repugna tanto à natureza, lhe suaviza enormemente as amarguras da vida e lhe dá a única verdadeira felicidade prometida por Jesus aos pobres, aos aflitos, aos perseguidos: *Beati pauperes... beati qui lugent... beati qui persecutionem patiuntur*. "Quando chegardes, diz a Imitação, a achar o sofrimento suave e a amá-lo por Jesus Cristo, então considerai-vos felizes, porque contrastes o paraíso na terra" (l. II, cap. XII, n. 11).

Esse paraíso não é o paraíso eterno, onde o Senhor enxugará todas as lágrimas: *Absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum* (Ap 7, 17; 2, 14). Na terra os maiores amigos de Deus as derramam ainda. Não lágrimas egoístas, como as pessoas imortificadas e amigas de si mesmas, que sentem vivamente as picadas do amor próprio, os desgostos provenientes da falta de bem-estar, e das privações, ou então o pesar que lhe causam as contradições, pelo muito apego que têm à própria vontade. Não, os amigos de Deus estão acima dessas misérias, e seu desapego, sua plena confiança, lhes poupam muitas tristezas que experimentam as almas imperfeitas. Mas eles choram como Jesus chorou junto ao túmulo de Lázaro, ao ver sofrer Marta e Maria, como chorou diante de Jerusalém, ao pensar nos males que, quarenta anos mais tarde, haviam de assolar a cidade santa. Suas penas são, portanto, penas de amor causadas ou pelo afeto que têm aos irmãos, ou pelo amor às almas, ou pelo amor de Deus; pena de estar separada desse Deus tão amável e de ver prolongar-se o exílio, pena de vê-lo ofendido, penas nobres e santas, que, vindas do amor, dão-lhe novo impulso. Entretanto, são penas e Deus, que as fará cessar, no paraíso, permite que, na terra, trespasssem o coração de seus amigos.

Por que consente um Deus tão bom que a dor oprima os seus filhos? Porque Deus é um Pai muito santo que, encontrando sempre diante de si o pecado, é obrigado a afligir aqueles a quem mais ama, para que remedeiem, pelos seus sofrimentos, aos seus próprios pecados ou aos de seus irmãos. Mas ele é também um Pai muito extremoso, que deseja, com desejo infinito, a felicidade dos filhos; não os experimenta senão com pesar, confundindo doçuras com provações, carícias com golpes, indícios de seu amor com operações de sua santidade. Ele é, diz S. Paulo, "o Deus de toda consolação" (2 Cor 1, 3), e as consolações que nos dá não são como as consolações naturais, que só trazem às nossas tristezas um alívio superficial e efêmero; as consolações divinas penetram até ao fundo da alma, e são duradouras. As almas queridas de Deus, aquelas que lhe ganharam a amizade, são as mais experimentadas e também as mais consoladas; são as que mais se assemelham ao Cristo, cuja alma conheceu, mais do que todas as almas reunidas, dores cruéis e doçuras inebriantes. "Assim como os sofrimentos de Cristo abundam em nós, dizia S. Paulo, falando de si mesmo, assim também, pelo Cristo, abunda a nossa consolação" (2 Cor 1, 5). O salmista havia experimentado os mesmos efeitos da ternura divina: "Vossas consolações, dizia ele ao Senhor, recrearam minha alma na proporção dos sofrimentos múltiplos de meu coração". *Secundum multitudinem dolorum meorum in corde meo, consolationes tuae laetificaverunt animam meam* (Sl 93, 19).

Quão cheio de bondade é o Senhor para aqueles que o amam e quão divinamente recompensa as almas generosas! Fá-las amar a cruz e encontrar sempre uma grande paz, uma felicidade calma e sólida, e, muitas vezes, alegrias profundas, ali, onde os cristãos pouco amorosos não encontram senão

tristezas e desolação. Mesmo quando essas almas dedicadas estão imersas na dor, não desejariam deixar de sofrer, porque sentem que assim amam melhor ao Senhor, bendizendo-o, porque as experimenta. As tribulações já lhes são, portanto, neste mundo, ensejo de suaves consolações e, ao mesmo tempo, ocasiões de grandes méritos e origem de felicidade, germe de inefáveis e eternas delícias.

## CAPÍTULO XXVI

### Da fusão da vontade humana na vontade divina

#### 1. *Dois tendências contrárias de nossa vontade.*

No céu seremos semelhantes a Deus, diz-nos o apóstolo bem-amado: *Similis ei erimus* (1 Jo 3, 2). E, acrescenta, quem quer que tenha essa esperança, deve trabalhar para tornar-se santo, como ele mesmo é santo. "Sede santos, porque eu, vosso Deus, sou santo" (Lv 9, 2; 21, 44), diz o Senhor por diversas vezes ao seu povo. A assimilação a Deus, que constituirá nossa glória e nossa suprema felicidade nos séculos sem fim, deve, pois, ser, antes de tudo, uma assimilação de santidade; deve operar-se em primeiro lugar pela fusão de nossa vontade em sua vontade, pelo aniquilamento de todas as vontades humanas que não são santas, e pela aceitação amorosa de todas as vontades divinas, que são essencialmente santas. Quando quisermos tudo o que Deus quer, e nada senão o que Deus quer, ele mesmo aperfeiçoará essa semelhança, que quis estabelecer entre ele e nós; e se já na terra nos inunda de graças, quanto mais ainda no céu, onde nos fará participar abundantemente da sua infinita beleza, e nos comunicará uma larga medida de sua infinita felicidade.

Afastar da vontade todo desejo que não é santo, tal deve ser o objeto de nossos constantes esforços; devemos despojar-nos, como prega S. Paulo, do ho-

mem velho, corrompido pelas cobiças falazes, e revestir-nos do homem novo, justo e santo: devemos renunciar a Adão, a seus desejos, a suas inclinações desregradas, e cobrir-nos das virtudes de Jesus (Ef 4, 22-24; Col 3, 2-10; Rom 13, 14). Impressionava-se vivamente o grande apóstolo com esta oposição entre as tendências das nossas almas. Trazemos em nós dois adversários encarniçados, dois lutadores sempre em guerra: o homem velho, reprodução de Adão pecador, e o homem novo, o homem divino, reprodução de Jesus. Depois da queda original, surgiram os maus instintos, dos quais a princípio a bondade divina preservara a humanidade, e o homem foi entregue ao egoísmo, à sensualidade, ao orgulho, à avareza. Mas Jesus veio restituir-lhe a graça perdida por Adão. Veio tornar possível a prática das virtudes, dando ele mesmo o exemplo. Adão, infelizmente, vive sempre em nós, mas Jesus também vive em nós.

Lutar contra Adão, destruir tudo quanto em nossas almas resta de suas más tendências, de seus defeitos, de suas paixões, e desenvolver cada vez mais as perfeições cujos germes Jesus depositou em nós e que são as suas próprias perfeições, tal é a nossa tarefa.

E' evidente que todos os desejos que, oriundos da natureza corrompida, são contrários à vontade divina, devem ser repelidos, aniquilados; mas outros há que provêm da natureza, e que, por si mesmos, são legítimos; mas esses também devem ser mergulhados na vontade divina e se não lhe forem conformes, devem ser condenados e rejeitados. "Pai, dizia Jesus, quase na véspera de sua paixão, livremente nessas horas de angústias cruéis: *Pater, salvifica me ex hac hora.* — Não, Pai, não me livreis, porque foi para sofrer e morrer que eu baixei à terra. Pai, glorificai vosso nome" (Jo 12, 27-28). E alguns dias depois, na gruta de Getsêmani, Jesus

dizia ainda: "Meu Pai, se for possível, que este cálice se afaste de mim. Mas que vossa vontade, e não a minha, seja feita".

Não havia luta na alma do Salvador; se ele experimentava esse horror ao sofrimento, era por sua livre vontade, pois nele a parte inferior estava admiravelmente submetida à parte superior. Embora sentisse cruelmente a dor, queria o sofrimento. Estava, é verdade, sujeito às duas vontades, mas a vontade santa dominava plenamente a da natureza. Em nós, ao contrário, a luta existe, as vontades inferiores não se dobram assim à superior, que é a da graça; precisam ser rigorosamente vigiadas e, às mais das vezes, corajosamente combatidas, para que possamos praticar a perfeita submissão ao bel-prazer divino. O homem seguindo seu impulso, quer gozar, ser estimado, aprovado, honrado, querido, quer estar a seu gosto, isento de toda privação, dor, ou humilhação, fruir das alegrias do espírito e do coração, seguir seus caprichos, fazer sua vontade, e impôr suas idéias. A vontade divina, insuflada em nossas almas pela graça e que se torna em nós a vontade sobrenatural, quer que amemos a Deus, que lhe procuremos a glória por todos os meios ao nosso alcance, mesmo pelos sacrifícios e sofrimentos, meios por excelência. Quão ardente é, em suas aspirações, essa nossa vontade natural, quão tenaz, quão hábil para conseguir o seu fim!

"Não podeis, dizia Tauler, conceber as habilidades, as perfídias secretas de nossa natureza em busca por toda a parte de suas comodidades. Encontra muitas vezes o prazer e a volúpia quando julgamos dar-lhes apenas o necessário; assim é de máxima importância que o homem racional vigie atentamente, e mantenha em seu dever o animal que vive em nós, dirigindo-o e governando-o constantemente" (Edição Noel, t. V, p. 339, primeiro sermão sobre a dedicação). Não basta nos esforçarmos sem-

pre para gular nossas intenções; a natureza é de tal modo ávida, de tal modo rebelde e obstinada, que uma simples ordem não bastará para conduzi-la bem; assim também, diz ainda Tauler, "para atingir à perfeita união com Deus, não há caminho mais curto que a perfeita mortificação" (T. II, p. 275, Primeiro sermão para a Páscoa).

Os desejos naturais e os desejos sobrenaturais estão em nossa alma como as ervas boas e más em um jardim; se o jardineiro deixar crescer as más, elas impedirão o desenvolvimento das boas e acabarão por sufocá-las. Do mesmo modo, se dermos liberdade às vontades naturais, essas irão se multiplicando até sufocarem as vontades sobrenaturais; se, ao contrário, resistirmos às vontades naturais, se as dominarmos, as vontades sobrenaturais se tornarão fortes e irresistíveis. São Francisco de Sales estava tão convicto desta verdade que queria incuti-la em todos. Sua máxima querida, dizem os seus biógrafos, aquela que não se cansava de repetir, era esta: "Quem mais mortifica suas inclinações naturais, mais atrai sobre si as inspirações sobrenaturais" (Espírito de S. Francisco de Sales, 10.<sup>a</sup> parte, secç. I).

E' necessário combater todas as inclinações naturais, refrear o espírito pelo recolhimento, aniquilar o amor próprio pela humildade, dominar o corpo, o coração, a opinião, os gostos e as vontades, por uma generosa mortificação.

## 2. E' necessário mortificar a carne.

E' necessário, em primeiro lugar, subjugar a carne. Ouçamos a Monsenhor Gay: "A mortificação corporal foi sempre considerada como uma rigorosa obrigação divina desde Adão, que, por ordem de Deus, padeceu em sua carne, durante toda a sua vida, a rude penitência da culpa que cometera, até S. Paulo que, impellido pelo Espírito Santo, castigava seu corpo e o reduzia à submissão; e a Igreja mos-

trou-nos sempre e por toda parte a necessidade desta mortificação e a todos impôs a sua prática" (Vida e virtudes cristãs, t. II, cap. VII, 22).

Monsenhor Gay alega o exemplo de S. Paulo. Este grande apóstolo fala com frequência, em suas epístolas, da necessidade da mortificação corporal: "Aqueles que vivem segundo a carne, diz ele, apegam-se às coisas da carne; aqueles que vivem segundo o Espírito, estimam as coisas do Espírito. E as afeições carnis geram a morte, enquanto que as afeições espirituais produzem a vida e a paz. A carne é inimiga de Deus, a cujas leis não se submete nem se poderia submeter... Portanto, aqueles que vivem segundo a carne pregam aquilo que é da carne" (Rom 8). Com efeito, nisso pensam, com isso se preocupam, querendo satisfazer a sensualidade, regozijando-se quando o conseguem, entristecendo-se e lamentando-se quando não, e comprazendo-se em falar no assunto. E' que suas inclinações naturais prevalecem sobre as santas inspirações da graça; quão longe está sua vontade de se conformar com a vontade de Deus! Ao contrário, aqueles que se libertaram do jugo da carne, apreciam as coisas do Espírito: *quae sunt Spiritus sapiunt*; nelas pensam, delas alimentam o seu coração, enquanto aspiram aos bens espirituais, à virtude e ao amor divino, de que falam com real prazer. Caminham, por conseguinte, segundo o Espírito, para empregar ainda a linguagem do apóstolo, sua vontade unida à vontade de Deus. "Nada devemos à carne, diz S. Paulo; não somos obrigados a viver segundo a carne". Ao nosso corpo, com efeito, devemos apenas o necessário, o indispensável para que cumpra com suas funções. "Se viverdes segundo a carne, morrereis... Se viverdes segundo o Espírito, isto é, deixando-vos guiar pelo Espírito Santo, mortificareis, destruireis as obras da carne, e ser-vos-á dada a vida eterna". O santo apóstolo não podia deixar de tirar a seguinte

conclusão: mortificai as obras da carne para alcançar a verdadeira vida, a vida divina; dominai vossa carne para não serdes dominados por ela; e para dominá-la, sabeí lutar contra ela, reduzi-la, humilhá-la, derrubá-la, recusando-lhe aquilo de que gosta e impondo-lhe aquilo que lhe desagrada.

Tal é, de fato, a vontade de Deus. Ele quer que o espírito domine plenamente o corpo. Devemos revestir-nos do novo homem e dos sentimentos de Jesus; ora, Jesus tomou um corpo humano, não para lisonjeá-lo, mas para sacrificá-lo à glória de seu Pai e à salvação de nossas almas. A vontade de Deus não é que elevemos o corpo à categoria de senhor e dono, mas que o rebaixemos à categoria de escravo dócil, mais ainda, que façamos dele "uma vítima viva, santa e agradável a Deus" (Rom 13, 1). Vítima, nossos corpos o devem ser em graus diversos. Deus não pede a todos as austeridades heróicas dos santos, mas a pureza sem mácula, a temperança total. Quer que pratiquemos em toda a sua perfeição essas virtudes que mantêm o corpo numa inteira dependência da alma. Como, porém, praticá-las perfeitamente, se não procurarmos subjugar a carne rebelde, maltratando-a e mortificando-a? Assim pensava S. Paulo, que castigava seu corpo e o reduzia à sujeição, a fim de não se tornar um dia réprobo; assim pensavam os santos, que todos fizeram como o apóstolo<sup>1</sup>. Quem se abstém cuidadosamente de fazer sofrer o corpo, engana-se se julga poder dominá-lo; obedecerá muitas vezes e, sem o perceber, claramente, à vontade do corpo e não à de Deus. E' porque, devido às exigências da carne e suas cobiças desregradadas, a mortificação se impõe, e quem nunca mais

1) "Quem faz pouco caso das mortificações exteriores, alegando que as interiores são muito mais perfeitas, dizia S. Vicente de Paulo, bem mostra que não é mortificado nem interior nem exteriormente" (Vida, por Abelly, l. III, cap. XXIV).

quiser obedecer aos impulsos naturais, e desejar a união completa de sua vontade com a vontade de Deus, deve fazer de seu corpo uma vítima, como vítima foi o corpo do nosso Salvador. Quantas pessoas, chamadas pelo Senhor a tomar lugar entre seus amigos íntimos, não atendem ao convite, porque não querem sofrer em seu corpo e em sua alma o que devem sofrer os verdadeiros amigos de Jesus!

### 3. Os sacrifícios do coração.

E' também vontade de Deus que nosso coração seja todo dele e, para que ame perfeitamente a Deus, ser-lhe-ão exigidos sacrifícios que purificarão e tornarão mais sobrenaturais as suas mais legítimas afeições. E' tão doce amar; é a grande necessidade de toda natureza inteligente; pois Deus, que é o amor: *Deus caritas est*, fez à sua semelhança as mais nobres de suas criaturas. Amar será a suprema felicidade do céu; e já é a verdadeira felicidade da terra: amar pai, mãe, irmãos, irmãs, amar a pátria, haverá algo de melhor? e quem não se regozija de sentir pulsar-lhe no coração esses bons afetos? Só os corações depravados pelo egoísmo, ou corrompidos pelo vício, querem desprezá-los, e conseguem sempre diminuí-los. Mas tais sentimentos não devem invadir o terreno do amor divino. "Quem ama pai, mãe, filho ou filha mais do que a mim, não é digno de mim", disse Jesus (Mt 10, 37). O amor é o princípio de todas as obras: agimos por amor a Deus, por amor a nós mesmos, ou por amor a outros seres; se quisermos, portanto, que nossa vida seja toda de Deus, é preciso que todo nosso amor seja regrado, inspirado, dominado pelo amor divino. Devemos amar a Deus de todo nosso coração e, para cumprir fielmente com esse mandamento, é preciso que aquilo que há de mais íntimo, de mais ardente, de mais delicado nos sentimentos do coração humano, pertença a Deus, esteja voltado para

Deus. E' necessário que a graça, insinuando-se até ao fundo dessa faculdade da alma, que é a faculdade de amar, se apodere dela, a transforme e a sobrenaturalize inteiramente. Mas isso só se dará pela purificação do coração, quando tudo o que nele houver de natural for dominado. Um afeto muito vivo, embora legítimo, gera facilmente atos que não são de todo irrepreensíveis, buscas de satisfação pessoal, que desagravam ao Deus de toda santidade e perturbam a ação de graças. Queremos gozar demasiadamente do carinho de um ente querido, comprazendo-nos em suas relações em prejuízo do dever; e assim, ao lado de sentimentos legítimos, permitidos por Deus, nascem, confundindo-se com eles, sentimentos humanos demais, que criam raízes, e só serão arrancados se dilacerarmos o coração. Toda pessoa fervorosa deve, pois, impor ao seu coração generosos sacrifícios. Deus, porém, que ama e quer a sua santificação, não se contentará com isso. E' mister que os sofrimentos de coração, causados pelas separações, pelos lutos, pelas desgraças daqueles a quem amamos, ou ainda pela resistência aos bons conselhos, pelas suas fraquezas e suas culpas, destruam tudo o que houver de excessivamente humano na afeição que lhes temos e façam suceder, a sentimentos tão imperfeitos, um amor mais puro e todo sobrenatural. O coração, despojado por esses sacrifícios e privado por essas provações das alegrias humanas, próprias da afeição, se desprende; não ama mais para gozar, não quer mais amar senão segundo a vontade de Deus e por Deus; seu amor desinteressado será também mais forte. Abraão não amou menos Isaac depois de haver consentido em sacrificá-lo, mas seu amor tornou-se mais santo, mais puro, mais forte que nunca.

#### 4. *Luta contra os apegos, os gostos, as tendências da vontade.*

Para conservar a vontade unida à de Deus, a alma fiel deve fazer com frequência o sacrifício de suas idéias e de seus gostos, afastando por esses atos de renúncia os obstáculos que, em quase todas as criaturas humanas, se opõem ao pleno cumprimento das vontades divinas. Cada vez que renunciemos à nossa vontade para fazer a de outrem, dizia o santo cura d'Ars, alcançamos grandes méritos. Morrer assim à sua própria vontade, eis o que faz os santos. "O padre Olier consultava o seu colega, de Bretonvilliers, até sobre coisas importantes, e este, muito jovem ainda, esquivando-se a dar conselhos, o padre Olier lhe disse: "Se eu estivesse sozinho com João — seu empregado — pediria sua opinião e faria em toda simplicidade o que ele me dissesse. Nunca façamos a nossa vontade, sendo possível, mesmo nas menores coisas" (Vida, por Faillon, II, p. I. VI).

A obediência exata à regra, ou, para quem não é religioso, ao regulamento, é um dos meios eficazes para quebrar a vontade própria e fazer cumprir, em todas as circunstâncias, a vontade divina; por esse meio, expiam-se muitas faltas e lucram-se grandes méritos'.

Esta renúncia à própria vontade, que mantém

2) A irmã Maria de Jesus Crucificado viu, no dia 6 de Julho de 1874, a Madre Priora do Carmelo de Marselha subir ao céu, passando apenas pelas chamas do purgatório; admirada, pergunta-lhe o que lhe merecera semelhante graça. "Nunca faltei à caridade e pratiquei fielmente a regra...", respondeu a defunta (Vida, pelo padre Estrate, cap. XV). — Santa Margarida Maria, testemunha a Madre Greyfié, viu uma das irmãs falecidas da comunidade sofrer no purgatório tormentos horríveis por causa de suas faltas à caridade e da demasiada facilidade em dispensar-se da regra e dos exercicios comuns, bem como por ter procurado demais as mitigações e as comodidades corporais (Vida e Obras, t. I, p. 376).

a alma tão unida a Deus, não anda sem a renúncia à opinião própria. Ai de nós! o homem apega-se tanto mais ao próprio juízo quanto menos critério tem. Uma pessoa judiciosa é muito menos categórica e afirmativa, muito menos segura de si e confiante em suas opiniões, do que uma pessoa menos inteligente; discerne melhor as razões para desconfiar de si mesma e saber pesar cuidadosamente o pró e o contra. Quando vemos que os outros divergem da nossa opinião, a prudência manda que nos julgemos os únicos perspicazes, pois estamos tão sujeitos a enganar-nos quanto nossos irmãos. *Enganei-me ou posso enganar-me*, são palavras que dificilmente saem dos lábios da maior parte dos homens, embora nos devessem ser tão naturais. Quão difícil lhes é renunciar ao seu modo de ver, inclinar-se às decisões de outrem, procurar satisfazer os desejos do próximo, quando contrariam os seus próprios desejos!

Somos também muito apegados aos objetos que possuímos, aos empregos que exercemos, às ocupações que nos agradam, a tudo quanto, de qualquer maneira, satisfaz nossa natureza. Desde a infância sentimos inclinações que, livremente conservadas e carinhosamente tratadas, vão se tornando cada vez mais tirânicas; é difícil vencê-las, calcar aos pés simpatias e aversões, e chegar a não querer em tudo senão a vontade divina. "Tudo quanto temos, diz Tauler, devemos possuí-lo como Deus quer, isto é, em uma verdadeira pobreza de espirito. Tudo quanto temos de mais caro neste mundo, amigos, reputação, corpo, alma, prazer, comodidade, tudo deve ser entregue de coração e sem reserva por amor de Deus, se ele o exigir e como o exigir. Quem tem assim o espírito livre e fixado em Deus, sem o menor apego a coisa alguma, está pronto a renunciar a tudo se Deus lho pedir. Embora possuísse um reino, permaneceria essencialmente pobre diante de

Deus" (Edição do Padre Noel, t. II, sermão do segundo domingo depois da epifania).

Mas quantos atos de renúncia, quantas contradições, quantas contradições são necessárias, antes que se rompam todos os laços que nos prendem, antes que todas as nossas inclinações naturais sejam subjugadas, a fim de estarmos sempre, e em todas as coisas, unicamente atentos ao cumprimento daquilo que agrada a Deus. Nas circunstâncias as mais triviais da vida, a alma generosa e esclarecida encontra sempre ocasiões de sacrifícios; compreende que deve renunciar-se para mostrar-se amável para com todos, para praticar o zelo, para ser humilde, para dobrar-se à vontade de outrem, para aceitar tudo alegremente, para cumprir escrupulosamente todos os deveres de estado, para executar minuciosamente a regra ou o regulamento que lhe dirige a vida. E os atos já não bastam, é preciso ainda aplicar-se em reprimir os sentimentos de alegria, de tristeza, de desejo, de temor, sentimentos que não nascem das nossas inclinações naturais, mas que servem para os alimentar e os excitar. É necessário, pois, conservar a alma numa santa indiferença, num perfeito abandono. Sômente aqueles que pedem ardente e insistentemente ao Senhor para ajudá-los e fortalecê-los contra si mesmos, podem praticar tão continua abnegação.

5. *Deus recompensa os que lutam corajosamente contra si mesmos em todas as coisas.*

Quão prudentes são os corações amantes que, unindo ardentes orações a corajosos esforços, vivem na renúncia que Jesus lhes pede e caminham nas suas pegadas. *Qui vult venire post me, abneget semetipsum*. De quantas graças Deus não os cumula? "Um homem, diz Tauler, pode morrer milhares de vezes em um só dia, e a cada morte sucede e corresponde uma vida mais fecunda. Deus não pode

recuperar essa vida a essa morte. Portanto, quanto mais a morte for completa, forte, dolorosa, tanto mais a vida correspondente será doce, poderosa e verdadeira. Cada eflúvio de vida traz ao homem forças novas e o torna mais valente para afrontar uma morte ainda mais completa" (T. II, p. 277, primeiro sermão para a Páscoa). Com efeito, quando Deus, que não se deixa vencer em generosidade, vê uma alma lutar corajosamente e constantemente contra a natureza, ele vem em auxílio de sua fraqueza, dando-lhe luzes que a habilitam a apreciar devidamente a vontade divina. Compreenderá então, e muito melhor do que por meio de longos estudos, que a vontade de Deus é infinitamente sábia, infinitamente santa, infinitamente boa, como não poderia deixar de ser; pois, em Deus, o Ser simples, que é ele todas as suas perfeições, a vontade não se distingue da essência divina. Deus, vendo essa vontade humana, que se lhe quer dar, mas que por si mesma é tão fraca, dela se apodera, fortificando-a, inclinando-a, dirigindo-a, segundo seu bel-prazer, e fá-la querer o que ele quer. As almas que o Senhor fortificou assim, e cuja vontade se uniu, sentem então um amor puro e calmo, porém firme e intenso, à vontade de Deus e logo que descobrem um desejo divino, seja embora contrário às suas inclinações naturais, são levadas a satisfazê-lo ou a aceitá-lo.

Não que estejam isentas de toda a luta, nem que o Senhor lhes poupe toda amargura. "Nosso Senhor, conta S. Margarida Maria, declarou-me que não queria diminuir nem minha sensibilidade nem minhas aversões, tanto para honrar as que ele quis experimentar no jardim das Oliveiras, como para oferecer-lhe ocasiões de vitórias e de humilhações" (Vida, ed. Gaythey, t. II, p. 82). Mas, se restam esforços a fazer, aversões a vencer, a vontade, estreitamente unida à vontade divina, não hesita em

fazer esses esforços, em vencer essas aversões. Muitos atos de renúncia, outrora difíceis, tornaram-se-lhe fáceis, mas aqueles que lhe custam, a alma fiel os faz de boa vontade; a mortificação é sempre contrária aos instintos da natureza, mas, porque agrada a Deus, a alma amorosa a pratica generosamente. Além do mais, o desejo de assemelhar-se a Jesus e o amor que tem por ele a impele, pois o amor não pode consentir em que Jesus sofra tudo por ela, enquanto ela nada sofre por ele. Essa alma fiel ouve no fundo do coração uma voz que lhe diz como o anjo da guarda dizia à B. Gema Galgani: "Queres amar sempre a Jesus, não deixes de sofrer por ele" (Vida, cap. VIII, p. 85). Desde que não procure senão a vontade divina, a alma, unida a Deus, está sempre contente de tudo, e repete com S. Paulo: "Sei viver na privação, sei viver na abundância". Se tem muito, sabe moderar-se; se tem pouco, é que Deus assim o permite, e suporta-o, então, alegremente.

Deus o quer: esta palavra traduz bem a disposição habitual da alma muito fiel. E Deus, por seu lado, segundo o dizer do Espírito Santo, faz a vontade daqueles que o temem: *Voluntatem timentium faciet* (Sl 144, 19). Eles não têm mais senão santos afetos, santos desejos que Deus se compraz em satisfazer, e assim a vontade de Deus e a vontade da alma plenamente fiel acabam por fundir-se de tal modo, que Deus e ela não fazem mais senão um; Jesus e a alma parecem animar um mesmo corpo, e fazê-lo executar todos os seus atos; são, portanto, dois em uma só carne: *erunt duo in carne una*. É a união mística, a união perfeita, prelúdio e preságio da união celeste que fará com que Deus permaneça eternamente no eleito e o eleito em Deus.

## Epílogo

A doutrina que acabamos de expor neste trabalho, tiramo-la da Sagrada Escritura e das obras dos Doutores da Igreja, mas resulta também de uma longa experiência. Nesses muitos anos, desde que, em Abril de 1883, Deus nos encarregou da direção das almas, quis ele que lhes consagrássemos a maior parte de nosso tempo, e muitas foram as almas generosas que ele colocou sob a nossa direção e numerosas aquelas com as quais permitiu que mantivéssemos doces relações. Mais que a maior parte de nossos colegas no sacerdócio, tivemos ocasião de verificar que as promessas feitas pelo Senhor às almas verdadeiramente fiéis realizam-se sempre, que os elogios dos santos à vida unitiva e perfeita são inteiramente conformes à verdade.

*Si scires donum Dei.* O' alma piedosa, se conhecesses os dons de Deus! Se soubesses como o Senhor é bom, como prodigaliza seus bens aos que o servem, ficarias animada para servi-lo numa generosidade completa. Ai de nós! Há tantas almas que, chamadas à prática do amor perfeito, favorecidas por graças de escol, esclarecidas sobre o valor da virtude e as vantagens de uma vida toda consagrada a Deus, não deveriam ter desejo mais ardente do que procurar ser admitidas nas fileiras dos amigos íntimos de Jesus, mas a quem a verdadeira renúncia intimida, e o estado de união com Deus parece uma quimera. Tratam desdenhosamente de místicas as pessoas que nutrem santos desejos e que se aplicam

em viver no recolhimento, em morrer a si mesmas e em fazer constantes progressos na vida interior; elas, ao contrário, querem levar uma vida toda exterior de obras, de trabalhos, com uma pequena dose de exercícios de piedade, que farão frequentemente com negligência e contínuas distrações.

Pobres almas, como se iludem! Não, não é isso o que Deus espera delas. Outras, ao contrário, têm nobres aspirações e desejariam progredir na vida interior, mas não têm bastante coragem, bastante constância na luta, e ficam muito aquém do que deveriam ser. Não têm também bastante confiança; a perfeição, pensam, não é para mim. Santa Teresa faz notar e censura muitas vezes essa disposição, que atribui ao fato de lhes serem pintadas as admiráveis disposições das almas generosas de modo a assustá-las e não a animá-las. "E' preciso sermos indiferentes ao mal que possam dizer de nós, observam os livros que tratam da oração e da contemplação, antes preferir que digam o mal do que o bem, fazemos pouco caso das honras e desapegar-mo-nos de nossos parentes". "Mas, diz a santa, são esses puros dons do Senhor, bens inteiramente sobrenaturais" (Vida, XXXI). São, na verdade, puros dons de Deus, mas, como acrescenta S. Teresa, Deus os concederá a quem confiar nele, pois não os recusa a quem souber dispor-se a recebê-los. Deus não fica devedor de quem, aspirando a uma vida toda de amor, faz generosos esforços, e se impõe santas violências a fim de multiplicar os sacrifícios. Ele não espera o céu para cumulá-los de favores. Não prometeu o cêntuplo, mesmo nesta vida, aos corações generosos? Foi falando dessas graças, concedidas na terra aos verdadeiros amigos de Deus, que S. Paulo

1) Santa Teresa chama sempre de sobrenaturais os estados ou as virtudes que a alma, embora auxiliada pela graça comum, não pode adquirir por seus próprios esforços, e que Deus mesmo lhe insufla.

escreveu: "Os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, o coração do homem não compreendeu o que Deus preparou àqueles que o amam" (2 Cor 11, 9).<sup>2</sup>

Não são sempre doçuras, não são sobretudo sempre doçuras sensíveis, que ele lhes concede; dá-lhes mais e melhor. Desejamos obter grandes virtudes, para agradar-lhe mais e servi-lo melhor. E ele mesmo nos dá essas virtudes, pois, por nós mesmos, nunca as poderíamos conseguir tão perfeitas! Ele recompensa a fidelidade à graça, por meio de graças cada vez mais preciosas, e torna muito mais forte, muito mais puro, muito mais elevado, o amor daqueles que fazem grandes esforços para crescer no seu amor.

Esses dons do divino Mestre estão longe de ser conhecidos tais quais são; aqueles mesmos que os recebem não estão conscientes dos progressos que fazem, pois o amor que lhes é dado não é sensível; mas esses progressos não deixam por isso de ser consideráveis, e quando soar a hora da plena luz, quando a alma, livre das trevas da carne, se vir tal qual é, compreenderão como Deus foi bom para com elas e como, à medida que multiplicavam seus esforços, ele multiplicava suas graças.

Coragem, pois, almas fervorosas, visai bem alto, não vos contenteis com uma vida medíocre, uma piedade ordinária: *Estote perfecti sicut et Pater vester caelestis perfectus est*: sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito. Não sirvais a Deus com indolência, mas com o fervor da alma, e isso até que o Cristo esteja formado em vós (Rom 12; Gál 4). Não cedais, pois, à idéia de que a perfeição é elevada demais para vós; está, sem dúvida, acima de vossas forças, mas para Deus é uma brincadeira conduzir-vos a ela. Lutai corajosamente, orai constantemente, esperai firmemente, e Deus abençoará vossos esfor-

2) Aplicam-se geralmente essas palavras às alegrias celestes e com razão; mas S. Paulo aqui pretende falar das graças concedidas na terra aos amigos de Deus.

ços e vos colocará entre o número de seus amigos íntimos.

E porque vos ama, tornar-vos-á santos, e, vendo que sois santos, amar-vos-á cada vez mais. Ireis num progresso sempre crescente, até ao dia em que o vosso amor, atingindo a um alto grau, alcançará o que tanto desejou: Deus se dará a vós, segundo a palavra do divino Mestre, em uma medida cheia, compacta, acogulada, transbordante de todos os lados: *Mensuram bonam et confertam et coagitatam et superefluentem dabunt in sinum vestrum* (Lc 6, 38).

## I N D I C E

Prefácio à primeira edição francesa .....	5
Prefácio à segunda edição francesa .....	11

### PRIMEIRA PARTE

#### FIM A ATINGIR: A PERFEIÇÃO

##### Capítulo I. Das almas virtuosas e das almas perfeitas:

1. Diferença entre almas perfeitas e almas virtuosas ...	27
2. Podemos e devemos esforçar-nos por nos tornar perfeitos	32

##### Capítulo II. De quanto as almas perfeitas glorificam a Deus

1. As almas perfeitas manifestam as perfeições divinas ..	37
2. Os perfeitos são os prediletos dos Senhor .....	41

##### Capítulo III. Das vantagens da perfeição:

1. Paz de que gozam neste mundo as almas perfeitas ..	44
2. Juízo particular da alma perfeita .....	47
3. O purgatório das almas perfeitas .....	49

##### Capítulo IV. Do céu das almas perfeitas:

1. Esplendor e gozo dos eleitos .....	52
2. Alegrias produzidas pelo amor e proporcionadas ao amor	55

##### Capítulo V. De Jesus vivendo em nós:

1. União íntima entre Jesus e a alma fiel .....	62
2. Jesus, fonte e instrumento de graça .....	63
3. O amor que Jesus nos tem fá-lo desejar unir-se a nós	65
4. Como nos devemos manter unidos a Jesus .....	69

## Capítulo VI. Da transformação da alma em Deus:

1. Deus quer imprimir no homem a sua imagem ..... 74
2. Devemos afastar tudo quanto nos impede de nos asse-  
melharmos a Deus e nos deixar purificar .... 77
3. A alma, enquanto se purifica, diviniza-se ..... 80

### SEGUNDA PARTE

## DOS MEIOS DE OBTER A PERFEIÇÃO

### Capítulo VII. Da graça divina:

1. A predestinação divina e a cooperação humana .... 87
2. Quanto são culpados e insensatos aqueles que corres-  
pondem mal às graças divinas ..... 93

### Capítulo VIII. Da perfeita correspondência à graça:

1. Amor de Jesus para com a alma fiel ..... 98
2. Exemplos de fidelidade ..... 100
3. O lucro das almas retas e corajosas ..... 103

### Capítulo IX. Dos caminhos da graça:

1. A ação da graça opera, em primeiro lugar, por meio  
das reflexões e das impressões sensíveis .... 106
2. Ação direta do Espírito Santo na parte superior da alma 109

### Capítulo X. De como devemos reparar nossas infidelidades:

1. Podemos frustrar os desígnios de Deus sobre nós .... 118
2. O purgatório das almas pouco fiéis ..... 120
3. Devemos pedir a graça de reparar as nossas faltas e  
nos esforçar por explá-las ..... 121
4. A quem se mostra cheio de coragem na reparação,  
Deus restitui as graças perdidas ..... 124

### Capítulo XI. Da necessidade de vencer-se a todo custo:

1. Não há vitória sem combate ..... 129
2. A luta contra os demônios ..... 130
3. A vitória é uma questão de vontade ..... 133
4. Como a vontade se fortalece ..... 135

## Capítulo XII. Das provações

1. Fim providencial das provações ..... 141
2. Exemplos de provações enviadas pelo Senhor ..... 144
3. Efeitos proveitosos e funestos das provações ..... 151
4. Meios para bem se aproveitar das provações ..... 154

### Capítulo XIII. Da importância da vida interior:

1. Erro das almas que não cultivam a vida interior .... 156
2. Frutos obtidos pelos que se aplicam à vida interior .. 160

### Capítulo XIV. Da prática da vida interior:

1. E' menos difícil do que parece guardar a presença de  
Deus ..... 164
2. Obstáculos à vida interior ..... 166
3. Luta contra a imaginação ..... 168
4. A lembrança de Jesus ..... 172

### Capítulo XV. Da devoção ao Sagrado Coração de Jesus:

1. Vantagens do caminho de amor ..... 176
2. O amor humano de Jesus ..... 178
3. O amor divino de Jesus ..... 182

### Capítulo XVI. Da oração:

1. Vantagens da oração ..... 189
2. Qualidades da oração ..... 191
3. Que devemos pedir ao Senhor? ..... 197
4. Jesus, modelo de oração ..... 200
5. Valor diverso de nossas orações ..... 203

### Capítulo XVII. Da oração mental:

1. A oração é necessária à sólida piedade ..... 207
2. Natureza e graus da oração ..... 210
3. Preparação, luta contra as distrações. Regras comuns  
a toda oração ..... 214
4. Oração de união amorosa. Regras particulares a cada  
grau de oração ..... 221

### TERCEIRA PARTE

## AS VIRTUDES PERFEITAS

### Capítulo XVIII. Da virtude da fé:

1. A fé, suas provações, seus graus ..... 229
2. A fé cresce com o amor ..... 234

3. Vantagens da fé perfeita .....	237
4. Cultivemos a nossa fé .....	239

### Capítulo XIX. Da virtude da esperança:

1. Só as almas fidelísimas apreciam condignamente os bens celestes .....	243
2. A grande coragem dos amigos fiéis de Deus, torna-lhes a esperança mais ardente .....	247
3. A plena confiança das almas muito fiéis .....	249
4. A confiança em Deus e as inquietações .....	252
5. Frutos da perfeita esperança .....	255

### Capítulo XX. Do amor de Deus:

1. Deus quer ser amado .....	259
2. Vantagens do amor divino .....	262
3. O perfeito amor .....	265
4. Variedades do amor. Sentimentos que as produz ....	270

### Capítulo XXI. Da prática do puro amor:

1. Devemos desejar o amor e renunciar às afeições passageiras .....	273
2. Diversas maneiras de exercer o amor .....	277

### Capítulo XXII. Da caridade fraterna:

1. Deus quer que sejamos caridosos .....	283
2. Tendências opostas do coração humano: amor natural do próximo e egoísmo .....	285
3. Amor imperfeito e amor perfeito do próximo .....	287
4. Como devemos desenvolver em nós a caridade .....	289
5. Jesus, modelo de caridade .....	291
6. Bênçãos divinas concedidas às almas caridosas .....	294

### Capítulo XXIII. Do zelo:

1. Toda alma ardente tem zelo, quer para o bem, quer para o mal .....	296
2. Deus quer colaboradores em sua obra de santificação e de salvação .....	298
3. O zelo perfeito, inspiração pelo amor, esclarecido pela fé, é amável e firme, prudente, corajoso, penitente .....	301
4. O verdadeiro zelo é poderoso e fecundo e participa do zelo de Jesus .....	306

### Capítulo XXIV. Da humildade perfeita, dom de Deus:

1. Jesus, modelo de humildade .....	310
2. Jesus quis a humildade em seus discípulos .....	312
3. Aqueles que, de todo o coração, procuram tornar-se humildes, Deus dá a verdadeira humildade .....	315
4. Os frutos da perfeita humildade .....	318

### Capítulo XXV. Do amor das cruzes:

1. Jesus alegrou-se, e quer que também nós nos alegremos, em sofrer .....	320
2. Razões que temos de amar o sofrimento .....	322
3. E' Deus quem dá o amor às cruzes .....	324

### Capítulo XXVI. — Da fusão da vontade humana na vontade divina:

1. Duas tendências contrárias de nossa vontade .....	329
2. E' necessário mortificar a carne .....	332
3. Os sacrifícios do coração .....	335
4. Lutas contra os apegos, os gostos, as tendências da vontade .....	337
5. Deus recompensa os que lutam corajosamente contra si mesmos em todas as coisas .....	339
Epílogo .....	342

Publicado em:

[www.leiturascatolicas.com/](http://www.leiturascatolicas.com/)